UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Antropologia

Dissertação de Mestrado

Pessoas, Sereias e Divindades: Um Estudo Etnológico, Mitológico e Etnooceanográfico em uma Colônia de Pescadores no Sul do Rio Grande do Sul

Carolina Amorim da Silva Bittencourt

Pelotas, agosto de 2017

CAROLINA AMORIM DA SILVA BITTENCOURT

Pessoas, Sereias e Divindades: Um Estudo Etnológico, Mitológico e Etnooceanográfico em uma Colônia de Pescadores no Sul do Rio Grande do Sul

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Rogério Reus Gonçalves Rosa
Co-orientador: Prof. Dr. Gustavo Goulart Moreira Moura

Pelotas, agosto de 2017

Dados de Catalogação na Publicação:
Bibliotecária Kênia Moreira Bernini – CRB-10/920

R484b Ribeiro, Angelita Soares

Bruxas, lobisomens, anjos e assombrações na Costa Sul da Lagoa dos Patos – Colônia Z3, Pelotas : etnografia, mitologia, gênero e políticas públicas / Angelita Soares Ribeiro ; Orientador : Rogério Reus Gonçalves da Rosa. – Pelotas, 2012.

121 f.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Sociologia e Ciência Política. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal de Pelotas.

1.Mitologia. 2. Territórios costeiros. 3. Gênero. 4. Políticas públicas. I. Rosa, Rogério Reus Gonçalves da, orient. II. Título.

CDD 398
320.6

Banca Examinadora

_____

Prof. Dr. Rogério Reus Gonçalves Rosa (Orientador)

_____

Prof. Dr. Gustavo Goulart Moreira Moura (Coorientador)

_____

Prof. Dr. Francisco Luiz Pereira da Silva Neto (UFPEL)

_____

Prof. Dr. Gianpaolo Knoller Adomilli (FURG)

_____

Prof. Dr. Edgar Rodrigues Barbosa Neto (UFMG)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço aos moradores da Colônia de Pescadores Z-3 por me acolherem durante o meu trabalho de campo, contando sobre as suas histórias de vida, me mostrando seus álbuns de família e tornando-se meus amigos.

De forma especial, agradeço a Deti e a sua família por me introduzirem nesta comunidade, me ajudando a conseguir um lugar pra morar na Colônia e também se mostrando solícitos diante de qualquer situação em que eu estivesse em necessidade.

À Joice e Osmar, por me levarem na sua embarcação na procissão fluvial em homenagem a Nossa Senhora dos Navegantes e também por terem se tornado amigos, emprestando caniços para pescarias e demonstrando, através dos seus hábitos, um pouco do que é ser pescador e pescadora.

Agradeço também à Eliane e família, por me permitirem participar dos rituais afro-religiosos realizados pela cacique Neida e estarem sempre dispostos a me trazerem narrativas sobre a tradição mítica afro-religiosa. Além de abrir as suas casas para as minhas visitas e terem me acolhido como um membro da sua família, depois que eu e o Deleon começamos a namorar.

Á Maria Ondina e a família, por terem me contado a sua história de vida e os hábitos dos pescadores, além de confiarem a mim as narrativas sobre as aparições de Sereias e de Iemanjá na Colônia Z-3.

A cacique Andréia, por abrir sua casa de religião as minhas observações e pela sua disposição para me falar sobre o ato de incorporação na religiosidade afro-brasileira.

À Patrícia e família, por me levarem a terreira da Andréia, por abrir a sua casa as minhas visitas e estarem sempre dispostos a me contar as suas histórias de vida e a sua relação com as entidades para as quais serviam de cavalos de santo, além de terem nos apresentado a amiga Keyla, que nos contou sobre as Sereias desta comunidade.

À Keyla e ao Thomas por contarem sobre a tradição afro-brasileira, falando-me sobre as suas experiências como cavalos de santo.

Ao pescador Pelé e família, por ter confiado a mim e a minha irmã a casa onde moramos na Colônia de Pescadores Z-3, durante os meus primeiros meses nesta comunidade.

À Ethelvânia e a sua família, por me acolherem nos momentos de necessidade, por me confiarem as suas histórias de vida e por me ajudarem a encontrar interlocutores que pudessem contribuir com esta pesquisa.

ÀEnilda e ao Nene, além da família dooescador Roberto, por me falarem sobre Ilha da Feitoria.

Agradeço também às crianças da Colônia Z-3, em especial, ao Miguel, a Vitória, ao João, a Thamires,ao Luquinhas,ao Cauê e a Joanapor me acolherem,pelas brincadeiras e pelos passeios na vila.

Aos espíritos indígenas e a Pombagira Maria Mulambo, que me conduziram as narrativas sobre Iemanjá e me mostraram que há outros caminhos de seconhecer as águas e de buscar Liberdade.

Aos meus professores, em especial ao Rogério e ao Gustavo, que me apoiaram nesta empreitada etnooceanográfica e mitológica por uma comunidade pesqueira da Lagoa dos Patos, me oferecendo suporte técnico e amizade para realizarmos um trabalho em conjunto, com respeito as nossas diferenças.

Ao professor Gianpaolo, por me indicar os caminhos para a produção de um trabalho etnográfico, sendo eu uma oceanóloga com ganas de tatear outras formas de conhecer o mundo.

Ao professor Francisco e ao professor Gianpaolo por aceitarem participar da banca de qualificação, conduzindo, a partir de suas atentas argüições, este trabalho até a sua defesa final.

Aos professores Francisco, Gianpaolo e Edgar, por aceitarem compor a banca de defesa da dissertação, onde foram realizadas trocas preciosas de conhecimento, a partir do olhar atento, técnico e sensível destes profissionais.

Ao meu professor de capoeira Cristiano Cabeleira, por me auxiliar na pesquisa sobre as religiões afro-brasileiras, me fornecendo material de apoio bibliográfico e trocando idéias sobre a cultura afro.

Ao Mestre de Capoeira Jaburu, por me ensinar os fundamentos da capoeira, que tem como princípio a busca pela Liberdade e a união de todos os

povos, reflexões que reverberam de forma intensa na finalização de deste trabalho.

Aos meus colegas do Mestrado, em especial à Claudia, ao Admilson, à Andressa, ao Diogo e à Helô, pelas conversas, pela amizade, pelocompanheirismo, pelo respeito e pelo amor com o qual construímos nossa amizade, confluindo idéias para produzirmos nossas dissertações.

Agradeço à minha mãe Claudia Amorim e ao meu pai Vitor Ortiz, por apoiar as minhas escolhas, oferecer colo quando eu preciso e também por me ensinar os valores de respeito e de amor ao próximo, como fundamentos para a vida.

À minha avó Maria Tereza Amorim, por me falar sempre dos meus antepassados pescadores e pescadoras de São José do Norte, trazendo as dificuldades e as felicidades de se viver da pesca e me ensinando a valorizar as culturas pesqueiras ribeirinhas.

Por fim, agradeço,em especial, à minha irmã Juliana, que topou ir morar comigo na Colônia Z-3, sendo uma eterna companheira de aventura, que me ensina a levar a vida de forma livre, leve e feliz.

RESUMO

BITTENCOURT, Carolina Amorim da Silva Bittencourt. **Pessoas, Sereias e Divindades: Um estudo etnológico, mitológico e etnooceanográfico em uma colônia de pescadores no sul do Rio Grande do Sul**.Trabalho de conclusão de curso (Dissertação).Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS). Universidade Federalde Pelotas (UFPel). 2012.

Esta dissertação de mestrado constitui-se em um diálogo entre as áreas da Etnologia Afro-Indígena, da Mitologia e da Etnooceanografia sobre as narrativas mitológicas dos pescadores e das pescadoras da Colônia de Pescadores Z-3, ligada a Lagoa dos Patos, município de Pelotas, Brasil. Valendo-se do método etnográfico, esse estudo apresenta as trajetórias de vida de homens e mulheres que pescam, bem como revela os personagens Nossa Senhora dos Navegantes, Iemanjá, Sereias e Tritões no extremo sul do Rio Grande do Sul, entre outros territórios. Esse estudo partirá das categorias empíricas que possam ser reconhecidas no cotidiano e nas narrativas dos pescadores e das pescadoras da Colônia Z-3, no esforço de compreensão dos sentidos atribuídos por essa comunidade pesqueira aos personagens míticos e aos ambientes aquáticos e costeiros situados na região sul do Rio Grande do Sul e alhures. Portanto, essa análise tem em vista os desdobramentos da mitologia na ordem política, econômica e social dessa população. Por fim, concluo que os conhecimentos dessas pessoas, através da mitologia e dos rituais, evidenciam o respeito à diversidade de cosmologias que compõe um mesmo território, neste caso, o território das águas. Dessa forma, esse trabalho propõe que os saberes tradicionais sejam tomados como exemplo na produção de conhecimentos pela ciência moderna e na produção de políticas públicas pelo Estado.

Palavras-chave: povos e comunidades tradicionais, pesca artesanal, mitologia Afro-ameríndia, etnooceanografia, etnologia.

ABSTRACT

BITTENCOURT, Carolina Amorim da Silva Bittencourt. **People, Divinities and Mermaids: An ethnological, mythological and ethno-oceanographic study in a fishing colony in the south of Rio Grande do Sul.** Completion of course work (dissertation). Graduate Program in Social Sciences (PPGCS). Federal University of Pelotas (UFPel), 2012.

This dissertation consists in a dialogue between the areas of Ethnology African-Native American Mythology and Etnooceanografia on mythological narratives of fishermen and fisherwomen of the Colônia de Pescadores Z-3, linked to the Patos Lagoon, municipality of Pelotas, Brazil. Based on the ethnographic method, this study presents the life trajectories of men and women who fish, as well as reveals the characters of the Nossa Senhora dos Navegantes, Iemanjá, Mermaids and Tritões in the extreme south of Rio Grande do Sul, among other territories. This study will build on the empirical categories that can be recognized in everyday life and in the narratives of fishermen and fisherwomen Colônia Z-3 in an effort to understand the meanings attributed by this fishing community to the mythical characters and aquatic and coastal environments located in the southern region of Rio Grande do Sul and elsewhere. Therefore, this analysis has in view the unfolding of mythology in the political, economic and social order of this population. Finally, I conclude that their knowledge, through mythology and rituals, shows respect for the diversity of cosmologies that make up the same territory, in this case, the territory of the waters. In this way, this work proposes that traditional knowledge be taken as an example in the production of knowledge by modern science and in the production of public policies by the State.

Keywords: traditional peoples and communities, artisanal fishing, Afro-Amerindian mythology, ethno-oceanography, ethnology.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

FURG – Universidade Federal do Rio Grande

UFPEL – Universidade Federal de Pelotas

LISTA DE IMAGENS

Capítulo I

Mapa 01. Mapa da Colônia de Pescadores Z-3 construído por um ex-morador da Colônia Z-3 para fins de informações turísticas sobre a região. Fonte: Figueira, 2009.....p.47

Figura 01. Estrada de chão batido que liga o bairro Barro Duro à Colônia de Pescadores Z-3 da janela do ônibus. Foto: Acervo Pessoal.....p.49

Figura 02. Joice e seu filho Charles seguindo no bote guiado pelo Diego em direção ao Corrientes. Fonte: Acervo Pessoal.....p. 79

Capítulo III

Figura 03. A Mafalda e sua mãe caminhando na rua Andrades Neves, em Pelotas. Fonte: Álbum de família da Mafalda.....p. 121

Figura 04. Da esquerda para a direita, a Deti, seu pai, uma pessoa não identificada e sua mãe. Em cima da mesa, um balde de camarão com casca e uma bacia de camarão descascado. Fonte: Álbum de Família da Deti.....p. 122

Figura 05. Cais da Divinéia. Fonte: Acervo Pessoal.....p. 127

Figura 06. Pescadores na Colônia Z-3. Foto: Jornal do Laranjal. 24 de maio de 2016.....p. 128

Figura 07: Pesca de Caniço na Colônia de Pescadores Z-3. Fonte: http://ecomuseudacoloniaz3.blogspot.com.br/, acessado em 30 de abril de 2017.....p. 131

Capítulo IV

Figura 08. O orixá Xapanã por Carybé. Disponível em: http://www.gettyimages.com/detail/photo/carved-wooden-relief-depicting-candombl%C3%A9-high-res-stock-photography/538203316. Acesso em: 04 de maio de 2017.....p. 153

Figura 09. Procissão Luminosa na Colônia de Pescadores Z-3. Fonte: Acervo pessoal.....p. 171

Figura 10. Procissão Luminosa na Colônia de Pescadores Z-3. Fonte: Acervo pessoal.....p. 172

Figura 11. Registro fotográfico da Procissão Luminosa na Colônia de Pescadores Z-3, datada de 1962. Fonte: http://ecomuseudacoloniaz3.blogspot.com.br/. Acesso em: 04 de maio de 2017. Autor: desconhecido.....p. 173

Mapa 02. Mapa da Colônia de Pescadores Z-3. Fonte: http://ecomuseudacoloniaz3.blogspot.com.br/. Acesso em: 04 de maio de 2017. .....p. 174

Figura 12. Procissão Luminosa na Colônia de Pescadores Z-3. Fonte: Acervo pessoal.....p. 175

Figura 13. Procissão Luminosa na Colônia de Pescadores Z-3. Fonte: Acervo pessoal.....p. 178

Figura 14. O mito de Iemanjá ilustrado por Carybé, no livro “Lendas Africanas dos Orixás”.....p. 189

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	**p. 15**
Uma etnografia a beira d'água: A condição de pesquisadora e nativa	**p. 17**
A estruturação de Capítulos desta Dissertação de Mestrado	**p. 26**
CAPÍTULO 1 – A ETNOOCEANOGRAFIA, A ETNOLOGIA AFRO-AMERÍNDIA E A MITOLOGIA DAS ÁGUAS: O DEVIR DESTA PESQUISA	**p. 29**
1.1 A Etnooceanografia: Um espaço de diálogo de perspectivas para (re)conhecer os ambientes aquáticos e costeiros	**p. 30**
1.2 A Mitologia: um canal de acesso a dinâmica de conhecimentos tradicionais	**p. 35**
CAPÍTULO 2 – A COLÔNIA DE PESCADORES Z-3: UMA ETNOGRAFIA A BEIRA D'ÁGUA	**p. 46**
2.1 As primeiras imagens da Colônia de Pescadores Z-3	**p. 47**
2.2 Território de passagem: A Ilha da Feitoria	**p. 67**
CAPÍTULO 3 – O ARQUIPÉLAGO: PESCADORES E PESCADORAS CONECTAM UM AMPLO TERRITÓRIO A PARTIR DAS SUAS NAVEGAÇÕES	**p. 83**
3.1 A origem da Colônia Z-3 como desdobramento da Ilha da Feitoria	**p. 83**
3.1.1 Histórico de ocupação das margens da Lagoa dos Patos	**p. 85**
3.1.2 Os incêndios na Ilha da Feitoria	**p. 87**
3.1.3 As enchentes na Colônia de Pescadores Z-3	**p. 90**
3.2 "Agora está bom de viver na Z-3 por que temos para quem vender o peixe"	**p. 101**
CAPÍTULO 4 – O CONVIVER ENTRE HUMANOS, NÃO-HUMANOS E SOBRE-HUMANOS NA COLÔNIA DE PESCADORES Z-3	**p. 114**
4.1 As cosmologias presentes na Colônia de Pescadores Z-3	**p. 115**
4.2 O devir entre humanos, não-humanos e sobre-humanos na Colônia de Pescadores Z-3	**p. 126**

CAPÍTULO 5 – UM PASSO PARA AS NARRATIVAS MÍTICAS AQUÁTICAS DA COLÔNIA DE PESCADORES Z-3	**p. 150**
5.1 Percepções, cosmologias e ações dos seres míticos no cotidiano da Colônia de Pescadores Z-3	**p. 151**
5.2 A santa Nossa Senhora dos Navegantes e a orixá Iemanjá: O devir católico e afro-religioso	**p. 167**
CAPÍTULO 6 – "*SE ELA TÁ VENDO EU TAMBÉM POSSO VER*": A ETNOGRAFIA À BEIRA D'ÁGUA	**p. 194**
6.1 As Sereias, o Tritão e o Ogum Sete Ondas: Um coletivo indígena subaquático	**p. 194**
6.2 A pomba gira Maria Mulambo e o caboclo Rompe-mato	**p. 203**
6.3 Iemanjá, Sereia do Mar	**p. 208**
CONSIDERAÇÕES FINAIS	**p. 214**
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	**p. 225**

INTRODUÇÃO

Esta dissertação de mestrado, intitulada “Pessoas, Sereias e Divindades: Um estudo etnológico, mitológico e etnooceanográfico em uma colônia de pescadores no sul do Rio Grande do Sul”, constitui-se a partir de um diálogo entre as áreas da Etnologia Afro-Indígena, da Mitologia e da Etnooceanografia, através do Método Etnográfico, sobre as narrativas mitológicas dos pescadores e das pescadoras da Colônia de Pescadores Z-3, relacionadas aos ambientes aquáticos e costeiros.

A Colônia de Pescadores Z-3 é uma comunidade voltada à pesca tradicional localizada nas margens da Lagoa dos Patos, na zona rural do município de Pelotas, no Rio Grande do Sul, Brasil. Esta comunidade esta inserida no coletivo pesqueiro que representa as populações tradicionais do sul do Rio Grande do sul, que inclui, por exemplo, a cidade de São José do Norte e as populações pesqueiras da cidade de Rio Grande e de Pelotas.

O objetivo geral desta dissertação de mestrado é analisar as narrativas que trazem os personagens conhecidos como santa Nossa Senhora dos Navegantes, Orixá Iemanjá, Sereias e Tritões em relação aos saberes-fazeres dos pescadores e das pescadoras que habitam a Colônia de Pescadores Z-3.

Esse estudo partirá das categorias empíricas que possam ser reconhecidas no cotidiano e nas narrativas dos pescadores e das pescadoras da Colônia Z-3, no esforço de compreensão dos sentidos atribuídos por essa comunidade pesqueira aos personagens míticos e aos ambientes aquáticos e costeiros situados na região sul do Rio Grande do Sul e alhures. Portanto, essa análise tem em vista os desdobramentos da mitologia na ordem política, econômica e social dessa população.

Para esta pesquisa, visando relacionar o cotidiano dos pescadores e das pescadoras da Colônia Z-3 às narrativas míticas, foi utilizado o método etnográfico de observação participante. Assim, em agosto de 2015, iniciei a etnografia estabelecendo a minha residência na Colônia de Pescadores Z-3, onde morei até meados de junho de 2016. Ao longo desse período mantive um diário etnográfico para os registros dos dados de campo, além de ter realizado duas entrevistas não-direcionadas sobre a trajetória de vida de duas moradoras desta comunidade. Ademais, finalizado este período de contato diário com os

moradores da Z-3, eu ainda realizei duas visitas à Colônia em meados de maio de 2017 e dois telefonemas para duas moradoras da Colônia Z-3, a Eliane e a Deti, em julho de 2017, tendo em vista a necessidade de coletar novos dados mediante as conclusões que surgiam com a escrita dessa dissertação.

Desde então, convido o leitor a percorrer os meus diários de campo, pois esta dissertação foi elaborada a partir de trechos retirados destas anotações. Ao longo do texto, os determinados apontamentos destes diários estão devidamente identificados, através de uma modificação na grafia e também pela datação em que foram feitos os registros. A idéia é que os diários etnográficos sirvam como referência em relação às afirmações feitas ao longo desta dissertação no que tange a ordem política, econômica e social desta comunidade; que eles tragam informações relacionadas ao contexto em que foram adquiridas as narrativas dos moradores da Colônia Z-3; além de buscarem inserir o leitor no universo que caracteriza a Colônia.

Por outro lado, entre as motivações que me levaram a desenvolver esta pesquisa sobre uma comunidade pesqueira, está o fato de eu ser descendente de pescadores e pescadoras tradicionais de São José do Norte. Esta cidade está contornada por colônias de pesca, estando localizada entre as margens da Lagoa dos Patos e do Oceano Atlântico.

Desta forma, ao longo da minha vida sempre esteve presente os saberes-fazeres ligados a pesca artesanal das comunidades que margeiam a Lagoa dos Patos. Assim, durante o trabalho de campo e a escrita desta dissertação sobre os hábitos dos pescadores e das pescadoras tradicionais da Colônia Z-3, eu fui resgatando a minha identidade enquanto uma descendente das populações de pesca desta região.

Por conseguinte, neste trabalho, trago também registros sobre estes conhecimentos ligados a minha história de vida para apresentar as características da coletividade pesqueira do sul do Rio Grande do Sul, universo no qual está inserida a Colônia de Pescadores Z-3.

Nesta escrita, também me valho de uma bibliografia específica da Antropologia sobre populações de pesca tradicional do sul do Rio Grande do Sul. Entre os autores trabalhados estão: Gustavo Goulart Moreira Moura (2014), que na sua tese de doutorado sobre a hierarquização de conhecimentos na produção de políticas públicas para a gestão de recursos

naturais, desenvolveu um estudo etnográfico em uma comunidade tradicional pesqueira da Lagoa dos Patos, a Ilha dos Marinheiros, localizada em Rio Grande; e Gianpaolo Knoller Adomilli (2007; 2012), que desenvolveu um estudo etnográfico e etnológico sobre o trabalho na pesca marítima dos pescadores e pescadoras de São José do Norte, de maneira a atribuir sentido as ações e narrativas dos pescadores no que se refere as dimensões temporais e espaciais que orientam o viver entre terra e mar.

Além disso, as minhas vivências a partir dos meus familiares de São José do Norte me impulsionaram também a fazer o curso de Oceanologia pela Universidade Federal do Rio Grande, na qual obtive o título de oceanóloga em 2014. Assim, também apresento, de forma diluída ao longo deste trabalho, as características ambientais sobre o Complexo Estuarino da Lagoa dos Patos e alhures. Estas ilustrações se fazem necessárias por que a cultura pesqueira desta região, apesar de não ser determinada por condicionantes ambientais, apresenta características que estão em continuidade com os ritmos naturais.

Estas abordagens nos levarão a fazer associações entre a Colônia de Pescadores Z-3 e as outras colônias de pesca que margeiam o estuário da Lagoa dos Patos, atribuindo sentidos aos costumes e aos saberes tradicionais destas populações enquanto constituidores de uma cosmologia que está presente no extremo sul do Rio Grande do Sul.

Entretanto, antes de apresentar os capítulos que seguem esta dissertação, será feita, no tópico a seguir desta Introdução, uma breve apresentação sobre a minha história de vida, pois percorremos a Colônia Z-3 a partir do meu olhar enquanto etnóloga e também nativa da coletividade pesqueira da porção sul da Lagoa dos Patos.

Uma Etnografia à Beira d'água: A condição de pesquisadora e nativa

Neste tópico, apresento a minha genealogia e história de vida juntamente com as narrativas sobre algumas das histórias de vida dos meus interlocutores da Colônia Z-3, com o objetivo de apresentar, sucintamente, as relações existentes entre essas comunidades pesqueiras. Estas elucidações se fazem necessárias para que o leitor situe a minha condição simultânea de pesquisadora e de nativa.

O nome da minha mãe é Claudia Amorim da Silva Bittencourt, ela é filha de Maria Tereza Amorim, com 70 anos, e Ubirajara Gautério da Silva, já falecido. Os meus bisavós maternos, tanto por parte do meu avô, quanto por parte da minha avó Maria Tereza, eram pescadores artesanais nascidos em São José do Norte. A mãe do meu avô se chamava Elza Edy Gautério e o pai dele se chamava Darcy Fernando da Silva, ambos já falecidos. Por parte de vó, tenho, ainda viva, a minha bisavó, Dolcíria Lemos Amorim, que hoje esta com 95 anos, viúva do meu bisavô, Benjamin da Costa Amorim. A minha família, por parte de mãe, é toda de São José do Norte, sendo descendentes de pescadores e pescadores tradicionais de uma colônia de pesca conhecida pelos marinheiros que percorrem estas margens como Retiro, ou Ponta da Retiro.

Um dos aspectos que me deixava sempre com uma expressão de dúvida logo que cheguei na Colônia Z-3 era quando eu falava para os moradores desta comunidade que eu era de São José do Norte e que a minha família era do Retiro. Então, as pessoas me diziam: "*ah, a Ilha do Retiro... é bom as festas lá*". Assim, não só o Retiro, mas também outras comunidades pesqueiras, como a Várzea, a Croa, entre outras, localizadas em São José do Norte, eram tratadas pelos que viviam na Z-3 como *Ilhas*.

A partir disso, podemos mapear algumas comunidades pesqueiras que estão, em certa medida, conectadas pelas águas do estuário da Lagoa dos Patos, são elas, por exemplo: A Ilha dos Marinheiros, a Ilha Torotama, a Várzea, o Retiro, Bojuru, o Barranco, as comunidades pesqueiras de São Lourenço, Camaquã, a 7º secção da barra do Rio Grande, a Colônia de Pescadores Z-3, o Barro Duro, a Ilha da Feitoria, entre outras. Assim, nas narrativas dos pescadores e das pescadoras que habitam estas comunidades estão as marcas que traçam o fluxo de pessoas, de instrumentos, de alimentos e de conhecimentos que acontecem entre estas comunidades pesqueiras.

A Maria Ondina, por exemplo, moradora da Colônia Z-3 me falou sobre São José do Norte ao tratar sobre a chegada de cebolas, pela água, na Z-3:

> *"Mas tu não é do Norte (como é conhecida a cidade de São José do Norte)? A tua mãe não é de vila? Ela pode te contar isso tudo".*
> *Então, eu disse que a minha avó era do Retiro, para o que a Ondina respondeu: "Então, ela deve*

> *saber muita coisa, pergunta pra ela pra ti ver. Lá no Norte eles plantavam muita cebola e dava tudo aqui na praia. As ruim, que eles descartavam, dava tudo aqui na praia. Daí o pai falava pra nós junta pra depois agente plantar e ter cebola pra comer. Coisa mais boa uma cebola assada, sabe, agente assava no fogão a lenha, as vezes só tinha isso pra comer". (22 de abril de 2017)*

Sim, as águas têm um papel importante no estabelecimento de conexões entre os pescadores e pescadoras que parecem estar dispersos neste arquipélago. Desta forma, por exemplo, o seu Ivo, marido da Maria Ondina e pescador da Z-3, me contou sobre o papel do atravessador de pesca, na época do camarão. Este registro no meu diário de campo está exposto a seguir.

> *O seu Ivo e o seu filho compravam camarão, na época da safra, dos pescadores que estavam acampados longe de suas colônias, em incursões pesqueiras. Na época do camarão não se pode perder um dia trabalho, senão se perde muito dinheiro, por isso as parelhas de pesca não vão até o centro para descarregar o pescado. Então, o Ivo e o seu filho traziam o camarão para vender na cidade e, em troca, além do dinheiro dos pescadores, levavam alimento, óleo e mais alguma coisa que fosse necessária aos pescadores que estavam acampados. Segundo o pescador Ivo, o último ano no qual houve uma boa safra foi 2012, desde de lá não se vê o "ouro da Lagoa dos Patos". (22 de abril de 2017)*

Essas populações também se deslocam entre as colônias de pescadores para participar de festas e cultos religiosos, assim, por exemplo, o pai da Thamires e da Joana, que freqüentam a terreira da cacique Andréia, na Colônia Z-3, já haviam freqüentado uma terreira no Barro Duro, me dizendo:

> *"Terreira tu tem que ir pra sentir. A minha irmã prefere a terreira do Barro Duro, mas eu gosto mesmo é dos rituais da Cacique Andréia. Estas coisas dependem de pessoa para pessoa". (24 de maio de 2015)*

A Festa em homenagem a Nossa Senhora dos Navegantes também é uma celebração religiosa que reúne pessoas de várias comunidades de pescadores do entorno da Lagoa dos Patos, como me contou o pescador Roberto:

> *As festas na Ilha da Feitoria eram muito boas por que vinham pessoas de tudo quanto é lugar, da Várzea e da Sarangonha, da Torotama e do Norte (São José do Norte). (22 de maio de 2017)*

Em relação às fronteiras existentes neste território, os pescadores da Ilha da Torotama e da Coréia, localizadas no estuário da Lagoa dos Patos, onde foi realizada a etnografia de Gustavo G. M. Moura (2014), se referem às áreas mais próximas do seu território, como a zona de baixio e o corpo estuarino principal, respectivamente como o “aqui dentro” ou “nosso mar”. Entretanto, estas configurações espaciais são fronteiras flexíveis que se expandem para as bordas através das expressões como o “ali”, para os espaços mais próximos, e o “lá”, para as bordas mais distantes, compondo outras regiões do estuário da Lagoa dos Patos para cada comunidade, sendo que este último, o “lá”, pode se referir a espaços fora dos limites territoriais e também das bordas. Estas categorizações também foram registradas por Adomilli (2007), onde o “lá fora”, para os pescadores de São José do Norte, se referia ao oceano e o “aqui dentro” ao estuário da Lagoa dos Patos.

Por conseguinte, o fluxo de marinheiros, não acontece apenas entre as comunidades de pescadores e pescadoras da Lagoa dos Patos, mas conecta também outras regiões do país ao extremo sul do Rio Grande do Sul, como a capital do estado, Porto Alegre, e também o estado de Santa Catarina, além do continente africano, o Arquipélago dos Açores e a região, também portuguesa, chamada de Póvoa do Varzim. Em relação a esta temática, poderemos observar estas conexões através das narrativas sobre as histórias de vida dos pescadores e pescadores; na repetição de eventos sociológicos entre estes territórios; e também nas narrativas e os personagens míticos presentes na cosmologia da população desta Colônia.

Eu, por exemplo, não nasci em São José do Norte, mas sim em Viamão, pois a minha avó Maria Tereza Amorim e meu avô Ubirajara da Silva Gautério mudaram-se para Porto Alegre logo depois do seu casamento, em busca de

melhores oportunidades de trabalho e condições de vida.

Entretanto, mesmo na cidade de Viamão, que se localiza na parte norte da Lagoa dos Patos, os meus avós continuavam a reproduzir os hábitos dos nortenses no nosso cotidiano, seja através da nossa alimentação, ou mesmo nas contações de histórias nas reuniões de amigos na nossa casa.

Assim, por exemplo, eu me criei em Viamão comendo peixe ensopado, pirão de peixe, peixe frito com arroz e feijão, tainha assada com farofa, arroz com camarão e peixe a Bocage (pratos típicos das comunidades pesqueiras do sul do Rio Grande do Sul) em grandes reuniões familiares. Destes encontros participavam os amigos de bar do meu avô e também alguns parentes nortenses, que vinham para a capital para uma eventual consulta médica, para estudar ou para trabalhar por pequenos períodos.

Além disso, apesar da minha família ter optado por permanecer em Viamão, o hábito de realizar eventuais incursões pesqueiras sempre esteve presente na nossa família, desde a minha infância até os dias de hoje. Assim, quando eu ainda não havia nascido, o meu avô, Ubirajara da Silva Gautério, que já morava em Viamão, comprou um terreno na Praia do Mar Grosso, em São José do Norte. Na época, nesta praia haviam apenas alguns galpões de pesca que os nortenses usavam para veranear e que também serviam como base para os pescadores de beira de praia, que trabalhavam no antigo sistema de parelhas de pesca ou que pescavam com redes de espera. Então, o meu avô construiu, na Praia do Mar Grosso, uma casa de madeira para que a nossa família "veraneasse" e também para que ele tivesse uma base para as pescarias de beira de praia que realizava com seus amigos nortenses.

A minha avó conta que os amigos pescadores do meu avô diziam pra ela: "*ele fica, fica e fica aqui no Norte, mas quando da a loucura pela deusa dele* [referindo-se a minha avó] *agente tem que arrumar tudo em um 'estantinho' pra ele voltar logo pra Viamão*".

Todos os anos a nossa família veraneava na praia do Mar Grosso, em São José do Norte, de dezembro a março e, assim, reencontrávamos com os parentes e vivenciávamos, de uma maneira mais próxima, os hábitos dos pescadores e pescadoras tradicionais, como o hábito de realizar incursões pesqueiras e acampamentos de pesca.

Ao longo da minha infância íamos de carro percorrendo a Praia do Mar

Grosso com caniços, linhas de fundas, molinetes, facas bem afiadas, uma tábua de madeira, além de alguns baldes e bacias. Nós olhávamos o mar pela janela do carro e o meu avô decidia o lugar onde pararíamos para passar o dia pescando, na beira da Praia do Oceano, como também é conhecida a Praia do Mar Grosso. Assim, observando o movimento que a água do mar fazia, o meu avô encontrava os chamados “buracos de pesca”.

Por conseguinte, assim que a minha família encontrava um “buraquinho bom pra pescar”, os homens e também as mulheres já começavam a marcar os pontos na areia para cada peixe que se pescava, em uma espécie de campeonato entre os pescadores. A minha avó, geralmente, ficava encarregada de limpar os peixes e, na beira da praia mesmo, se armava uma churrasqueira e se assava ou fritava os peixes que mais saiam nas pescarias como o papa-terra (*Menticirrhus americanus*), a tainha (*Mugil platanus*) e a corvinha (*Micropogonias furnieri*). Já o peixe conhecido como bagre (*Genidens barbus*) era limpo na beira da praia, mas separado para se fazer um prato chamado de peixe ensopado.

Durante estas pescarias se intercalavam situações de competição e de companheirismo. Os pescadores se distribuíam com as suas linhas de funda pela costa e se alguém estivesse matando mais peixe em determinado lugar em comparação com os outros pescadores e houvesse algum pescador que ainda não tivesse “matado” muito peixe, este último poderia se aproximar da área de pesca do primeiro, até por que o objetivo final era alimentar toda a família que participava do acampamento.

Estes acampamentos na Praia do Mar Grosso duravam apenas um dia, saímos de manhã e voltávamos à noitinha. Entretanto, fazíamos também incursões pesqueiras mais longas, de até uma semana, principalmente na Barra do Estreito, em São José do Norte, que é um lugar onde há uma “barrinha” que conecta a Lagoa dos Patos com o mar. Este sangradouro, de água doce da Lagoa dos Patos tem, em média, um metro e meio de fundura e o chão é coberto de lama. Nestes acampamentos, os homens se articulavam para que tivéssemos algum conforto, fazendo chuveiros improvisados e montando áreas cobertas com lonas onde pudéssemos nos sentar todos juntos para realizarmos as refeições e dormir, protegidos do sol, do sereno da noite e da chuva.

Neste lugar também praticávamos um arte de pesca que nunca vi em nenhuma comunidade pesqueira, mas que representa um acúmulo de conhecimento sobre o ambiente aquático e sobre os hábitos dos crustáceos que habitam estas barras, somado a criatividade individual destes pescadores, aos instrumentos disponíveis para a realização das pescarias, além das condições ambientais momentâneas.

A partir da articulação destes conhecimentos, os adultos ensinaram as crianças, eu e meus primos, por exemplo, a pescarem de espeto. A pesca acontecia em dupla. Uma das crianças iscava um anzol, que podia estar em uma linha de funda ou em um caniço, e jogava a linha na água, não muito no fundo, próximo a beira, em um lugar onde não tivesse muita lama. Logo que a criança puxasse a linha, o anzol já chegaria na parte da rasa e transparente da água, onde poderíamos enxergar a isca sem tirá-la da água. A outra criança ficava quietinha na beira do arroio, de espeto na mão, esperando pra fincar o instrumento no casco do siri que se arriscasse a comer a isca do anzol e que fosse conduzido pela outra criança até a beira d'água.

Com esta artimanha pegávamos muito siris, que eram limpos pela minha mãe, minha avó e minhas tias, nos acampamentos que ficavam no meio da floresta de pinus, na beira do Arroio do Estreito. As mulheres limpavam os siris deixando apenas o tórax do bicho, onde havia mais carne, sem desfiá-lo, só colocando estes "pulmões" de molho para depois prepararem uma comida que se chama Arroz com Siri. Este prato assemelhasse a um carreteiro, mas são estes tórax de siri que se coloca no arroz, ao invés da carne. Para comer o siri, temos que se pegar do arroz o tórax do crustáceo com a mão e chupar a carne que fica entre as estruturas do bicho, por isso a minha avó dizia que não se deve preparar este prato quando se tem visita em casa, "*por que é feio o jeito como se come*".

Assim, nos longos veraneios, de dezembro a março, e também em eventuais acampamentos de pesca durante o ano, a minha família, da mesma forma como outras famílias de pescadores e pescadoras, se reúniam para fazer pescarias na beira da Praia do Mar Grosso; nos sangradouros, que são pontos de descarga de água doce das chuvas e dos corpos d'água continentais no mar, como o arroio do Estreito; e nas áreas mais protegidas da Lagoa dos Patos, como a Lagoa Funda e a Lagoa Rasa, que contornam a Ilha da Feitoria,

próximas a Colônia Z-3; em acampamentos onde as pessoas praticam artes de pesca tradicionais da região, como a pesca com linha de funda e com redes de pesca, e também comem comidas típicas – como o arroz com siri e camarão, peixe frito e tainha assada.

Estes eventuais acampamentos, para o lazer, realizados pelas famílias de pescadores e de seus descendentes representam o mantenimento dos costumes de uma população que esta acostumada a migrar. Estas migrações podem ser representadas pelo hábito de realizar incursões pesqueiras, como as descritas anteriormente; nas adaptações dos tipos de pescarias de acordo com as condições ambientais e com os instrumentos disponíveis, a partir da criatividade dos pescadores; e nas formas de encontrar os “buracos” para a pesca, através de uma técnica de observação, percorrendo a costa.

Além disso, a exaltação da cultura ligada à pesca tradicional está presente no cotidiano da minha família de descendentes de pescadores e pescadoras de São José do Norte, apesar de não morarmos em um colônia de pesca. Estas formas de reprodução da cultura pesqueira se apresentam através: dos eventuais acampamentos de pesca; da nossa alimentação; além de quando a minha avó conta sobre a sua história de vida na comunidade pesqueira do Retiro, mapeando as dunas onde ela tomava banho nas águas que se acumulavam nas áreas mais baixas dos “combros” de areia, mapeando áreas de pesca e nos contando sobre o hábito de frequentar benzedeiras.

Ademais, alguns dos meus familiares nortenses continuam trabalhando como pescadores, artesanalmente ou industrialmente, apesar da maioria deles viver no centro urbano de São José do Norte.

No último verão em que estive nesta cidade, em fevereiro de 2017, por exemplo, eu fui visitar a minha bisavó Dolcíria, que vive na mesma casa com dois dos seus quatorze filhos, que se chamam Noela e Rogério. Neste dia da minha visita o meu tio-avô Rogério estava construindo um caíque em frente à casa da minha bisavó, que fica em um beco onda há banquinhos de madeira e um canteiro central, que fazem desta rua uma pequena praça onde as crianças brincam e os vizinhos conversam, no centro de São José do Norte. Para construir esta embarcação o Rogério utilizava instrumentos como serrote, pregos e martelo, que ficavam sobre os bancos centrais desta viela.

Estes exemplos dos acampamentos de pesca, das contações de

histórias da minha avó, e da construção de caíques na ruas de São José do Norte, demonstram que mesmo tendo migrando para as zonas urbanas, as pessoas continuam reproduzindo os costumes e saberes próprios das comunidades de pesca tradicionais das quais são descendentes. Por conseguinte, essas pessoas não deixam de exaltar as suas histórias de vida enquanto pescadores e pescadoras, além de reproduzirem os hábitos dos seus antepassados, transmitindo-os as mais novas gerações.

Por conta disso, eu passei a me interessar pelos ambientes aquáticos e costeiros que contornavam São José do Norte e, por isso, escolhi fazer vestibular para o curso de Oceanologia na Universidade Federal de Rio Grande (FURG).

A FURG esta localizada na cidade de Rio Grande, a trinta minutos de travessia, por transporte aquaviário, de São José do Norte. A cidade de Rio Grande por abrigar o Super Porto, que é um complexo portuário do cone sul que se caracteriza por ser o segundo mais importante do país, acomoda uma quantidade substancial de trabalhadores de São José do Norte que atravessam diariamente a Lagoa dos Patos, para trabalharem em serviços ligados ou não a atividade pesqueira e também para estudarem em Rio Grande, como foi o meu caso.

Quando passei no vestibular para Oceanologia na FURG, assim que completei os meus dezessete anos, eu retornei a São José do Norte, mas, desta vez, para morar com os meus parentes, enfrentando também o gelado vento sul, predominante na estação do inverno, nas viagens de lancha que fazia todos os dias para ir à cidade do Rio Grande, onde está localizada a universidade. Assim como eu, muitos trabalhadores e estudantes nortenses, em busca de melhores condições de vida e também em busca de outros conhecimentos, fazem de São José do Norte uma cidade dormitório.

De volta ao contexto de uma comunidade pesqueira, durante a etnografia na Colônia de Pescadores Z-3, passados os cinco anos em que cursava Oceanologia e já finalizado o mestrado em Antropologia, passo a me reconhecer enquanto uma descendente de pescadores e pescadoras tradicionais das comunidades do entorno da Lagoa dos Patos.

Percebo que dinâmica migratória dessas populações se por um lado apresenta um risco ao mantenimento do ethos pesqueiro, por outro, trata de

ampliar o território ocupado e passível de intervenção por esta cosmologia. Um exemplo disso é a consolidação desta dissertação.

A Estruturação dos Capítulos desta Dissertação.

Esta dissertação de mestrado esta compartimentada em seis capítulos.

O Capítulo 1, intitulado “A Etnooceanografia, a Etnologia AfroAmeríndia e a Mitologia das Águas: O Devir desta Pesquisa”, apresenta este trabalho a partir da etnooceanografia, enquanto linha de pesquisa, e da Mitologia, enquanto temática desta dissertação. Assim, serão elucidados os objetivos deste trabalho a partir dos referencias teóricos das áreas da Etnooceanografia, Etnologia Afro-Indígena e da Mitologia.

O Capítulo 2, intitulado “A Colônia de Pescadores Z-3: uma etnografia a beira d’água”, apresenta as primeiras impressões do trabalho de campo realizado na Colônia Z-3, no que tange aos hábitos e aos costumes dessa população. Nessa descrição também apresento um lugar chamado de Ilha da Feitoria, o local onde vivia grande parte dos moradores desta colônia de pesca, até que “*pegou a acontecer coisas lá*” e a maioria dos ilhéus se mudou para onde está localizada atualmente a Colônia Z-3. Dessa forma, nesse tópico procuro apresentar a Ilha da Feitoria nos dias de hoje, trazendo as minhas primeiras impressões sobre os que ainda resistem em viver nessas margens aparentemente isoladas.

O Capítulo 3, nomeado “O Arquipélago: os pescadores e as pescadoras conectam um grande território de ilhas a partir das suas navegações”, traz as narrativas sobre a origem dessa comunidade e que estão relacionados com os episódios de incêndio que aconteceram na Ilha da Feitoria e também no Arquipélago dos Açores, em Portugal. Por conseguinte, também são explorados os fenômenos das enchentes na Colônia Z-3, para onde a maioria da população de ilhéus se mudou depois que decidiram deixar a Ilha da Feitoria. Além disso, esse capítulo trata sobre as constantes migrações desta população pesqueira em relação à capacidade pluriativa destes pescadores e destas pescadoras.

O Capítulo 4, intitulado “O Conviver entre Humanos, Não-humanos e Sobre-humanos na Colônia de Pescadores Z-3” aborda, através da mitologia,

os universos simbólicos desta comunidade pesqueira. Assim, esse capítulo apresenta as cosmologias presentes na Colônia Z-3 – afro, indígena e portuguesa – através dos álbuns de famílias dos moradores da Z-3 e também das narrativas sobre os personagens míticos chamados pelos pescadores e pelas pescadoras de Bruxas e Lobisomens, além dos espíritos fugidios de indígenas e negros da Ilha da Feitoria. Ademais, este Capítulo conta com um tópico sobre os universos masculino, feminino e infantil presentes nesta comunidade e a maneira como eles se relacionam, através dos personagens míticos da Bruxa, do Lobisomem e dos Anjinhos.

O Capítulo 5, intitulado “Um passo para as narrativas míticas aquáticas da Colônia de Pescadores Z-3” apresenta o devir entre as cosmologias negras, indígenas e portuguesas e a maneira como elas interferem no cotidiano dos moradores desta comunidade. Assim, este Capítulo mapeia os espaços rituais utilizados pelos pescadores e pelas pescadoras da Colônia Z-3 com o intuito de solucionar os problemas e os conflitos da vida cotidiana.

Assim, neste capítulo apresento o ritual chamado de Festa da Santa em homenagem à santa do catolicismo popular Nossa Senhora dos Navegantes e a orixá das religiões afro Iemanjá realizados na Colônia de Pescadores Z-3, colocando em evidência as redes de compartilhamento de informações e de instrumentos entre os participantes deste ritual. Da mesma forma, procuro caracterizar essas entidades sobre-humanas cultuadas pelos pescadores e pelas pescadoras, a fim de compreender a maneira como as cosmologias afro e portuguesa coexistem em uma mesma cerimônia. Por fim, busco compreender as categorias empíricas utilizadas por essas pessoas para caracterizar os ambientes aquáticos, tendo em vista que a santa nossa Senhora dos Navegantes e a orixá Iemanjá representam o próprio mar nestas religiões.

No Capítulo 6, nomeado “‘*Se ela está vendo eu também posso ver’:* A etnografia a beira d’água”, adentramos no universo mítico aquático através das religiões afro-brasileiras e dos personagens míticos indígenas aquáticos. Primeiramente, serão investigados as representações aquáticas dos personagens míticos intitulados de Sereias e Tritões, a partir de um ritual mítico que aconteceu na beira d’água na Colônia Z-3 e das narrativas dos moradores da Colônia Z-3 sobre estes personagens. A seguir, apresentaremos os

espíritos intitulados de pomba gira Maria Mulambo e Caboclo Rompe-Mato, pois no ritual afro-religioso em questão são estes os espíritos que nos conduzem até a Orixá Iemanjá. Por fim, serão apresentadas as narrativas que tratam sobre a aparição da Orixá Iemanjá na Colônia Z-3 e da sua relação com as personagens míticas chamadas de Sereias pelos moradores desta comunidade, através da qual serão feitas explanações sobre o devir entre humanos e não-humanos nesta vila pesqueira.

Por fim, serão apresentadas as Considerações Finais dessa dissertação de mestrado, momento em que destaco algumas características que pude observar da ordem cosmológica da Colônia de Pescadores Z-3 e que estão refletidas na ordem sociológica dessa comunidade. Além disso, concluo que a produção de saberes tradicionais pode ser utilizada como um exemplo de respeito à diversidade que deve ser apreendido dentro das ciências modernas e considerado na produção de políticas públicas estatais.

CAPÍTULO 1
A ETNOOCEANOGRAFIA, A ETNOLOGIA AFRO-AMERÍNDIA E A MITOLOGIA DAS ÁGUAS: O DEVIR DESTA PESQUISA

Este Capítulo tem como objetivo apresentar esta dissertação a partir da etnooceanografia, que delimita a linha de pesquisa na qual se insere este trabalho, e da Mitologia, enquanto temática desta pesquisa. Desta forma, este Capítulo esta dividido em dois subitens.

No primeiro subitem, intitulado “A Etnooceanografia: Um espaço de diálogo de perspectivas para (re)conhecer os ambientes aquáticos e costeiros”, apresento o conceito de etnooceanografia defendido por Gustavo Moura (2012) na sua tese de doutorado sobre a hierarquização de conhecimentos na produção de políticas públicas para a gestão de recursos naturais, que contou como universo de pesquisa uma comunidade tradicional pesqueira da Lagoa dos Patos, conhecida como Ilha dos Marinheiros, localizada em Rio Grande

Além disso, serão apresentados os objetivos deste trabalho desde a perspectiva de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), que no livro Mil Platôs defendem que a natureza é constituída por uma multiplicidade de formas de conhecer, que não se sobrepõem, nem se homogeneízam.

Por fim, no último tópico, está posta uma discussão sobre a caracterização do mito a partir de uma literatura específica da mitologia. Quem nos conduz nesta caminhada, entre outros autores, é o reconhecido Claude Lévi-Strauss (1978; 2008), através dos livros “Mito e Significado” e “Pensamento Selvagem”, para a qual os mitos apresentam, de uma maneira geral, uma estrutura fixa que permite movimentos de atualização e que esta refletida na ordem social das comunidades.

Além disso, explico os motivos pelos quais tomo o mito enquanto um fato social total - segundo a definição de Marcel Mauss (2003), no livro “Sociologia e Antropologia”, construído a partir da reciprocidade entre humanos, não-humanos e sobre-humanos, impulsionadas por trocas simbólicas entre-gerações, entre-línguas, entre-etnias e entre-lugares.

1.1 A Etnooceanografia: Um espaço de diálogo de perspectivas para (re)conhecer os ambientes aquáticos e costeiros

No desenrolar desta dissertação de mestrado passei a remontar as minhas vivências em São José do Norte e a me reconhecer enquanto uma descendente de pescadores e pescadoras tradicionais. Entretanto, ciente de que estou inserida em um contexto mais urbanizado do que viviam os meus antepassados devido as minhas vivências na região metropolitana de Porto Alegre, em Viamão, e também pela minha inserção no contexto universitário, através do meu ingresso no curso de Oceanologia da FURG.

Desta forma, o meu olhar como oceanógrafa e, ao mesmo tempo, descendente de pescadores e pescadoras artesanais, encontrou espaço para se (re)formular na antropologia, através da etnooceanografia. O autor Marco Antônio Gonçalves (2012), em um artigo sobre etnobiografia, lembra que o prefixo “etno” nos sugere um diálogo que se estabelece a partir de uma pluralidade de formas de conhecer.

A etnooceanografia é um ramo da etnoecologia que coloca em evidência as interações de pensamentos, sentimentos e comportamentos das populações com os ecossistemas marinhos, estuarinos e/ou costeiros (MOURA, 2014). Desta forma, neste trabalho, a etnooceanografia se constitui enquanto uma linha de pesquisa, a qual compete caracterizar o ambiente costeiro-estuarino e oceânico por uma multiplicidade de epistemologias. Neste caso, a multiplicação de epistemes é observada no interior do nosso tema de pesquisa: a mitologia das águas.

O termo etnooceanografia é trazido por Gustavo Goulart Moreira Moura (2014), na sua tese de doutorado, a partir da necessidade identificada pelo autor de reconhecer, perante o Estado, como válidos uma diversidade de conhecimentos elaborados pelas culturas tradicionais sobre os ambientes aquáticos, no mesmo patamar em que se reconhece os conhecimentos produzidos pela ciência oceanográfica.

O trabalho realizado por Moura (2014), em que o autor se vê na necessidade criar uma proposta de etnooceanografia enquanto um ramo a ser diferenciado dentro da etnoecologia, foi realizado a partir de uma imersão do etnógrafo durante pouco mais de seis meses na Ilha da Torotama e na Ilha dos

Marinheiros, a partir do qual foi possível observar, como veremos também para a Colônia de Pescadores Z-3, através dos hábitos e também das narrativas destas populações, um território marcado por um constante o fluxo de pessoas, instrumentos e conhecimentos.

Assim, estes microterritórios estudados por mim na Colônia Z-3, pelo Gustavo Moura (2014) na Ilha dos Marinheiros e na Ilha da Torotama e pelo Gianpaolo Adomilli (2007; 2012) em São José do Norte, neste trabalho serão observados enquanto constituintes de um amplo arquipélago conectado pelas águas do Estuário da Lagoa dos Patos.

Desta forma, veremos ao longo desta pesquisa, que os pescadores e as pescadoras do extremo sul do Rio Grande Sul, que habitam as margens da Lagoa dos Patos, desenvolvem redes de compartilhamento de instrumentos, conhecimentos e alimentos entre comunidades pesqueiras e também com a episteme moderna - esta última a partir da introdução de novas tecnologias pela modernização da atividade pesqueira -, como uma estratégia para permanecerem pescadores. Assim, estas pessoas realizam mediações entre os conhecimentos modernos e tradicionais, a partir da experiência com os ambientes aquáticos e da sua criatividade.

Para Deleuze e Guattari (1995), no livro “Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia”, o ambiente natural se constitui a partir de uma multiplicidade de perspectivas, ou epistemologias, com dimensões crescentes que nunca se sobrepõe ou se homogeneízam. Assim, neste mosaico de conhecimentos que elaboram o ambiente natural, quando acontece o encontro de perspectivas, surgem impulsos para a sua ressignificação. Desta forma, pela necessidade de atualização de conceitos, as epistemologias realizam movimentos de desterritorialização e reterritorialização a partir de seus encontros, apresentando novas formas de expressão.

Esta forma de interpretação do ambiente natural pode ser ilustrada através da maneira como se perpetuam os conhecimentos dos pescadores e das pescadoras tradicionais. Os mais velhos e mais experientes pescadores, ou que mais “matam peixe”, são considerados os mais sábios na arte da pescaria e com os quais os pescadores menos experientes aprendem sobre os ritmos dos ambientes aquáticos. Por outro lado, os conhecimentos tradicionais permitem que os pescadores estejam, a todo o momento, valendo-se da sua

criatividade para adaptar as pescarias de acordo com o contexto histórico, com as condições de mar em que estejam inseridos e com as ferramentas disponíveis.

Assim, por exemplo, a história de vida do mestre de pescaria Atanásio, de São José do Norte, contada pelo pescador Nibo, ilustra esta dinâmica pela qual perpassam o saberes tradicionais

> O Atanásio foi um homem...Que ele saiu do nada também. [...] Era muito conhecedor, era um homem que subia num caminhão e olhava: “Lá tem peixe!” Largava. Aí, depois, quando ele sentiu-se velho, pela pescaria de praia, por que ele era o patrão dele mesmo, se atucanou. [...] Aí passou pros barcos. Mas aí ele trabalhou de mestre. Ele não trabalhou no convés. [...] Então, ele era muito respeitado por que conhecia tudo e mais um pouco! Desses mestres que tem aqui da volta, e da malha, o Atanásio botava eles tudo no bolso, era professor deles tudo! [...] E o Atanásio começou a trabalhar sem uma sonda, sem um navegador... Ele só tinha bússola. Só bússola. Como eu tô dizendo: pra andar e ver a fundura que tava, só uma cordinha com peso. Já ouviu falar em retinido? Retinido é uma cordinha que tem, com um pesinho de chumbo, que as embarcações grandes usam para tirar o cabo para a terra. Ele usava isso pra medir a profundidade da água. Do tempo em que agarrava pra ver: “Será que tem peixe aqui? Vamo com o ouvido”. Depois ele usou um sistema mais sofisticado para sondar o peixe: um cano. Um cano, tipo... Nunca viu pegar duas latinhas e colocar um fio e fazer auto-escuta? Um desses só que é um cano. Um cano d’água, de 25, ai pega uma tampa... bota do lado dele, a parte tampada larga pra água, e escuta na parte adentro. Dá o som nítido, nítido! E aí, se o cara faz as aventuras dele e mata peixe, os outros vão seguir por ele. (ADOMILLI, 2012, p. 30 - 31)

Apesar da sofisticação dos equipamentos para a realização das pescarias a partir do fim do século XIX, os conhecimentos sobre a complexa gama de variáveis naturais como as estações do ano, os regimes de ventos, a Lua, as condições do mar continuaram sendo indispensáveis aos pescadores, diante das adversidades do ambiente aquático e das limitações dos novos instrumentos de pesca (ADOMILLI, 2012). Desta forma, os saberes tradicionais são utilizados pelos pescadores para se reterritorializarem no espaço aquático, considerado pelas populações de pesca como um ambiente instável e incontrolável.

O autor GianpaoloAdomilli (2007), por exemplo, traz uma narrativa do pescador Claúdio também sobre o mestre de pescaria Atanásio, em que esta posta a continuidade entre terra e mar produzida pelos pescadores como uma

forma de reterritorilizar-se no ambiente aquático.

Assim, o pescador Claudio se referia ao Mestre Atanásio dizendo: “[...] Ele conhecia o mar como conhecia a casa dele. Eu digo, porque trabalhei com ele. Corria por fora direto e reto, aí. E vinha pra terra e vinha com peixe [...]” (ADOMILLI, 2007, p. 189). Nesta fala do pescador Claudio traz implícito que os pescadores de São José do Norte, assim como os pescadores da Colônia Z-3, como veremos ao longo desta dissertação, não separam a natureza da cultura.

Os pescadores estabelecem uma continuidade entre a casa e o mar, entre a costa e a águas, demonstrando viver a beira d’água quando metaforiza o conhecimento que o mestre Atanásio possui sobre o mar com a maneira como ele conhece o próprio “lar”. Assim, os pescadores atribuem significados utilizados em terra aos ambientes aquáticos e aos seres humanos, não-humanos, e sobre-humanos que os habitam, como uma forma de reterritorialização durante as longas jornadas no mar, que podem chegar a até 30 dias no oceano. Desta forma, por exemplo, Adomilli (2012) destacou que é comum entre os estudos sobre pescadores estar presente nas falas a seguinte frase: “Tudo que tem em terra tem no mar”.

Com relação a isso, os pescadores apontam, por exemplo, para os animais marinhos que possuem os seus equivalentes terrestres, como o leão marinho, que rouba os peixes da rede, e ao qual é atribuído o comportamento de um cachorro. Outra associação entre terra e mar realizada pelos pescadores nortenses é a comparação entre a vida no fundo da lagoa ou do oceano com o pó das casas. Os pescadores comparam a sobrepesca ao ato de esterilização, neste caso, do oceano (ADOMILLI, 2012). Assim, na fala do pescador Claúdio está:

> É a mesma coisa que ter uma casa fechada quatro, cinco dias, tu passa a vassoura e tem pó. Mas se tu varre todos os dias, ela nunca vai ter pó! É o que ta acontecendo com o oceano hoje, o troço tá muito batido. (ADOMILLI, 2012, p. 32)

Por conseguinte, a paisagem aquática, composta por terra e mar, ganha significado e mostra estar em continuidade com a configuração social das comunidades pesqueiras, pois através dela são elaborados e reproduzidos hábitos e costumes das populações que fazem parte das suas histórias de vida individuais. Esta é uma forma de se reterritorializarem um ambiente em que estamos desterritorializados, o Mar.

Assim, tomamos nesta dissertação esta frase emblemática, “tudo que tem em terra, tem no mar”, como metáfora para a interpretação dos conhecimentos que elaboram o ambiente aquático no extremo sul do Rio Grande do Sul, a saber, os conhecimentos das populações tradicionais e os da ciência moderna.Desta forma, temos o objetivo de mapear saberes sobre o ambiente aquático, de maneira a ampliar as nossas percepções sobre as águas e averiguar as formas como os humanos se relacionam com espaços aquáticos.

Por outro lado, esta dissertação não ignora que a modernização da atividade pesqueira na região sul do Rio Grande do Sul com o apoio do Estado brasileiro, que teve como objetivo transformar a pesca em indústria de base nacional, gerou a regulamentação da atividade pesqueira a partir de uma hegemonia epistemológica e colonial representada pela ciência moderna (MOURA, 2014).

Desta forma, esta dissertação, enquanto pertencente a linha de pesquisa da etnooceanografia, reivindica um status para os saberes tradicionais que esteja no mesmo patamar dos saberes modernos na constituição do sentido atribuído aos ambientes naturais, com a finalidade de produzir políticas públicas que regulamentem o território aquático e costeiro de maneira a contemplar as culturas que compõe a coletividade pesqueira do extremo sul do Rio Grande do Sul.

Assim, a perspectiva etnooceanográfica é tomada, nesta dissertação, a partir da definição de natureza de Deleuze e Guattari (1995). Para estes autores, a natureza é uma expressão da complementaridade de múltiplas epistemologias, com dimensões crescentes, estando a realidade, através da experiência, negando a todo o momento perspectivas singulares e homogeneizantes. A partir disso, a natureza é considerada como múltipla, sendo o uno parte do múltiplo e estando, para isso, sempre subtraído dele, e esta representada na fórmula “n-1”.

Portanto, por ser a natureza composta por uma multiplicidade de epistemologias, o ambiente natural somente permite o uno negando-o (n-1), por isto temos a necessidade de nos atualizarmos constantemente em relação ao sentido que atribuímos aos espaços naturais. Entretanto, esta reformulação de conhecimentos não acontece de forma completa, pois ainda não

reconhecemos a diversidade epistemológica que constitui os espaços. Isto quer dizer que, segundo Deleuze e Guattari (1995), em um sentido crítico, não podemos observar os ambientes aquáticos através de múltiplos pontos de vista porque não compreendemos a maneira como são elaboradas a variedade de saberes que atribuem sentido aos ambientes naturais.

Desta forma, nesta dissertação, a etnooceanografia me possibilita planificar uma diversidade de conhecimentos sobre os ambientes aquáticos, a fim de produzir um espaço de respeito à diversidade.

Por outro lado, a mitologia constitui a temática desta dissertação, que possibilita visualizar as formas de diálogo entre esta diversidade de conhecimentos que atribuem sentido aos ambientes aquáticos. No caso da Colônia de Pescadores Z-3, enquanto uma das comunidades pesqueiras que faz parte da coletividade pesqueira do estuário da Lagoa dos Patos, esta diversidade é representada pelas cosmologias negras, indígenas e portuguesas lado a lado.

1.2. A Mitologia: um canal de acesso a dinâmica de conhecimentos tradicionais

A dissertação de mestrado da Angelita Ribeiro (2012), intitulada “Bruxas, Lobisomens, Anjos e Assombrações na Costa Sul da Lagoa dos Patos – Colônia Z-3, Pelotas” tornou-se um marco na trajetória desta pesquisa sobre mitologia relacionada aos ambientes aquáticos e costeiros, pois foi uma porta de entrada para o universo mítico da Colônia de Pescadores Z-3.

Primeiramente, a autora Angelita me conduziu por essa comunidade pesqueira através do seu universo simbólico, com personagens míticos chamados, pelos moradores desta vila, de Bruxas, Lobisomens, Anjinhos e Assombrações. Assim, conforme eu lia o seu trabalho e percebia as articulações das narrativas das mulheres e dos homens desta colônia com outras narrativas, sejam de outras comunidades de pescadores e pescadoras tradicionais ou aquelas mencionadas como próprias do gênero literário, eu também passava a formular idéias que caracterizavam em meus pensamentos estes personagens e este território mítico, conforme será observado ao longo desta dissertação.

Em segundo lugar, a partir da leitura do trabalho de Ribeiro (2012) sobre

a mitologia da Colônia Z-3, eu decidi conhecer esta comunidade pesqueira pessoalmente, foi então que eu realizei pela primeira vez o trajeto de ônibus do centro de Pelotas até a Colônia de Pescadores Z-3 e me surpreendi, antes de tudo, quando me encontrei trafegando em uma estrada de chão que margeia a Lagoa dos Patos e, por conseguinte, ao me deparar imediatamente com uma história sobre um lobisomem, contada pelo menino chamado Nicolas, que trago abaixo.

> *Eu contei para o Lucas sobre os motivos que me levaram até a Colônia Z-3, me referindo ao trabalho de Angelita Ribeiro (2012). Então, este menino me falou sobre uma história contada pela sua avó. Segundo Lucas, o seu avô, já falecido, certa vez, saiu para pescar com um homem que toda a noite pedia para descer do barco, no meio do mato e só voltava no outro dia de manhã, vomitando peixe cru. Ao contar este causo ele insinuava que este homem se tratava de um lobisomem. (29 de novembro de 2014)*

Instigada a saber mais sobre esta comunidade e as maneiras como essas pessoas transformavam o ambiente aquático em um território percorrido por humanos, não-humanos e sobre-humanos, carregado de sentido, surgiu o projeto de pesquisa que possibilitou essa dissertação de mestrado.

Seguindo o método de pesquisa etnográfico, eu vivi entre os moradores da Colônia de Pescadores Z-3, entre agosto de 2015 e junho de 2016, com o objetivo de realizar um trabalho de campo sobre esta comunidade pesqueira, inspirada no primeiro livro antropológico que eu havia lido, “Os Argonautas do Pacífico Ocidental, de Bronislaw Malinowski (1976). Neste contexto, este projeto de pesquisa foi se reformulando, até que adquiriu como temática desenvolver um diálogo entre as áreas da etnologia afro-ameríndia e da etnooceanografia, a partir do método etnográfico, sobre as narrativas mitológicas dos pescadores e das pescadoras da Colônia de Pescadores Z-3

Segundo Roberto DaMatta (2010), no livro “Relativizando: Uma Introdução à Antropologia Social”, é necessário que o antropólogo perpasse por dois domínios de transformação para realização de um trabalho etnográfico e etnológico, a do exótico em familiar e a do familiar em exótico:

> [...] a transformação do exótico em familiar – corresponde ao movimento original da Antropologia quando os etnólogos conjugaram o seu esforço na busca deliberadamente dos enigmas sociais situados em universos de significação sabidamente incompreendidos pelos meios sociais do seu tempo. [...] e a transformação do familiar em exótico] quando a disciplina se volta para a própria sociedade. [...] O problema é, então, o de tirar a capa de membro de uma classe e de um grupo social específico para poder - como etnólogo – estranhar alguma regra social familiar e, assim, descobrir (ou recolocar, como fazem as crianças quando perguntam os “porquês”) o exótico no que está petrificado dentro de nós pela reificação e pelos mecanismos de legitimação (DAMATTA, 2010, p.157).

A partir disso, conforme visto na Introdução, o fato de eu ser descendente de pescadores e pescadoras tradicionais de São José do Norte facilitava esta pesquisa no sentido de que me permitia uma aproximação com a visão de mundo dos pescadores e pescadoras tradicionais da Lagoa dos Patos, de maneira que eu poderia compreender muitos dos aspectos vivenciados e apreendidos por essas pessoas. Por outro lado, esta aproximação me atrapalhava, pois se tornava mais difícil transformar o familiar em exótico, e, assim, criar o estranhamento necessário para identificar características culturais que estão ocultas quando não acontece o choque entre-culturas.

Assim como a etnologia afro-ameríndia, a etnooceanografia me permitiu criar um plano em que estivessem conectados, de maneira a dar sentido aos ambientes aquáticos, os conhecimentos produzidos por diferentes epistemologias, a portuguesa, a negra, a indígena, enquanto constituintes dos conhecimentos tradicionais, e a moderna, a partir da ciência oceanográfica, a ponto de criar um universo de diálogo comum entre eu e os pescadores e pescadoras tradicionais da Colônia Z-3.

Desta forma, nesta dissertação, a etnooceanografia teve o papel de transformar o que era exótico em familiar, pois me incentivava a (re)pensar um mesmo tema, os ambientes aquáticos e costeiros, através de diferentes visões de mundo, a acadêmica, através da oceanografia, e a tradicional, através dos saberes dos moradores da Colônia de Pescadores Z-3.

Por outro lado, a mitologia me permitiu transitar através deste mosaico de conhecimentos sobre os ambientes aquáticos, explicitando as formas de diálogo que dão sentido a este ambiente, e que estão presentes no cotidiano

dos pescadores e das pescadoras do extremo sul Rio Grande do Sul, bem como na prática de seus rituais, a partir de uma multiplicidade de perspectivas. Desta forma, a mitologia, neste trabalho, assume o papel de transformar o que me parecia familiar, em exótico, pois, a partir das relações que estabelece entre a cosmologia e a sociologia das comunidades pesqueiras, (re)constrói um mosaico de categorias empíricas utilizadas por diferentes epistemologias para descrever os ambientes aquáticos.

Para compreendermos de que forma acontece esta dinâmica entre experiência, que constitui a ordem sociológica das comunidades, e os saberes, presente na ordem cosmológica, é necessário que nos aprofundemos nos estudos específicos da área da mitologia.

O pesquisador Bronislaw Malinowski, que realizou um dos mais importantes trabalhos etnográficos da história da antropologia, ao estudar os nativos das ilhas Trobriand, percebeu que o mito era algo presente na vida cotidiana, fazendo parte da realidade vivida. Assim, as narrativas míticas estavam nos costumes, nas regras, nos rituais e na organização social mesmo sem serem "faladas", permeando toda a vida tribal e influenciando a mentalidade dos nativos (LEENHARDT, 1987).

Esta percepção de Malinowski (1976) se estende para as populações tradicionais ribeirinhas brasileiras, pois no livro “Biodiversidade e Saberes Tradicionais no Brasil”, Antônio Carlos Diegues (2000) afirmou que as populações tradicionais brasileiras utilizam as narrativas míticas para o compartilhamento de um complexo de conhecimentos, herdados dos mais velhos pelas mais novas gerações, que estão refletidos nos costumes e nas formas de manejo das populações tradicionais para com o ecossistema aquático e continental.

Desta forma, por exemplo, no estuário da Lagoa dos Patos existem alguns lugares considerados assombrados, como a Ilha da Feitoria, para os moradores da Colônia Z-3 (RIBEIRO, 2012); o “Canto das Bruxas”, um espaço localizado no território comunitário da Ilha da Torotama, que é povoado por bruxas; o Saco da Tuna, na Ilha dos Marinheiros, e o Saco dos Boto, na Ilha da Torotama, povoados por boitatás e por luzes que passeiam pelo céu; o Buraco do Lobisomen, na Ilha da Sarangonha; e para moradores da Coréia, “As Pacada” e a “Ilha do Joca”, povoados por humanos sobrenaturais, além do

“Arroio do Pinguela”, povoado por boitatás e luzes que caminham no céu. Todos estes locais assombrados demarcam áreas de baixios da Lagoa dos Patos, importantes para a reprodução e o desenvolvimento das pequenas larvas de peixes e camarão, por serem regiões protegidas e com alimento disponível, com exceção do Buraco do Lobisomen (MOURA, 2014).

Além disso, as histórias míticas da Colônia de Pescadores Z-3 estão intimamente ligadas ao ecossistema aquático e se colocam sobre as formas de saber e fazer na Colônia Z-3, participando da construção da micropolítica local, regional e continental. Assim, partindo do quadro de personagens mitológicos da Colônia de Pescadores Z-3 – entre eles as bruxas, os lobisomens, os anjinhos e as assombrações –, por exemplo, pôde-se situar as matrizes culturais que dialogam nesta comunidade – a portuguesa, a africana e a indígena –, indicando que a mitologia não está situada na cultura, mas entre culturas (RIBEIRO, 2012).

Além de a mitologia ser reproduzida na ordem sociológica, Levi-Strauss (1978) identificou que quando um indivíduo, de qualquer parte do mundo, que recebeu como herança do seu povo certa tradição lendária, escuta uma versão diferente de uma narrativa a partir de outro povo, por exemplo, em muitos casos, aceita-se esta outra versão, apenas classificando-a como melhor ou pior, por ser menos detalhada, do que a outra (LEVI-STRAUSS, 1978). Assim, a mitologia possui é capaz de perpetuar-se entre as gerações, entre culturas, entre etnias, entre línguas e entre lugares.

Esta capacidade regenerativa da mitologia esta ligada ao fato de o mito apresentar elementos que se repetem, invertem e revertem em um sistema fechado para a elaboração de significados aos fenômenos e aos acontecimentos – de maneira que, cada vez que esses elementos são modificados essa estrutura, como um todo, é reelaborada – permitindo que os coletivos e sociedades se valham da mitologia para garantir que o seu presente, passado e futuro se mantenham o mesmo (LEVI-STRAUSS, 2008).

Neste sentido, o autor Lévi-Strauss (1978), antropólogo considerado fundador do estruturalismo, escreveu, em seu livro “Mito e Significado”, sobre o seu espanto ao deparar-se com certa conexão entre histórias míticas de diferentes lugares do mundo.

> As histórias de caráter mitológico são, ou parecem ser, arbitrárias, sem significado, absurdas, mas apesar de tudo dir-se-ia que reaparecem um pouco por toda a parte. Uma criação «fantasiosa» da mente num determinado lugar seria obrigatoriamente única – não se esperaria encontrar a mesma criação num lugar completamente diferente. O meu problema era tentar descobrir se havia algum tipo de ordem por detrás desta desordem aparente – e era tudo. Não afirmo que haja conclusões a tirar de todo esse material (LÉVI-STRAUSS, 1978, p.20)

Desta forma, analisando, por exemplo, dois relatos de diferentes chefes tsimshian sobre a destruição de uma cidade localizada no curso superior do rio Skeena, chamada de Tenlahan, Lévi-Strauss (1978) percebe que o acontecimento descrito por ambos os narradores era o mesmo, mas os pormenores das histórias eram diferentes.

> Por exemplo, conforme a versão, na origem pode estar uma luta entre duas aldeias ou duas cidades, uma luta que se desencadeou por causa de um adultério; finas a história tem várias possibilidades: o marido matou o amante de sua mulher, ou os irmãos mataram o amante da irmã, ou, ainda, o marido matou a sua mulher porque ela tinha um amante. Como se vê, temos uma célula explicativa (LÉVI-STRAUSS, 1978, p.58-59)

Assim, Lévi-Strauss (1978) defende que os mitos são formados por uma estrutura básica, que se repete, mas que o seu conteúdo nem sempre é o mesmo, podendo variar. Desta forma, um mesmo elemento pode ser usado para explicar vários acontecimentos ou fenômenos em diferentes histórias, unindo, em certa medida, uma diversidade de narrativas míticas, ou seja, uma constelação de mitos. Por isso, para este autor a mitologia é estática, pois os mesmos elementos são combinados de infinitas maneiras em um sistema fechado, contrapondo-se a História, por exemplo, que tem um caráter aberto.

Da mesma forma, por exemplo, o antropólogo Rogério Rosa (2013), ao abordar uma constelação de narrativas míticas sobre a famosa figura do Negrinho do Pastoreio, percebeu que este personagem é capaz de articular os gêneros literário, lendário, histórico e mítico, gerando transformações nos eventos míticos dos quais o Negrinho do Pastoreio é uma figura central, que não afetam, de maneira potencial, a estrutura do mito como um todo.

Assim, por exemplo, Rosa (2013) apresenta, primeiramente, o Negrinho do Pastoreio através da narrativa do folclorista Simões Lopes Neto, a qual eu trago a seguir através das minhas palavras:

> A muito tempo atrás, havia um estancieiro muito rico e malvado, que não ajudava a ninguém. Este homem só tinha olhos para o seu cavalo baio, para o seu filho e para um pequeno negro escravo, que se dizia afilhado de Nossa Senhora e que não tinha nome.
> Certo dia houve uma corrida de cavalos e este estancieiro, apostou que o seu cavalo baio ganharia do cavalo mouro do seu vizinho. O Negrinho montou no baio e pediu a Nossa senhora que olhasse por ele, mas o cavalo mouro ganhou a corrida e o estancieiro teve que pagar mil onças de ouro ao seu vizinho. Ofendido o estancieiro mandou dar uma surra no negrinho e depois deixou o Negrinho dar uma para o alto de uma coxilha para pastorear uma tropilha de 30 cavalos. O Negrinho então, no escuro da noite, tremendo de medo e de varado de fome pensou na sua madrinha Nossa Senhora e acabou dormindo. Entretanto, quando o negrinho dormiu, os guaraxins soltaram os cavalos e o Negrinho perdeu o pastoreio. O filho do estancieiro, vendo que os cavalos tinham se perdido no campo escuro, falou para o seu pai que deu mais uma surra no negrinho e ordenou que ele passasse a noite procurando a tropilha. O Negrinho, então, pensou na sua madrinha Nossa Senhora, foi até o oratório da casa e pegou um toco de vela para guiá-lo em meio a noite, no campo. Conforme o Negrinho passava por coxilhas e canhadas, a vela benta ia pingando cera no chão e de cada um desses pingos surgiu um ponto de luz até que clareou tudo no campo e o Negrinho achou o pastoreio. Entretanto, no dia seguinte, o filho do estancieiro soltou todos os cavalos novamente e foi contar ao que o Negrinho havia perdido o pastoreio novamente. Então, estancieiro mandou dar uma surra no Negrinho que o matou. Então o estancieiro, para não gastar enxada fazendo cova, mandou atirar o corpo do Negrinho em um formigueiro, no qual as formigas cobriram todo o corpo do menino. Nesta noite o estancieiro sonhou que tinha mil filhos, mil negrinhos e mil cavalos baios e mil vezes mil onças de ouro e tudo cabia dentro de um formigueiro pequeno. Durante três noites o estancieiro teve o mesmo sonho e nada de achar a tropilha de cavalos baios. Então ele foi até onde deixou o corpo do Negrinho e lá estava o Negrinho de pé, sacudindo as formigas do corpo, com os trinta cavalos e a Nossa Senhora a sua frente. O estancieiro se ajoelhou aos pés do Negrinho, que tocou a tropilha a Galope. Esta notícia se espalhou pelas estâncias e daí em diante, quando algum cristão perdia alguma coisa, acede-se uma vela e pede-se ao Negrinho para que ele ajude a encontrar o objeto perdido. Se ele não achar... ninguém mais.

Esta narrativa, de Simões Lopes Neto, trazida por Rosa (2013) e que, nesta dissertação, trago de forma resumida através das minhas palavras, apresenta os aspectos sócio-históricos caracterizados pela exploração da mão de obra africana escrava pelos grandes proprietários de terra do sul do Brasil. Além disso, a narrativa do Negrinho do Pastoreio apresenta aspectos do

pensamento judaico-cristão, no qual o bem vence o mal, e afro, no qual o bem e o mal coexistem, representando as matrizes portuguesas e africanas presentes neste território. Desta forma, esta narrativa de Simões Lopes Neto articula os gêneros literário, lendário, histórico e mítico (ROSA, 2013).

Além disso, o autor relaciona as narrativas brasileiras de Simões Lopes Neto sobre o “Negrinho do Pastoreio”; com a uruguaia do Néstor Ganduglia do “Negrito Del Pastoreo”; a argentina de Rafael Cano do “El Quemadito” e também com a narrativa do autor Monteiro Lobato e Olívio Jekupe, este último descendente de um índio guarani, sobre o “Saci-Pererê”, outro personagem mítico folclórico brasileiro. Desta forma, Rosa (2013) conclui que estes personagens míticos estão entre-culturas, por que as narrativas sobre o Negro do Pastoreio e o Saci-Pererê se apresentam em diferentes países e culturas através da ordem da repetição e também da inversão, ambas categorias próprias da mitologia.

Da mesma forma, a autora Dominique Gallois (1993), ao estudar as narrativas etno-históricas do povo Waiãpi da Amazônia, uma etnia de língua tupi-guarani que vive na fronteira entre o Brasil e a Guiana Francesa, percebeu que, a fim de mediar relações interétnicas, estas pessoas elaboram variações nos seus discursos que dizem respeito a suas origens. Assim, se a oratória dos Waiãpi se direciona para os brancos, quando essas pessoas se posicionavam perante as relações interétnicas, Gallois (1993) as chama de “discurso-ação”; e se o discurso gira em torno de especulações trazidas através de narrativas míticas históricas sobre o contato deste povo com outras etnias, com fins de fundamentar as reivindicações dos Waiãpi, ou seja, fundamentar os seus “discursos-ação”, esta oratória é classificada pela autora como “discurso-explicação”.

Assim, em relação as definições de “lenda”, “mito”, “conto”, “relato histórico” e “discurso político” entre os Waiãpi, assim como outras sociedades de tradição oral (como a Colônia de Pescadores Z-3), não existe este tipo de classificação, sendo todos os discursos possuem uma designação do “que foi dito”, ou seja, estas definições se complementam para fundamentar o discurso das sociedades de tradição oral não havendo diferença entre gêneros narrativos. Assim, as variações na oratória que combinam mito com relato

histórico e discurso político dependem do contexto de enunciação (GALLOIS, 1993).

Em relação a isso, por exemplo, quando os Waiãpi reivindicam a casa-forte de Macapá, chamada de Fortaleza de Mairi, como território pertencente aos Waiãpi, estes índios trazem explicações de cunho mítico e histórico. Dependendo do período em que são enunciados, se mais antigo ou mais recente, respectivamente, estes discursos apresentam um caráter mais mítico em direção ao histórico, evidenciando a intensificação do contato entre índios e brancos com o passar dos anos. Desta forma, os Waiãpi apontam a necessidade de afastar os brancos da Fortaleza de Mairi, reivindicando este território para si, ou seja, fundamentando este discurso-ação a partir de um discurso-explicação de cunho mítico e histórico (GALLOIS, 1993).

Portanto, ao abordarmos uma constelação de mitos articulada com a dimensão da experiência – seja sobre uma constelação de personagens mitológicos, como fez Rosa (2013); seja sobre os mitos de uma colônia de pescadores e pescadoras, como fez Ribeiro (2012); e como esta dissertação sobre mitologia das águas procura trazer; ou, até mesmo, ao abordar as variações do mito de origem de um agrupamento indígena, como fez Gallois (1993) – é possível articular múltiplos pontos de vista, formando um contexto de reciprocidade que reproduz trocas entre-culturas, entre-gerações, entre-línguas, entre-etnias, entre-lugares e entre gêneros-narrativos.

Assim, Marcel Mauss (2003), no livro Sociologia e Antropologia, destaca que a reciprocidade, o *dar, receber e retribuir*, das sociedades polinésias, melanésias e norte-americanas, enquanto sociedades tradicionais, e mesmo da própria sociedade moderna, com as suas especificações, são capazes de desenvolver vínculos sociais entre indivíduos, entre clãs, entre classes sociais ou, até mesmo, entre territórios, na medida em que permitem o transito de pessoas e de iguarias e, consequentemente, realizam trocas simbólicas.

Assim, este autor, ao dedicar-se ao estudo sobre a dádiva e a obrigação de retribuir os presentes, descreveu o *dar, receber e retribuir* das sociedades como fatos sociais totais.

> E fatos que são muito complexos. Neles, tudo se mistura, tudo o que constitui a vida propriamente social das sociedades que precederam as nossas — até às da proto-história. Nesses fenômenos sociais "totais", como nos propomos chamá-los,

> exprimem-se, de uma só vez, as mais diversas instituições: religiosas, jurídicas e morais - estas sendo políticas e familiares ao mesmo tempo —; econômicas — estas supondo formas particulares da produção e do consumo, ou melhor, do fornecimento e da distribuição —; sem contar os fenômenos estéticos em que resultam esses fatos e os fenômenos morfológicos que essas instituições manifestam (MAUSS, 2003, p.187).

O autor Marcel Mauss (2003) compreende que o fenômeno social do *dar, receber e retribuir*, ou, "o sistema de dádivas", é um fato social total na medida em que esta troca compreende todos os fenômenos humanos: os de natureza econômica, cultural, política, religiosa e, consequentemente, simbólica.

Assim, umas das formas de acontecer a materialização de fenômenos culturais de uma maneira em que possam acontecer trocas simbólicas entre os agentes de uma cultura, os seres humanos, não-humanos e sobre-humanos, são os rituais míticos.

Como veremos ao longo desta dissertação, na Colônia de Pescadores Z-3 foram mapeados rituais relacionados a tradições de benzedeiras e benzedores, além de rituais próprios das religiões afro-brasileiras e cerimônias típicas do catolicismo popular. Para analisarmos estas tradições ritualísticas os principais autores utilizados foram: Yara Maria Penteado (2005), que desenvolveu uma pesquisa sobre as benzedeiras e os benzedores do Mato Grosso do Sul; Ari Pedro Oro (2008), que trata sobre as características dos rituais afro-brasileiros no Rio Grande do Sul; Ari Pedro Oro e José Carlos Gomes dos Anjos (2009), autores do livro "A Festa dos Navegantes em Porto Alegre", que trata sobre o sincretismo entre Nossa Senhora dos Navegantes e Iemanjá. As características destes rituais serão trazidas de forma diluída ao longo do texto desta dissertação.

Desta forma, este trabalho nos conduzirá pela Colônia de Pescadores Z-3, através da etnografia e da mitologia, para as representações das trocas simbólicas e materiais que acontecem entre as colônias de pesca do da região Sul do Rio Grande do Sul, entre as cosmologias negra, indígena e portuguesa presentes nestas comunidades, entre as gerações de pescadores e de pescadoras, entre os nativos e os pesquisadores e entre a terra e o Mar.

Por conseguinte, adentraremos no Capítulo 2 desta dissertação, que apresentará as primeiras imagens da Colônia Z-3 a partir dos meus olhos. Assim, este Capítulo caracteriza esta vila de pescadores trazendo as minhas impressões sobre as formas ocupação do espaço e a sua proximidade com as águas e a mata nativa, além dos rostos e gestos dos desconhecidos habitantes destas paragens.

CAPÍTULO 2
A COLÔNIA DE PESCADORES Z-3: UMA ETNOGRAFIA À BEIRA D'ÁGUA

Neste Capítulo apresentarei a Colônia de Pescadores Z-3 a partir das narrativas dos pescadores e das pescadoras que fazem parte da coletividade pesqueira do estuário da Lagoa dos Patos. Além disso, serão trazidas algumas imagens da Colônia, que registrei ao longo do trabalho de campo, e fotos do álbum de família da Deti, moradora desta comunidade. Desta forma, serão desenvolvidos os seguintes temas: o cotidiano dos pescadores e das pescadoras; a origem dos núcleos populacionais tradicionais das margens da Lagoa dos Patos; as trocas materiais e simbólicas no interior das populações tradicionais de tais coletivos; a transmissão de conhecimentos entre gerações pesqueiras; e as atuais crises no setor pesqueiro.

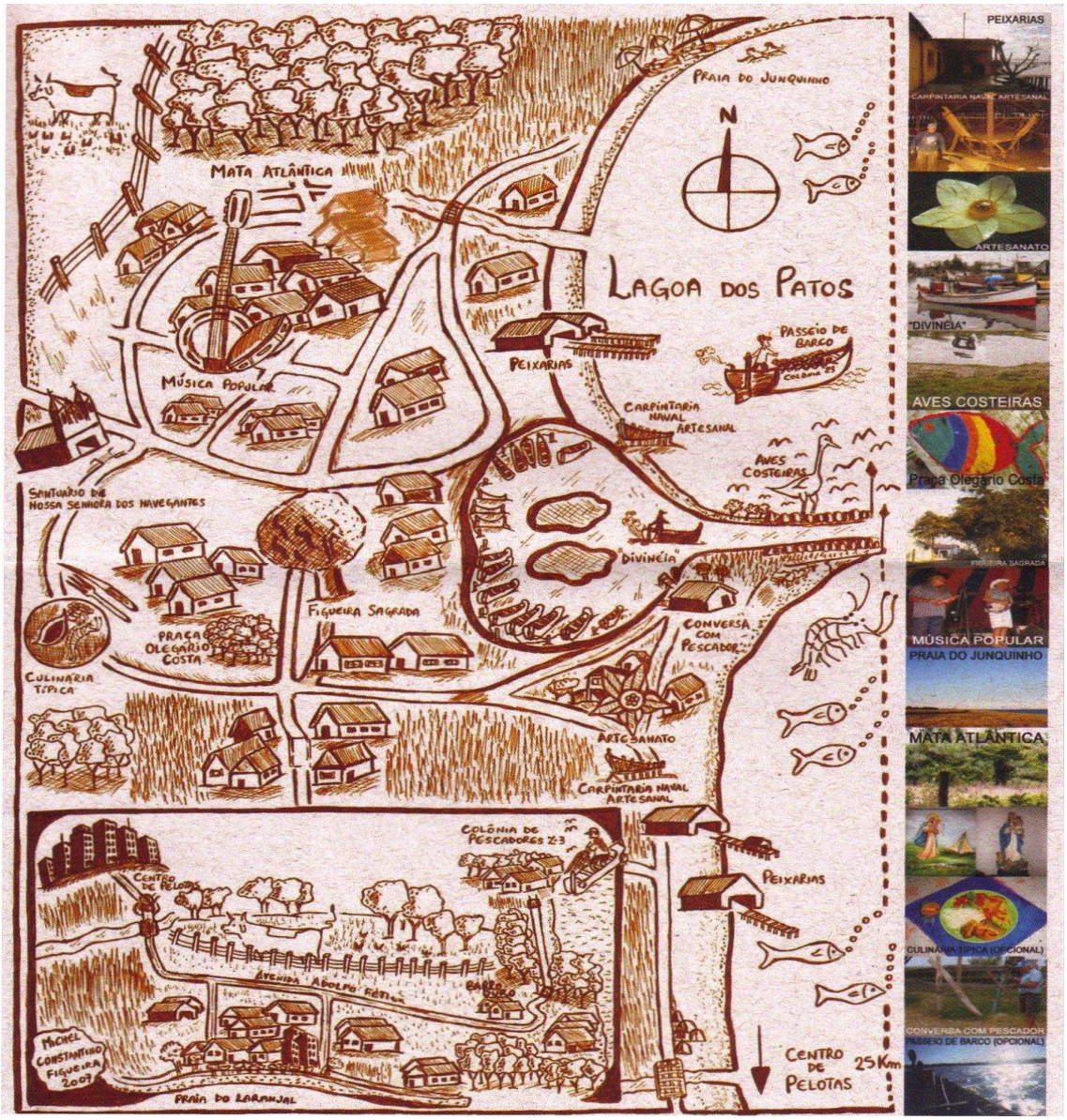
Desta forma, divido este tópico nos seguintes subitens. No primeiro, intitulado "As primeiras imagens da Colônia de Pescadores Z-3", apresento as minhas primeiras experiências nesta comunidade, a partir das quais é possível identificar esta Colônia enquanto (re)produtora de cultura pesqueira, como a que podemos observar na maioria das comunidades ribeirinhas localizadas nas margens da Lagoa dos Patos e nas suas Ilhas.

Por conseguinte, no segundo subitem, intitulado "Território de Passagem: O devir cultural na Colônia de Pescadores Z-3", será apresentado a origem deste núcleo populacional, a partir das narrativas dos moradores desta comunidade e as da minha parentela, pois sou descendente de pescadores e de pescadoras tradicionais da cidade de São José do Norte.

Esta confluência entre as histórias da minha família nortense e as narrativas das famílias da Colônia de Pescadores Z-3 é possível por que estas comunidades pesqueiras se consolidaram a partir de acampamentos sazonais e cíclicos nas margens desta laguna para fins de incursões pesqueiras. Desta forma, estas pessoas transitavam por estas comunidades, compartilhando instrumentos, alimentos e histórias de vida, até se fixarem em uma margem de sua preferência, como veremos ao longo deste trabalho.

2.1. As Primeiras Imagens da Colônia de Pescadores Z-3

Nas margens do canal São Gonçalo, que liga a Lagoa dos Patos à Lagoa Mirim, se localiza o município de Pelotas, onde se encontra a Colônia de Pescadores Z-3, também conhecida como Colônia de São Pedro. Esta colônia de pescadores e pescadoras é classificada como área rural do município de Pelotas e se distancia do centro urbano cerca de vinte quilômetros (NIERDELE *et. al*, 2005). O mapa a seguir ilustra a localização da Colônia de Pescadores Z-3 e, em relação à Praia do Barro Duro, ao Balneário do Laranjal e ao Centro Urbano de Pelotas.



Mapa 01. Mapa da Colônia de Pescadores Z-3.

O ônibus urbano da linha Laranjal nos leva do centro de Pelotas, saindo da galeria que liga a Rua Mal. Deodoro à Rua Barão de Santa Tecla – em frente a Praça da Caixa D'água, como é conhecida a Praça Piratinino de Almeida, pelos usuários da empresa de ônibus Laranjal – até a Colônia de Pescadores Z-3. A partir daí começa a "viagem" para aqueles que não estão acostumados com este trajeto, de cerca de 50 minutos, que percorre uma variedade de paisagens. Primeiro, nos deparamos com o centro de Pelotas, desde a Rua Santa Tecla, passando pela Av. Bento Gonçalves, até o supermercado BIG, quando percorremos toda a Av. Ferreira Viana, passando pelo Shopping Pelotas, para, enfim, adentrarmos na Av. Adolfo Fetter, com grandes e novos condomínios residenciais fechados, que contorna o Bairro Laranjal. A partir do Balneário dos Prazeres, bairro chamado de Barro Duro pelos que lá vivem, entramos em uma estrada de chão chamada de Av. Amazonas. Assim, a primeira vez que eu fiz este trajeto de ônibus até a Colônia de Pescadores Z-3, fiz a seguinte descrição no diário de campo.

> *Entrei no ônibus sem saber muito onde tinha que descer, fiquei olhando a paisagem até que vi uma placa que indicava o caminho para a Z-3 e logo o ônibus entrou em uma estrada de chão. Foi então que resolvi pedir informação a um trabalhador da empresa de ônibus que devia estar voltando para casa, pois estava sentado nos bancos dos passageiros. Ele me apontou um senhor que estava sentado do seu lado, alegando ser ele a melhor pessoa para dar informações, pois era morador da Colônia Z-3. O nome dele é Marcelo e este homem devia ter cerca de 50 anos. Eu fiquei no aguardo das informações e olhando a paisagem. Logo que dobramos na placa onde dizia Colônia Z-3 já começava a aparecer muitas casas, passamos por uma praça central onde estava acontecendo uma feira livre de frutas e verduras e dois meninos tocavam berimbau (instrumento utilizado em rodas de capoeira). Eu achei que era ali a Colônia, mas a viagem seguiu ainda por outra estrada de chão, a Av. Pernambuco, por mais uns 15 minutos, costeando de um lado a Lagoa dos Patos e do outro uma*

> *mata Atlântica. Quando, finalmente, chegávamos à Colônia Z-3 eu já podia perceber que adentrávamos em um território de pescadores artesanais, e já não era necessário que alguém me indicasse um ponto de parada, pois passamos por uma casa que tinha um homem na garagem costurando uma rede, o cheiro de peixe invadiu o ônibus, eu via peixarias e um restaurante de frutos do mar. A partir disso, eu senti poderia descer em qualquer ponto de ônibus, pois a paisagem estava muito próxima as das colônia de pesca de São José do Norte. (25 de novembro de 2014)*

O bairro Barro Duro, indicado no mapa 01 e ao qual me refiro neste trecho do diário de campo, também é uma região habitada por pescadores artesanais, mas que, devido a sua proximidade com o centro urbano de Pelotas, ainda é uma área considerada como sendo pertencente à zona urbana da cidade. Por conseguinte, este trecho entre o Barro Duro e a Colônia de Pescadores Z-3, distante cerca de oito quilômetros, que acompanha a Lagoa dos Patos e também uma grande área de mata nativa ligada ao estuário por dois arroios que interceptam a Av. Pernambuco, é apresentado também na foto a seguir.

Figura 01. Estrada que liga o bairro Barro Duro à Colônia de Pescadores Z-3 da janela do ônibus.

Considerando o tempo gasto com locomoção nas grandes metrópoles brasileiras, o tempo de deslocamento entre a Colônia de Pescadores Z-3 e o centro de Pelotas não é exagerado. Entretanto, o que torna esta viagem fatigante para aqueles que a fazem diariamente é o tempo de deslocamento que pode aumentar devido as condições em que se encontra a estrada de chão batido – principalmente a Av. Pernambuco, que é frequentemente alvo de promessas de melhorias por parte dos políticos da região e da Prefeitura Municipal -, além das circunstanciais enchentes em períodos chuvosos, em que a Lagoa dos Patos pode ocupar a estrada e, por vezes, interromper o fluxo de veículos.

Além disso, o que dificulta a movimentação dos moradores da Colônia Z-3 e dos casuais turistas que visitam esta comunidade é o elevado preço da passagem de ônibus - que custa R$ 4,25, por ser esta comunidade considerada pertencente à área rural do município e, por isso, a tarifa do ônibus ser diferenciada e superior às áreas urbanas de Pelotas. Além disso, são poucos os horários de ônibus oferecidos pela empresa Laranjal, sendo apenas quatorze horários por dia, nos dias de semana, e 8 horários nos domingo e feriados. Assim, em uma reportagem sobre a Colônia Z-3, publicada no Jornal Laranjal, o jornalista escreveu o seguinte:

> Fátima Regina Souza teve sorte. Aposentou-se e continuou a trabalhar como doméstica numa casa no balneário Valverde. A distância é bem menor, ganha salário e vale transporte. Mas, explica, a maioria das mulheres da Z3 não consegue trabalhar porque os patrões ou patroas não querem pagar o vale e mais salário, pois a Colônia está localizada em área considerada rural e custa quase R$ 9,00 ida e volta diariamente. A amiga e vizinha, Irma Souza dos Santos confirma as palavras de Fátima. O marido também é pescador aposentado, mas nunca pensaram em sair dali. Toda a vida viveram na Z3, ir para onde? (JORNAL DO LARANJAL, 25 de maio de 2016)

Esta notícia adianta que este lugar é marcado pela presença de pescadores e pescadoras artesanais, que tem a sua história de vida neste lugar, além da especialização na atividade pesqueira, o que faz com que estas pessoas tenham dificuldades para conseguirem empregos em outros bairros da cidade.

A chegada na Colônia de Pescadores Z-3 é marcada por um aspecto bastante peculiar: o cheiro de peixe.

Para ilustrar esta característica odorífera marcante de uma comunidade de pesca tradicional, por exemplo, o pescador Deleon me contou, certa vez, que convidou uns amigos, que eram seus colegas no quartel, para visitarem a Colônia de Pescadores Z-3 e, então, ele disse o seguinte: "*Lá onde eu moro tem plantação de rosas, quando vocês chegarem vão sentir um perfume de rosas logo na entrada da minha vila*". Assim, todos os seus amigos ficaram ansiosos por chegar àquele lugar e sentir o aroma das rosas mencionado pelo Deleon. Mas, quando o carro passou pela entrada da Z-3, onde há quatro peixarias e alguns trapiches, onde atracam as embarcações pesqueiras, logo eles sentiram o odor forte de peixe, essência odorífera essa que repugnou de fato o estômago de todos.

Enfim, o cheiro de peixe é característico de cidades com tradição pesqueira, sendo mais um dado a ser considerado por alguém que decida pesquisar tais populações. Muitas vezes escuto as pessoas reclamarem, por exemplo, do cheiro de peixe que tem a cidade de Rio Grande, principalmente perto do Mercado Público central. Eu mesmo, quando era criança e estava chegando em Rio Grande com a minha família, que vinha da cidade de Viamão para pegar a balsa que transporta os veículos para São José do Norte, o cheiro de peixe era o indicativo de que estávamos próximos ao nosso destino.

Então, o cheiro de peixe anuncia a chegada na Colônia de Pescadores Z-3, onde nos deparamos com peixarias e salgas, como está ilustrado no mapa 01. Estes estabelecimentos são, geralmente, grandes galpões de concreto ou de madeira e telhado de zinco. Em alguns deles, os fundos tem uma grande porta que abre para um trapiche que adentra a Lagoa e serve para as embarcações pesqueiras, geralmente de porte médio, desembarcarem o pescado.

Atrás dos balcões de madeira, atendendo aos clientes que vão comprar peixe e camarão no atacado ou no varejo, estão as mulheres, as esposas e filhas dos pescadores. Os homens, por outro lado, são vistos na frente desses estabelecimentos, remendando redes e fumando cigarro enrolado, por vezes com uma roupa de oleado[1], usado pelos proeiros das embarcações para que as suas roupas não fiquem sujas ao recolherem as redes ou carregarem as

caixas de plástico com o pescado. Nas salgas, como são chamados os lugares onde o peixe fica no gelo aguardando para ser limpo e vendido, os homens que ficam dentro dos galpões estão ali somente para carregar o peixe do gelo para as mesas, onde as mulheres limpam o pescado.

A partir disso, fica evidente que as salgas, onde se "*escala o peixe*" (o mesmo que limpar), e as peixarias, onde se vende o peixe, muitas vezes se confundem, podendo ou não serem estabelecimentos separados apenas por uma parede ou mesmo por frízeres horizontais. Da mesma forma acontece com os restaurantes da Colônia Z-3, onde também se pode comprar peixe fresco e congelado, ao mesmo tempo em que esses espaços são também, além de estabelecimento comercial, o lar de tais famílias. Assim, a cozinha que serve para atender os clientes do restaurante ou aqueles que querem levar um peixe para fazer em casa é a mesma cozinha usada para fazer o almoço da própria família do pescador que reside neste lugar.

Assim, no Restaurante Delícias Deti e no restaurante da Alessandra, ambos localizados na Colônia de Pescadores Z-3, onde são servidos bolinhos de peixe, bobó de camarão, peixe frito e tainha assada, tudo com os devidos complementos como arroz, salada e farofa, também é possível comprar peixe fresco ou congelado. Por conta disso, é comum presenciarmos nestes lugares a cena dessas mulheres, a Deti e a Alessandra, limpando peixe, como descrevi no diário de campo.

> *Chegando à Colônia Z-3 desci do ônibus direto na Alessandra, que mora na entrada da vila e tem um restaurante e uma peixaria na sua casa. A mulher saiu de traz do balcão que separa a cozinha do salão do restaurante perguntando se gostaríamos de comer alguma coisa. Ela estava limpando o peixe que o marido tinha trazido da Lagoa na área externa e lateral da casa. O marido da Alessandra tinha voltado de uma incursão pesqueira que havia durado uma semana (17 de maio de 2015)*

Em outros relatos do meu diário de campo o espaço das cozinhas é mencionado enquanto um lugar onde as famílias recebem as suas visitas. Assim, muitos dos moradores da Z-3 me foram apresentados na cozinha da Deti, por exemplo, como trago a seguir:

> *No meio da tarde fomos eu e minha irmã Juliana no mercado da Maria, que fica em frente à casa da Detí, e aproveitamos para fazer uma visita a ela como forma de agradecimento pelo chuveiro elétrico que a Detí havia nos emprestado para colocarmos na casa que alugamos na Colônia Z-3. Assim, na cozinha desta moradora da Colônia Z-3 conhecemos a dona Tereza, uma senhora com cerca de 65 anos, que estava tomando café com bolachas com a Detí. A dona Tereza é vizinha da Detí e, como nós, tomava um café preto enquanto apreciava as fotos que a Detí havia tirado com o cantor Daniel e com o Amado Batista. (02 de setembro de 2015)*

Assim, se as mulheres somente podem ser vistas quando adentramos as casas e cozinhas, os restaurantes, as peixarias ou os pequenos mercados da Colônia, por outro lado, os homens são notados nas esquinas, nos pátios, na frente das casas, na Divinéia[1] ou nos galpões de pesca. Nesses espaços, de pé ou sentados, eles fumam palheiros e olham curiosos os visitantes.

Nos pátios e na frente das casas, os pescadores estão ligados aos cercados de suas residências pelas redes de pesca, pois uma ponta da rede fica presa aos cercados e a outra na mão do pescador que a remenda. Estes homens geralmente estão sozinhos e ficam em silêncio observando o movimento das ruas. Entretanto, nas esquinas, nos bares, nos galpões e na Divinéia os homens geralmente estão em grupos que variam entre três e oito pescadores em média, muitos deles apontam aquele olhar cortante sobre as mulheres e chegam a fazer piadas para mexer com as moças que passam, dizendo, por exemplo, “Hoje fulano vai se casar”. A seguir, trago uma situação que ilustra esta perspectiva.

> *Estávamos na frente de casa, tentando fazer uma ligação pelo celular, pois dentro de casa não havia sinal no telefone. Então, passou dois jovens, um deles de bicicleta. Eu evitei encará-los, já esperando aqueles olhares maliciosos dos homens. Um deles gritou: “e a capoeira?”,me provocando por eu ter saído, outro dia, pela vila da Z-3 com*

[1]Enseada artificial da Colônia de Pescadores Z-3, onde os pescadores para atracam os caícos, as bateras e embarcações de médio porte, e que esta indicada no mapa 1.

> *o berimbau em punho para tocar o instrumento nos trapiches. Então, eu falei: "Vai ter capoeira na escola na quarta-feira." (eu e a minha irmã fizemos algumas oficinas de capoeira com as crianças na Colônia Z-3). Então, um dos homens respondeu: "Ah... na escola não, tem que ser baixado (o mesmo que em lugar sem muitas pessoas)." - lançando olhares com segundas intenções. (20 de setembro de 2015)*

Este clima de tensão e com certa malícia, gerado pela presença de homens e mulheres no mesmo espaço, aconteceu logo nos primeiros dias em que eu me mudei para esta comunidade, como descrevo neste trecho do meu diário de campo.

> *A realidade aqui é muito distante da minha, há muita pobreza. Olho para os homens na rua e eles me intimidam, me dão medo, me remetendo a situações em que posso estar em perigo, como ser assaltada ou estuprada. Sinto que este preconceito me gera medo e, assim, tenho medo do preconceito. Não me parece seguro andar pelas ruas à noite, mas ao mesmo tempo parece. Desta forma, eu faço quadros a todo o instante das situações de risco, mudando apenas a moldura, por conseguinte, aquilo que parecia ser uma situação perigosa aos poucos se transforma em uma cena banal, comum e corriqueira.*
>
> *O fato é que os homens chegaram do "mar", como são chamadas as incursões pesqueiras. A maioria deles estava pescando na Lagoa dos Patos [neste dia fazia uma semana que havíamos nos mudado para a Colônia Z-3 que estava esvaziada de pescadores devido a essas incursões de pesca]. Senti que o clima mudou um pouco, parece mais pesado. Ontem à noite, por exemplo, haviam cerca de 10 homens parados na esquina da minha rua, quase em frente a Escola Raphael Brusque, em silêncio ou trocando poucas palavras em um tom baixo. A noite caia e o tempo piorava, havia feito muito calor durante o dia. Da janela do meu quarto, que fica voltada para a calçada, eu ouvia barulhos de moto.*
>
> *Uma amiga de Pelotas, a Thais, tinha vindo me visitar na Colônia Z-3 e queria comprar algumas*

> *frutas para fazermos um suco. Eu fiz de tudo para que ela esquecesse a idéia, pois estava com medo de sair à noite de casa, mas, por fim, me obriguei a acompanhá-la. Logo na outra esquina haviam três homens, com uma faixa etária em torno de 20 anos, eles vinham em nossa direção. Eu fiquei tensa, já quase fechando os olhos para não ver a cena que imaginava. Mas, como era de se supor, não aconteceu nada, eram apenas 21 horas e muita gente andava pela rua, comprando nos pequenos mercados da vila. Assim, esses três homens eram mais outros pescadores que circulavam pela Z-3. (04 de agosto de 2015)*

Quando a vila está esvaziada de pescadores, na situação que eles estão no mar, pescando, são as mulheres que dominam os espaços, seja da casa, dos quintais ou das ruas, então, eu me sentia mais a vontade e tranqüila. Entretanto, quando os homens chegaram do mar e não havia lugar para eles dentro das casas, consequentemente, eram os espaços públicos coletivos que eles habitavam. Neste momento eu percebia um distanciamento bem marcado entre eu e aquele território.

Mesmo assim, já nos primeiros dias de trabalho de campo etnográfico entendi que os homens têm a sua maneira de serem receptivos e, muitas vezes, se mostram dispostos a ajudar ou dar informações, com um comportamento que variava, em relação a minha pessoa, entre a cordialidade e a tensão, como no exemplo que trago a seguir.

> *Estávamos em frente a minha casa, olhando o movimento da Colônia Z-3 depois do almoço de domingo do dia dos pais. Um homem pescador que eu conhecia e prefiro não identificar passou por nós de óculos escuros. Então, eu provoquei: "Tá bonito, hein?!" em meio a risos. O homem veio conversar comigo, falava bem perto de mim a ponto de eu ter que me esquivar dele, mudar de lugar no meio da conversa. (09 de agosto de 2015)*

Algumas mulheres desta comunidade me apontaram as maneiras para manter uma relação amistosa com os homens pescadores. Assim, por exemplo, a moradora da Z-3, Renata, filha da Deti, me convidou para um

churipão (confraternização onde é servido salsichão assado com pão) com seus amigos pescadores.

> *Eram apenas eu, a minha irmã Juliana, a Renata e mais uma mulher que participavam do churrasco com cerca de dez pescadores que haviam "chegado do mar". Assim que abrimos o portão da casa onde acontecia a confraternização ouvimos algumas piadas provocadoras dos pescadores. Entretanto, o clima era amistoso e festivo. Além disso, o fato de estarmos acompanhadas de uma nativa nos tranqüilizava em relação aos assédios.*
>
> *O churrasco estava sendo assado na casa ao lado, onde havia um casal de senhores - os donos da casa -com seus netos, um com cerca de 5 anos e outro de 15 anos. Os pescadores se empolgaram com os instrumentos (um pandeiro e um violão) que haviamos levado. Eles nos falaram que tinham tambores e que iriam buscá-los depois do jantar.*
>
> *Enquanto esperávamos o churrasco alguns deles brincavam de fazer nós de marinheiro. Pedi para que eles me ensinassem algum nó e todos eles queriam me mostrar como se fazia. Neste momento sentia os olhares sobre mim mais curiosos do que maliciosos, pois eles perguntavam de onde eu era e o que estava fazendo na Z-3.*
>
> *Terminamos de comer e os rapazes foram buscar os tambores. Completou-se uma bateria com três tambores e dois pandeiros em uma cozinha mais ou menos de dezesseis metros quadrados, com uma grande mesa de madeira e algumas cadeiras onde homens e mulheres se espalhavam. Cada uma achava um cantinho para tomar a sua cerveja e o violão acabou ficando de lado.*
>
> *O som começou tímido, com intervalos entre as músicas, mas estes intervalos foram se tornando cada vez mais espaçados até que, em certo momento, eram emendadas uma música na outra.*
>
> *As músicas variavam entre sertanejo, funk, pagode e rap, com todos cantando o couro. O ápice desta festa foi com a música "Negro Drama" do grupo de rap brasileiro "Racionais Mc's", todos sabiam cantar esta canção, inclusive*

> *eu e a minha irmã. Esta música, em especial, nos uniu e desfez o clima tenso entre eu, a minha irmã e os pescadores. (31 de agosto de 2015)*

Entretanto, a relação entre eu a as mulheres da Colônia Z-3 nem sempre é amistosa, principalmente se a situação em que me encontro com elas é um caso que envolve risco as suas famílias e aos seus lares, fazendo com que elas se fechem e não me deem atenção. Assim, no momento em que a Lagoa dos Patos, devido a fortes chuvas do interior do estado, se encontrava cheia, transbordando e invadindo as residências na Colônia Z-3, como explicarei no Capítulo 3 desta dissertação, pude perceber um exemplo em que acontece uma certa rispidez de uma mulher para comigo.

> *Dentro do ônibus, em direção ao centro de Pelotas, no primeiro dia de enchente na Colônia Z-3, uma mulher que estava sentada ao meu lado apontou para os juncos secos que haviam invadido a estrada, trazidos pela cheia da laguna. Ela disse: "Olha ali aonde veio à água". Nós concordamos, através do olhar, sobre a gravidade da situação. Então, eu perguntei se havia entrado água na casa dela e esta mulher me respondeu que sim e que por isso estava na casa da sua irmã, também na Colônia Z-3.*
> *Então, esta mulher me perguntou onde eu morava. Eu disse que morava em frente a escola Raphael Brusque, onde a água ainda não havia chegado. Desde aí, eu tentei espichar o assunto, mas, depois disso, ela evitou a conversa. Senti que a mulher não quis ficar se lamentando para alguém que não estava na mesma situação que ela. (16 de outubro de 2015)*

Este estranhamento entre eu e as moradoras da Colônia Z-3 acontecia principalmente nas situações em que a minha condição social parecia se distanciar da realidade vivida pelas mulheres desta comunidade. Assim, não há registros em meu diário de campo, por exemplo, de situações em que as mulheres demonstravam estar com ciúmes dos companheiros na minha presença, apesar disso poder ter acontecido e eu não ter percebido.

Ao longo do tempo em que eu permaneci como uma moradora da Colônia Z-3 as pessoas passaram a me conhecer e esta relação hierárquica foi

sendo amenizada, pois eu me valia dos mesmos serviços estruturais desta comunidade que os pescadores e as pescadoras para viver ali. Assim, as mulheres acabaram tendo um papel importante nesta dissertação, pois me apresentaram algumas maneiras de me aproximar do universo masculino sem que eu sofresse situações de demasiado assedio por parte dos homens pescadores.

As mulheres, por já conhecerem estes homens e conviverem com eles diariamente, sabiam as maneiras de se aproximarem deles, mesmo através de brincadeiras, sem que eles as deixassem incomodadas ou desconfortáveis. Por outro lado, o que também me aproximou dos espaços públicos e também do interior da casa de outras famílias, e isso desde a primeira visita à Colônia de Pescadores Z-3, foram as crianças. Nesta comunidade, os meninos e as meninas usam as ruas para brincadeiras como o jogo de pião e o vaivém, dos quais me falou o menino de oito anos chamado de Miguel, no dia 27 de maio de 2016.

> *Eu perguntei pra o Miguel sobre o jogo de pião: "O que é aquela roda grande que os meninos fazem na areia pra jogar pião?". Então, o Miguel, pra me explicar, foi buscar um pião na sua casa, mesmo eu afirmando que não sabia fazer este objeto rodar no chão como as crianças da Z-3 brincavam.*
>
> *O menino começou me ensinando a enrolar a cordinha no pião, no sentido contrário ao meu corpo e a lançar o objeto. Enquanto eu tentava realizar a artimanha, o Miguel me contava que o espaço circular que se fazia na areia, no meio da rua, era para delimitar o local onde o pião deveria ficar rodando no chão e que os meninos tinham que tentar tirar com os seus piões o pião dos outros que ainda estivessem dentro deste círculo. O menino que não conseguisse manter o pião dentro deste espaço tinha o seu pião enterrado no meio deste círculo e os outros meninos tentavam, então, acertar o pião do perdedor com os seus próprios piões para tirar lascas do pião do menino que houvesse perdido a disputa. O Miguel explicou que tirar lascas do pião estragava o objeto, fazendo com que os*

> *meninos tivessem que gastar dinheiro para comprar outro pião.*
> *Além deste jogo, o Miguel me falou de outro jogo com pião, chamado de vaivém. Neste jogo se faz um círculo menor e numa ponta do círculo era riscado no chão uma linha reta. O pião tinha que ir até a linha reta e voltar. O jogador poderia fazer isto em três tentativas. Aquele que não conseguisse completar este trajeto, tem o seu pião enterrado na areia para que os outros meninos tentem tirar lascas do pião com os seus piões. (27 de maio de 2016)*

As ruas da Colônia Z-3 têm, em alguns pontos, concentrações de crianças jogando pião – esta brincadeira, em especial, acontece geralmente nas esquinas -, brincando de esconder, andando de bicicleta, andando a cavalo, jogando futebol, entre outras brincadeiras que surgem no calor do momento. Além disso, a beira da praia e dos arroios, como a Praia dos Junquinhos, indicada no mapa 1, e o "Arroio do Negão" são pontos utilizados pelas crianças para tomarem banho e nadarem, além de fazerem pescarias de caniços, com isca de minhoca coletadas na valeta das ruas.

Além disso, as crianças são as responsáveis por anunciarem a chegada de visitantes no portão e mesmo de os levarem para o interior de suas casas, me fazendo, desta forma, conhecer as famílias da Colônia Z-3 e também os espaços de cultos religiosos. Este foi o caso da menina Tamires e da sua irmã Joana, como descrevo no diário de campo do dia 24 de setembro de 2015.

> *A Tamires e a Joana convidaram a mim e a minha irmã para participarmos, como espectadoras, de um ritual que elas chamavam de "terreira de Caboclo", na casa de religião afro da cacique Andréia, na Colônia Z-3. Nós, curiosas, topamos. A Joana apareceu ás 19h40min para nos buscar. Primeiramente fomos até a casa dela, que fica na esquina da rua da venda do André, onde a sua família se preparava para ir para a terreira.*
> *Os sapatos ficavam sobre um pano de chão na porta da casa, como é de costume aqui na Z-3 [onde as ruas são de chão batido], hábito que nós também incorporamos. Na Colônia Z-3, não*

> *se entra com sapatos embarrados, de um dia de chuva, em casa.*
> *Ficamos sentadas no sofá conversando com o pai das meninas sobre o mal tempo e sobre a terreira da cacique Andréia. Ele nos disse: "Terreira tu tem que ir pra sentir". Ele nos contou que tinha ido na terreira do irmão dele, no Barro Duro, mas que tinha gostado mesmo era da casa de religião da Andréia, que lá ele "se sentia bem". Entretanto, ele levantou o exemplo da sua irmã, que preferia a terreira do Barro Duro, nos explicando que a escolha da terreira para se frequentar depende de pessoa pra pessoa.*
> *Enquanto isso as meninas se arrumavam para ir para a terreira. A mãe da Joana penteava o cabelo dela, enquanto a Joana nos explicava que o seu cabelo era de "silicone", por que era enroladinho "de mola".*
> *Em meio a esta preparação, a Joana e a Tamires trouxeram umas dez guias para nos mostrar, dizendo que as usavam nos rituais da terreira. Então, as meninas começaram a perguntar para o seu pai se ele não iria conosco, "tu não vai te arrumar?", diziam. O homem respondia: "Eu não vou assim, não", mas não deixava claro se iria ou não à terreira. Até que chegou o momento de sairmos de casa e as meninas perguntaram novamente se o pai delas iria. Então a sua mulher respondeu: "Ele vai mais tarde" e saímos. (24 de setembro de 2015)*

A mãe da Joana e da Thamires, de nome Patrícia, tem com o marido mais uma filha, que já é casada. Depois deste dia, fui na casa da Patrícia mais uma porção de vezes, onde encontrava sempre a casa cheia de parentes, geralmente mulheres, vendo televisão e tomando chimarrão durante as tardes, curiosas em saber o porquê de eu ter ido morar com a Juliana, minha irmã, na Colônia de Pescadores Z-3. Desta forma, eu fui me apresentando às famílias, como no primeiro dia em que estive na Colônia Z-3, quando procurava saber se era possível alugar uma casa nesta vila para que fosse desenvolvido o trabalho etnográfico.

> *A Stela me explicou que a maioria dos terrenos da Colônia Z-3 foram divididos e compartilhados*

> *entre as famílias, conforme esses núcleos familiares iam aumentando e que existiam muitas casas de fundos, por exemplo, construídas quando um filho (a) se casasse e quisesse ter um pouco mais de privacidade.*
> *Desta forma, esta moradora da Colônia Z-3 ressaltou que era difícil haverem casas para alugar nesta comunidade.*
> *Inclusive, por conta da falta de terreno para os moradores da Z-3, muitas pessoas que moram na Colônia estavam apoiando a ocupação de um terreno localizado atrás da Igreja da comunidade, organizada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), reivindicando terras também para as suas famílias.*
> *O filho mais velho da Stela, por exemplo, havia feito um cadastro junto ao MST, a partir da promessa de conseguir um terreno para construir a sua casa. Entretanto, houveram alguns conflitos entre os ativistas e a proprietária do terreno ocupado. Segundo a Stela, a mulher concordava em doar parte das terras para os moradores da Z-3, mas não aceitava que estas terras fossem doadas também para os sem terras oriundos do Capão do Leão, ligados ao MST. Esta situação dividiu o grupo de trabalhadores.*
> *Desta forma, houve uma certa resistência das pessoas do MST do Capão do Leão para sair das terras desta proprietária, o que não foi aprovado pelos moradores da Z-3, dividindo o grupo. (25 de novembro de 2014)*

Assim, os núcleos familiares se constituem de acordo com a disponibilidade de espaço no terreno e também de acordo com os casamentos que acontecem entre os moradores da Colônia, ou mesmo os casamentos entre um morador da Z-3 e uma pessoa de outra localidade. Estes casamentos redistribuem as famílias pela Colônia Z-3 e também por outras regiões que margeiam a Lagoa dos Patos ou não. Entretanto, entre aqueles que optam por permanecer nesta comunidade pesqueira é comum que estejam frequentemente se visitando e realizando reuniões familiares, como almoços e aniversários, compartilhando os espaços domésticos.

Da mesma forma, acontece em São José do Norte, por exemplo, onde é comum haver mais de um núcleo familiar compartilhando um mesmo terreno e, às vezes, a mesma casa. Assim, acontece na casa da minha bisavó Dolcíria onde vivem o meu tio-avô Rogério, a sua esposa Tiane e os seus dois filhos, além da minha tia-avó Noela, que não é casada. Isto também acontece na casa de veraneio dos meus avós, na Praia do Mar Grosso, onde compartilhamos o pátio com o irmão do meu avô, de nome Guaraci, e a sua esposa Euterpe.

Desta forma, nos primeiros contatos com os homens da Colônia Z-3 e com as mulheres nas cozinhas e restaurantes da comunidade, ambos polarizados entre momentos de cordialidade e tensão, e também através dos hábitos das crianças da Z-3, como o de utilizar as ruas para brincadeiras como se fossem o quintal de casa e de recepcionar os visitantes, eu percebia a proximidade desta realidade com a da minha família de pescadores e pescadoras em São José do Norte.

No Norte, como também é chamada esta cidade pelos moradores de São José do Norte ou nortenses, rio-grandinos e pelotenses, as crianças brincam nas calçadas compondo gerações de amigos de uma vida inteira. No verão de 2017, quando estive na Praia do Mar Grosso, em São José do Norte, tive a oportunidade, por exemplo, de me reencontrar com alguns dos meus amigos de infância, com os quais eu e a minha irmã jogávamos vôlei, brincávamos de taco na praia, sempre visitando uns aos outros.

A minha mãe Claudia, por exemplo, lembra que uma das brincadeiras na sua infância era bombear a água de poço para a caixa, em revezamento, pois não havia água encanada no Mar Grosso. Outra brincadeira das crianças nortenses da geração da minha mãe era a de “fazer filmes”, em que um dos amigos dela, o Dois de Paus, criava histórias fictícias distribuindo os papéis dos personagens entre as crianças, que depois encenavam a peça aos adultos. Em uma destas encenações, por exemplo, em que eles contavam uma história sobre piratas, o Dois de Paus, incorporando o seu personagem profundamente chegou a fincar um pedaço de pau, que era a espada de um pirata, no olho de uma das crianças, sem querer.

As mulheres nortenses, por sua vez, têm como hábito limpar peixe e camarão, na varanda das casas. Assim, formavam-se rodas em volta das bacias de camarão com as tarefas divididas: uma tirava a cabeça do camarão,

outra tirava a casca, outra lavava e uma, com as mãos limpas, empacotava o camarão para congelar. Depois disso, parte do camarão ia para a cozinha, onde era preparado arroz com camarão e bobó de camarão pelas mulheres. Por vezes, os homens também faziam algumas iguarias culinárias, como a sopa de cabeça de camarão e o camarão no bafo, comidas que eram acompanhadas por um vinho de garrafão ou por aguardente.

Os homens nortenses, assim como os que vivem na Colônia Z-3, além de realizarem as pescarias - que no caso de São José do Norte eram de beira da praia de oceano - de caniço, de tarrafa ou rede de espera, também frequentam os bares da cidade. Em São José do Norte, na Praia do Mar Grosso, são os bares da Eloá e do Suíça que são o ponto de encontro dos homens. Assim, diariamente, durante o verão, o movimento nestes estabelecimentos inicia às onze horas da manhã, quando eles tomam o "aperitivo" antes do almoço e ali ficam conversando até que a esposa mande alguma criança avisá-lo que o almoço está pronto.

A partir destas associações entre o cotidiano da minha família e os dos moradores da Z-3, nas minhas primeiras impressões desta comunidade, eu observava uma ligação estreita entre os pescadores e as pescadoras de São José do Norte e os da Colônia Z-3, seja pelos hábitos das mulheres, dos homens e das crianças, ou mesmo pela constituição e forma de organização dos núcleos familiares, daqueles que vivem entre muitos no mesmo pátio, ou se visitam com frequência.

Além disso, o que me faz comparar as colônias de pesca de São José do Norte com a Colônia Z-3, são as distintas maneiras dos homens e das mulheres destas comunidades serem receptivos com os estrangeiros. Os homens procuram ajudar nas tarefas de manutenção da casa que aluguei; querem me ensinar a fazer nós de marinheiro; além de me recepcionarem com música e cerveja, no ambiente que lembra um bar; mas não posso "abrir muito os dentes" para eles, senão me colocam em situações desconfortáveis. Por outro lado, as mulheres abrem a cozinha, espaço que dominam, e, assim, abrem também as suas panelas fartas para me receberem, o que remete a importância das comidas típicas e da fartura para estas populações ribeirinhas. O estranhamento entre eu e as mulheres acontece principalmente em

situações em que o bem-estar das suas famílias e dos seus lares estão em risco, como quando a Z-3 passa por uma situação de enchente.

O caráter receptivo dos moradores da Colônia Z-3 pode ser considerado como uma característica cultural que defini a identidade destas pessoas, pois ela nos remete ao constante transito de marinheiros pelas margens da Lagoa dos Patos, entre as regiões de São Lourenço do Sul, de São José do Norte, de Rio Grande, de Camaquã, de Mostardas e de Tavares, entre as Ilhas do estuário da Lagoa dos Patos, como a Ilha da Torotama, a Ilha da Sarangonha, a Ilha dos Marinheiros ou mesmo das ilhotas do Guaíba e de Santa Catarina, lugares povoados por comunidades voltadas à pesca tradicional.

Assim, esses marinheiros, ou marujos, como também podem ser chamados os pescadores tradicionais, possuem o hábito de estar nas esquinas e nos bares, contando anedotas, como a que me contou o pescador Deleon sobre o "cheiro de rosas" que tinha na entrada da Colônia de Pescadores Z-3, e tomando essas piadas uns dos outros, às vezes com um saco de pão pendurado em algum prego perdido pelas paredes do bar - pão este que o pescador deve ter saído para comprar para a sua mulher, que o aguarda para o café -, por vezes, ainda, com a "roupa de oleado"[2], em um tom azul marinho, e as galochas brancas, utilizadas no trabalho.

Nestas conversas de esquinas, nos bares, ou mesmo durantes as incursões marítimas, estes marinheiros trocam experiências que tiveram em outras cidades, que margeiam a Lagoa dos Patos, e exaltam o lado bom de fazer estas longas viagens, que, para eles, é o de conhecer outras paisagens, outras pessoas e também visitar casas noturnas em lugares que ninguém os conhece, longe da família, como me foi relatado por mais de um pescador na Colônia Z-3, assim como me conta a minha avó nortense sobre alguns de nossos parentes. Os pescadores, muitas vezes, acabam tendo filhos e mesmo mantendo outra família, em outro porto, ou cais, como me contou um marinheiro sobre o seu pai.

> *O pescador me falou que ele nasceu em Camaquã. Ele, o seu pai, a sua mãe e os irmãos pescavam e viviamos arredores desta cidade. Entretanto, o pai dele envolveu-se com uma mulher no*

[2] Macacão com um tecido similar a lona de caminhão utilizado pelos pescadores e pelas pescadoras durante as pescarias e atividades afins.

> *Laranjal e com cada uma dessas mulheres, a que morava em Camaquã e a que morava no Laranjal, o seu pai teve 16 filhos, somando um total de 32 filhos, que ele já não podia mais identificar pelo nome. Estes filhos foram nascendo na medida em que o seu pai transitava entre Camaquã e o Laranjal, assim, quando o marinheiro se cansava da mulher que vivia em Camaquã ele viajava para o Laranjal e vice-versa. (11 de abril de 2016)*

Entretanto, além de filhos e esposas, deixadas nos cais das colônias de pescadores da Lagoa dos Patos, estes marinheiros também se caracterizam pelas suas contações de histórias e anedotas, às vezes com finais extravagantes, adquiridas através da oralidade, em cada ilha, porto ou cais que eles atracam, entre os membros da tripulação de uma incursão pesqueira, ou mesmo entre os membros de um mesmo núcleo familiar.

Assim, as crianças acabam reproduzindo também este tipo de narrativa, como foi o caso do Charles, com oito anos de idade, que me contou um desses causos enquanto eu viajava de caíco com ele, com a sua mãe Joice e com o seu pai Diego pelos arredores da Colônia Z-3, em direção a uma região conhecida como Corrientes.

> *Passamos pelo local que contorna a Ilha da Feitoria, entre a Ilha e a margem na qual se estende os campos da Colônia Z-3, e entramos na Lagoa Rasa. Neste momento, o Deleon disse que ao passarmos pelos juncos que formam uma espécie de ilha no meio da Lagoa Rasa adentraríamos na Lagoa Funda. Enquanto isso o Deleon e o Charles se divertiam com anedotas e piadas, por vezes muito persuasivas para um ouvinte desatento. Estas anedotas parecem ser as chamadas "histórias de pescador"*
> *Assim, o Charles nos contou, por exemplo, que um passarinho entrou na sua casa, no Corrientes, pela janela. O pequeno animal, em seu vôo rápido e desatento, entrou para uma gaiola que estava aberta de frente para a janela. Ao balançar a gaiola, o bichinho fechou a portinhola e, foi assim, que ele pegou o tal passarinho. (08 de fevereiro de 2016)*

As “histórias de pescador” são contadas nas reuniões de família não somente pelos homens, mas também pelas crianças e pelas mulheres, nos indicando que, provavelmente, as mulheres e as crianças também praticam atividades direta ou indiretamente ligadas a pesca, onde acontece a sociabilidade de narrativas e anedotas.

As mulheres, apesar de dificilmente serem reconhecidas como marinheiras, ou mesmo como pescadoras, pelos marujos pescadores, também apresentam hábitos que lembram esta figura característica de um marujo, como é o caso da moradora Deti. Esta mulher quando perguntada por mim sobre a sua história de vida, por exemplo, me contou a seguinte “história de pescadora” sobre a chegada do seu pai na Colônia de Pescadores Z3.

> *A Deti começou me contando sobre o seu pai, que veio da ilha da "Trotama" em cima de um aguapé, na enchente de 1941. Em outra ocasião, em que ela havia me contado essa história, poucos dias antes, a Deti me disse que o pai dela trouxe até uma geladeira em cima do aguapé. Então, me perguntava: "Tu sabe o que é um aguapé, guria?". Hoje ela me contou que o que o seu velho trazia no tal água-pé era um cusco, pois naquele tempo não tinha geladeira.*
> *Assim, ela me disse: "Naquele tempo não tinha geladeira, era gelo. Nem gelo. Os peixe aguentavam sem gelo. Não sei se não era muito calor, não tinha tanto desmatamento”.*

Estas histórias de pescadores e pescadoras, marinheiros e marinheiras, são maneiras também de acolher os visitantes da Colônia Z-3, nos deixando a vontade e nos aproximando dos nativos, em meio às gargalhadas, devido ao clima amistoso que esses causos produzem.

Desta forma, apesar de haver um estranhamento entre: os homens e eu, por questões de gênero; entre eu e as mulheres, pelas diferenças sociais; e entre eu e os moradores da Colônia Z-3 por eles não compreenderem, em um primeiro momento, os motivos que me levaram a ir morar na Colônia Z-3; estas pessoas também se mostram receptivas. O caráter hospitaleiro dos moradores desta comunidade fica evidente através da habilidade dessas pessoas em criar climas convidativos ao seu cotidiano e mesmo ao interior de suas casas, seja por fazerem questão de “abrirem as suas panelas” aos visitantes ou mesmo

pelas suas contações de histórias. Estas características demonstram haver, simultaneamente, relações de tensão e de cordialidade entre os moradores da Colônia Z-3 e eu, enquanto etnógrafa, de maneira de essas pessoas parecem testar o meu caráter ao longo de todo o trabalho de campo.

Assim, podemos dar início às histórias da origem desta comunidade pesqueira.

Os moradores da Z-3 desenvolveram este caráter cordial e, ao mesmo tempo, desconfiado, que gera uma tensão entre o visitante e o pescador ou pescadora, provavelmente, devido ao fato de que este núcleo populacional originou-se na Ilha da Feitoria, a partir de acampamentos temporários, para realização de pecarias de peixes e camarão, de pessoas que viviam espalhadas por estas margens, o que fez com que esta população se acostumasse com um intenso fluxo de pessoas.

Por conseguinte, no próximo tópico, apresentarei a maneira como se consolidou este núcleo de pescadores e pescadoras, primeiramente nesta ilha da Lagoa dos Patos, a Ilha da Feitoria, segundamente, nas continuidades das margens conhecidas como Balneário dos Prazeres, onde está localizada a Colônia Z-3 atualmente.

2.2. Território de Passagem: A Ilha da Feitoria

Neste subtópico apresentarei a origem deste núcleo populacional de pescadores e pescadoras da Colônia Z-3. Para isso, serão utilizadas narrativas dos moradores desta comunidade que tratam sobre as primeiras famílias que ali se fixaram, primeiramente na Ilha da Feitoria, para depois transferirem as suas residências para a Colônia Z-3. Além disso, me valho das histórias que a minha avó Maria Tereza me conta sobre os meus bisavós nortenses, pois eles acampavam por estas paragens, durante algumas safras de peixe, de forma cíclica e sazonal para exercerem atividades direta e indiretamente ligadas a pesca.

A Colônia de Pescadores Z-3 começou a se consolidar a cerca de meio século atrás, na Ilha da Feitoria, que se localiza à uma hora de barco da Z-3, e nos seus arredores, a partir de eventuais acampamentos para incursões pesqueiras dos pescadores e pescadoras que viviam espalhados pelas

margens da Lagoa dos Patos. Esses pescadores viajavam em pequenas embarcações, como botes ou bateras, acompanhados de suas famílias ou não, em busca de “buracos” – como são chamados os locais na Lagoa dos Patos onde há uma maior concentração de peixes e camarão – para a realização das pescarias.

Os moradores da Z-3 me contaram que, por essas margens, acampavam marinheiros oriundos da região do porto de Pelotas e da Barra do Laranjal, de São Lourenço, de comunidades pesqueiras de São José do Norte – como a Várzea, Bojuru, a Croa, Capivaras, Passinho e o Retiro – e da barra de Rio Grande, além daquelas famílias que viviam nas Ilhas da Lagoa dos Patos – como a Ilha da Sarangonha, Ilha da Torotama, Ilha dos Marinheiros, Ilha do Meio e também pescadores oriundo de Santa Catarina. No dia 26 de abril de 2017, por exemplo, uma das moradoras da Colônia Z-3, a Deti, me contou que nestas margens havia *“gente de tudo quanto era lugar. Eles vinham para cá, porque aqui era um lugar melhor pra pescar, o mar era melhor, era mais fundo”.*

Da mesma forma, a minha avó materna, Maria Tereza Amorim, me conta que os meus bisavós, Fernando da Silva e Elza Edy Guatério da Silva, pais do meu avô Ubirajara, já falecido, eram pescadores de São José do Norte, da região do Retiro, e que eles acampavam na Ilha da Feitoria durante a safra do bagre (*Genidens barbus*), entre os meses de julho e dezembro, em um rancho - como são chamados os pequenos pedaços de terra utilizados para a subsistência de uma família, que, na época desses acampamentos, contavam com uma casa de palha e de chão batido.

No caso deste rancho, onde ficava o meu bisavô Fernando e a minha Bisavó Elza, ele pertencia a um parente da família que tinha vacas leiteiras e algumas ovelhas. Nesta ilha da Lagoa dos Patos, nestes longos períodos das incursões para a pesca do bagre, a minha bisavó Eva costurava roupas de flanela para os pescadores e também fazia chumbo para as redes, para obter alguma renda extra, enquanto meu bisavô Fernando pescava e vendia o pescado do porto de Pelotas, trocando o dinheiro e também alguns quilos de peixe por “arrobas” (sacos de pano de 15 kg) de alimento.

Desta forma, nestes longos acampamentos de pesca, que, a princípio, eram temporários, cíclicos e sazonais, as pessoas passaram a constituir

núcleos familiares e, consequentemente, a se fixarem na Ilha da Feitoria e seus arredores, nomeando esta comunidade de pescadores e pescadoras, primeiramente, como Colônia de São Pedro. Assim, conflui neste pedaço de terra cercado de água por todos os lados e também para as margens adjacentes a esta ilha, histórias de vida similares a dos meus antepassados pescadores e pescadoras.

O relato do pescador Nene, ex-morador da Ilha da Feitoria, também nos indica o fluxo de pessoas entre estas ilhas e, por conseguinte, a formação de núcleos familiares e a fixação definitiva de pessoas oriundas de outras comunidades pesqueiras da Lagoa dos Patos na Ilha da Feitoria e seus arredores.

> *O Nene contou que em uma festa na Ilha da Feitoria conheceu a primeira esposa, que era da Ilha da Torotama. A menina engravidou quando ele tinha 16 anos e, "naquele tempo não tinha essa de engravidar e ir embora. Tinha que casar, senão era preso", me disse o Nene. Então, ele se casou com ela, mas ele não gostava da esposa e achava que a moça também não gostava dele, mas ele se casou e foi morar com ela na Ilha da Torotama. (22 de maio de 2017)*

Assim, o que a Deti me fala sobre o fluxo de marinheiros que havia onde hoje esta localizada a Colônia Z-3; as histórias que a minha avó conta dos acampamentos que os meus bisavós faziam nesta ilha; e a história de vida do pescador Nene; me fizeram imaginar a origem destes núcleos de pescadores e pescadoras nas ilhas da Lagoa dos Patos.

Estas pessoas viviam espalhadas pelas margens da Lagoa, em regiões onde havia um ou alguns poucos núcleos familiares, que compartilhavam alimentos e também instrumentos para a realização tanto das pescarias como de outras atividades necessárias ao seu cotidiano. Desta forma, os pescadores, percebendo que nos seus arredores a pescaria não estava sendo exitosa e com um núcleo familiar que, naquela época, poderia chegar a ter quatorze pessoas, entre os pais, os avós, os jovens e as crianças - como era o caso da família da minha bisavó Dolcíria, estes pescadores viam-se na necessidade de viajar pela Lagoa dos Patos em busca de "buracos" de pescaria.

Estes lugares onde havia uma maior concentração de pescado podiam ser ou não conhecidos pelos pescadores, ou mesmo esta informação poderia ser trazida por um marinheiro – que na beira d'água onde aquela família residia, vinha pedir pouso no galpão – tendo em vista que a localização dos "buracos" dependia dos regimes de vento da região sul e de chuvas. Para compreendermos esta dinâmica hidrológica, vejamos o que trago a seguir sobre este ambiente estuarino no qual vivem os pescadores na região sul da Lagoa dos Patos.

A Lagoa dos Patos possui uma superfície de 10.227 km², estendendo-se do Rio Guaíba, em Porto Alegre, até a barra do Rio Grande, onde se conecta com o Oceano Atlântico. Assim, as características hidrográficas desta laguna são altamente variáveis e dependem do regime pluviométrico, que está intimamente ligado as estações do ano e ao padrão de fluxo dos rios da bacia de drenagem (ASMUS, 1998), sendo que 85% destas águas são oriundas do Rio Guaíba, do Rio Camaquã e do Canal São Gonçalo (GARCIA, 1998), além do regime de ventos, responsáveis pela vazão de água doce para o mar e da entrada da água do mar para a Lagoa dos Patos.

Ademais, a porção de água desta laguna que está conectada com o Atlântico através da barra do Rio Grande possui características biológicas, físicas e químicas diferenciadas em relação às porções mais ao norte da Lagoa dos Patos e é conhecida como região estuarina. Esta área varia sua extensão de acordo com os regimes de chuva e com a entrada de água salgada do Oceano na Lagoa dos Patos, sendo esta última influenciada principalmente pelo regime de ventos da região, que variam sazonalmente, possuindo uma extensão média de 971 km². Os principais ecossistemas da região estuarina da Lagoa dos Patos são as áreas rasas protegidas e as áreas profundas, sendo que estas últimas constituem o corpo central da laguna (BONILHA e ASMUS, 1994 apud ASMUS, 1994)

Portanto, água estuarina é uma região que tem os seus limites marcados pela influência da água salgada do Oceano Atlântico nas águas doces oriundas dos regimes de drenagem do interior do estado. As águas oceânicas invadem a laguna purificando-a, pois além de uma alta carga de nutrientes, que também podem causar prejuízos ambientais caso não consiga chegar ao mar e ser diluída pela água salgada, a água doce possui uma carga de compostos

químicos tóxicos que são lançados ao longo do seu percurso, como efluentes domésticos, os de áreas industriais e aqueles provenientes da agricultura intensiva dos campos que margeiam a Lagoa dos Patos. A água salgada também é responsável por fazer ingressar espécies em período de reprodução, que encontram um lugar ideal para realizarem desovas no ambiente tranquilo e fértil das águas abrigadas desta laguna.

As áreas rasas do estuário, que se encontram geralmente nas suas margens ou no entorno das ilhas desta laguna, são áreas protegidas de um intenso fluxo de água onde forma-se uma vegetação chamada de marisma que serve de refugio e para alimentação de pequenas larvas de peixes, sendo estas regiões conhecidas como “berçários naturais”. Por outro lado, as zonas mais profundas, conhecidas como “buracos de pesca” pelos pescadores das comunidades tradicionais do entorno do Estuário da Lagoa dos Patos, são as áreas mais próximas a zona central do estuário que abrigam cardumes de peixes maiores, prontos para retornar ao oceano ou que entraram na Lagoa para se reproduzirem nestas águas, que são mais tranquilas que o mar.

Assim, as características hidrográficas da Lagoa dos Patos, influenciadas principalmente pelo regime de drenagem dos seus canais e pelo regime de ventos da região, determinam a produtividade de peixes e crustáceos dos quais os pescadores tradicionais se valem para manter as suas famílias. Portanto, estas pescarias apresentam elevada variabilidade entre os meses do ano e também entre os anos.

Além destas determinantes, na época em que meus bisavós viviam nestas margens não haviam barcos a motor, o que fazia com que o tempo das viagens também fossem alongados, e, assim, por vezes, os pescadores se lançavam na Lagoa nos Patos com a sua família a mercê de temporais durante as safras de peixe e camarão, que garantiam o sustento durante alguns meses. Desta forma, por conta de, antigamente, os períodos de safras de peixes e camarão serem mais extensos e frequentes do que são hoje em dia, as pessoas acabavam se conhecendo e constituindo relações de amizade e parentesco durante os acampamentos nas ilhotas do estuário.

Por conseguinte, formavam-se redes de compartilhamento de informações entre os pescadores, além de pedidos de auxílio que estas pessoas faziam para seres sobre-humanos, como Deus e Iemanjá, com fins de

garantir a pescaria e o sustento das famílias, como me contou, por exemplo, o pescador Pelé.

> *O pescador conhecido como Pelé me disse que nunca foi "de religião", apesar de ter sido criado dentro da terreira.*
> *Por outro lado, certa vez, estava com problemas financeiros e trabalhava como mestre de uma embarcação pesqueira, da qual seis famílias dependiam para o sustento - a família dele, a dos proeiros e a do cozinheiro da embarcação. Desta forma, a escolha do Pelé em relação ao lugar onde os pescadores lançariam a rede definiria o rendimento destas famílias, deixando-o com uma imensa responsabilidade.*
> *Então ele se deitou a noite e esperou que todos no barco dormissem para rezar, para "falar com Deus". O Pelé pediu para que Deus o ajudasse na pescaria, orando até pegar no sono.*
> *Então, ele contou o seguinte: "No outro dia, pela manhã, eu liguei o motor do barco, mas não sabia para onde ia. Saí, assim, meio sem rumo. Parei, marquei um ponto no GPS. Larguei uma rede pequena e saiu duas tainhas. Não via jeito de que ali tivesse um cardume, mesmo assim decidi largar a rede de cerco (a maior rede da embarcação, mais custosa para que os proeiros recolhessem e que, portanto, demandaria um bom tempo de trabalho). Nesta safada saiu 1 tonelada e meia de borriquete (Pogonias chromis), na época em que o quilo estava custando R$ 3,00 (o que significava que a pescaria estava sendo muito exitosa). Depois disso, um amigo pescador me avisou pelo rádio de um "buraco" que estava dando tainha (Mugil Platanus). Eu fui até lá e peguei mais um monte de tainha e, enfim, fui a outro "buraco" que eu já conhecia e peguei ainda mais tainha". Então eu perguntei: "Mas você disse que não tinha religião, que não acreditava em Deus...". E o Pelé me respondeu: "Eu acreditava em Deus, sempre acreditei, mas não sabia que ele era tão poderoso". (10 de agosto de 2015)*

Neste sentido, devido ao intenso transito de marinheiros, as ilhas do estuário eram pontos para o compartilhamento de informações sobre o

ambiente aquático, como a localização dos buracos de pesca e de técnicas de pescaria, entre aqueles que viviam da pesca artesanal na Lagoa dos Patos.

Desta forma, a partir de casamentos entre pescadores de diferentes regiões da Lagoa dos Patos e também do estabelecimento de relações de amizade, além da produção de sentido para os locais onde estas famílias pesqueiras passavam boa parte do ano acampadas – que podem ser observados através criação de mapas mentais por estes pescadores, marcados pela localização de uma figueira onde se pode fumar um cigarro enrolado, ou pelo posicionamento de um "buraco", onde, por vezes, pode-se encontrar uma alta concentração de pescado –, originaram-se núcleos populacionais nas ilhas onde era possível que estas famílias se estabelecessem, como a Ilha da Feitoria.

Os moradores da Colônia Z-3 lembram, frequentemente, da Ilha da Feitoria como um espaço que remete a um passado de muita fartura, festas e também casamentos. Assim, por exemplo, a Enilda Rodrigues da Silva, ex-moradora da Ilha da Feitoria como era esta comunidade, por volta de 1950.

> *A Enilda me contou que moravam na Ilha da Feitoria cerca de 200 famílias. Além das pescarias, os moradores da Ilha da Feitoria realizavam um trabalho pastoril, criando porcos, gado e ovelhas. Segundo a Enilda: "tinha porco pra todo o lado lá na Ilha". Desta forma, por conta da Ilha da Feitoria não ter luz elétrica, o que impossibilitava a conservação de alimentos, quando se matava algum animal todos da ilha ficavam com um pedaço de carne, que durava alguns dias. O restante da carne era vendida pra Pelotas ou na Colônia Z-3, onde já viviam alguns pescadores que "acamparam ali e gostaram". Então, o que mais se comia na Ilha da Feitoria era peixe e lingüiça, sendo esta última uma das maneiras utilizadas pelos ilhéus para conservar a carne.*
>
> *Na época, a Ilha da Feitoria contava com um salão de baile, uma salga, uma igreja e dois clubes de futebol. Para a Enilda "era bom de*

> *morar na ilha" e se ela pudesse voltaria a morar lá.*
> *Falando sobre os aspectos positivos de viver na Ilha, a Enilda lembrou-se que a água da Feitoria era de muito boa qualidade e os poços eram de água cristalina. Além disso, os fogareiros utilizados pelos ilhéus para cozinhar eram a lenha e inclusive os pescadores levavam lenha no barco para fazer a comida durante a pescaria, por que não era fácil o acesso a um botijão de gás, então, dentro das embarcações a comida era feita no fogo a lenha.*
> *Outra atividade dos ilhéus era secar o junco para fazer réstias de cebola. Assim, nos períodos entre safras, os moradores da Feitoria, tanto os adultos como as crianças, "batiam junco" com toras de madeira para secar e mandar pra São José do Norte. Os pescadores da Feitoria "viajavam por tudo na lagoa atrás de peixe, iam até Tavares, Capivaras e São José do Norte", onde descarregavam o junco seco, pois lá existem extensas plantações de cebola. Segundo a Enilda, na Ilha "não faltava comida porque, quando não tinha peixe, se comia cebola".*
> *Além disso, nas palavras de Enilda havia na Ilha da Feitoria, como existe hoje na Z-3, a Festa da Santa que contava com uma procissão fluvial e a procissão em terra. Nesta festa tocavam "conjuntos" musicais do centro de Pelotas.*
> *Ademais, a Enilda me falou sobre uma região da ilha da Feitoria, chamada de Sotéia, onde fica um casarão de alvenaria abandonado da antiga estância da Sotéia. Este casarão, segundo a Enilda, "mostra bem a riqueza que eram aquelas terras, com muitos peões e gado, no tempo dos escravos". (22 de maio de 2017)*

Neste mesmo dia, eu entrevistei outro ex-morador da Ilha da Feitoria, que se chama Roberto Passos Paranhas. Este pescador, presidente do

sindicato dos pescadores da Colônia Z-3, me falou sobre a Estância da Sotéia ao lembrar-se dos casamentos, do transito de marinheiros pela ilha, e das riquezas desta região.

> *O pescador aposentado Roberto me disse que muita gente morava na Ilha da Feitoria e que, por conta disso, aconteciam muitas festas e casamentos lá. O próprio Roberto havia se casado na igreja da Ilha. Além disso, apesar de ele e a esposa serem nativos da Feitoria, os casamentos nesta comunidade aconteciam "com gente de tudo quanto é lugar" e, assim, os pescadores foram se espalhando pelas comunidades pesqueiras de São Lourenço, da Várzea, de São José do Norte, da Ilha Sarangonha, da Ilha da Torotama, de Rio Grande, de Pelotas, entre outras. Para a Festa da Santa [em homenagem a nossa Senhora dos Navegantes] vinham pessoas de outras comunidades de pescadores como da Várzea, da Torotama, da Sangonha e do Norte e esta comemoração durava três ou quatro dias. Além disso, o pescador Roberto afirmou que a Ilha da Feitoria é maior que a Ilha dos Marinheiros, tendo inclusive os pescadores mapeado esta Ilha colocando nomes em determinadas regiões, como por exemplo, a Sotéia. A Sotéia é um lugar onde são achadas pedras preciosas e outros tesouros, que as pessoas enterravam em baixo das casas. O Roberto enfatizou que várias pessoas já acharam tesouros por lá. (22 de maio de 2017)*

A dona Deti, também lembra das alegrias em se morar na ilha contando anedotas sobre um concurso de beleza que acontecia todos os anos na Feitoria.

> *A Deti me contou que todos os anos era organizado o concurso da Rainha da Ilha da Feitoria, que se dava através da compra de votos (uma tradição muito comum, não só em comunidade de pescadores, mas em todo o estado do Rio Grande do Sul, no qual as candidatas vendem votos para as pessoas, para arrecadar fundos para alguma finalidade). A Deti contou, com um ar jocoso, que só uma mulher ganhava*

> *esse concurso porque o pai dela comprava todos os votos, pois todo mundo na Ilha era pobre e não tinha como comprar votos para as outras candidatas. Então, esta mulher acabou ficando torta pra um lado, de tanta faixa que ela carregava caminhando pela beira de praia de sapato de salto alto. (26 de abril de 2017)*

Portanto, a Ilha da Feitoria é representada na memória da Enilda, da Deti e do Roberto, através das lembranças que remetem a abundância daquelas terras, onde, apesar de se viver de forma simples e com certas dificuldades, haviam muitos bichos, água pura e cristalina. Além disso, a Ilha da Feitoria parece representar um tempo de muita felicidade para os pescadores e pescadoras da Z-3, pois lá haviam festas e casamentos, quermesses e concursos de beleza, que atraiam pessoas de São José do Norte, Tavares e Capivaras, entre outras comunidades pesqueiras. Assim, o casarão da Sotéia, lugar onde existem tesouros perdidos, representa para dona Enilda, por exemplo, a riqueza desta região.

A professora Laci, nascida em São José do Norte e que, a partir de acampamentos da sua família na Ilha da Feitoria, em períodos de safra, casou-se com um morador desta ilha, vindo, posteriormente, a habitá-la de forma permanente, me falou sobre alguns dos motivos pelos quais as pessoas decidiram mudar-se da Feitoria para a Colônia de Pescadores Z-3.

> *Na época em que ela foi morar na Ilha da Feitoria, a Laci tinha terminado o ginásio em São José do Norte, se mostrando, desta forma, a pessoa mais letrada daquela Ilha, que contava com cerca de quinhentos habitantes. Assim, ela começou a dar aulas para as crianças que ali viviam, e foi por apenas um ano e meio que isso se sucedeu, pois logo em seguida que a Laci mudou-se da Feitoria para a Z-3. Os ilhéus resolveram abandonar a ilha, principalmente pelas dificuldades que tinham para acessar os serviços de saúde pública. (02 de setembro de 2015)*

Em um documentário sobre a Ilha da Feitoria, que se intitula “A Ilha da Feitoria e o Povo que se Apaixonou”, que compõe o Projeto Maravilhas, promovido pela Fundação Nacional de Arte (FUNARTE) e que foi realizado

pela Rosana Almendares e o Renato Almendares, de São José do Norte, os pescadores da Colônia Z-3, junto com um dos últimos moradores da Feitoria, o seu Negrinho, contam sobre o motivo que fez as pessoas abandonarem a Ilha.

> A sombra de uma majestosa figueira, em uma roda de conversa, as histórias foram sendo reveladas e seu Negrinho usou uma expressão que me marcou. Ao relatar uma das tragédias que se abateu pela Colônia, ele falou, ao se referir a tão grande tristeza, que o "povo se apaixonou" e deixou a Ilha. [...] Pescadores: "Mas tu vê como é as coisas. Aqui na Ilha nunca teve coisas muito terríveis. No final é que aconteceu aquelas duas tragédias. Uma em cima da outra. Foi aonde o pessoal foi debandando. [...] Era uma casa velha, da falecida Dida. Queimou duas casas uma do lado da outra. Puxaram a tábua da casa e ela tava bem no canto da casa, puxaram ela, mas ela era uma pessoa velha já também e tinha queimado muito as costas, e ela não agüentou. Ai um bocado foi pra São Lourenço e para a Z-3" [...] Pescador Negrinho: No caso era eles, era eles tudo né. Era a avó, as gurias e uma irmã minha, que dormia com nós ali. Ai quando pegou fogo na casa ninguém sabia. Eles tava tudo jogando carta. Pra ti ver, queimou uma casa aqui e outra aqui e pegou fogo nas duas. Ainda a sorte que morreu só essa guria aqui. A guria tava quase pra ganhar nenê. Ai foi todo mundo embora, se apaixonaram por este negócio ai (A Ilha da Feitoria e o Povo que se Apaixonou, 2015)

Depois destes incêndios, que "apaixonaram" os ilhéus, como o seu Negrinho se refere aos traumas gerados por estas tragédias, as pessoas passaram, então, a se mudar da Feitoria, como me contou o pescador Roberto:

> *As pessoas se mudaram por que alí não tinha recurso e, depois do incêndio, as pessoas eram "mesmo que ovelhas, uma atrás da outra se mudando para a Z-3". Acho que as pessoas ficaram com traumazidas pelo episódio do incêndio. (22 de maio de 2017)*

Segundo o pescador Lucas, interlocutor da Angelita Ribeiro (2012), as pessoas deixarem de viver de forma permanente por que "pegou acontecer coisa lá", como apresenta a autora a partir do seguinte diálogo que desenvolve com este pescador:

> Angelita: E vocês dormem nas ilhas na época de safra?
> Lucas: Só no barco.
> Angelita: E que terra era essa? Qual ilha?
> Lucas: A da Feitoria. Eles contam histórias dessa ilha...Eu não gosto nem de dormir em terra lá. Teve dois incêndios. Que eu

> me lembro foi dois. E lá morava muita gente, né? Aí pegou a acontecer coisa lá e as pessoas passaram a se mudá. Veio um pouco pra cá, um pouco foi pra São Lourenço. (RIBEIRO, 2012, p.49)

Desta forma, nos dias de hoje, a Ilha da Feitoria se diferencia das demais ilhotas da Lagoa dos Patos por ser mencionada por alguns pescadores e pescadoras como um lugar assombrado, capaz de trazer “mau agouros” para aqueles que, atualmente, se arriscam em acampar por lá.

Apesar disso, a Ilha da Feitoria é, até os dias de hoje, um local utilizado pelos pescadores para atracar as embarcações e também para desenvolver atividades complementares à atividade pesqueira, como a caça, o lazer e o turismo. Além disso, esta Ilha e seus arredores, que inclui, por exemplo, a margem da Lagoa dos Patos chamada de Corrientes, de Lagoa Funda e de Lagoa Rasa, também são lugares utilizados para a criação de gado. Os donos das cabeças de gado contratam boiadeiros para cuidarem da sua criação de bovinos e dos arredores de suas terras contra eventuais roubos.

Assim, a Ilha da Feitoria ainda conta com alguns poucos moradores que se revezam entre a lida do campo e a atividade pesqueira, que vivem uns distantes dos outros, sem luz elétrica e água encanada, e que tem como fonte alternativa de alimentos como frutas, legumes e grãos, o núcleo populacional da Colônia de Pescadores Z-3. Desta forma, estas pessoas articulam redes de compartilhamento de informações, alimentos e instrumentos através das eventuais viagens de bote que fazem de um ponto a outro da ilha e dos seus arredores como estratégia para permanecerem vivendo na região.

A seguir apresento uma imagem de uma das viagens de bote que realizei com um casal da Colônia de Pescadores Z-3, a Jô e o Diego, e o seu filho Charles, até a Ilha da Feitoria e o Corrientes. O Diego é um boiadeiro, responsável por cuidar do gado, de uma das fazendas das margens da Lagoa dos Patos, próxima a Colônia Z-3.

Figura 02. Joice e seu filho Charles seguindo no bote guiado pelo Diego em direção ao Corrientes. Foto: Acervo da Carolina Amorim da S. Bittencourt, 2016.

Nesta viagem que realizei até o Corrientes, com a Joice, o Diego, o Charles e com o pescador Deleon, conheci outro casal, que vive na Ilha da Feitoria. A seguir, trago um trecho do meu diário de campo que ilustra a maneira como são estabelecidas redes de trocas entre os poucos moradores destas margens e também um pouco do que pude captar sobre o seus modos de vida.

> *Na Lagoa Funda, paramos de bote em uma das encostas para entregar um botijão de gás e um saco de alimentos que o Diego tinha ficado incumbido de trazer para um casal que morava naquelas margens.*
> *O homem, de cerca de 65 anos, nos aguardava na beira d'água nos indicando um caminho em que pudéssemos chegar mais perto da praia com o bote, pois as margens eram tomadas por juncos, o que dificultava o nosso acesso à praia. Este senhor mora em uma casa de cimento que avistávamos da praia e imaginamos que não poderíamos chegar até lá caminhando, pois*

> *havia muita lama nas margens da lagoa. A Jô queria usar o banheiro, mas quase desistiu de ir até lá depois que se deparou com aquele trecho lamacento. Entretanto, o senhor indicou um caminho seco, no contorno deste pedaço de lama, que, provavelmente, quando a lagoa estava cheia, ficava coberto de água.*
> *Nesta caminhada havia uma figueira enorme, com galhos grandes que passavam a meio metro do chão. Enquanto esperávamos a Jô ir ao banheiro, na sombra que a casa fazia, avistamos uma mulher de cabelos compridos e negros, com cerca de uns 60 anos, um chapéu largo, brincos nas orelhas e de batom vermelho. Ela vinha dizendo: "ai...ali naquela sombra que tá bom, aqui tá muito calor". Ela vinha esbaforida, subindo o pequeno morro onde a casa era assentada.*
> *Em meio à aproximação desta senhora, a Jô saiu do banheiro e eu entrei na casa. Esta residência não tinha luz elétrica e água encanada. A casa era de cimento, sem aberturas, portas ou janelas, só os buracos vazios para colocá-las. Nos fundos, um quarto. No banheiro se guardava também os apetrechos de montaria. (08 de fevereiro de 2016)*

Assim, esses dois núcleos familiares, a Joice e o Diego e este casal que vive na Ilha da Feitoria estabeleceram uma rede de compartilhamento de instrumentos - como as próprias embarcações, pois quando um casal realiza uma viagem até a Colônia Z-3 ele traz alimentos para outros núcleos familiares que vivem na Ilha da Feitoria e seus arredores - e conhecimentos sobre a Lagoa dos Patos – como os que se tratam sobre as zonas de baixios e eventuais paus que podem haver na rota da embarcação, que podem estragar os botes – como uma estratégia para continuar vivendo nestas margens isoladas.

Assim, por mais que ainda vivam alguns núcleos familiares na Ilha da Feitoria formados por casais que já não contam mais com crianças em período escolar, pois não há mais escola nesta ilha, por exemplo, essas pessoas dependem da vila da Colônia de Pescadores Z-3 para o seu abastecimento de fontes alternativas de alimentos, como frutas (banana, maçã e tomate),

verduras (alface, cenoura, batata e repolho) e grãos (arroz e feijão), que eles não cultivam, além de gás de cozinha. Por conta disso, realizam trocas também, com os pescadores que vivem em outras partes dessas margens e que passam pela ilha durante as incursões pesqueiras, nos períodos das safras de bagre, tainha e camarão.

Segundo Antônio Carlos Diegues (1983), as redes de compartilhamento de instrumentos e conhecimentos se constituem principalmente em populações com racionalidades próprias, que não a ocidental, como as comunidades ribeirinhas brasileiras de pescadores e pescadoras tradicionais.

Além disso, nesta viagem que fiz de barco pelas margens da Colônia Z-3 e da Ilha da Feitoria nos primeiros dias de fevereiro de 2016, passando pela Lagoa Funda, pela Lagoa Rasa e pelo Corrientes, pude perceber que maior parte das pessoas que moram nestas margens mais isoladas, vive em casais, como este que visitamos. Os homens cuidam do gado, dos quais eles não são donos, e também caçam e pescam no entorno da Ilha. As mulheres, por outro lado, se preocupam mais com o trabalho doméstico e com a criação de galinhas e outros animais mantidos pelas famílias, como porcos e javalis. Desta forma, nestas margens mais isoladas acontece uma divisão sexual do trabalho típica do período em que meus bisavós passaram por esta região e que já não está tão bem marcada na Colônia de Pescadores Z-3.

Ademais, estes casais necessitam visitar a Colônia Z-3 e, por vezes, até mesmo, o centro de Pelotas para acessarem os serviços de saúde pública e os eventuais benefícios oferecidos pelo Estado como as aposentadorias e o salário nos período de seguro-defeso, para aqueles que são cadastrados no sindicato da Colônia de Pescadores Z-3.

Desta forma, a Ilha da Feitoria se constitui enquanto um território de passagem, pois por intermédio deste fluxo de pessoas que vivem nas margens da Lagoa dos Patos, entre o canal São Gonçalo, em Pelotas, e as cidades de São Lourenço, Rio Grande e São José do Norte, incluindo outras Ilhas habitadas, apesar de não ser o local mais populoso desta região – que passou a ser a Colônia Z-3 – conecta um grande território, que compreende o Complexo Estuarino-Lagunar da Lagoa dos Patos e também as regiões mais distantes da água oceânica do Atlântico nesta laguna, como Camaquã e São

Lourenço, lugares estes também habitados por pescadores e pescadoras tradicionais.

Da mesma forma, este fluxo migratório da Ilha da Feitoria para a Colônia de Pescadores Z-3 a partir de tragédias relacionadas à incêndios conectam estes pescadores e pescadoras da Lagoa dos Patos aos seus antepassados portugueses, oriundos do Arquipélago dos Açores. Por outro lado, as eventuais enchentes que acontecem na Colônia Z-3, evidenciam os novos desafios encontramos por esta população ao se deslocarem para uma região mais próxima ao centro urbano de Pelotas. Estas questões serão as abordadas no próximo Capítulo desta dissertação.

CAPÍTULO 3
O ARQUIPÉLAGO: OS PESCADORES E AS PESCADORAS CONECTAM UM AMPLO TERRITÓRIO A PARTIR DAS SUAS NAVEGAÇÕES

Neste Capítulo apresento, primeiramente, a origem da Colônia de Pescadores Z-3 como um desdobramento da Ilha da Feitoria e do Arquipélago dos Açores, levando em consideração que os nativos das comunidades pesqueiras da parte sul da Lagoa do Patos são descendentes de índios, africanos e portugueses. Desta forma, será realizado um trajeto, através das narrativas dos ilhéus da Feitoria e dos moradores do Arquipélago dos Açores – estes últimos com o apoio de historiadores – sobre as catástrofes naturais, como incêndios e enchentes, que conectam estes territórios.

Por conseguinte, no segundo subitem deste capítulo, intitulado "*Agora está bom viver na Z-3 por que temos pra quem vender o peixe*", relaciono as migrações das populações pesqueiras, identificando as suas formas de desterritorialização e reterritorializaçãonos novos territórios, com a sua capacidade de serem pluriativos. Assim, apresento as formas de expressão da do caráter dinâmico da cultura pesqueira na atualidade.

Desta forma, procuro caracterizar o cotidiano dos pescadores e das pescadoras da Colônia Z-3 no que tange à variedade de atividades realizadas por essas pessoas que, mesmo não tendo uma relação direta com o setor pesqueiro, são responsáveis por manter as suas vidas ligadas à tradição pesqueira. Neste tópico, me valho de uma pesquisa quantitativa sobre a pluriatividade na Colônia Z-3 (SACCO DOS ANJOS *et al.,* 2006) e da dissertação de mestrado de Michel Figueira (2009), um nativo da Colônia Z-3 que pesquisou sobre o potencial turístico desta comunidade.

3.1. *A origem da Colônia Z-3 como desdobramento da Ilha da Feitoria*

As Ilhas da Lagoa dos Patos, como a Ilha da Feitoria, a Ilha da Sarangonha, a Ilha dos Marinheiros, a Ilha do Meio, a Ilha da Várzea, entre outras, são áreas utilizadas pelos pescadores para acampamentos durante as incursões pesqueiras. Muitos destes pescadores, inclusive, levam para estes

acampamentos toda a sua família, dependendo da época do ano, como por exemplo, durante a safra do bagre.

A safra do bagre durava cerca de seis meses, assim, nestas longas incursões pesqueiras, muitos dos pescadores e das pescadoras que acampavam nas ilhas da Lagoa dos Patos acabavam por desenvolver vínculos familiares e também afetivos com esses lugares. Desta forma, algumas famílias optavam por permanecer nestas pequenas vilas ao longo de todo o ano, e não mais sazonalmente, como faziam.

Assim, em 1940, por exemplo, a Ilha da Feitoria contava com cerca de 300 moradores, segundo relatos dos mais velhos habitantes da Colônia Z-3. Entretanto, “pegou a acontecer coisa lá”, como contou Lucas, interlocutor de Ribeiro (2012), e todos “passaram a se mudar”, se referindo a dois episódios de incêndio na Ilha.

O autor Gianpaolo Adomilli (2007), ao se referir ao processo de transformação da atividade pesqueira no Rio Grande do Sul, identifica como nativos das comunidades pesqueiras tradicionais da parte sul da Lagoa dos Patos os açorianos e os afro-descendentes, tendo em vista que os primeiros habitavam esta região desde meados do século XVIII e os segundos desde o período escravocrata, quando se dedicavam preferencialmente à atividade agrícola e pastoril.

Entretanto, este mesmo autor ressalta que uma parcela significativa dos pescadores e das pescadoras desta região se afirmam como descendentes de portugueses de Póvoa do Varzim, oriundos de um fluxo migratório que aconteceu entre fins do século XIX e meados do século XX. Além disso, muitos são descendentes de catarinenses, prioritariamente açorianos, que vieram para o sul da Lagoa dos Patos, por volta de 1940, devido à expulsão das populações tradicionais da região costeira,por conta da especulação imobiliária decorrente do turismo em Santa Catarina.

A partir disso, neste capítulo, veremos os motivos que levaram as populações de açorianos, tidos como nativos das comunidades pesqueiras do sul do Rio Grande do Sul, a migrarem para o litoral Brasileiro e os desdobramentos destas migrações no atual universo pesqueiro da região sul da Lagoa dos Patos. Nesta discussão, o ponto de partida serão as narrativas

sobre os incêndios na Ilha dos Açores, os incêndios na Ilha da Feitoria e as enchentes na Colônia Z-3.

3.1.1 *Histórico de ocupação das margens da Lagoa dos Patos*

Neste tópico serão apresentados os motivos que levaram as autoridades das Ilhas dos Açores à reivindicarem junto ao Rei de Portugal a transferência da população de ilhéus do arquipélago para o Brasil. Desta forma, trago algumas características destas Ilhas que “apaixonaram” a população de açorianos, motivando o seu deslocamento para o Novo Mundo.

No livro do historiador Gen. João Borges Fortes (1999), intitulado “A Presença Lusa na Formação Sul-Rio-Grandense”, o autor conta os motivos pelos quais as autoridades das Ilhas dos Açores solicitaram ao rei de Portugal que os ilhéus açorianos fossem transportados para o Brasil. Entre estes motivos estão: o excesso populacional da Ilha; a escassez de áreas pastoráveis; além da ocorrência de catástrofes naturais que levavam à colheitas escassas e, consequentemente, à fome. Entre estas catástrofes naturais estavam as frequentes erupções vulcânicas e também os maremotos, causados por o Arquipélago dos Açores estar localizado em uma zona de elevada sismicidade.

O Arquipélago dos Açores é formado por três grupos de ilhas em meio ao Oceano Atlântico, sendo nove as principais: a Sudeste, Santa Maria e São Miguel, com as ilhotas Formigas; no centro, Terceira, São Jorge, Pico, Fayal e Graciosa; e a Oeste, Flores e Corvo. Estas ilhas, de clima suave e solo próprio para produção de vinha, cereais, legumes e frutas, eram também utilizadas para a atividade pastoril de gado suíno, lanígero e vacum. Além disso, o seu solo é eminentemente vulcânico, sendo muitas das suas porções mais altas, antigas crateras (FORTES, 1999).

Assim, o historiador Arno André Dias de Souza (2005) enfatizou as catástrofes naturais que arremetiam o Arquipélago dos Açores como um dos motivos que impulsionava os ilhéus a abandonarem a região. Entre estes motivos está, por exemplo, um rigoroso incêndio que aconteceu em 1730 e que foi documentado em uma carta dos oficiais da Ilha da Pico para o rei de

Portugal como uma das justificativas para transportar os ilhéus açorianos para o Brasil.

> [...] nesta ilha arrebentou o incêndio, como Vossa Majestade teve por notícia, e queimou muita parte da ilha, e ficando os moradores dela com notável perda de seus bens, ficaram padecendo maior prejuízo de suas fazendas. E vendo-se assim oprimidos recorreram a esta Câmara, para que avisasse a Vossa Majestade para que usasse de sua piedade com aqueles miseráveis vassalos em os mandar transportar para as costas dos Brasis (VIANA *apud* SOUZA, 2005, p. 15).

Com relação a estas catástrofes naturais, o historiador da Universidade dos Açores, Avelino de Freitas Menezes (1999), em uma reunião de documentos sobre o papel dos açorianos na colonização do Brasil, na década de 1720, principalmente no que tange as gentes da Ilha de Pico, registrou que a região era arremetida de constantes erupções vulcânicas e abalos sísmicos que destruíam as plantações agrícolas e causavam desmoronamento de terras. Estas catástrofes naturais, por sua vez, geravam a fome na população de Ilhéus, o que incentivou as autoridades destas ilhas a solicitarem a transferência dessas pessoas para o Novo Mundo.

As inúmeras solicitações, realizadas desde 1742, dos representantes do Arquipélago dos Açores para que a corte portuguesa transferisse os ilhéus para as terras brasileiras, foram atendidas pelo Rei de Portugal somente em 1748, quando este último, vendo-se na necessidade de povoar o sul do Brasil para fins militares e econômicos, enviou das Ilhas da Madeira e dos Açores um total de 6.492 pessoas, entre 1748 e 1752, para Santa Catarina e para Rio Grande, no Rio Grande do Sul (FORTES, 1999).

Os açorianos, vendo-se arremetidos por incêndios e maremotos que destruíam as plantações, além de terem a sua população cada vez mais acrescida, o que gerava a fome e o desencanto dessa população por sua terra natal, embarcaram nos navios portugueses com destino à Santa Catarina e à Rio Grande, onde, aqueles que sobreviveram a esta difícil viagem, ocuparam o litoral brasileiro.

Da mesma forma, os Ilhéus da Feitoria, na Lagoa dos Patos, na década de 1950, decidiram deixar esta ilhota após dois incêndios, que envolveram a morte de pessoas, desencantando os moradores da ilha de viver nessas paragens, como veremos no tópico seguinte.

3.1.2 *Os incêndios na Ilha da Feitoria.*

Neste tópico trago as narrativas dos moradores da Colônia Z-3 sobre os incêndios que aconteceram nesta comunidade enquanto motivos que levaram a maioria dos ilhéus da Feitoria a transferirem as suas residências para a Colônia de Pescadores Z-3. Portanto, através destas narrativas, coloca-se uma possibilidade de nos conectarmos aos mitos de origem desta Colônia.

Os mais impactantes episódios que marcam a debandada de pessoas da Ilha da Feitoria para a Colônia Z-3 são os dois incêndios que, conforme meus interlocutores, aconteceram na década de 1950. Estes desastres me foram narrados pelo pescador e ilhéu, Roberto; pela moradora da Z-3 Deti, que não chegou a morar na ilha, mas que já estava na Z-3 quando os incêndios aconteceram; e pela dona Enilda, pertencente a família que foi acometida destes dois incêndios.

Exploremos, então, estas narrativas.Segundo o pescador Roberto,

> *O incêndio aconteceu às três horas da madrugada, quando uma família inteira dormia. O motivo foi uma vela acesa que quebrou e caiu no chão da casa, com assoalho de madeira, "naquele tempo as casas eram de madeira lá na ilha, tudo uma do lado da outra". A casa começou a pegar fogo rapidamente, atingindo uma casa vizinha.*
> *Este acidente gerou quatro ou cinco mortes. Algumas pessoas morreram na Ilha da Feitoria e outras não resistiram à viagem de barco até a Colônia Z-3 e, por conseguinte, até o hospital no centro de Pelotas, por que, na época, ainda não havia sido aberta a Av. Pernambuco, tendo como único caminho até o centro da cidade a estrada da Granja. Esta estrada era muito esburacada e com atoleiros, o que dificultava ainda mais a viagem. (22 de maio de 2017)*

A narrativa do pescador Roberto é complementada pela narrativa daDeti, que conta sobre os detalhes da chegada dos "queimados" na Colônia Z-3.

> *As pessoas saíram da ilha da Feitoria porque lá não tinha luz elétrica e se dependia do mar para sair de lá. Além disso, houve um incêndio e, como*

> *lá não tinha bombeiros e as casas ficavam longe da beira d'água, morreram muitas pessoas queimadas.*
> *Segundo a Deti, foram duas ou três casas que pegaram fogo e as pessoas vieram da ilha em um "bote de queimados". Esta interlocutora complementou: "Me lembro das pessoas queimadas chegando de bote. As pessoas vieram tudo fora do normal. Teve um que torrou a orelha, não tem orelha mais, só o buraco". (26 de abril de 2017)*

As narrativas do pescador Roberto e da Deti ressaltam, principalmente, a dificuldade de acesso à Ilha da Feitoria, colocando isto como um dos motivos pelos quais foi impossível salvar as vidas das pessoas que foram atingidas pelo incêndio. O isolamento da ilha esta representado nas seguintes imagens: "não haviam , bombeiros na Ilha" e "o acesso aos hospitais do centro de Pelotas era dificultado pela falta de uma estrada".

Estas características estão presentes na maioria das narrativas sobre o incêndio, demonstrando que os moradores da Colônia Z-3 consideram, atualmente, a Ilha como um lugar isolado, que gera a sensação de solidão. Segundo as percepções de Ribeiro (2012, p. 99), por exemplo, "*o fogo toma conta de uma casa deste território insular, a vida de fartura e calmaria passa a ser habitada pelas marcas destas mortes sofridas*".

A pescadora Enilda, pertencente a uma das famílias de Ilhéus que foi atingida no incêndio, não estava na casa na hora em que o acidente aconteceu por que já havia se mudado para a Z-3, por ter se casado com um pescador que já vivia na Colônia. Apesar disso, a Enilda me narrou detalhes sobre este incêndio e outro, que aconteceu nas vésperas do primeiro.

> *O primeiro incêndio aconteceu porque um dos irmãos da Enilda estava tirando a tinta de uma embarcação com um maçarico, ligado em um botijão de gás, que explodiu. Segundo esta interlocutora, o motivo da explosão pode ter sido porque o irmão estava manejando o maçarico muito perto do botijão de gás, que deveria estar com um vazamento. Esta explosão matou o irmão de Enilda e deixou o amigo deste homem, que ajudava a fazer os reparos na embarcação, gravemente ferido.*

> *O segundo incêndio aconteceu dias depois, na casa da mãe da Enílda, de madrugada. Segundo esta pescadora, todos da sua família estavam dormindo, menos o João (filho de uma das sobrinhas de Enílda) que fumava "cigarro feito", palheiro. Então, este homem dormiu com o cigarro aceso, motivo pelo qual iniciou o incêndio. As três horas da madrugada tudo estava em chamas. A Enílda diz se lembrar do cheiro de queimado que vinha da Ilha da Feitoria até a Colônia Z-3.*
> *A Enílda complementou "A mãe morreu no incêndio e o seu corpo estava tão queimado que ela ficou pequenininha. Ela chegou a ficar consciente por um momento, porque eu perguntava pra ela se ela estava com dor e ela só balançava a cabeça, dizendo que não."*
> *Neste incêndio, que atingiu duas casas na Colônia Z-3, morreram a mãe da Enílda e mais uma das sobrinhas dela, além de uma das irmãs da Enílda que estava grávida de 5 meses. (22 de maio de 2017)*

A Enilda chama atenção para o fato de terem acontecido dois incêndios antes da debandada geral da população de ilhéus que vivia na Feitoria. Da mesma forma, o morador da Colônia Z-3 Lucas, interlocutor de Ribeiro (2012), conta que aconteceram dois incêndios nessa comunidade.

> Porque naquela ilha aconteceu um monte de coisa lá, né? Aconteceu um incêndio e morreu duas ou três mulher morreu. Morreu a mãe, a filha e a sobrinha, parece que foi. Incendiou. Essas geladeiras que eram com gás, né? Pegou fogo no bujão. Não, o do bujão é o do guri que mora com o Laércio... Pegou fogo na geladeira, explodiu e pegou no pai e no filho... Eles são todo queimado, eles moram aqui. É o Laércio e o Iraci, eles ficaram todo queimado. Isso aí tu pergunta pra outros que eles vão te contar, até melhor que eu. Faz anos isso.
> E essa outra família pegou fogo. Não sei se foi uma vela que pegou fogo ou um desses bujãozinho, liquinho. Aí morreram, essas morreram. Esses outros não, porque se jogaram na água. Iam assim, pegando fogo, e se jogaram na água. O Laércio esse, tem um lado todo enrugado, todo queimado assim.
> Angelita: Então teve mais de um incêndio lá?
> Lucas: Teve dois incêndios. Que eu me lembro foi dois. E lá morava muita gente. Aí pegou a acontecer coisa lá e as pessoas passaram a se muda. Veio um pouco pra cá, um pouco foi pra São Lourenço. (RIBEIRO, 2012, p. 100)

A partir destas narrativas temos que os incêndios que aconteceram na Ilha da Feitoria, a partir dos quais “passou a acontecer coisa lá”, foram dois. Um deles se arremeteu sobre dois homens da Ilha, que se salvaram por estarem perto da água, se atirando nela quando o incêndio inicia. O outro acidente com fogo aconteceu na casa de uma família, de madrugada, gerando mortes.

Estes incêndios são marcos históricos desta comunidade, que justificam o abandono da Ilha da Feitoria, e a instalação desta população, entre outras comunidades das margens da Lagoa dos Patos, na Colônia de Pescadores Z-3. Desta forma, o fogo representa o início de um processo de migração e a origem de uma nova comunidade pesqueira.

Por outro lado, a Colônia de Pescadores Z-3, local para onde parte da população de ilhéus da Feitoria transferiu suas residências, apesar de não ter um histórico de acidentes com fogo, atualmente é arremetida por intensas enchentes, das quais trataremos no próximo subitem.

3.1.3 *As enchentes na Colônia de Pescadores Z-3*

Enquanto estive etnografando na Colônia Z-3, se arremeteu sobre este território mais um do que parecia ser um cenário apocalíptico e, talvez, até cosmogônico para esta população de pescadores, que foram as enchentes do fim de outubro de 2015.

Assim, no dia 19 de outubro de 2015 eu registrei no meu diário de campo que o Jornal do Almoço, programa televisivo passado pela filial da emissora Globo, a RBS, que eu acompanhava da fila do ônibus para a Colônia Z-3, já anunciava o estado de calamidade pública em que se encontrava esta comunidade, com cerca de 128 famílias desabrigadas, por conta da cheia da Lagoa dos Patos. Entretanto, ainda não havia começado a chover em Pelotas. Estas cheias aconteciam por que havia chovido muito no norte do estado do Rio Grade do Sul nos últimos dias e esta água seguiu, pela bacia de drenagem, para a Lagoa dos Patos, em direção a barra do Rio Grande, onde se conecta com o mar.

A Lagoa dos Patos recebe água de uma bacia de drenagem de 201.626km² (ASMUS, 1998), que escoam, a partir dela, em direção ao Oceano

Atlântico. Entretanto, os ventos predominantes da semana anterior às enchentes na Colônia Z-3 e também durante a semana do dia 19 ao dia 25 de outubro de 2015, quando iniciava a chuva em Pelotas, eram do quadrante sul, o que fazia com que a água desta laguna ficasse represada no canal da barra de Rio Grande. Desta forma, os níveis de água nas margens da parte sul da Lagoa dos Patos aumentavam, mesmo sem ainda haver chovido, invadindo as regiões mais baixas das cidades de Rio Grande, São José Norte e de também de Pelotas, como a Colônia Z-3.

Desta forma, o tema discutido pelos pescadores e pelas pescadoras nas rodas de conversa nas esquinas e nas casas na Colônia Z-3, durante a enchente, girava em torno do comportamento do vento, mais do que propriamente da chuva, como veremos no trecho do meu diário de campo do dia 20 de outubro de 2015, que segue abaixo.

> *A Ethelvânia, que mora próxima ao cais da Divinéia, passou em frente a minha casa. Então, eu perguntei se a água havia invadido a sua casa. Esta pescadora me respondeu que teve que subir todos os móveis, pois a água havia entrado e lavado o chão, mas já tinha baixado um pouco o nível. Desta forma, os seus filhos estavam em casa dormindo.*
>
> *Então eu perguntei pra ela sobre o comportamento vento. A Ethelvânia respondeu: "Agente acha que o vento parou né, mas olha lá as árvores, olha as folhinhas, tão balançando. Parece que esse vento é em direção a boca da Lagoa. Eu tenho por mim que essa água tá baixando." [...]*
>
> *Logo em seguida, passou por mim outra moradora da Z-3, a Dalva, que me disse: "O vento tá levando pra lá [em direção a barra do Rio Grande], mas essa água não chega em Rio Grande por que a água salgada não quer se misturar com a água doce. Então, essa água represa aqui e a Lagoa transborda. Por que a água não tem pra onde correr". [...]*
>
> *A moradora da Z-3, Deti, me disse que não tinha conseguido dormir à noite. Ela saiu de casa às 03h00min da madrugada e foi até escola para ver o movimento da enchente, de água e de gente. Ela disse que "se apavorou" quando viu*

> *que a água estava na esquina do colégio e que o vento era muito forte e completou: "Mas qualquer vento que fizesse, a água ia invadir a Z-3, porque a Lagoa estava muito cheia". (20 de outubro de 2015)*

Desta forma, mesmo sem haver começado a chover, no dia 19 de outubro as zonas da Colônia Z-3 mais baixas já haviam sido invadidas pela água da Lagoa dos Patos, como as áreas mais próximas a beira da praia e ao arroio conhecido como Arroio Sujo, que é um arroio que atravessa a entrada da Colônia Z-3, na Av. Pernambuco, e contorna a comunidade indo em direção aos campos da granja.

Para os dias 19 e 20 de outubro de 2015, quando a água da Lagoa dos Patos começava a invadir a maioria das casas da Colônia Z-3, eu registrei alguns dos incidentes dessa grande enchente e o clima em que se encontravam os moradores da vila. Assim, convido o leitor para percorrer um dos meus diários de campo sobre esta enchente.

> *O ônibus que eu peguei em direção a Colônia Z-3, partia do centro de Pelotas ao 12h15minh e estava mais cheio do que o comum. Os comentários no ônibus giravam em torno das enchentes na Colônia Z-3. Na entrada da comunidade, a maioria dos passageiros levantou dos seus assentos para ver os estragos que as cheias já haviam provocado.*
>
> *A carreira de pedras que segura à estrada da Av. Pernambuco, em caso de invasão da água da laguna, apresentava alguns trechos destruídos. Eu cheguei em casa, larguei as minhas coisas, e fui na minha vizinha Raida para saber sobre os lugares que tinham sido atingidos e os perigos de a água invadir também as nossas casas. Ela me disse que a água estava subindo e que não ia ter mais ônibus para o centro, que estava preocupada comigo, por achar que eu não conseguiria voltar para a Z-3.*
>
> *Assim que eu cheguei na Z-3 começou uma chuva bem fina e já era possível ver o movimento de caminhonetes, caminhões e carroças carregando móveis de um lado para o outro da Z-3. De madrugada, por volta das 02h30min, eu ouvi*

barulho de movimento em frente a minha casa. Abri a porta e vi um caminhão descarregando móveis na casa vizinha. Na calçada, passou por mim a Etelvânea, então eu perguntei: "Vizinha, tudo bem?" e ela me respondeu que a água da Lagoa já estava no mercado do André (que fica na rua Virgílio Mello de Azambuja, uma acima da minha casa). Naquela noite, eu dormi com o barulho do vento, que soou forte a noite toda.

No dia seguinte, acordei com batidas pesadas na porta da minha casa. Levantei correndo para ver o que acontecia. Era a minha vizinha Raida, apavorada. Ela me dizia para eu levantar os móveis da minha casa, que a água da Lagoa estava subindo muito rápido. Eu botei a cara para fora de casa e vi que a Rua Ignácio Motta, que fica ao lado da escola, estava inundada, com a água, em alguns trechos, alcançando a cintura daqueles que se arriscavam para salvar utensílios domésticos e móveis. A chuva ainda não era forte, mas era possível perceber a água da Lagoa movimentando-se, subindo pelas ruas em direção a escola da comunidade, em frente onde ficava a minha casa.

Nesta hora subimos todos os móveis da nossa casa, assim como a maioria dos moradores da Colônia Z-3 haviam feito, mesmo nas casas em que a água ainda não havia invadido, pois o cenário nos levava a pensar que a água lavaria toda a vila.

Outra forma que os moradores encontraram para, em certa medida, conter a água da laguna era cimentar carreiras de tijolos em frente à porta das casas ou colocar pilhas sacos de areia nas portas. Na nossa casa já havia, de outros episódios de enchentes, uma carreira de tijolos na porta, que foi acrescida de mais uma carreira pelo dono da casa, no aguardo desta grande enchente.

Então, as 09h da manhã faltou luz elétrica. A luz da Colônia havia sido desligada por que a caixa de luz fica em uma região chamada de Cedrinho, que havia sido umas das primeiras regiões atingidas pela enchente. O Cedrinho fica na entrada da vila, perto do Arroio Sujo, uma das zonas mais baixas da Z-3, onde geralmente

a água invade as ruas e as casas em períodos chuvosos.

Fomos até a casa da Raida para conversarmos sobre os desastres. O filho dela, o Marrer, tinha saído para ajudar a tirar os móveis das casas das famílias dos seus amigos. Em seguida o Marrer chegou com um amigo, os dois muito molhados, e disse: "Eu ajudo todo mundo por que olho para as mulheres desesperadas e penso que poderia ser a minha mãe. Eu entrei em casas que a água estava na altura das coxas".

A tarde, o sol era forte. Entretanto, no meu pátio dos fundos, que está em um nível mais baixo que a porta da minha casa, a água estava na altura da minha canela. Saí na rua novamente e na esquina, em frente à farmácia, haviam caícos estacionados. Nesta mesma rua, Ignácio Motta, na qual esta localizada a pracinha da Z-3, não se podia mais ver esta área de lazer, pois a praça estava completamente submersa. Então, presenciei uma cena, com a minha vizinha Raída, que imaginamos ser inédita, o acidente de um caíco com um caminhão, que compartilhavam a rua e acabaram se batendo.

Por mais que os estragos fossem muitos, a nossa rua, Alm. Raphael Brusque, por estar em uma parte mais alta da vila, ainda não estava totalmente inundada e por isso as pessoas traziam os seus automóveis para estacionar em frente as nossas casas. Ademais, a todo o momento passavam caminhões e tratores carregando móveis e, por vezes, pessoas, para o salão da Igreja da comunidade. O movimento na Colônia Z-3 era intenso. As pessoas, de galocha e alguns de macacão de oleado, caminhavam de um lado para o outro da vila, carregando cobertores e mantimentos que eram distribuídos pela prefeitura e chegavam de caminhão na Colônia.

Eu e a minha irmã fomos até a casa da Detí e na chegada encontramos o seu marido Rostinho escutando radio, sentado nos bancos de madeira que tem em frente a sua casa. Então, perguntamos sobre a casa do filho da Detí, o Ninito, que tem uma residência na beira da praia, bem próximo ao cais da Divinéia. Ele disse

> *que o muro havia caído, mas que não tinha entrado água no pátio por que o terreno, apesar de ser na beira da praia, tinha sido aterrado e era bem alto. Entretanto, só se podia chegar lá de bote.Então, a Deti disse estar preocupada com a casa do seu filho Ninito, pois "não se deve construir casa assim, tão na beira da praia" e completou: "casa em beira de praia, assim, tem que usar material de contenção que não tenha custo, como areia, arame, bambu, plantas. Se os materiais utilizados fossem esses, não tinha problema de a água levar, pois não haveria prejuízo". (20 de outubro de 2015)*

A minha vizinha Raida, que vivia na Colônia Z-3 a cerca de três anos, demonstrou, diante dos estragos gerados pela enchente, uma exasperação, em comparação com os relatos da Deti e da Ethelvânia. A Ethelvânia e a Deti, que nasceram na Colônia Z-3,não se preocupavam tanto com aos riscos da entrada da água da Lagoa na vila, mas se posicionaram em um estado de vigília, procurando por medidas que pudessem ser tomadas para que fossem evitados maiores prejuízos nesta e nas futuras enchentes. Assim, os moradores da Colônia Z-3 tomam estas catástrofes naturais como um fato previsto, pela proximidade das suas residências com a Lagoa dos Patos e com os arroios do entorno.

O contato direto com a água na Colônia Z-3 parece fazer parte do cotidiano desta vila e o fato de as águas "lavarem" a casa ou as embarcações é coisa esperada e que não gera situações de extremo desespero dessas populações, em comparação com os episódios dos incêndios que aconteceram na Ilha da Feitoria, e que causaram a morte de alguns ilhéus.

O autor Rafael Victorino Devos (2002), que desenvolveu um estudo etnográfico e etnológico com os antigos moradores da Ilha Grande dos Marinheiros, localizada no Delta do Jacuí, próximo à Porto Alegre, identificou algumas características das memórias dos ilhéus relacionadas ao fenômenos das enchentes. Segundo este autor, as cheias fazem parte do cotidiano dos Ilhéus da Pintada e também estão presentes da memória coletiva daqueles que vivem em bairros periféricos da cidade de Porto Alegre, como o bairro

Navegantes, que, atualmente, devido as novas condições estruturais da cidade, se encontra cada vez mais afastado das margens do Rio Guaíba.

Desta forma, a invasão das Ilhas e outras margens pelas cheias das águas conecta um amplo território costeiro, que se estende de Porto Alegre à parte sul da Lagoa dos Patos, onde está localizada a Colônia Z-3, através das memórias coletivas, por exemplo, da enchente de 1941, mencionadas tanto pelos interlocutores de Devos, como pelos moradores da Colônia Z-3. No caso desta última, trouxe no Capítulo 2 a narrativa de Deti, em que esta interlocutora conta que o seu pai veio da Ilha da Torotama para a Colônia Z-3 em cima de um aguapé na enchente de 1941**.**

O fenômeno das enchentes, por fazer parte da memória destas populações, faz com que as pessoas saibam como lidar com esta catástrofe natural. Assim, os moradores da Colônia Z-3, apesar da enchente, por exemplo, mantinham o seu bom-humor, fazendo, inclusive, anedotas sobre esta situação, como descrevo a seguir.

> *Eu e a Juliana fomos com a Renata, filha da Deti, ver o movimento dos caminhões do Exército que chegavam na Z-3. Eu havia contado três caminhões, mas com cada pessoa que conversávamos este número crescia, chegando ao relato de que houveram na Z-3 sete caminhões do exército para trazerem roupas, alimentos e cobertores para os desabrigados pela enchente. As mulheres da Colônia comentavam, enquanto caminhavam de braços cruzados pela Rua Raphael Brusque, sobre os "lindos militares" que chegavam à vila, lançando cantadas para os rapazes e comentando entre elas, por exemplo: "O reforço foi pouco que mandaram para a Z-3", em meio a risos e cochichos (20 de outro de 2015)*

Desta forma, conforme passava o susto das primeiras horas de enchente, começavam a aparecer, nas rodas de conversa entre vizinhos e amigos da Colônia Z-3, atingidos ou não pela águas, narrativas de cenários apocalípticos que tentavam interpretar os motivos daquela invasão da água da Lagoa dos Patos sobre a comunidade, como esta do pescador Bexiga.

> *Neste momento, chegou na casa da Deti um amigo da família, o Bexiga. Ele vinha fumando um palheiro com o tênis encharcado. Então o*

> *marido da Deti perguntou se tinha entrado água na casa dele e ele respondeu que haviam 30 cm de água dentro da sua casa. Então, a Deti provocou: "E tu acha que isso tudo aí é por causa do que, Bexiga?", insistindo que essa tinha sido a pior enchente da Z-3, que nunca tinha acontecido algo assim. Então o Bexiga respondeu: "Isso aí é a natureza. O homem pode ajudar a piorar, mas isso é coisa normal da natureza. Um dia isso tudo aqui vai acabar". (20 de outubro de 2015)*

Da mesma forma, na casa da Raida, quando nós comentávamos sobre a enchente, esta família também previa o fim da Colônia de Pescadores Z-3:

> *O Marrer, filho da Raida, disse que não devia morar ninguém na Z-3 porque aqui as pessoas perdiam as coisas de dentro de casa com as enchentes. A Raida, mãe do Marrer, completou a fala do filho dizendo: "A pesca esta acabada. Não tem mais peixe na Lagoa". Então o Marrer concluiu que todos tinham que ir morar no centro, arrumar outros empregos. Então a Juliana falou: "Mas se são todos pescadores, vão fazer o que no centro?". E a Raida respondeu se dirigindo a mim e a Juliana: "Gurias, não tem mais nada pra fazer na Z-3. Acabou tudo". (20 de outubro de 2015)*

Dias depois, quando finalmente a água começava a baixar de forma mais intensa na Colônia Z-3, coletei esta fala da Mafalda, em que ela comenta sobre as enchentes, buscando interpretar o fenômeno.

> *A Mafalda me viu passando na frente da casa dela e me disse: "Menina... quanto tempo que não te vejo?". Eu fui até o portão da casa dela conversar um pouco. Então, a Mafalda perguntou: "E as enchentes?". E eu respondi: "Ali em casa a água não entrou e aqui? Entrou?" Ela respondeu que não e completou: "Isto são as forças da natureza. São três: a água, o vento. [Ela não ia falar a terceira, então eu perguntei: e a terceira? Qual é?]. A terceira... deixa eu ver se me lembro... A água, o vento e o fogo. É né, que o fogo também destrói tudo. Mas de vento eu não entendo nada. Me criei aqui na Z-3, mas do*

> *vento eu não entendo. Mas esse vento tá bom, tá levando toda a água e não é muito forte." (31 de outubro de 2015)*

A partir das narrativas da Deti, da Ethelvânia, do Bexiga, da Raida, e da Mafalda e também pelo estudo de Devos (2002) percebemos que as enchentes são reconhecidas por aqueles que vivem nas margens da Lagoa dos Patos e do Rio Guaíba como um fenômeno natural inevitável que, apesar de gerar muitos estragos, representa um momento de renovação.

Nas memórias dos moradores da Ilha da Pintada trazidas por Devos (2002), as enchentes representam um marco temporal, que acontece no inverno, abrindo caminho para a chegada da primavera, primeiramente com a renovação da vegetação, e, posteriormente, à chegada do verão, que representa a renovação dos estoques pesqueiros.

As narrativas da Raida, do Bexiga e da Mafalda apontam para o surgimento de uma nova fase na Colônia Z-3, provavelmente marcada pela sua proximidade com o centro de Pelotas, que se dá de forma gradativa, da mesma maneira como acontece com chegada dos ilhéus açorianos no sul do Brasil no fim do século XVIII e também com os ilhéus da Feitoria para a Colônia Z-3, na década de 1950.

Assim, por exemplo, no artigo "A Colonização Açoriana e a Fundação de San Carlos (Uruguai)", de Letícia V. B. da Rosa e Claudia Schemes (2013), as autoras escrevem, a partir dos cronistas Vitorino Nemésio e Luiz Ribeiro, as particularidades dos açorianos, chamando a atenção para a sua necessidade de emigrar.

> Mais recentemente, Vitorino Nemésio destaca um conjunto de particularidades que caracterizam a singularidade dos açorianos, encontrando na geografia um item unificador que o levou a considerar a proximidade do mar, o clima, o isolamento e terra vulcânica, como elementos específicos do que denominou "açorianidade".
> Mesmo considerando a diversidade cultural do arquipélago, Nemésio assinala alguns fatores compartilhados pelo grupo - proximidade do mar, vulcanismo, condições climáticas (umidade do ar, vendavais, tempestades), isolamento, religiosidade - como elementos representativos que vão formando os valores identitários desse novo grupo em formação: os açorianos. (GOUVEIA *apud* ROSA & SCHEMES, 2013)

Além disso, estas autoras completam essas características atribuídas por Nemésio aos açorianos com as descritas pelo cronista destas ilhas, Luiz Ribeiro.

> Ampliando o conceito de açorianidade proposto por Nemésio, Luiz Ribeiro busca relacionar as influências do meio insular e das condições climáticas ao comportamento dos ilhéus. Assim, confere ao vulcanismo e às intempéries climáticas a religiosidade do povo das ilhas. Ao isolamento, atribui o temperamento açoriano, seu forte apego a terra, o saudosismo e o caráter servil e humilde. À insularidade, relaciona a atração pelo mar e a necessidade "quase instintiva" de emigrar. (RIBEIRO *apud* ROSA & SCHEMES, 2013)

Entretanto, as condições ambientais e climáticas, apesar de serem fatores importantes, são secundários quando do que se trata é da formação cultural de uma comunidade, valendo, neste quesito, o contato, as diferenças e a comunicação como condicionantes prioritárias na formação da identidade. Assim, o espírito aventureiro do açoriano é tomado como algo constituído enquanto uma identidade do grupo (ROSA & SCHEMES, 2013), que "Não emigra, muitas vezes, por imperativa necessidade. [...] Emigra por força de uma tendência natural, que às vezes constitui uma verdadeira obsessão." (RIBEIRO *apud* ROSA & SCHEMES, 2013).

Assim, a cultura aventureira açoriana parece se perpetuar atualmente entre os pescadores e pescadoras que vivem no entorno do estuário da Lagoa dos Patos, pois, mesmo quando estas pessoas pareciam ter se fixado de forma permanente na Ilha da Feitoria, a partir de acampamentos para incursões pesqueiras que geravam casamentos e, consequentemente, novas redistribuições destes "ilhéus" entre as comunidades pesqueiras das margens da Lagoa dos Patos, uma nova migração acontece para onde esta localizada a Colônia Z-3 atualmente.

Desta forma, a Ilha da Feitoria tornou-se um território praticamente inabitado, mas carregado de sentido, pois por mais que os ilhéus, antes mesmo de serem arremetidos por estes dois incêndios, já tivessem iniciado a sua migração para a Colônia de Pescadores Z-3, estes acontecimentos, que geraram mortos, feridos e "apaixonaram" a população, representam um marco histórico para os moradores da Colônia da sua migração.

Assim, os incêndios na Ilha da Feitoria compreendem uma explicação cosmogônica da população de ilhéus para deixarem as terras que, pelas suas

descrições, remetem a um tempo de água pura, abundância, festas e casamentos, como foi ressaltado através dos depoimentos trazidos no Capítulo 2 dos moradores da Colônia Z-3 Roberto, Enilda e Deti. Por outro lado, os desafios do novo território, a Colônia de Pescadores Z-3, consolidado a partir de meados da década de 1950, estão representados através das enchentes que arremetem esta população, tendo em vista que este território aumentou ainda mais a proximidade deste coletivo pesqueiro com as águas ao mesmo tempo em que as aproxima do centro de Pelotas.

Ademais, esta aproximação com a área urbana do município permite aos moradores da Z-3 variarem as suas atividades entre aquelas típicas de uma comunidade de pescadores tradicionais e as de uma área de periferia da zona urbana. Desta forma, estes moradores se deparam com as dificuldades impostas pelo capitalismo, no que tange a crises financeiras, as dificuldades de se inserir em um mercado de trabalho sem qualificação profissional e as longas jornadas de deslocamento e de trabalho.

Para tanto, os rituais afro-religiosos se consolidam como uma das formas de superar estas problemáticas e é, coincidentemente ou não, através deles que podemos acessar os mitos ligados às águas, como veremos a partir do Capítulo 5 desta dissertação, intitulado “Um passo para as narrativas míticas aquáticas da Colônia de Pescadores Z-3”, que não ficam tão aparentes quando nos confrontamos com o universo insular da Ilha da Feitoria. Assim, é na Colônia de Pescadores Z-3 que nos aproximamos dos mitos sobre Nossa Senhora dos Navegantes, Iemanjá, das Sereias e dos Tritões, personagens prioritariamente aquáticos.

Vejamos, entretanto, antes de nos aprofundamos nesta temática, o atual contexto relacionado às atividades que garantem a renda desta população de pescadores e pescadores que habitam a Colônia de Pescadores Z-3, neste próximo tópico.

3.2. *“Agora está bom de viver na Z-3, por que temos para quem vender o peixe”*

Os moradores da Colônia de Pescadores Z-3 realizam uma espécie de rotatividade de suas atividades, de acordo com a época do ano, com o número de integrantes do núcleo familiar, com a afinidade de cada pessoa com um ou outro trabalho e com as respectivas rendas obtidas em cada atividade. Desta forma, pode-se dizer que os pescadores e as pescadoras da Colônia Z-3 são pluriativos(as) e que esta característica garante, em certa medida, o mantenimento dos hábitos e costumes próprios desta população tradicional.

Segundo uma pesquisa quantitativa realizada entre os anos de 2002 e 2003, através de entrevistas com 70 famílias da Colônia de Pescadores Z-3, os núcleos familiares se dividem entre três tipos, de acordo com as atividades que os seus membros realizam. Assim, 41,4% das famílias da Colônia Z-3 são classificadas como exclusivamente pesqueiras – ou seja, que somente se dedicam a captura de pescado -, 14,29% das famílias como pluriativas de base pesqueira – que compreende as famílias que conjugam o trabalho de captura com outras atividades intimamente ligadas à atividade pesqueira, como a salga, o filateamento, feira livre, etc. - e 44,28% das famílias como pluriativas de base não-pesqueira – ou seja, que realizam uma combinação do trabalho de captura com atividades alheias ao setor pesqueiro -, sendo que se considerou como pluriativas todas aquelas famílias que tem pelo mesmo um membro exercendo alguma atividade diversa à captura de pescado e do beneficiamento para o consumo doméstico (SACCO DOS ANJOS *et al.*, 2006).

Estes dados nos indicam que a renda da maioria das famílias que vivem na Colônia de Pescadores Z-3 depende principalmente da atividade pesqueira. Por outro lado, o número de famílias que tem pelo menos um membro trabalhando em atividades alheias as pescarias também é expressivo. O autor Michel Figueira (2009), na sua dissertação de mestrado sobre a crise na pesca e a expansão do turismo na Colônia de Pescadores Z-3, nos ajuda a compreender estes dados ao nos lembrar que os moradores da Colônia Z-3 se valem da cultura herdada de seus antepassados para projetar alternativas de emprego e renda diante das crises na pesca e também nos períodos de

entressafra. Desta forma, entre as atividades diversas ao setor pesqueiro esta, por exemplo, o turismo.

Para que aqueles que buscam uma rota turística sejam instigados a visitar a Colônia de Pescadores Z-3 é imprescindível que os pescadores e as pescadoras desta vila utilizem dos seus modos tradicionais de transformação da natureza para elaborar comidas típicas, artesanatos e rotas turísticas que expressem as suas particularidades. Sendo assim, a sensibilidade dos moradores da Colônia, faz com que eles percebam as demandas dos turistas e, a partir disso, essas pessoas investem em infra-estrutura, por exemplo, nas festas da comunidade, como a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes e de Iemanjá, para receber os religiosos e os veranistas.

A Festa em homenagem à Nossa Senhora dos Navegantes e à Iemanjá gera uma grande expectativa na Colônia de Pescadores Z-3, pois é uma oportunidade de "*ver gente diferente*", e também de complementar a renda familiar. Assim, os moradores da Colônia Z-3 montam barracas para vender comidas típicas, fazem obras nas casas e decoram toda a vila para esperar os festeiros. No ano de 2015, por exemplo, quando eu estava morando na Z-3, foi reformada a escadaria da igreja e também uma área para acomodar uma praça de alimentação, onde havia, no dia da festa, barracas que ofereciam bolinhos de peixe, tainha assada com farofa, arroz com camarão, entre outras.

No restaurante da Deti foram preparados cerca de 1000 bolinhos de peixe para a Festa dos Navegantes, da mesma forma como aconteceu no restaurante da Alessandra, que também abriu uma barraca de frutos do mar na praça de alimentação ao lado da igreja da comunidade, além de ter mantido as portas abertas do seu restaurante e da sua peixaria, localizados na entrada da Z-3. Assim, no dia 31 de janeiro de 2016, a Colônia já estava toda enfeitada com bandeirinhas, aguardando a procissão terrestre em homenagem a Nossa Senhora dos Navegantes, que aconteceria no dia 01 de fevereiro de 2016.

De acordo com a classificação feita por Sacco dos Anjos *et al.* (2006), a família da Deti seria uma família pluriativa de base não-pesqueira, pois seu marido é pescador aposentado e ela sempre trabalhou com atividades ligadas as pescarias, seja pescando, escalando ou preparando pratos com peixe e camarão. Entretanto, os filhos e a filha da Deti realizam atividades que estão diretamente ligadas ao setor pesqueiro simultaneamente a outras atividades

que não tem relação com a pesca, complementando a renda total familiar, fazendo com que a família da Deti seja classificada como pluriativa de base não-pesqueira[3].

Esta forma de viver na Colônia Z-3 representa a maioria das famílias desta comunidade. Então, se compararmos as rendas mensais das famílias da Z-3, seguindo a classificação de Sacco dos Anjos *et al.* (2006), as famílias como a da Deti, pluritativas de base não-pesqueira, quase alcançam a renda das famílias pluriativas de base pesqueira, que são as famílias que apresentam uma maior renda mensal.

Entre as famílias entrevistadas na pesquisa de Sacco dos Anjos *et al.* (2006) sobre pluriatividade na Colônia Z-3, foi constatado que a renda média mensal das famílias pluriativas de base pesqueira é maior do que a renda média mensal das famílias pluriativas de base não-pesqueira e das famílias exclusivamente pesqueiras, nesta ordem, sucessivamente. Desta forma, esta pesquisa concluiu que as famílias que são pluriativas de base não-pesqueira, não superam a renda das famílias de base pesqueira provavelmente porque as atividades que executam são de baixa remuneração, como, por exemplo, trabalhos como pintores, pedreiros, empregadas domésticas e outras formas de biscate (SACCO DOS ANJOS *et al.*, 2006).

Estes dados nos evidenciam ainda que aqueles moradores que optam por efetuar trabalhos que não tenham relação com a cultura da pesca tradicional se deparam com o desafio de investir em um mercado de trabalho que exige qualificação profissional e também uma longa jornada de serviço e de deslocamento, além de uma baixa remuneração.

Por outro lado, por conta da cultura de pescadores tradicionais ser adquirida ao longo da vida do indivíduo pescador e pescadora, aqueles que optam por permanecer atuando na captura de pescado ou atividades relacionadas à pesca tem assegurada uma qualificação profissional. Este reconhecimento acontece inclusive perante Estado, por exemplo, que disponibiliza às pessoas cadastradas como pescadores e pescadoras, a partir

[3]A Deti tem quatro filhos, mas apenas dois ainda vivem no mesmo terreno que ela, compondo e dependendo da renda deste núcleo familiar. Os filhos da Deti que ainda moram com ela são o Jair, de cerca de 35 anos, que trabalha como DJ e também no restaurante “Delicias Deti” como garçom, e a Renata, com 37 anos, que além de ajudar a sua mãe com os afazeres na cozinha do restaurante, desde a limpeza até a preparação de pratos, também trabalha como diarista em algumas casas de família e em uma lancheria na Colônia de Pescadores Z-3.

dos sindicatos, um seguro-defeso para os períodos entre safras, além de aposentadorias.

Além disso, comparando as rendas das famílias pluriativas de base pesqueira com a das famílias exclusivamente pesqueiras, foi identificado a importância das atividades de beneficiamento do pescado realizadas nas salgas não-familiares e familiares, além da comercialização de pescado nas feiras livre, na composição das rendas mensais das famílias pluriativas de base-pesqueira. Por outro lado, estes autores apontaram para a necessidade da percepção do seguro-desemprego, das aposentadorias e/ou pensões, pelas famílias exclusivamente pesqueiras, que enfrentam, mais diretamente, as vicissitudes e incertezas da atividade pesqueira (SACCO DOS ANJOS *et al.*, 2006).

Assim, por exemplo, em outubro de 2015, quando aconteceu a enchente na Colônia Z-3, da qual nos referíamos no item anterior, caracterizada pelos moradores da Z-3 como a maior enchente em 10 anos, eu conversei com o pescador Vilmar, de 73 anos. Este velho marinheiro me falou sobre a importância do recebimento da aposentadoria para os pescadores.

> *O seu Vilmar disse que a vida do pescador estava muito dura, que não era fácil puxar rede, "6 ou 7 braça de rede num tempo ruim". Ele disse que os pescadores conhecem tudo dessa laguna, afirmando: "agente [os pescadores] sai pra pescar tainha de noite, guria". Então, eu perguntei: "é de tarrafa que vocês pescam?" (por causa do jeito dele de falar da pescaria como "lanceio"). Ele disse: "Não guria, agente lança 6 ou 7 braça de rede e depois tem que puxar. Imagina 6 ou 7 braça de rede com vento pra puxar, a vida do pescador não é fácil." E continuou dizendo que conhece toda a Lagoa e que num momento de "precisão", se fosse "obrigado" a ir para o Rio Grande ou para Porto Alegre, que ele sabia navegar pela Lagoa até lá. Que os pescadores mais velhos todos sabiam fazer isso. Os pescadores mais novos são os que "às vezes num sabe". O pescador Vilmar ressaltou que os pescadores estavam vivendo um momento econômico ruim, se referindo as crises no setor pesqueiro, "ainda*

> *mais pros que não são aposentados", como ele. (26 de outubro de 2015)*

A fala do pescador Vilmar, apesar de tratar sobre as dificuldades enfrentadas na pesca, ressaltando a importância do recebimento da aposentaria, atribui valor aos "conhecimentos dos pescadores" dizendo que "na hora de um aperto" sabe navegar do canal da barra do Rio Grande até o Rio Guaíba, em Porto Alegre.

Frequentemente, os pescadores e as pescadoras dão ênfase, nas suas falas, aos conhecimentos desta população tradicional e o orgulho de terem aprendido estes saberes com os seus pais e avós. Assim, o pescador Deleon me disse, por exemplo, que *"pescador não é profissão, é cultura"*. Segue o trecho do meu diário de campo no qual descrevo a maneira como o Deleon chegou a esta conclusão:

> *Eu, o meu pai e o Deleon fomos dar um passeio na praia, em direção a praia dos Junquinhos (indicada no Mapa 01). Na beira da praia tinha dois meninos com cerca de 10 anos. Os dois puxavam uma rede que estava dentro de um bote, encostado na beira d'água. Um dos meninos puxava a rede do lado que tinham as bóias e o outro do lado do chumbo, enquanto iam "safando" (tirando) o peixe que aparecia na rede. O Deleon me apontou os meninos e disse: "Viu, por isso que eu digo que pescador não é profissão, é cultura". Ele chegou perto das crianças e provocou, perguntando se tinha sido boa a pescaria. Os meninos disseram: "Foi o pai que mandou nós fazer aqui". Então o Deleon perguntou: "Onde o pai de vocês colocou essa rede?" E os meninos responderam: "Foi na Sanga Funda". (Enquanto isso o Deleon ajudava eles a safar uma savelha [Alosa fallax], que eles tinham dificuldade de tirar da rede, porque ela é toda espinhenta). (01 de fevereiro de 2016)*

Esta cena, das crianças safando a rede na beira da lagoa, demonstra que desde criança, às vezes como uma brincadeira, às vezes por conta da necessidade, vai se aprendendo não só a capturar o peixe, mas também como se tira cada tipo de peixe da rede sem se machucar; como se limpa o pescado, seja o camarão ou outro peixe; como se corta o peixe "em posta" ou se

“fileteia”; e, por fim, como prepará-lo para alimentação. Em um relato da Maria Ondina, hoje com 65 anos, a pescadora descreve também um pouco deste aprendizado: *“Com 7 anos eu já “escalava” peixe, ajudava a escalar [limpar, secar o peixe, salgá-lo]” (22 de maio de 2016)*

Os moradores da Colônia Z-3 também se sentem dignos em serem pescadores e pescadoras, ao falarem sobre as dificuldades passadas na infância e na adolescência, como também é relatado pela Maria Ondina e pelo seu marido Ivo.

> *A dona Ondina contou que aqui na Z-3, antigamente, não se comprava roupa, até porque não tinha onde comprar. As pessoas faziam “roupa de saco”. A Maria Ondina explicou, em meio a risadas, que, uma vez, o seu Ivo foi “todo faceiro” pra uma festa com uma roupa de saco de açúcar, saco de pão, que, na época, era de pano e que foi tingido de azul. Desde aí, a mulher voltou a repetir que, antigamente, “isso aqui era uma tristeza, que com oito anos ela não podia com a faca para escalar o peixe [limpar, secar o peixe, salgá-lo], então, para ajudar a mãe, ela arrancava as tripas dos peixes com as mãos”. Entretanto, depois que a Maria Ondina casou com o seu Ivo, através do trabalho com a pesca, o casal “pegou o contrato de compra e venda” da casa onde hoje vivem, vendida por um Studzinski [uma das famílias da Colônia], por 5 milhões de cruzeiros. (11 de abril de 2016)*

Esse sentimento de dignidade e orgulho em serem pertencentes a uma comunidade pesqueira esta explicitado nas falas dos pescadores e pescadoras que tratam sobre as suas histórias de vida e também naquelas que ressaltam a maneira como eram feitas “as coisas, antigamente”.

> *A Maria Ondina me falou que os pais dela eram de São Gabriel e que eles vinham pra onde hoje é a Colônia Z-3 para acampar, por causa das pescarias. Esta mulher me disse: “eles acamparam aqui e gostaram, depois vieram as famílias”. Quando estes pescadores chegaram na Z-3 só havia mata virgem, mas eles gostaram e ficaram. Depois o pai da Maria Ondina trouxe a sua mãe. O seu Ivo me disse: “Agora é tudo uma*

> *'bobagera', tem máquina de lavar, tem tudo, até fogão precisa ter seis bocas. Antigamente não tinha nem panela de pressão. Agente cozinhava no fogão de barro, agora fogão tem que ser de seis bocas". Então, a dona Ondina disse que, antigamente, "não tinha essas facilidades de máquina, 'clorofina' e sabão em pó", mas as roupas eram bem branquinhas. As mulheres iam para a barragem lavar roupa (um açude represado, utilizado atualmente para irrigação, que fica na parte norte da Colônia de Pescadores Z-3), porque lá a água era mais clara. (11 de abril de 2016)*

Além disso, também existem aquelas pessoas que não moravam na Colônia de Pescadores Z-3 e viviam, por exemplo, em outros bairros periféricos da cidade, como o bairro Barro Duro, Três Vendas, Navegantes e Dunas, e que chegam na vila em busca de trabalho e melhores condições de vida. Estas pessoas também aprendem com os pescadores mais velhos, como também me contou o pescador Deleon, de 25 anos.

> *Os pescadores conhecem porque mostram pra eles. Quando eu comecei a pescar eu tinha 16 anos, fazem nove anos que pesco. Quando eu comecei não sabia nem puxar uma rede. Mas, aí eles ensinam. Ensinam a safar. Ensinam os lugares: Capão dos Porco, Buraco da Lagoa...E na real que tu acaba aprendendo, mesmo sendo proeiro. Tu aprende os lugar que tem peixe e todos sabem os mesmos lugares, os pescadores só não vão ao mesmo tempo lá. Os véio te ensinam a puxar chumbo, porque já fizeram muito isso na infância e tu tem que aliviar pra eles. Tu aprendes o tempo que demora o tempo que não demora, até que tu, antes proeiro, adquire um barco e segue a pescaria.*
>
> *A natureza está te dando os bichos, então tu só não aprende se tu não quiser dinheiro. O conhecimento do pescador na água é maior que o conhecimento em terra. Esses pescador aí não vão no centro porque eles não sabem caminhar no centro. Agora se tu falar pra eles que tu quer um lugar pra pescar de caniço, eles vão te falar 50 mil lugar e vão mandar tu escolher ainda. Os véio nem GPS têm, mas eles sabem cada pau,*

> *cada croa que tem aí na Lagoa, que é pra que? Pra eles não perde a embarcação deles. E aí, como consequência, os proeiro já aprende, que é os filhos e os sobrinhos dos mais velhos. E eles aprendem porque eles mandam os proeiros cuidar e falam "cuida aí, cuida aí pra ver se não vai pegar na embarcação. Aí um dia que tu for pegar o barco tu já sabe onde tem pau. O seu Osmar [Mestre de Barco da Colônia Z-3], por exemplo...eles ficam conversando lá na proa e me dão o barco pra eu navegar até os peixe [os cardumes de peixe], porque eu sei os pau, sei a velocidade, onde da pra dar um pau [navegar mais rápido], onde da pra andar na manha [navegar mais devagar] e ele nem olha pra trás preocupado. O tempo mesmo ele avisa: "Vamo dá-lhe pau aí pessoal [agilizar o serviço de puxar as redes] que tá vindo tempo [mal tempo]. Aí tu olha é só umas nuvem, quando tu tá na metade da rede tá um tempo [temporal ou mal tempo] chegando já. Terra pra eles é a beira da Lagoa. Dali eles sabem tudo e o conhecimento deles é infinito. Pescador, proeiro, não pode é enjoar e ter preguiça, o resto tu vai aprender nem que tu não queira. O saber é infinito, tem muita gente que sabe muita coisa e não ensina. Os que não ensinam é considerado olhudo, "esse aí é olhudo por que vai morrer e vai levar os buraco junto com eles", as pessoas falam. Os pescadores aprendem desde criança, porque os pais deles obrigam. Mas um "olhudo" pensa: "se eu mostrar isso pra um proeiro ele vai roubar o meu buraco". (28 de maio de 2016)*

Esta narrativa do pescador Deleon apresenta a forma como os conhecimentos dos pescadores tradicionais são transmitidos, através da tradição oral e da experiência, entre as gerações. Desta forma, podemos perceber que este saber-fazer dos pescadores percorre histórias de vida, quando, por exemplo, faz parte da trajetória dos pescadores desde quando eles, ainda jovens, aprendem a recolher a rede, a safar o peixe e, por conseguinte, a navegar pela Lagoa dos Patos, indo nos "buracos" que os pescadores mais velhos já aprenderam com os seus pais e avós, da barra do Rio Grande a Porto Alegre, até adquirirem a sua própria embarcação.

Assim, ser pescador ou pescadora tradicional não é apenas ter uma profissão, mas significa apoderar-se de um tipo de conhecimento que está refletido em um modo de vida, ou seja, significa empoderar-se de uma herança cultural.

Desta forma, essas pessoas se orgulham de terem vencido as dificuldades passadas – que são o fato de viverem em um lugar que "só tinha mata virgem"; ou por serem de uma região periférica e pobre de Pelotas; de terem que trabalhar na infância, "escalando peixe"; e, na adolescência, ter de vestir "roupa de saco" para ir às quermesses da comunidade - através da atividade pesqueira. Desta forma, depois de a Maria Ondina se lembrar desta infância dura, ela fala sobre o "ouro" da Lagoa dos Patos, o camarão:

> *A Maria Ondina me disse que o último ano que teve uma boa safra de camarão foi em 2012, desde lá não se vê o "ouro" da Lagoa. Segundo a moradora da Colônia Z-3, para dar camarão, a água da Lagoa tem que começar a salgar em novembro, ficar vazando para o mar durante todo o verão. Isto faz com que o camarão consiga entrar no estuário. "Não é, Ivo?", perguntava ela ao seu marido. Então, o seu Ivo respondeu: "O camarão também entra com rebojo [vento], quando fica água parada na Lagoa". E a Maria Ondina continuou: "Na época do camarão não se pode perder um dia trabalho, senão se perde muito dinheiro. Neste período do ano, se a safra é boa, a Z-3 é uma maravilha, todo mundo fica feliz, comprando muito nas vendas." E concluí: "Na época do camarão é uma fartura, os ônibus pro centro são lotados". (11 de abril de 2016).*

A partir destes relatos percebo que os moradores desta vila reconhecem o valor da sua cultura e se mostram orgulhosos e dignos por serem pescadores e pescadoras tradicionais. Esta conclusão surge dos relatos sobre as histórias de vida, que estão diretamente relacionadas com a atividade pesqueira; quando os moradores da Z-3 exaltam a atividade pesqueira, apesar de todas as dificuldades, enquanto provedora do rendimento necessário para que as famílias criassem os seus filhos e netos, e pela atual condição de vida dessas pessoas; quando os que vivem na Colônia destacam os conhecimentos tradicionais, através das histórias de como "se faziam as coisas antigamente",

recordando os hábitos e conhecimentos transmitidos pelos seus antepassados; além de quando os moradores da Z-3 afirmam a profissão de pescador e pescadora como um veículo de transporte, entre as gerações, de uma herança cultural.

Por outro lado, como bem nos lembra Adomilli (2007), nas colônias de pescadores de São José do Norte, entre os mestres de pescaria, o saber-fazer tradicional esta para além de um aprendizado geracional, pois o conhecimento tradicional é adquirido através da experiência e da capacidade criativa individual dos pescadores e das pescadoras. Assim, de acordo com a realidade atual dessas pessoas, tanto a atividade pesqueira, como os seus hábitos e costumes são reelaborados pelos que vivem na Z-3, como na fala da Maria Ondina sobre a maneira como as mulheres “antigamente” lavavam a roupa.

Desta forma, na entrevista quantitativa de Sacco dos Anjos *et al.* (2006), quando os moradores da Colônia de Pescadores Z-3 foram indagados sobre o atual contexto econômico e político no qual esta inserida a atividade pesqueira, com a seguinte questão “o *que fariam se a crise na pesca se acentuasse e, por conseguinte, houvesse um decréscimo na renda, afetando as condições de sobrevivência da família?*” (p. 20), a maioria dos entrevistados optaram por “*esperar a crise passar*”.

Entretanto, quando eu perguntei ao pescador Deleon sobre o fato de os pescadores deixarem de trabalhar na atividade pesqueira por conta das entressafras estarem cada vez mais longas, ele me disse que os pescadores já estão acostumados a desenvolver atividades que não estão ligadas a pesca, sazonalmente.

> *Mas e o que tu acha, por exemplo, em relação a você mudar de emprego, agora que não tem peixe? Por que os pescadores mais velhos já te ensinaram e se você deixa a pescaria, estes ensinamentos serão perdidos.*
> *Então, o Deleon respondeu: “Mas isso não tem como. Se não tem peixe o dono do barco não tem como manter o pescador, ainda mais aquele que já tem um conhecimento. Até os donos dos barcos trabalham em outras coisas, como pedreiros ou nas salgas. E depois, na época da tainha, por exemplo, eles largam o emprego pra trabalhar na tainha porque o que tu ganha na tainha tu não*

> *ganha em três anos de trabalho. Depois eles voltam a trabalhar como pescadores, às vezes as safras coincidem com as férias também, e aí da pra conciliar." (28 de maio de 2016)*

Desta forma, além das pessoas que vivem da atividade pesqueira se sentirem dignos por serem pescadores e pescadoras e isto, em certa medida, incentivá-los a continuar com a atividade pesqueira, esta evidente que os pescadores e as pescadoras da Colônia Z-3 estabeleceram uma dinâmica sazonal de trabalhos ligados ou não a pesca, que permite com que essas pessoas continuem atuando como pescadores mesmo em momentos em que se agrava a crise pesqueira. Entre estas atividades estão àquelas relacionadas ao processamento do pescado, ao turismo e também aquelas alheias ao setor pesqueiro, como os serviços de "biscate" na construção civil ou, para as mulheres, os serviços domésticos nas casas de outras famílias da Colônia Z-3 ou em outras localidades de Pelotas.

Segundo a pescadora dona Ondina, quando a Colônia Z-3 foi fundada, a dificuldade de acesso ao centro de Pelotas fazia com que, às vezes, somente se tivesse cebola para comer, pois também naquele tempo, haviam as entressafras, apesar de elas serem mais curtas e menos espaçadas do que são hoje em dia. Entretanto, naquela época, pelo isolamento, não existia a possibilidade de realizar outras atividades remuneradas que pudessem complementar a renda das famílias.

Esta variedade de atividades que são realizadas pelos moradores da Z-3 atualmente está diretamente ligada com o fato de terem aberto a estrada que liga a Colônia de Pescadores Z-3 ao bairro Barro Duro, a Av. Pernambuco, e, desta forma, à Av. Adolfo Fetter, que liga esta região costeira da Lagoa dos Patos, onde vive esta população tradicional, ao centro urbano de Pelotas. Desta forma, foi facilitado o escoamento da produção pesqueira da Colônia Z-3, além do acesso destas pessoas aos serviços públicos e à outras formas de atividades remuneradas.

A criatividade dos moradores da Colônia de Pescadores Z-3 somada a uma maior proximidade com as regiões mais urbanizadas da cidade de Pelotas, na atualidade, e também o sentimento de orgulho em relação a sua cultura, permite que essas pessoas realizem uma dinâmica sazonal de

trabalhos, mantendo-se pescadores e pescadoras, o que justifica o fato de os moradores da Colônia de Pescadores Z-3 me dizerem que "*agora esta bom de viver na Z-3, por que temos para quem vender o peixe*".

Desta forma, apesar de a maioria das famílias fazer uma avaliação negativa como perspectiva para o seu futuro, todos os tipos de família, em sua maioria, disseram que não tem vontade de transferir as suas casas para a área urbana de Pelotas, deixando a Colônia Z-3, enfatizando ao longo da entrevista frases como "*Não, nós somos pescadores*" (SACCO DOS ANJOS*et al.*, 2006, p. 21). Assim, os dados apresentados por Sacco dos Anjos *et al.* (2006) permitem supor que:

> [...] a pluriatividade na pesca artesanal vem servindo como importante estratégia de reprodução social das famílias. As formas que esse fenômeno assume são variadas e refletem as dinâmicas de desenvolvimento local e a estrutura de oportunidades com que contam estas pessoas para assegurarem condições mínimas de sobrevivência [...] (ANJOS *et al.*, 2006, p.23).

Na atividade pesqueira, apesar de ser perceptível uma certa divisão do trabalho, que está ligada tanto ao gênero, quanto a faixa etária das pessoas, todos os membros de uma família sabem como pescar e escalar o peixe - claro que uns com mais prática e experiência e mesmo com mais afinidade com determinadas atividades do que outros -, além de ser comum, desde "antigamente", a realização de outras atividades que poderiam complementar a alimentação e até a renda do núcleo familiar, como a agricultura, a caça, a atividade pastoril, e as atividades de costura e domésticas, sendo estas duas últimas, mais especificamente, própria das mulheres. Desta forma, quando estes núcleos familiares viviam mais isoladamente ou, até mesmo, os que ainda vivem de forma consideravelmente isolada, na Ilha da Feitoria, essas pessoas realizavam, ou ainda realizam, uma variedade de atividades, além da pesca, propriamente dita.

De acordo com o que vimos no item 3.1 deste Capítulo, por exemplo, as populações tradicionais das margens da Lagoa dos Patos são descendentes açorianos, africanos, poveiros e catarinenses. Por conta disso, compartilham hábitos de vida que transitam entre a atividade agrícola, pastoril e pesqueira de acordo com a época do ano, com a eficiência das técnicas de trabalho e com a capacidade criativa de articular uma diversidade de conhecimentos.

A partir disso, podemos concluir que as experiências dos pescadores e das pescadoras tradicionais fizeram com que a cultura relacionada à pesca tradicional se voltasse à formação de indivíduos múltiplos e criativos, que pudessem realizar uma diversidade de atividades ligadas ou não à pesca. Desta forma, a criatividade individual em comunhão com as novas condições de vida fizeram com que os moradores da Z-3 também se tornassem pluriativos diante de uma maior oportunidade de diversificar as suas formas de trabalho.

O fato de essas pessoas estarem conectadas a outros bairros de Pelotas e, assim, poderem complementar a sua renda com outras atividades, direta ou indiretamente ligadas ao setor pesqueiro, constitui-se como uma estratégia criativa dos pescadores e das pescadoras tradicionais para preservar a sua cultura, pois, assim, não é preciso abandonar a atividade pesqueira completamente para se garantir a subsistência familiar. Ademais, isto conflui para o motivo de ser uma das principais demandas dos moradores da Colônia de Pescadores Z-3 a pavimentação da Av. Pernambuco, que liga a Colônia de Pescadores Z-3 ao bairro Barro Duro, ou seja, à zona urbana do município de Pelotas.

Portanto, reunindo esta multiplicidade de saberes-fazeres que estão presentes na Colônia Z-3 essas pessoas transitam entre a identidade própria de uma periferia de Pelotas - como a de pessoas que se distribuem entre os sub-empregos disponíveis nas áreas urbanas, fazendo da Z-3 uma colônia dormitório – e a identidade de pescador e pescadora tradicional, conforme lhes convém. Assim, através de um transito de identidades, estas pessoas mantêm viva a sua cultura pesqueira, pois a possibilidade cada vez mais ampliada de diversificar as suas atividades somadas à sua criatividade se constitui enquanto uma estratégia para manter a sua tradição pesqueira, mesmo diante das crises no setor.

A partir disso, partimos para o Capítulo 03, em que apresento através da mitologia as relações familiares, entre os homens, as mulheres e as crianças da Colônia Z-3 e também as diversas etnias presentes neste território pesqueiro, de maneira a mapear universos simbólicos que irão nos auxiliar a entender os rituais míticos que acontecem na Colônia Z-3, os quais nos aprofundaremos no Capítulo 04 desta dissertação.

CAPÍTULO 4
O CONVIVER ENTRE HUMANOS, NÃO-HUMANOS E SOBRE-HUMANOS NA COLÔNIA DE PESCADORES Z-3

O autor Rogério Reus Gonçalves Rosa (2013), no seu artigo sobre os mitos dos personagens conhecidos como Negrinho do Pastoreio, Saci-Pererê e El Quemadito, argumentou que as narrativas mitológicas têm como tema a origem, o devir, a eternidade, as trocas simétricas e assimétricas entre humanos, não-humanos e sobre-humanos.

Este mesmo autor, em um trabalho sobre mitologia e xamanismo nas relações sociais dos povos indígenas Inuit e Kaingang, identifica os seres não-humanos e sobre-humanos como desdobramentos dos seres humanos. Assim, segundo esta classificação, da qual me valho nesta dissertação, os seres sobre-humanos ou super-humanos (xamãs, curandores, benzedeiras, pais de santo e profetas) são aquelas pessoas capazes de realizar mediações entre os humanos e os não-humanos. Por outro lado, os não-humanos são aqueles que possuem poderes no mundo invisível, como os espíritos, as divindades e as entidades que vivem no topo/embaixo, no céu/subterrâneo, no leste/oeste (ROSA, 2013).

Na Colônia de Pescadores Z-3 as construções simbólicas próprias da cultura portuguesa são trazidas, por exemplo, pelas práticas mágicas das benzedeiras e por personagens míticos chamados de Bruxas e Lobisomens, (RIBEIRO, 2012). Estes seres, as Bruxas, os Lobisomens e as Benzedeiras, são classificados como sobre-humanos na medida em que são identificados em humanos vivos ou falecidos, capazes de estabelecerem relações de máxima comunicação com os humanos.

Além disso, as narrativas míticas desta comunidade são atravessadas personagens não-humanos, que se apresentam através de ruídos de “negros que arrastam correntes” e de “índios que cavalgam pela Ilha da Feitoria”, evidenciando a presença das cosmologias negras e indígenas na Colônia Z-3 (Ribeiro, 2012).

A partir disso, e dos dados que serão trazidos ao longo deste Capítulo, poderemos notar que as narrativas, os rituais e os personagens míticos interferem, em certa medida, na realidade vivida dos moradores da Colônia Z-

3, por exemplo, no que tange a cura de doenças, aos usos do território e também na mediação de conflitos de gênero.

Entretanto, antes de percebermos como a mitologia atua na ordem sociológica da Z-3, precisamos explorar o arcabouço cosmológico desta comunidade. Assim, o primeiro subtópico deste Capítulo apresenta os moradores da Colônia, por meio das suas narrativas e dos seus álbuns de família, a partir da auto-identificação dos seus fenótipos e da identificação pela pesquisadora de algumas narrativas enquanto expressões das cosmologias negras, indígenas e portuguesas.

Por fim, no subtópico 4.2, apresento a maneira como se configuram as relações entre os homens, as mulheres e as crianças. Desta forma, coloco em evidência o interior das casas, os pátios e as ruas da Z-3, trazendo o cotidiano das famílias e, assim, ilustrando alguns dos problemas sociais que atingem esta população de pescadores e pescadoras.

4.1 As cosmologias presentes na Colônia de Pescadores Z-3.

O povoamento da Ilha da Feitoria, como já tratamos no Capítulo 2 e no Capítulo 3, surgiu a partir de acampamentos de pescadores e pescadoras das margens da Lagoa dos Patos para incursões pesqueiras sazonais e cíclicas que geraram vínculos com este território insular, através do desenvolvimento de relações de parentesco ou de afeições simbólicas destas pessoas com a Ilha. Até que, em meados de 1950 aconteceram dois incêndios que se fixaram na memória dessas pessoas como um marco histórico para transferência da maioria destes ilhéus para onde esta localizada a Colônia de Pescadores Z-3, atualmente.

Segundo os pescadores e as pescadoras da Colônia Z-3, desde os episódios dos incêndios “pegam a acontecer coisas” na Ilha da Feitoria, como foi narrado para Ribeiro (2012) pelo pescador Lucas. A partir disso, esta autora registrou uma série de narrativas dos moradores da Colônia Z-3 que passam a embasar o abandono dos ilhéus da Feitoria.

> Em conversas informais com moradores da Colônia Z-3, me foi relatado que muitas pessoas já ouviram barulhos de correntes sendo arrastadas no Casarão da Ilha da Feitoria pelos espíritos dos escravos que ali habitaram. Também me foi narrado que

> em algumas noites, espíritos de índios passam pela ilha em bando e numa correria sem fim. Juntamente com essas assombrações, vultos, vibrações e sons misteriosos e sem definição concreta. A presença afro e ameríndia na mitologia da Z-3 se elabora como um ruído que atravessa a forte presença da mitologia açoriana. (Ribeiro, 2012, p. 102)

A autora Ribeiro (2012) mapeou os seguintes personagens míticos que habitam estas margens quase desertas da Ilha: um homem de preto e com chapéu tapando o rosto que aparece e some rapidamente; uma sombra que passa pela barraca dos pescadores e dá um tapa balançando tudo; uma sombra sentada no bote; um som de correntes arrastando; um som de índios passando em bando correndo.

Estes personagens também surgiram ao longo do meu trabalho de campo na Z-3, quando eu falava sobre o incêndio na Ilha da Feitoria com os moradores da Colônia Z-3, como o homem de chapéu, do qual me falou a Enilda, com a especificidade, neste caso, de vestir branco.

> *O casarão da Sotéia, segundo a Enilda, é mal assombrado. Esta mulher contou que, certa vez, ia a cavalo, com a irmã, até a Sotéia. Na beira da praia, cruzando o caminho das mulheres, havia um homem todo de branco e de chapéu, que a Enilda reconheceu como sendo o Lázaro, um ilhéu que havia morrido afogado. O cavalo empacou em frente a esse homem. Então, a Enilda e a sua irmã o cumprimentaram e, antes dele acenar de volta, o homem desapareceu. (22 de maio de 2017)*

Além disso, o pescador Roberto me contou sobre o Casarão da Sotéia, tratando o lugar como sendo mal assombrado, além de me relatar outro episódio com o homem de chapéu, que aparece e some rapidamente.

> *O pescador Roberto contou que as pessoas da Z-3 comentam que o Casarão da Sotéia é "mal assombrado", pois já foi uma senzala dos negros. Segundo o pescador, neste Casarão aparecem pessoas que já faleceram. Por exemplo, uma vez uns amigos do Roberto estavam fazendo uma janta no Casarão. Então, quando todos já estavam sentados a mesa, um homem de chapéu chegou na porta e eles convidaram-no para*

> *jantar. Entretanto, o homem desapareceu na frente de todos. (22 de maio de 2017)*

A Ilha da Feitoria, através de uma estrutura material, que é o casarão da Sotéia, faz os pescadores e as pescadoras da Z-3 se remeterem a uma antítese presente na história desta comunidade, que são os tempos de fartura e também de sofrimento, representados, respectivamente, por uma rica estância presente neste território, a Sotéia, e pelas histórias dos negros escravos que ali trabalhavam. Por conseguinte, o casarão da Sotéia, além de ser uma referência de antigos tesouros enterrados, relatado no Capítulo 2, guarda também um antigo cemitério, como me conta Enilda.

> *A Enilda contou que a Sotéia tornou-se mal assombrada, por que era um lugar onde houve muito sofrimento na época da escravidão. Segundo a Enilda, ainda existe, neste lugar, o tronco onde açoitavam os negros escravos. Os negros eram mortos e enterrados nesta estância. Além disso, a Sotéia era um cemitério da Ilha da Feitoria. Desta forma, a Enilda disse se lembrar de ir de caíque até a beira da praia da Sotéia para enterrar os bebês que morriam na Ilha da Feitoria. Os lugares do sepultamento eram marcados com uma cruz de madeira. (22 de maio de 2017)*

A partir dos relatos da Enilda e do Roberto podemos perceber que a Ilha da Feitoria passa a se tornar um território mal assombrado apenas depois de os incêndios acontecerem e os ilhéus abandonarem a Ilha. Assim, a memória da escravidão se faz presente, entre os moradores da Z-3, através da mitologia e está ligada ao passado desta comunidade quando, ao se referirem as assombrações de negros escravizados já falecidos, essas pessoas associam estas imagens primeiramente ao calabouço da Estância da Sotéia e, depois, ao abandono da Ilha da Feitoria devido aos incêndios.

Em relação à presença negra na Colônia Z-3, eu coletei um relato da Mafalda, uma negra de 71 anos, que afirmava ser pertencente a uma das primeiras famílias afro que viviam nesta comunidade. Segundo ela, as profissões que exerceu ao longo de sua vida variavam de acordo com as safras

de peixe e de camarão, entre o trabalho nas salgas, nas pescarias e nas casas de famílias de renome de Pelotas.

> *Eu perguntei para a Mafalda se ela era pescadora, para o que ela me respondeu positivamente. Assim, contou que foi duas vezes para o "mar", sendo que, em uma delas, ficou vinte dias sem retornar para a terra, durante uma safra de camarão, no bote do seu irmão. Nesta incursão pesqueira houveram dias de vento forte, mas o irmão a tranqüilizava, dizendo: que "Essas coisas de vento são assim mesmo, não te preocupa".*
>
> *Entretanto, o mais comum era o trabalho nas salgas, onde também trabalhava a dona Nilza, benzedeira da Colônia Z-3, como me contou Mafalda. Este tipo de serviço, escalando peixe,era muito pesado, por isso, as mulheres ficavam com dores nas costas. Então, a dona Nilza levava as mulheres para um cantinho da salga e benzia de espinhela caída.*
>
> *Além disso, a Mafalda, quando mais nova, trabalhava, nos fins de semana, em casas de algumas famílias ricas em Pelotas, variando as funções entre empregada, cozinheira e dama de companhia. Este trabalho lhe rendia um bom dinheiro, que ajudou a formar na faculdade uma das suas sobrinhas.*
>
> *Ao falar sobre este trabalho, Mafalda também mostrou várias fotos de algumas viagens que fez com essas famílias, como por exemplo, para o Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais.*
>
> *Além disso, em uma das fotos havia uma mulher, com cerca de 60 anos, de nome Maria Célia, que a Mafalda contou ser da alta sociedade de Porto Alegre e Pelotas. Na foto, a mulher estava sentada em uma cadeira, com brincos de brilhantes e colar de pérolas. Ao redor de Maria Célia estavam três empregadas negras, entre elas a Mafalda. Entretanto, me chamou atenção esta fotografia pelo fato da Mafalda não estar uniformizada como as outras mulheres, por ser a dama de companhia da Maria Célia.*
>
> *Desta mesma casa, em que Maria Célia morava, haviam várias fotos da Mafalda, por exemplo, em frente de uma penteadeira de madeira com um*

> *grande espelho e outra sentada em um cadeira de marfim com estofamento floreado, que havia na sala. Ela mostrava as fotografias dizendo que tirou muitas fotos nesta casa porque era uma mansão "muito chique e muito linda". (07 de maio de 2017)*

Neste relato podemos perceber que a Mafalda, uma mulher negra e umas das primeiras moradoras da Colônia Z-3, trabalhava nas casas de família quando ainda não era comum as mulheres moradoras da Z-3 exercerem a profissão de doméstica. Desta forma, por ainda não haver a Av. Pernambuco, que liga a Colônia Z-3 ao centro de Pelotas, e também porser mais comum, naquela época, que as empregadas dormissem nas residências dos patrões, a Mafalda trabalhava nessas casas particulares durante algumas temporadas. Ela também viajava com essas famílias, o que a fez incorporar alguns dos hábitos destas pessoas brancas no seu cotidiano, como o hábito de tomar chá.

> *Assim, quando a Mafalda me recebeu na sua casa ela me levou ao seu quarto depois de eu ter comentado que as roupas que ela usava nas fotografias das suas viagens eram muito bonitas. Então, no seu quarto havia uma mesinha redonda de ferro, coberta por um paninho de crochê e com um arranjo de flores, que ela disse usar para tomar chá com alguma amiga, que por ventura viesse visitá-la. Além disso, ela me mostrou os seus lenços de seda franceses e belgas, xales de lã, e outros acessórios e roupas que havia ganhado de alguns patrões das casas de família em que trabalhava. Ela me relatou, por exemplo, que uma vez foi trabalhar na casa de uma mulher no centro, mais recentemente, e que chegou de xale e chapéu, apetrechos de sua preferência. Então a patroa disse pra ela: "Mas tu não acha que tá muito arrumada pra fazer faxina?". Diante deste relado, a Mafalda argumentou que os seus patrões sempre gostaram muito dela, por que ela se vestia muito bem e também por que era muito educada. (23 de maio de 2016)*

Além das suas ocupações e hábitos, a Mafalda contou sobre a origem da sua família, caracterizando o fenótipo do seu pai como “bugre”[4] e o de sua mão como negra, como descrevo no relato a seguir.

> *A Mafalda Domingos de Melo é também conhecida como Ruca. Ela disse que o seu apelido é por que ela trabalha muito: cortava lenha, plantava, “fazia de tudo”. A Mafalda, de 71 anos de idade, se auto-identificou como negra. Disse que a sua família foi uma das primeiras famílias de negros que habitaram a Colônia Z-3. O pai da Mafalda se chamava Virgílio Melo Azambuja e era “branco, índio mestiço das raças cruzadas”, segundo a Mafalda, e a sua mãe que era negra e tinha como profissão ser “parteira”.*
> *Enquanto a sua mãe era “filha daquela terra [da Granja]”, o seu pai trabalhava nas charqueadas no Uruguai e tinha vindo pra Pelotas em busca de melhores condições de vida. Em Pelotas ele trabalhava como pescador, mas nos períodos entressafras (“sempre foi assim, o peixe falha pra se reproduzir”, me explicou a Mafalda) o pai dela trabalhava nas charqueadas no porto de Pelotas e na Granja, cortando arroz. A Mafalda disse que o seu pai aprendeu a profissão de pescador nesta cidade gaúcha, trabalhando em uma parelha de pesca. (23 de maio de 2017)*

Em uma das fotos do álbum de família da Mafalda, ela estava com a sua mãe, caminhando no centro de Pelotas, quando estas mulheres foram pegas desprevenidas, por um flash de um fotógrafo anônimo. A seguir apresento esta imagem.

[4] Expressão utilizada no sul do Rio Grande do Sul para se referir ao fenótipo indígena.

Figura 03. A Mafalda e sua mãe caminhando na rua Andrades Neves, em Pelotas.

A partir dos relatos de Mafalda podemos identificar, além da presença negra, a etnia indígena na Colônia Z-3, através do fenótipo do seu pai uruguaio, que Mafalda diz ser “bugre”. Desta forma, investigamos a presença negra e indígena, através dos fenótipos dos moradores da Colônia e dos seus antepassados. Entretanto, em relação a estas cosmologias, Ribeiro (2012) as identifica através da mitologia.

Segundo Ribeiro (2012), os personagens míticos ameríndios e negros atravessam a cosmologia açoriana, na Colônia Z-3, enquanto “ruídos” de “negros que arrastam correntes” e “índios que cavalgam em bando” à noite, na Ilha da Feitoria. Desta forma, esta autora classificou estes personagens como seres sem uma forma definida, a partir das narrativas dos seus interlocutores. Além disso, estes seres não apresentam relações com os humanos, pois eles aparecem e somem rapidamente diante da presença humana, como acontece também com o homem de chapéu, ou são apenas ruídos e vultos sentidos na Ilha, hoje praticamente inabitada.

Desta forma, quando as pessoas na Colônia Z-3 são perguntadas por mim sobre a presença indígena nestas margens, elas geralmente se referem à

fenótipo “bugre”, como fez a Mafalda, ao falar da aparência física do seu pai, e também a Deti, ao se referir à sua mãe, me mostrando uma foto do álbum de família que trago abaixo.

Figura 04. Da esquerda à direita, Deti, seu pai, pessoa não identificada e sua mãe. Em cima da mesa, balde de camarão com casca e bacia de camarão descascado.

A Deti descreveu a aparência de sua mãe como sendo bugre, ao se referir aos traços indígenas da mulher, que são, segundo a Deti, uma pele “morena cor de cuia” e os “cabelos negros”.

Assim, com relação à presença da matriz ameríndia na Z-3, quando interrogamos os moradores desta Colônia descobrimos que, na sua parentela, eles associam um determinado fenótipo, o das “gentes bugras”, com os nativos da América do Sul. A partir disso, convido o leitor a ir comigo até a casa da benzedeira da comunidade, a dona Nilza, de 71 anos, que me conta, entre outras coisas, sobre os índios que habitavam a Colônia Z-3, um território que se consolidou ainda mais recentemente do que a Ilha da Feitoria.

Fui caminhando pela lateral da casa, devagar, para não pegar desprevenida a dona Nilza. Ela estava cozinhando algo que tinha um cheiro de

mocotó, em uma panela de pressão. Então, vendo-a estendendo algumas roupas no varal, eu disse: "Oi, dona Nilza, tudo bem? Eu vim me benzer. Lembra de mim? Eu vim aqui outro dia com a minha irmã". Para o que a Nilza respondeu: "ah... vocês que trouxeram uma coisa que dava cheirinho na casa", se referindo a um incenso que levamos a fim de estabelecer uma troca com a benzedeira. Entretanto, ela já foi logo falando que não precisava levar nada, que não cobrava e nunca tinha cobrado.

Depois de a dona Nilza me benzer, eu expliquei que estava fazendo uma pesquisa sobre a Colônia Z-3 e perguntei se ela poderia me ajudar com algumas informações. A dona Nilza me respondeu que não havia problema, e se eu não me importava de ela ir adiantando o serviço da casa enquanto conversava comigo.

Então, eu perguntei se ela conhecia outras benzedeiras na Colônia Z-3 e ela me respondeu que era a única. A partir disso, ela argumentou que "pros de casa não adianta benzer, não presta", por isso ela levava os seus filhos pra benzer em uma benzedeira do Barro Duro. Desta forma, a Dona Nilza contou sobre um episódio com esta benzedeira.

Uma vez, viu a benzedeira do Barro Duro passando em frente a sua casa. Esta mulher estava vindo benzer algum morador da Colônia Z-3. Então, a Nilza pediu para ela benzer a ela e ao seu filho. Então, ao benzer, esta mulher disse pra a Nilza que se alguém a presenteasse com um bolo, que a dona Nilza não comesse. Entretanto, a dona Nilza questionou: "Mas por que eu não posso comer o bolo? Eu gosto tanto de doce. Eu sou uma pessoa apaixonada por doce, por bala, sempre tenho bala em casa." A benzedeira do Barro Duro respondeu apenas que ela não comesse o bolo que não aconteceria nada. No outro dia, uma vizinha, muito invejosa, por que

> *na casa dela não ia ninguém e na casa da dona Nilza sempre tinha muita gente, mandou um bolo pra dona Nilza. A Nilza, já avisada, não comeu o bolo e jogou o pedaço da doçura, oferecida pela vizinha, no quintal. Então, o cachorro da dona Nilza comeu o tal bolo e, no mesmo dia, morreu. A Nilza disse que era um feitiço que a mulher tinha feito pra ela ficar de cama, e por isso o seu cachorro acabou morrendo.*
>
> *Mudando um pouco o rumo da conversa, eu insisti em perguntar sobre as origens do ritual de benzedura na família da Nilza, indagando a benzedeira sobre como eram os seus pais e como era a Colônia Z-3 antigamente. A dona Nilza me respondeu que o seu pai era bugre e tinha uma venda na Colônia Z-3. Desde então, abriu-se a possibilidade pra eu perguntar para a dona Nilza se ela sabia sobre alguma família indígena que havia vivido na Z-3 ou na Ilha da Feitoria, quando, para a minha surpresa, a dona Nilza respondeu que havia uma família de índios na Colônia Z-3.*
>
> *Segundo a benzedeira, essas pessoas passavam o dia cantando, dançando e tomando chimarrão, além disso, eles moravam na Z-3 em umas cabanas dentro do mato. (22 de maio de 2017)*

Assim, os nativos da América do Sul na Colônia Z-3 tornam-se visíveis a partir da benzedeira dona Nilza que, além de falar sobre uma família de indígenas que habitava a comunidade, se refere, na narrativa anterior, à prática de feitiços. A feitiçaria é um fenômeno ligado tanto à matriz afro, quanto à matriz ameríndia e à portuguesa, esta última através das benzeduras, muito comum entre os açorianos que vieram para o Brasil, o que evidencia uma confluência entre as cosmologias negras, indígenas e portuguesas. Ao mesmo tempo, este compartilhar no espaço simbólico demonstra que o ritual se inscreve como uma forma de mediar conflitos existentes a partir de uma diversidade étnica.

Neste sentido, a autora Annie-Marie Losonczy (2006), no livro “La Trama Interétnica: ritual, sociedad y figuras de intercambio entre los grupos negros y Emberá del Chocó”, sobre os habitantes do Chocó, na Colômbia, caracterizou o ritual enquanto um espaço social onde acontece o diálogo entre as etnias, indígenas e negras e, no caso dos povos do Chocó, também espanholas. Assim, o espaço ritual torna-se um campo para se compor estratégias simbólicas compartilhadas, sendo elas: a apropriação de componente imaterial da identidade do outro, reduzindo a alteridade; e, ao mesmo tempo, uma proteção simbólica contra os perigos interétnicos.

Entretanto, estas incorporações seguem sendo assimétricas, ou seja, são hierarquizadas, na medida em que são inscritas nos rituais, indígenas e negros, sem modificar as suas lógicas fundamentais estabelecidas. Estes grupos têm como estratégia política, o acolhimento de elementos simbólicos do outro dentro do campo sócio-simbólico próprio, sem abri-lo em sua totalidade. Portanto, os negros e os índios do Chocó estabelecem uma relação políticas que tem efeito tanto na afirmação dos limites étnicos, como na integração dos grupos.

Este tipo de sincretismo tático acontece na Colônia Z-3, não somente em relação à prática de feitiços, mas também nos cultos de possessão nas terreiras de umbanda. Nestes rituais afro-brasileiros, é comum acontecerem incorporações ou possessões dos corpos de afro-religiosos por entidades benzedeiras chamadas Caboclos, que se referem a espíritos indígenas, da floresta, nesse caso lembrando a descrição da dona Nilza sobre os índios que viviam na Colônia Z-3.

Da mesma forma, os rituais que homenageiam a santa do catolicismo popular, Nossa Senhora dos Navegantes, são permeados pelos cultos afro-brasileiros em homenagem a orixá Iemanjá, nos quais também estão presentes entidades indígenas, como as sereias e os caboclos. Este ritual, que acontece todos os anos no dia primeiro e 2 de fevereiro na Colônia Z-3, apesar de ser oficialmente católico, está permeado por elementos ligados à matriz afro, como veremos no Capítulo 6.

Os hábitos das “gentes bugres”, das famílias de negros e dos descendentes de portugueses e a auto-identificação fenotípica dos moradores da Z-3, assim como os atravessamentos entre estas cosmologias nos espaços

rituais, aos quais somos conduzidos a partir dos mitos narrados pelos interlocutores de Ribeiro (2012) sobre os personagens negros e índios habitantes da Ilha da Feitoria e também pela benzedeira Dona Nilza, demonstram a diversidade étnica e cosmológica presente na Colônia de Pescadores Z-3. Por conseguinte, podemos notar que as narrativas míticas e os rituais se constituem enquanto um espaço de diálogo entre estas cosmologias.

Desta forma, no tópico seguinte, veremos, a partir dos registros sobre o cotidiano e das narrativas mitológicas dos moradores da Z-3, de que forma a ordem cosmológica atua na ordem sociológica desta comunidade, tendo como tema central as relações entre os universos masculino, feminino e infantil.

4.2. O devir entre humanos, não-humanos e sobre-humanos na Colônia de Pescadores Z-3

Neste tópico procuro confluir as minhas experiências e percepções sobre o cotidiano da Colônia de Pescadores Z-3 com as narrativas míticas dos moradores desta vila, a fim de compreender a maneira como são definidos os papéis sociais dos homens, das mulheres e das crianças nesta comunidade e as relações no interior das famílias.

Assim, a partir de Ribeiro (2012), temos que os personagens míticos da Bruxa e do Lobisomem na Colônia de Pescadores Z-3 fazem parte de um arcabouço cosmológico que atribui sentido as relações de gênero desta comunidade. Entretanto, segundo essa autora, é importante ressaltar que estes personagens míticos estão postos em relação ao plano cosmológico de maneira inversa ao que se apresenta no plano sociológico desta comunidade.

Desta forma, no que diz respeito à reprodução das relações sociais na Colônia Z-3, enquanto o universo masculino é representado pela dimensão maior do “mar”, como é chamada a Lagoa dos Patos, o universo feminino é representado pela dimensão menor da “casa”. Assim, os homens se sentem a vontade e dominam os espaços que são vistos como exteriores aos espaços domésticos, como os quintais, os galpões e as embarcações de pesca. Por outro lado, as mulheres dominam o interior das casas, ou mesmo a própria vila

da Colônia Z-3 em períodos em que os homens “estão no mar”, ou seja, quando os eles estão pescando (RIBEIRO, 2012).

Este domínio do território aquático pelos homens pescadores esta nítido em diversas falas, como esta do pescador Deleon:

> *O conhecimento do pescador na água é maior que o conhecimento em terra. Esses pescadores aí não vão ao centro porque eles não sabem caminhar no centro. Agora, se tu falar pra eles que tu quer um lugar pra pescar de caniço, eles vão te falar 50 mil “lugar” e, ainda, vão te mandar escolher. (28 de abril de 2016)*

Desta forma, entre os espaços prioritariamente masculinos está, por exemplo, o Cais da Divinéia, que é um atracadouro de embarcações de pequeno e médio porte destinadas a atividade pesqueira no interior da Lagoa dos Patos, apresentado na Figura 05, a seguir:

Figura 05. Cais da Divinéia

Os quintais das casas, as beiras das calçadas e a frente dos galpões são outros locais ocupados prioritariamente pelos homens da Colônia, onde eles ficam conversando em um tom baixo, fumando palheiro e remendando redes de pesca, como na Figura 06, a seguir.

Figura 06. Pescadores na Colônia Z-3.

Além disso, na esquina em frente à escola Almirante Raphael Brusque, há um bar de madeira e chão batido, o qual possui uma mesa de sinuca e um balcão, onde se reúnem os pescadores mais novos, entre 16 e 30 anos. Este é um lugar central da Colônia, por onde passam os moradores da Z-3 para irem às vendas, na farmácia, no sindicato de Colônia e também onde fica uma das paradas de ônibus da linha Laranjal. Desta forma, este é um ponto estratégico para que os rapazes controlem o movimento da vila.

Outro bar onde os pescadores se reúnem está localizado a uma quadra de distância do primeiro, na Rua Ignácio Motta. Este estabelecimento, de nome Riacho Doce, possui uma mesa de sinuca em uma sala de chão batido e, em outra peça, um balcão de madeira. Atrás deste balcão fica o dono do bar, um homem que enxerga muito pouco e diz confiar nos clientes para que lhe paguem a quantia correta que lhe devem, já que não enxerga o valor das moedas. Este homem atende os pescadores que freqüentam o seu bar, com

uma faixa etária entre 30 e 70 anos, e as eventuais crianças que compram alguma guloseima ou fichas para jogarem sinuca.

Em frente ao balcão do bar Riacho Doce ficam os homens em uma mesa baixa, com apenas quatro lugares, forrada com um pano de camurça verde, onde os pescadores jogam cartas ou dominó e outros, de pé, observam os jogos, fumando palheiro e, por vezes, tomando cervejas vendidas em garrafas de litro, um copo de vinho ou cachaça.

Assim, Angelita Ribeiro (2012) identificou que a dimensão maior do mar é de domínio masculino e, da mesma forma, para mim, enquanto mulher, parece que os homens ou estão na beira d'água - seja da Lagoa dos Patos ou dos arroios que contornam esta comunidade, ou mesmo nas áreas públicas da vila – ou estes pescadores estão dentro d'água, "no mar", em incursões pesqueiras.

Certa vez, por exemplo, eu voltava de ônibus para a Colônia Z-3, quando um pescador, sentado próximo ao meu lugar, começou a tirar os tênis, reclamando que não sabia andar de sapato. Colocou logo o chinelo de dedos e soltou uma bufada de alívio, motivada por estar deixando o centro de Pelotas, indo em direção a Colônia de Pescadores Z-3, à beira d'água. Esta sensação também me arremetia enquanto eu estava morando nesta Colônia. Assim, eu me sentia em casa quando, do ônibus que vinha do centro de Pelotas, eu reconhecia a trepidação das ruas de chão batido do Barro Duro e da Av. Pernambuco, avistando, finalmente, o horizonte de água da Lagoa dos Patos, que me trazia a sensação de alívio e segurança de estar chegando ao meu lar.

Por outro lado, as mulheres da Colônia de Pescadores Z-3, na ordem sociológica, como bem lembra Ribeiro (2012), dominam a dimensão menor da casa. Entretanto, além de cuidarem dos espaços domésticos, as mulheres são as que vão para o centro de Pelotas para: fazer compras; receber os benefícios do programa do governo federal "Bolsa Família", ou o"seguro-defeso"; para levar as crianças ao médico, ou prestar solidariedade a algum parente que está internado nos hospitais localizados no centro da cidade;e, até mesmo, para se divertirem apostando nos bingos. Para ilustrar este trânsito entre o centro e a Colônia, realizado pelas mulheres, trago, a seguir, uma descriçãosobre a ida de duas irmãs, moradoras da Z-3, para o centro de Pelotas, que registrei em meu diário de campo.

> *Eu estava indo para o centro de Pelotas e, no ônibus, me encontrei com a Eliane e com a Clélia. O ônibus estava cheio, então, nos reunimos umas perto das outras para conversarmos. A Eliane estava indo receber o bolsa família e a Clélia pretendia visitar um parente que estava internado no Hospital Santa Casa de Misericórdia. Então, entrou no ônibus uma mulher que é assistente social na Z-3. A Eliane me disse que foi esta mulher a assistente social que conseguiu a operação cirúrgica de postectomia do seu filho. A Eliane aproveitou que a assistente social se aproximou de nós e falou para ela sobre a dor de dente do seu outro filho. Então, a assistente social explicou que ele poderia fazer todo o tratamento dentário no posto de saúde do SUS da Colônia Z-3. (25 de março de 2016)*

As mulheres são responsáveis pelo cuidado com a saúde da família. Desta forma, são elas as que levam as pessoas para o médico e descobrem as maneiras de usar os serviços públicos de saúde para tratar aqueles que estão doentes nas suas casas.

Por outro lado, apesar da beira d'água e do "mar" ser um espaço prioritariamente masculino, as mulheres da Colônia Z-3, não deixam de frequentar esses espaços, inclusive participando e, por vezes, praticando algumas artes de pescaria, como me conta a Deti, em uma entrevista que fiz com ela sobre a sua história de vida.

> *Autora: Tu pescava quando era mais nova?*
> *Deti: Eu ia com o meu marido. Quando tinha quem ficasse com os filhos eu ia. Só que eu era muito assanhada né, aí o homem não pescava direito. Eu só queria fazer bandalheira. (risos)*
> *Autora: E vocês ficavam quanto tempo no mar?*
> *Deti: Não... como eu tinha filho pequeno agente ia e voltava no mesmo dia. Pescava camarão, aí na frente. Teve um dia que agente matou 300 quilos de camarão. Não... mas aí antes disso aí... muito antes... Nós tinha uma parelha de pesca, num caíque pequeno [bote de madeira]. Aí agente pescava, Eu a Joice (irmã da Deti) e um primo meu, o Kiko. Aí nos pescava e arrastava de*

> *rede de coca. Tinha dia de nós matar 150 quilos de camarão. Aí nós não tinha como trazer ele, nós enterrava na praia. Fazia um buraco bem grande e enterrava. Carregava o caíque, não é encher, é carregar que fala. Aí vinha, trazia aquele, aí não podia deixar num saco porque não era só nós que andava ali, podia alguém passar e pegar. Então, agente enterrava na areia.*
> *Autora: Isso aí tu tinha quantos anos?*
> *Detí: Ah... 12 anos. Agora ninguém quer mais nada com nada. Aí agente vendia o camarão e repartia o dinheiro. (14 de dezembro de 2015)*

Assim, as mulheres se mostram poderosas, tanto em terra como no mar, responsáveis pela cura de doenças dos familiares e por agregar na renda familiar valores relativos à realização de pescarias. Além disso, essas mulheres se tornam independentes e corajosas ao se aliarem umas as outras para realizarem atividades que, em teoria, seriam da alçada masculina. A Figura 07, abaixo, por exemplo, mostra a pesca de caniço realizada por mulheres e crianças na Colônia de Pescadores Z-3.

Figura 07. Pesca de caniço na Colônia de Pescadores Z-3.

Portanto, ao observarmos o cotidiano dos homens e das mulheres desta Colônia se confirma o que Ribeiro (2012) nos conta sobre o poder que as mulheres detêm em relação aos homens na Z-3, no que concerne a ordem cosmológica e sociológica desta comunidade.

Segundo esta autora, na ordem cosmológica, o poder das mulheres é elaborado através de uma personagem perigosa e aérea, capaz de matar: a Bruxa, enquanto que poder dos homens está representado nas narrativas míticas através da figura do Lobisomem. Os Lobisomens, em relação as bruxas, são menos poderosos, pois este personagem mítico “mete medo”, mas não há relatos de que ele seja capaz de matar as suas vítimas, como pode fazer a Bruxa (RIBEIRO, 2012). Portanto, a Bruxa e o Lobisomem evidenciam a potência feminina em relação à potência masculina, que pode ser deflagrada quando analisamos as narrativas míticas em relação ao cotidiano da população que vive na Colônia de Pescadores Z-3.

Ademais, é importante lembrar que a maioria das características sociais e cosmológicas que eu pude captar ao longo do meu trabalho de campo se deve a duas pessoas da Colônia Z-3 que se tornaram meus interlocutores chaves, a Deti e o Deleon. A minha relação com o Deleon, em especial, fez com que houvesse uma quebra na forma de eu observar os moradores da Z-3 e também a maneira como eles me viam, me fazendo participar de situações e conversas, tanto com homens como com mulheres, um tanto quanto inusitadas e, por vezes, bem íntimas.

Este envolvimento se deveu ao fato de eu e o Deleon termos namorado durante os últimos cinco meses em que estive realizando o trabalho de campo na Colônia Z-3, sendo que, em três desses meses nós moramos juntos na Colônia Z-3. Assim, neste convívio diário, sendo o Deleon morador da comunidade, eu tive acesso a uma série de contextos e de pessoas que, provavelmente, eu não entraria em contato não fosse o meu namorado ser um pescador da Colônia. Ademais, eu pude “sentir na pele” o que é ter um pescador em terra e no mar, como acontecia com as mulheres da Z-3, sentido a falta do marido nos momentos em que eles chegam a passar 15 dias embarcados, ou mesmo, o estresse de ter um pescador sem ter como sair para pescar, em casa, por não “ter peixe”.

Desta forma, depois de algum tempo em que eu estava morando na Colônia Z-3 e também por eu namorar um pescador desta comunidade, a maneira como se sucederam as relações que eu estabelecia com os homens e com as mulheres da comunidade fizeram com que eu fosse vista por essas pessoas como pertencente ao universo feminino que compunha a Colônia– e também para mim isto passou a fazer sentido. Assim, as mulheres pareciam entender as minhas angustias e também passaram a compartilhar comigo as delas.

Por outro lado, a maioria dos homens da vila já haviam se acostumado com a minha presença, não me assediando de forma tão frequente como quando nas primeiras vezes em que estive na Z-3, como uma turista desconhecida, principalmente depois que eu passei a namorar o Deleon. O fato de eu estar comprometida com alguém também conhecido pelos pescadores tornava este tipo de situação constrangedora, tanto para mim como para eles, fazendo com que as situações que eu vivi nos meus primeiros momentos na Colônia Z-3, de receber cantadas e olhares furtivos ao andar pelas ruas, fossem, ao longo do tempo, sendo atenuadas.

Desta forma, a partir do meu relacionamento com o Deleon e passados os primeiros momentos na Colônia Z-3, eu estabeleci uma rotina que variava entre as minhas idas até o centro de Pelotas para cumprir as minhas responsabilidades com o Programa de Pós-Graduação em Antropologia e as atividades domésticas. Além disso, eu passei a me preocupar com a saúde do Deleon, investigando sobre as possibilidades de ele realizar um tratamento dentário no Posto de Saúde da Z-3, marcando consultas médicas e, inclusive, levando ele até o posto de saúde para que fizesse um tratamento dentário completo, por exemplo, por que, sozinho, ele dificilmente iria.

Desta forma, eu pude conhecer como funciona o posto de saúde da comunidade e, foi neste lugar, que sentia que, tanto os funcionários do posto, que podiam ou não ser da Colônia Z-3, como os usuários do Sistema Único de Saúde (SUS), me reconheciam como uma moradora da Colônia e não mais como uma turista.

No meu diário de campo descrevi algumas das conversas que tive com algumas mulheres no Posto de Saúde da Colônia de Pescadores Z-3, e que ilustram esta reciprocidade entre eu e as moradoras da vila.

O Deleon se acordou com muita dor de dente. Então, eu fui para o posto de saúde da Z-3 acompanhá-lo, em busca de atendimento. Chegamos no posto às 08h30min e as 10horas fomos atendidos pela dentista. Assim, enquanto aguardávamos, fiquei observando as pessoas que estavam no posto.

Uma das usuárias do SUS era a dona Teresa. Ela me perguntou como eu estava e reclamou que eu não ia mais visitar a Deti. Eu disse pra a Teresa que estava com muita coisa da faculdade para fazer, mas que eu iria lá ao dia seguinte.

No posto também estavam duas mulheres muito parecidas, cada uma com uma menina de mais ou menos um ano, no colo. Elas esperavam atendimento e uma delas estava muito nervosa. Ela queria invadir a sala do médico, reclamando que a sua filha já estava doente há duas semanas e que os médicos não se preocupavam. Todos que aguardavam no posto reclamavam do atendimento do Governo.

Enquanto esperávamos, a dona Teresa pegou no sono e tiveram que acordá-la para que pegasse os remédios e as receitas que ela foi buscar. Depois disso, chegou o médico no posto. Era um homem alto, branco e gordo, cheio de chaves, que chegou em uma caminhonete. O médico entrou e saiu da antessala do posto de saúde sem olhar no rosto de ninguém. Assim, que ele saiu todos começaram a reclamar do médico, foi quando uma das mulheres que estava sentada do meu lado disse: "Ele chega às 10h e às 11h30min já está indo embora".

Enquanto eu esperava o Deleon, que havia entrado na consulta, no posto, a mulher que estava muito nervosa com a criança me mostrou os sintomas da menina. A criança estava com assaduras na virilha, que já começavam a criar bolhas. Então, esta mulher me explicou que tinha ido ao posto a uma semana atrás e os agentes de saúde haviam receitado uma pomada, mas a pomada tinha acabado, pois a enfermeira não havia explicado a posologia do medicamento, que deveria ser aplicado apenas duas vezes por dia. Desta forma, toda a vez que ela limpava a

> *menina, ela passava a pomada e por isso o medicamento havia terminado em dois dias. Diante disso, outra senhora que esperava para ser atendida no posto de saúde recomendou a jovem mãe, que levasse a menina na benzedeira dona Nilza. (06 de abril de 2016)*

Neste relato, está exposto, além da confluência entre as práticas da medicina tradicional e as benzeduras, próprias de uma comunidade tradicional, uma reciprocidade entre as mulheres, que acontece quando os homens não estão por perto. Assim, a mãe da menina que estava doente, só falou comigo depois que o Deleon havia entrado na sala do dentista, por exemplo.

Em relação às formas de aproximação entre eu e as mulheres da Colônia, nos últimos meses do meu trabalho de campo, eu percebi que esta comunidade faz parte da minha memória, da mesma forma como eu também estou presente na história de vida de algumas pessoas. Este sentimento está ligado ao fato de que, ao vivenciar o cotidiano desta população, eu pude fazer parte do território delineado pelo domínio feminino.

Esta aproximação me fez perceber a maneira como as mulheres da Z-3 utilizavam os seus poderes femininos e, na medida em que adquiria experiência com elas, passei a me valer desses poderes para melhorar a minha qualidade de vida na Colônia Z-3 e também o meu relacionamento com o Deleon. Desta forma, passei a ser vista como uma mulher, moradora da Colônia Z-3, também pelos homens desta comunidade.

Entretanto, esta distância criada pelos limites entre os territórios simbólicos de domínio masculino e feminino e, ao mesmo tempo, o fato dessas pessoas, independente de gênero, transitarem por todos os espaços no cotidiano da Colônia Z-3 – seja quando as mulheres atuam na atividade pesqueira, seja quando não tem peixe ou os homens se aposentam e metem-se para dentro das casas –, faz com que surjam conflitos de gênero reais, e não apenas simbólicos, nesta comunidade.

Assim, trago a seguir uma conversa que tive com o pescador e meu companheiro Deleon sobre a participação das mulheres nas reuniões do sindicato dos pescadores da Colônia Z-3, para exemplificar os conflitos entre os homens e as mulheres que surgem a partir da transposição dessas barreiras virtuais que definem os territórios masculino e feminino.

> *O Deleon falou que na reunião do sindicato da Colônia de Pescadores Z-3 só haviam homens e que as mulheres não participam das reuniões porque elas já estavam recebendo o seguro defeso, que deveria ser um benefício apenas para os homens. Assim, ele concluí que quem deveria receber o seguro-defeso eram apenas aqueles que pescam, que sabem as dificuldades do mar. Para ele, as mulheres pegavam o todo dinheiro que os pescadores ganhavam nas pescarias e iam gastar com artigos para elas mesmas, no centro de Pelotas. Assim, o Deleon se queixou que as mulheres não compravam "uma roupa para os maridos" e, ainda, quando os seus esposos estão no mar elas praticavam atos de infidelidade.*
> *Então, eu perguntei para o Deleon se todas as mulheres na Colônia Z-3 eram assim, como ele estava dizendo. O Deleon respondeu negativamente. Desta forma, eu segui a conversa perguntando se ele achava justo que umas mulheres pagassem pelas outras, ou seja, que todas deixassem de receber o benefício oferecido pelo Governo por conta algumas mulheres não serem fiéis aos seus maridos ou por não comprarem coisas para eles. Então, o Deleon disse que não achava justo e que sabia que as mulheres dependiam daquele dinheiro para manter as despesas com a casa e com os filhos, principalmente quando não havia pescaria. Entretanto, ele me acusou de arrogância, dizendo:"Por ti todas as mulheres vão para o céu". Além disso, ele reclamou que quando eu entrava em uma discussão eu falava com um ar irônico de tudo, como se eu soubesse a resposta pra todos os problemas e tratasse os temas dele como desinteressantes ou ignorantes. (11 de abril de 2016)*

A autora Angelita Ribeiro (2012) identificou como sendo o mar e a pesca constituidores do espaço de fora, território de domínio masculino, concluindo "o homem que fica em casa se sente [...] desterritorializado. O seu lugar é no mar ou nos espaços relacionados a esta atividade" (RIBEIRO, 2012, p.72).

Esta conclusão da Angelita Ribeiro (2012) está presente na fala do pescador Deleon, pois fica evidente que quando uma mulher participa de uma

reunião do sindicato dos pescadores ou, até mesmo, por ela receber o seguro defeso da pesca, oferecido pelo governo em períodos entressafras, o homem sente o seu espaço de domínio sendo invadido pelas mulheres, pois é ele “quem vai pro mar” e que “sabe as dificuldades do mar”.

Desta forma, quando eu, enquanto mulher, questiono o pescador Deleon sobre a necessidade da participação das mulheres nas reuniões do sindicato da Colônia de Pescadores Z-3, o Deleon se sente enganado por mim. Este pescador se sente ludibriado quando chegamos à conclusão de que as mulheres devem receber o seguro defeso independente de irem para o “mar”. Desta maneira, este pescador me acusa de ser insolente, colocando a minha condição de pesquisadora e não pertencente à Colônia Z-3 em evidência para deslegitimar a minha opinião sobre o direito das mulheres de receberem o seguro-defeso.

Destarte, a característica de ser “enganadeira” e “traiçoeira” é constantemente atribuída às mulheres nas falas dos homens da Colônia de Pescadores Z-3 e está presente nas narrativas que trazem a personagem aérea da Bruxa, como bem lembra Ribeiro (2012), além de compor as características das personagens aquáticas chamadas de sereias, que habitam as margens da Lagoa dos Patos nesta Colônia e das quais trataremos no próximo capítulo desta dissertação.

Além disso, a relação de conflito que se coloca entre os homens e as mulheres da Colônia Z-3 quando acontece esta “invasão de territórios” também está posta nas narrativas das mulheres sobre os homens. Em outro relato, por exemplo, a minha vizinha Raida reprovava uma atitude dos pescadores em relação às práticas pesqueiras, fazendo alusão a “santinha”, a santa protetora dos navegantes.

> *A Raida me disse que os pescadores estão indo pescar agora, “no período de defeso”, que traziam peixes pequenos e ovados. Ela criticou os pescadores dizendo: “eles não se ajudam” e concluiu: “na época certa de pescar não vai ter mais peixe. Além disso, eles estão vendendo o peixe a R$ 1,00 o quilo, muito barato se ainda for pensar que correm o risco de serem presos. Eles estão é inventando moda. Eles querem ir pro mar pra se chapar e aí vem com a desculpa de que*

> *oram pra 'Santinha' e confiam na proteção dela". Então, eu perguntei pra Raida quem era a Santinha. Ela respondeu que era Iemanjá, concluindo: "não adianta nada eles pedirem proteção pra Santinha, porque ela está vendo tudo que eles estão fazendo. E a natureza dá o retorno de tudo. Se eles a estão prejudicando agora, terão de volta mais adiante. Não é que a natureza seja má, mas ela não aceita ser enganada." (20 de setembro de 2015)*

Neste relato, observa-se a invasão do território de domínio masculino, que é o mar e a atividade pesqueira, pelo universo feminino, através da fala da moradora da Z-3, Raida. Além disso, esta mulher explica como atuam as forças da natureza, através da figura feminina da Santinha, ao constatar práticas masculinas que ela julga incoerentes, dizendo que a natureza "dá o retorno de tudo". Desta forma, a Raida conclui que a natureza não aceita ser enganada. Assim, uma das maneiras de solucionar conflitos entre os homens e as mulheres, resultantes da invasão mútua de territórios na Colônia Z-3, acontece através de figuras não-humanas, como as forças da natureza, ou sobre-humanos, como as Bruxas e os Lobisomens, fazendo com que o embate direto entre humanos seja evitado.

Por outro lado, pude escutar narrativas e, até mesmo, presenciar situações de violência na Colônia de Pescadores Z-3. Assim, um dos relatos que coletei nesta comunidade diz respeito a uma problemática social muito presente nesta comunidade, a violência contra a mulher. A seguir trago um trecho do meu diário etnográfico em que apresento a narrativa de uma moradora da Colônia, que prefere não se identificar, sobre um ato de violência que sofreu do companheiro e como escapou dele.

> *Em um dos nossos términos ele me ameaçou de morte, com uma faca de cozinha, na minha casa. Ele dizia que me mataria e depois se mataria. Até que ele se colocou por cima de mim com a faca de cozinha. Ele batia com a faca no meu rosto. Eu imaginei que realmente ele fosse fazer o que dizia, então comecei a rezar. Ele disse: "reza", como se eu não tivesse mais nada o que fazer naquele momento. Depois me mandou calar a boca, ficar quieta. Eu me tranquilizei por*

> *um momento, pois sabia que se eu morresse iria para o céu, por que o meu coração era puro e eu não havia feito mal a ninguém, ainda mais perto do mal ele estava fazendo pra mim. Conforme fui me tranquilizando, ele foi parando de me pressionar. Eu tentei desviar a atenção, fiz agente rir de alguma coisa que já não me lembro mais o que era. Ele saiu de cima de mim, mas não deixou a faca. Eu falei que estava com vontade de ir no banheiro. Ele me ameaçou, disse que ia me quebrar se eu gritasse. Eu disse que não ia gritar, que Deus e São Jorge Guerreiro estavam do meu lado e eu não tinha o que temer. Ele foi se acalmando, até que desistiu da idéia e se mostrou arrependido. (21 de junho de 2016)*

Nesta narrativa de uma das moradoras da Colônia de Pescadores Z-3 o homem assusta e ameaça a mulher, mas não chega a agredi-la fisicamente. Por outro lado, a mulher se apropria do seu poder de persuasão e consegue ludibriar o homem ao ponto de fazê-lo abandonar a ideia de matá-la, o qual, inclusive, se mostra arrependido ao final da discussão. Desta forma, apesar da situação de tensão que a mulher agredida se encontrava, ela conseguiu se valer de seus poderes, invocando inclusive entidades espirituais não-humanas, ocultando o seu medo e ludibriando o agressor. Essas características remetem a Bruxa descrita por Cascudo (1959):

> Para gente grande a bruxa guarda o nome de Feiticeira. [...] A função atual da bruxa é ensinar ou rezar orações-fortes para questões amorosas, fazer "feitiço" para a mesma finalidade, aplicar remédios tradicionais, de mistura com ensalmos, simpatias, mímicas, conservadas com sigilo e ministrados com imperturbável confiança. (CASCUDO, 1959, p. 295 – 296).

A mulher, portanto, assume as características de uma feiticeira, ao "rezar orações-fortes" para invocar entidades espirituais não-humanas que fossem capazes de lhe prestar socorro, diante de uma situação de perigo. Assim, esta mulher convoca São Jorge, que pode ser chamado de Ogum pelo afro-religiosos, e Deus para escapar das mãos deste homem agressor.

Ademais, Cascudo (1959) definiu Feitiçaria.

> É um nome genérico para designar todas as práticas de magia popular e tradicional, com ou sem cerimônias religiosas, como candomblé baiano ou macumba do Rio de Janeiro. As influências são numerosos e amalgamadas em séculos de uso

> e confiança. Da bruxaria européia, tornada poderosa na Idade Média, dizendo-se possuidora de segredos egípcios e das sibilas romanas procedem incontáveis processos terapêuticos e mágicos, especialmente amorosos, filtros, benzeduras, orações, ensalmos, com a irresistível convergência do cristianismo. A leitura dos processos do Santo Ofício denuncia a contemporaneidade de superstições que as julgam legitimamente africanas ou locais no Brasil. O africano trouxe um cerimonial coletivo, a festa litúrgica, aos seus deuses na presença dos orixás, ligando aos *ludus* votivo, a dança o canto, o ritmo, elementos igualmente característicos das cerimônias religiosas indígenas raras que foram registradas pela suspicácia dos cronistas do séc. XVI atacados pela monomania do diabo. Mário Andrade distribuiu, no plano geográfico, a feitiçaria nacional de origem africana ou de inspiração ameríndia numa curta série que se deve pensar como tendo o elemento do bruxedo europeu em doses altas e permanentes. (CASCUDO, 1959, p. 612)

A partir da definição de feitiçaria de Cascudo (1959), o lançamento de feitiços podem acontecer com ou sem cerimônias e estão ligados a tradições míticas indígenas, negras e portuguesas, tendo as Bruxas, ou feiticeiras, como personagens que percorrem todas estas culturas. Desta forma, uma feiticeira pode fazer “serviços”, como se chamam os feitiços nas religiões afro, tanto para o bem, quanto para o mal e também feitiços do tipo “filtro”.

Este último processo mágico, o “filtro”, está relacionado com a capacidade da feitiçaria de fazer algo ou alguém tornar-se invisível, ou mesmo de criar um escudo contra algum mal. Assim, por exemplo, na edição nº 30 da revista O Cruzeiro, no texto de Accioly Netto (1963), conta-se que os negros capoeiristas da Bahia sofriam perseguições e repressões por parte dos senhores de engenho, da polícia imperial e depois da republica, mas que:

> os negros, em sua malícia ilimitada, encontraram nas pantomimas e nos ritos religiosos, acompanhados de música, uma eficaz camuflagem para a capoeira. [...] E salvou-se, assim, essa belíssima modalidade de luta, com seus heróis de corpo fechado às balas e às armas brancas no Recôncavo, em Cachoeira ou Santo Amaro. (NETTO, 1963)

Da mesma forma, algumas mulheres da Colônia Z-3, a fim de mediar os conflitos com os seus companheiros, ou mesmo evitá-los, invocam entidades espirituais não-humanas a partir de seres sobre-humanos e fazem feitiços do tipo “filtro”, como foi o caso de uma das moradoras da Colônia Z-3 que prefere não se identificar, mas me relatou o seguinte:

> *A pomba gira me disse pra eu escrever o nome dele em uma folha de papel e em cima eu tinha que escrever sete vezes o meu nome. Em seguida, eu deveria lambuzar com mel este papel, colocá-lo dentro de um vidro, cobri-lo com algodão e esconde-lo dentro de casa, em um lugar que o meu marido não pudesse encontrar. Eu segui as recomendações da pomba gira e, durante uma semana, foi "a santa paz" em casa, ele parecia outra pessoa. O seu olhar era doce como quando nós nos conhecemos, até que ele achou a garrafa. (21 de junho de 2016)*

Neste relato podemos reparar que as práticas de feitiçaria, ou "trabalhos", são transmitidas não somente entre as mães e as filhas, mas também das ancestrais afro as mais novas gerações de mulheres, como faz esta pomba gira a esta mulher. Desta forma, as forças da natureza - como explicou a moradora Raida, ao criticar as práticas dos pescadores - e também os ancestrais atuam e auxiliam as mulheres no seu cotidiano, no que tange a mediação de conflitos com os homens pescadores da Colônia Z-3.

Por conseguinte, podemos perceber que os personagens míticos da Bruxa e do Lobisomem, da mesma forma que as forças não-humanas que interferem nos conflitos entre homens e mulheres, são responsáveis por evitar embates diretos, não somente por delimitar territórios simbólicos, mas também por serem uma ferramenta utilizada por essas pessoas para solucionar conflitos. Desta forma, esta tradição mítica interfere diretamente no cotidiano dos pescadores e das pescadoras da Colônia Z-3, sendo responsável por equilibrar as relações familiares.

Entretanto, essas situações de violência não se reproduzem em todos os núcleos familiares e, sendo a mulher poderosa e detentora do espaço doméstico, dentro de casa são as matriarcas que dão a última palavra nas disputas familiares.

Certa vez, por exemplo, eu descobri que uma moradora da Colônia Z-3 havia avistado, mais de uma vez, sereias que passeavam pela costa da Lagoa dos Patos. Assim, eu fui procurar essa mulher, a Maria Ondina, de 73 anos, na sua casa, para perguntar-lhe sobre estas narrativas. Ela me esperava junto com o marido, o seu Ivo, um pescador aposentado de 74 anos. Durante a

nossa conversa, foi a Maria Ondina quem falou comigo quase todo o tempo, o seu Ivo fez apenas algumas intervenções, enquanto ele cozinhava um carreteiro para o jantar.

Nesta conversa, a Maria Ondina me contou sobre a formação da sua família, do momento em que se apaixonou pelo marido e também das semelhanças e diferenças de sua história de vida com a da sua filha.

> *A Maria Ondina me disse que a sua filha Patrícia fugiu da sua casa para a casa do namorado quando tinha 15 anos e completou: "no meu tempo as coisas eram diferentes". Então, ela contou que também fugiu de casa para ficar com o seu Ivo no bairro Areal, mas "naquele tempo se tinha respeito" e por isso ela só voltou para a casa da sua mãe, na Colônia de Pescadores Z-3, quando já estava casada no civil, "no cartório".*
>
> *O casal comprou uma casa na Colônia Z-3 com o dinheiro adquirido nas safras de camarão, que custou 15 milhões de cruzeiros, há 50 anos atrás. O seu Ivo, marido da Maria Ondina, era lá do Areal. Ele trabalhava na "lida do campo", mas aos sete anos veio com a sua mãe para a Colônia Z-3. Desde então, o Ivo começou a pescar.*
>
> *Depois que a Maria Ondina se aposentou e seus filhos já eram adultos, ela começou a escrever poesias. Assim, a Maria Ondina contou: "veio vindo essas coisas de mim, eu não sabia de onde vinham. Então, eu pensava 'meu Deus, de onde saiu isso?'" Então, eu perguntei se ela tinha o hábito de ler e a dona Ondina me respondeu que lia a noite para o marido.Eles me pareceram ser muito companheiros e o seu Ivo parecia admirar muito a mulher e suas poesias, pois insistiu veementemente para que a Maria Ondina lê-se para mim as poesias que ela havia feito, principalmente a que falava sobre amor. (22 de abril de 2016)*

Outro casal que eu visitei na Colônia de Pescadores Z-3 foi a Keyla e o Thomas. Eles moram em uma casa perto da Praia dos Junquinhos, na beira da Lagoa dos Patos. O Thomas trabalha como pescador e a Keyla em atividades complementares a atividade pesqueira, como por exemplo, nas salgas.

Eu fui visitar este casal na busca de fazer amigos na Colônia Z-3, pois eles regulavam comigo em idade e interesses. A primeira vez que eu fui visitá-los, me chamou atenção a maneira como as suas falas se complementavam.

> *O Thomas e a Keyla me contavam causos míticos da Colônia de Pescadores Z-3, de maneira a completar um a fala do outro. O Thomas não interrompia a Keyla e nem ela a ele e, assim, falavam muitas vezes simultaneamente, contando as histórias vividas por ambos antes mesmo deles se conhecerem, como se já houvessem trocado muitas vezes essas narrativas. Desta forma, mesmo as histórias que tinham acontecido com apenas um deles podiam ser contadas pelo outro, como se tivessem acontecido com o primeiro.*
> *No fim na tarde, na beira da Lagoa dos Patos, quando eu já estava indo embora, o Thomas e a Keyla me contaram que o momento em que o sol se encontra com o mar é quando o orixá Xango se encontra com a orixá Iemanjá, que são marido e esposa, respectivamente. (22 de novembro de 2015)*

Nesta narrativa da Keyla e do Thomas, sobre Iemanjá e Xangô, este casal faz com que pensemos a relação do casamento como um ciclo diário, onde acontece uma separação temporária, entre o homem e a mulher, e que o momento de reencontro é tão bonito quanto o momento em que eles se separam, o primeiro acontece no pôr-do-sol e o segundo quando sol nasce, fazendo ambos parte de um ciclo. Da mesma forma, dona Ondina e seu Ivo se encontravam a noite, por exemplo, para que ela lê-se revistas para ele, e durante o dia, o Ivo saia para pescar ou fazer o trabalho de atravessador de pescado, com o qual obteve renda suficiente para que o casal adquirisse a casa própria. Portanto, Keyla e Thomas, assim como a Maria Ondina e seu Ivo, através das suas narrativas míticas e das suas histórias de vida apresentam uma maneira de compartilhar momentos entre homens e mulheres, mantendo o respeito um pelo outro.

Desta forma, foram apenas dois os casos de mulheres que me falaram ter sofrido agressões físicas e psicológicas dos companheiros na Colônia Z-3. A partir disso, podemos perceber que os personagens da Bruxa e do

Lobisomem, além da feitura de feitiços e também as representações de Xango e Iemanjá, lembradas por Thomas e Keyla, se apresentam como entidades mediadoras de conflitos, que conseguem, muitas vezes, restabelecer o equilíbrio entre os homens e mulheres na Colônia de Pescadores Z-3, evitando situações de violência doméstica.

Além disso, em outras áreas em que o Estado não consegue alcançar de maneira satisfatória esta população que vive na Colônia de Pescadores Z-3, essas pessoas articulam outras práticas para contornar as suas demandas. Desta maneira, a Deti, por exemplo, cuida para que sua rua não fique esburacada e cheia de lixo, tapando os buracos com entulhos de material de construção. Ademais, com o intuito de tornar a vila mais atrativa aos seus próprios olhos, a Deti espalha mudas de rosa, palma, entre outras plantas, pela colônia de pescadores e pescadoras.

Da mesma forma, por exemplo, eu pude coletar uma fala da filha da Deti, a Renata, que em uma conversa informal na minha casa me falou sobre a sua vontade de realizar melhorias na vila para as crianças.

> *A Renata e os seus amigos trocaram muita conversa boa comigo, naquela noite. Ela expressou o desejo de fazer brinquedos na pracinha da Z-3, dizendo que já havia combinado com as professoras da escola para que liberassem as crianças para produzirem os brinquedos junto com os adultos da vila, que se interessassem pela ideia.*
> *Segundo a Renata, a prefeitura tinha colocado brinquedos na pracinha do centro da vila, mas que as pessoas tinham destruído todos os brinquedos. Então, ela pensava em reunir a comunidade para revitalizar a praça, contando com o envolvimento dos moradores para que eles se sentissem também responsáveis por preservar o espaço. (22 de agosto de 2015)*

Neste relato a Renata se mostra descontente com o esquecimento da Colônia de Pescadores Z-3 pelo Estado e também com o fato de os moradores da vila não valorizarem as poucas melhorias realizadas pelo poder público. Assim, a solução que ela encontra para o problema de não haver uma área de

lazer para as crianças da Colônia, por exemplo, está em envolver a comunidade para que as pessoas (re)construam a pracinha juntas.

Portanto, a Deti e a Renata abrem os nossos olhos com relação ao fato de que os moradores da Colônia Z-3, como um todo, estão acostumados a realizarem melhorias nesta vila, que seriam obrigação do Estado, como: revitalizar áreas de lazer, trapiches e pontes, além de cuidar das ruas e calçadas como se fossem parte do seu quintal.

Ademais, as práticas de medicina tradicional, oferecidas pelo Estado através do atendimento no Posto de Saúde da Colônia de Pescadores Z-3, são complementadas pelas práticas de benzeduras, no que concerne a cura de doenças, a qual apresentaremos com mais detalhes no próximo tópico, mas, que evidenciam a capacidade de mediação dos moradores da Z-3 entre as suas cosmologias e as do Estado.

Por outro lado, no que diz respeito às áreas comuns da Colônia de Pescadores Z-3, ou seja, os espaços abertos das ruas e os entornos da Divinéia, da Escola e da Igreja, apesar dos adultos serem os responsáveis por manter a organização e a limpeza desses espaços, neste território são as crianças as poderosas.

Certa vez, por exemplo, uma das moradoras desta comunidade me disse: "A Z-3 *é a terra dos cachorros e das crianças*", pois se o espaço doméstico é de domínio feminino e o espaço aquático tem o universo masculino como predominante, as ruas da Colônia de Pescadores Z-3 são de domínio do universo infantil, pois são essas as figuras que encontramos pelas ruas, brincando de pega-pega, jogando pião, bola ou andando a cavalo.

Para as crianças da Z-3 os dias mais "chatos" são aqueles em que elas não podem sair de casa e nestes dias elas reclamam para suas mães: "ah... não da pra fazer nada" ou "não tem nada pra fazer". A seguir trago um trecho do meu diário de campo que ilustra a relação das crianças entre si e também evidência, a partir do universo infantil, "o que se pode fazer na Z-3".

> *Saindo da minha casa, vi a Joana (13 anos) e com um menino (12 anos) de óculos pretos e quadrados, com uma caixa de um teclado que carregava no ombro. Eu me encantei com aquele tipo, com um estereótipo "nerd" e também me surpreendi com os passos rápidos que esses dois*

> *davam pela vila tão tranquila. Então, perguntei, curiosa, onde eles estavam indo com tanta pressa. Foi assim que a Joana me apresentou o seu primo Ryan, contando que os dois tinham combinado de ensaiar para uma banda, mas o Ryan tinha esquecido o carregador do teclado em casa e eles estavam indo buscar. Eu chamei os dois para virem na minha casa e me falarem mais sobre este projeto, demonstrando o meu interesse. O Ryan voltou da casa dele com o carregador e mais duas meninas: A Mirela, sua prima e melhor amiga, e a Nicole.*
>
> *Na minha casa, começou a surgir a ideia de fazermos uma música, mas todos se perguntavam: "Qual seria o tema?". Então, a minha irmã deu uma ideia: "Acho que tem que ser sobre uma coisa que vocês gostam de fazer". Então, cada criança foi falando sobre aquilo que gostava de fazer em ritmo de reggae, a única base que eu sabia tocar no violão, e o Ryan me acompanhava no teclado. Desta forma, cada criança respondia a seguinte pergunta que estava na música: "O que da para fazer aqui na Z-3, povo?". Entre as respostas surgiram: andar de bicicleta; tomar banho de praia; andar a cavalo; "dar role" (passear) com os "cupinchas"; brincar de pega-pega; e estar com os amigos. (19 de setembro de 2015)*

As crianças na Colônia de Pescadores Z-3 são muito unidas, apesar de formarem grupos a partir da proximidade das suas casas, como as que moram no final da vila, próximo a Praia do Junquinho, ou as que vivem perto da Divinéia, perto da escola, ou no Cedrinho – este último localizado na entrada da vila. Assim, neste relato, por exemplo, enquanto a banda tinha apenas dois componentes, logo este número se transformou em seis, consequentemente, as crianças nos contagiaram, e eu e a minha irmã também entramos na brincadeira.

Outra evidencia da aproximação entre as crianças é o fato delas ressaltarem que umas das coisas boas de se fazer na Z-3 é "*dar rolê com os cupincha*" e estar com os amigos, se mostrando muito sociáveis e, por vezes, curiosas. Assim, a maioria das visitas que eu recebia em minha casa, por

exemplo, eram de crianças, em especial da Thamires, irmã da Joana que tem 9 anos e também do Miguel, de 10 anos.Além disso, as ruas, os arroios e os campos abertos que ficam bem próximos a área urbana da Colônia Z-3 são os espaços frequentados e também cuidados pelas crianças.

Atrás da cooperativa de pescadores desativada e que serve para rituais afro-religiosos, por exemplo, tem uma capoeira, um clarão, contornado por um mato de juncos e um arroio que passa pelos fundos da Colônia Z-3. Nesta capoeira as crianças fizeram um campo de futebol. Elas armaram sozinhas as goleiras de futebol, com restos de redes de pesca, pintaram o campo e construíram uma estrutura que serve como um banco para os jogadores reservas. Desta forma, é possível perceber que as crianças não esperam pelos adultos para realizarem as suas atividades, demonstrando uma autonomia principalmente no que tange o espaço exterior a casa.

Além disso, por elas passarem muito tempo brincando nas ruas, as crianças têm um papel fundamental na comunidade que é o de alertar os adultos sobre o que esta acontecendo em toda a vila. Assim, foram algumas crianças que, depois da enchente que aconteceu em meados de outubro, alertaram a população de que haviam dois jacarés no arroio da praia dos Junquinhos, por exemplo. Por vezes, também, quando estamos chegando na casa de alguém e as crianças desta família estão brincando na rua, elas saem correndo e entram em casa para anunciarem aos familiares a nossa chegada, além de mapearem o entorno de suas casas de acordo com: as casas de outras pessoas; a localização dos arroios e das valetas; e, até mesmo, a partir da maior concentração de minhocas na areia, como descrevo neste relato do dia em que fui pescar de caniço com o Deleon.

> *Nós fomos até a casa do Deleon, que fica no final de uma rua sem saída. O Deleon tem como vizinhos uma família com dois irmãos pequenos, o Theo e outro, que eu não posso recordar o nome, o primeiro com cerca de dez anos e o outro com idade entre quatro e cinco anos, este último sempre com o biquinho na boca.*
> *Então, nós fomos até a casa do Deleon e pegamos uma enxada para coletar minhocas para uma pescaria de caniço. O Theo e o seu irmão vieram atrás do Deleon e disseram que tinha umas minhocas no "valetão". Eu e o Deleon fomos até a*

> *beira da valeta, com uma enxada, pra pegar as minhocas. O Theo e o irmão dele ficaram nos acompanhando na coleta.*
> *O Theo nos indicou o local onde haviam canos e, por isso, não poderíamos cavar. O menino falou sobre isso, nos dizendo que tinha rebentado um cano de uma vizinha, catando minhoca pra pescar jundiá [Rhamdia quelen]. Já o irmão mais novo, contou ter medo de minhocas, dizendo que elas mordiam. (02 de maio de 2015)*

Nas narrativas míticas dos moradores da Colônia de Pescadores Z-3 que tratam sobre personagens infantis, os não-humanos chamados de Anjinhos, estas figuras míticas são anunciadoras de algum acontecimento e, geralmente, são avistadas nas ruas da vila ou fazendo estripulias nos quintais. As aparências destas crianças são: um menino de cabelos loirinhos e cacheados; uma guriazinha que se balança em um galho; crianças que caminham de mãos dadas; ou de uma guriazinha que chora. Por conseguinte, segundo Ribeiro (2012), as crianças sobre-humanas que aparecem para os moradores da vila geralmente anunciam alguma morte e, assim, prepara e acolhe com zelo a família que perderá um ente querido, sendo um personagem mítico que se relaciona com os humanos para lhes causar o bem (Ribeiro, 2012).

Desta forma, articulando o trabalho de Ribeiro (2012) sobre os personagens míticos das Bruxas, dos Lobisomens e dos Anjinhos e o reflexo desta cosmologia na ordem social da Colônia de Pescadores Z-3, com as minhas experiências, obtidas através de oito meses de trabalho de campo, podemos visualizar de forma materializada aquelas características que delimitam o universo masculino, feminino e infantil. Por outro lado, é possível perceber que estes universos simbólicos estão em constante estado de permeabilidade.

O diálogo entre os universos simbólicos masculino, feminino e infantil fica evidente quando observamos os seus espaços sociais prioritários, respectivamente, o mar, a casa e a rua. Estes espaços se tornam permeáveis, sugerindo a existência de diálogo entre universos simbólicos, nos seguintes exemplos: quando os homens estão aposentados ou não tem peixe para pescarem e, assim, adentram o espaço prioritariamente feminino da casa;

quando é a mulher quem invade o território masculino do mar e da pesca, ao palpitar sobre os direitos dos pescadores e das pescadoras perante um sindicato, ou praticar alguma arte de pesca; ou, até mesmo, em situações de conflito ou de insatisfação desta comunidade com relação a falta de assistência do Estado, fazendo com que esta população se valha de práticas próprias da sua cultura, como as benzeduras, para suprir as suas carências.

Assim, a prática de “trabalhos afro-religiosos”, as benzeduras, a convocação das forças da natureza, ou mesmo a aparição dos espíritos de crianças e a maneira como são delineados os universos simbólicos feminino e masculino são responsáveis por gerar uma simetria entre os homens e as mulheres, mediando conflitos e, assim, atenuando os problemas da vida cotidiana.

Desta forma, esta comunidade desenvolveu maneiras de mediar conflitos e remediar dificuldades sociais, produzindo autonomia, tanto dos adultos quanto das crianças, no que diz respeito à falta de infraestrutura e ao acesso a saúde e opções de lazer, além dos problemas relacionados à violência doméstica.

Tendo em vista esta forma de organização social que delimita os universos simbólicos masculino, feminino e infantil e, ao mesmo tempo permite que estes espaços se interpenetrem, além da identificação das cosmologias presentes na Colônia Z-3, realizadas no subtópico 4.1, partimos para o próximo Capítulo.

No Capítulo 5, serão apresentadas as formas míticas rituais presentes na Colônia Z-3 e a maneira como elas interferem no cotidiano dos moradores desta comunidade. Além disso, serão abordados as expressões de devir entre as formas rituais e as narrativas míticas das cosmologias negra, indígena e portuguesa, presentes na Colônia.

CAPÍTULO 5
UM PASSO PARA AS NARRATIVAS MÍTICAS AQUÁTICAS DA COLÔNIA DE PESCADORES Z-3

Depois de realizar uma leitura sobre o cotidiano dos moradores na Colônia de Pescadores Z-3, apontando as minhas primeiras impressões, seguidas pela história deste povoamento e de algumas expressões das cosmologias presentes nesta comunidade, percebemos que os hábitos, as histórias de vida e as narrativas míticas dos moradores da Z-3 evidenciam formas próprias de se relacionar com o ambiente aquático e costeiro.

Diante disso, neste Capítulo será realizada uma investigação sobre as categorias empíricas utilizadas pelos moradores da Colônia Z-3 para experienciar, apreender e conviver com o território das águas, bem como, com os seres que o habitam.

Desta forma, divido este capítulo em dois subitens.

No primeiro, “Percepções, Cosmologias e Ações dos Seres Míticos no Cotidiano da Colônia de Pescadores Z-3*”,* procuro apresentar, a partir da etnografia, as expressões de diálogo entre as cosmologias presentes nesta comunidade. Para esta investigação me valho das maneiras através das quais as pessoas contam as histórias da origem da Colônia de Pescadores Z-3 e também das narrativas que tratam sobre a maneira como os seres míticos interferem no cotidiano desta vila.

Por fim, o subitem 5.2 deste capítulo, intitulado “A santa Nossa Senhora dos Navegantes e a orixá Iemanjá: o devir católico e afro-religioso” apresenta, através destas duas personagens míticas, os hábitos dos moradores da Colônia de Pescadores Z-3 relacionados ao estabelecimento de redes de compartilhamento de conhecimentos e de instrumentos; as características atribuídas através destas personagens míticas aquáticas ao oceano e as grandes lagunas; e, além disso, a confluência entre o passado, o presente e o futuro, que fazem da mitologia uma expressão intemporal.

5.1. Percepções, Cosmologias e Ações dos Seres Míticos no Cotidiano da Colônia de Pescadores Z-3

Nos primeiros contatos com a Colônia de Pescadores Z-3, seja da janela do ônibus, ou sobre os trapiches, seja almoçando nos restaurantes de comidas típicas ou nas primeiras conversas com os moradores, esta comunidade apresenta uma relação estreita com o universo pesqueiro. Desta forma, pela minha proximidade com São José do Norte, eu identificava muitos dos hábitos dos pescadores nortenses na Colônia de Pescadores Z-3, e assim fui me aproximando dos moradores desta vila, observando, primeiramente, as características que definem esta comunidade como pesqueira.

No primeiro dia em que estive na Colônia Z-3, do dia 25 de novembro de 2014, fui recepcionada pelo Nicolas, um menino de 13 anos. Eu conheci o seu pai, Marcelo, no ônibus em direção à Colônia Z-3, ao pedir informações sobre o ponto de ônibus em que deveria descer nesta comunidade. Este homem, percebendo que eu era uma turista, perguntou se eu não queria ir até a sua casa, pois o seu filho poderia me levar para dar um passeio e me apresentar à vila.

O Nicolas, que estava jogando vídeo game quando eu cheguei à sua casa e o seu pai pediu para ele dar uma caminhada comigo pela Z-3. Neste passeio, quando nos sentamos nas escadarias da igreja, eu, ansiosa para especular sobre a mitologia da região, contei para o Nicolas sobre o trabalho da Angelita Ribeiro (2012), dizendo que este material trazia histórias sobre as Bruxas, os Lobisomens, e os Anjinhos da Colônia Z-3. Então, ele achou muito engraçado e acabou contando sobre um causo de um pescador que diziam ser lobisomem.

> *O menino me falou que a sua avó contou que o seu avô, já falecido, saía para pescar com um homem que toda a noite pedia para descer do barco, indo para o meio do mato. Este pescador só voltava no dia seguinte pela manhã, vomitando peixe cru, insinuando que este homem se tratava de um lobisomem. (29 de novembro de 2014)*

Nos meus primeiros contatos com essa comunidade tudo o que podia observar eram: crianças brincando nas ruas; cachorros perambulando pelas calçadas; gatos pulando cercas ou deitados na porta dos galpões de pesca; homens costurando redes ou descarregando peixe em banheiras de plástico; mulheres de aventais caminhando pelas ruas; alguns bares com homens jogando cartas e fumando palheiro; trapiches com caíques e embarcações de médio porte atracadas; a Divinéia, com barcos em atividade e também embarcações abandonadas apodrecendo, lugar no qual os pescadores conversam e fumam cigarros enrolados; galpões de pesca voltados para as praias da laguna, com areias tomadas por conchas.

Desta forma, estas primeiras imagens me indicavam que os moradores da Colônia de Pescadores Z-3 tinham uma relação estreita com o Estuário da Lagoa dos Patos, enquanto um espaço aquático que contornava toda Colônia Z-3. Assim, por exemplo, as narrativas míticas dos moradores estavam colocadas sobre uma prática pesqueira, como a que trouxe anteriormente através da fala do menino Lucas.

Além disso, as narrativas míticas que contam com a presença de personagens como Bruxas e Lobisomens, negros que arrastam corretes e índios que cavalgam evidenciam que a Colônia Z-3, de cultura aparentemente portuguesa açoriana, é atravessada pelas cosmologias negras e indígenas (RIBEIRO, 2012).

Por conta destes apontamentos no trabalho de Angelita Ribeiro (2012), eu fui ao encontro desses personagens durante a minha etnografia na Colônia de Pescadores Z-3, com a esperança de que eles me aproximassem do espaço simbólico mítico aquático

Desta forma, sucedeu-se a coleta de uma narrativa, por exemplo, em que a personagem da Bruxa se colocava em um conflito direto com o orixá Xapanã, este último próprio da mitologia afro-brasileira. Segundo a Keyla, moradora da Colônia Z-3, e que ajudou o marido Thomas a contar esta narrativa, a história do orixá Xapanã é a seguinte:

> *O Xapanã, quando era criança, foi abandonado pelos pais. A orixá Iemanjá, então, o adotou. Quando esta orixá encontrou o Xapanã, ele tinha feridas por todo o corpo e também estava muito magro e doente. Ela cuidou dele, até que*

> *ele se curou, mas as feridas não deixaram o seu corpo. Por isso até hoje ele usa uma roupa de palha que cobre inclusive o seu rosto. (22 de novembro 2015)*

Além disso, para ilustrar melhor a situação de encontro entre a Bruxa e o orixá Xapanã, antes de trazer esta narrativa, apresento a foto de uma escultura do Xapanã do artista argentino Carybé, que dedicou grande parte de sua obra para retratar a religiosidade e os costumes de pessoas humildes – como pescadores, vendedores ambulantes, capoeiristas, lavadeiras e prostitutas – da cidade de Salvador, na Bahia.

Figura 08. O orixá Xapanã por Carybé.

Agora sim, enfim, a narrativa da Keyla e do Thomas:

> *O Thomas me disse que o tio dele "tinha um gurizinho" (um filho), e que o menino se*

acordava todas as noites chorando e dizendo: "ela tá ali, pai! Pai! Pai! Ela tá ali". Os pais da criança não entendiam o que estava acontecendo com o menino, pois não viam nada e já estavam desconfiados de que a criança estava enlouquecendo. Então, em uma noite, o pai do menino resolveu se deitar com um facão do lado da cama e ficar atento aos gritos do menino. Assim que a criança chorou, ele foi correndo até o quarto com o facão em punho e viu uma Bruxa sugando um "vapor" do menino. O Thomas me disse que a bruxa sugava a inocência e a carência das crianças, coisa que as bruxas não tinham. Então, o pai do menino, vendo a cena, saiu correndo atrás da Bruxa tentando alcançá-la com o facão. Mas a Bruxa era muito rápida, ela deu uma volta por toda a casa até que chegou na porta e, então, passou pelo buraco da fechadura. Na outra noite o pai da criança disse: "é hoje que eu pego essa Bruxa". O homem botou o facão debaixo do travesseiro e dormiu agarrado no facão. Quando a criança deu "o primeiro chorinho" o pai dela já estava na porta do seu quarto. Entretanto, o que o fez chegar tão rápido até ali não foram simplesmente as suas pernas compridas, mas o Xapanã que o pai do menino incorporava na terreira que freqüentava. O Xapanã, que possuía o corpo do pai do menino, saiu correndo atrás da Bruxa. A Bruxa corria pelas paredes do quarto e o Xapanã corria atrás dela passando o facão muito próximo às roupas da Bruxa, até que, quando ela estava chegando perto da porta da casa, o Xapanã arrancou um pedaço da sua roupa e a bruxa sumiu novamente pelo buraco da fechadura. Ela usava uma roupa preta e roxa. O pai do menino abriu a porta da casa rapidamente e o seu Xapanã correu em direção ao bambuzal que tinha nos fundos da casa. O Xapanã, usando o corpo do pai do menino, parou no meio do bambuzal e gritou: "Eu sei onde você está Bruxa desgraçada, eu vou te pegar. Se você aparecer aqui de novo eu vou te matar, eu sei quem você é, sua Bruxa." No outro dia, o pai do menino foi até a casa da mulher que havia visto na noite anterior. Ela era uma

> *velhinha que ia visitar a família e de quem ele já havia desconfiado. O homem disse para o marido da mulher que não queria mais ver a mulher chegando perto da casa dele e do seu filho. Caso a mulher se atrevesse a fazer isso o pai da criança ameaçou matá-la, dizendo que sabia que era ela a tal Bruxa. Depois disso a mulher nunca mais foi até a casa desta família e quando cruzava por eles na rua trocava de calçada, passava de cabeça baixa, sem nem cumprimentar. (22 de novembro de 2015)*

Nesta narrativa, a Bruxa invade o território doméstico para sugar a inocência da criança, criando uma situação de perigo, instabilidade e incerteza na família em que ela ataca. Por outro lado, o orixá Xapanã, próprio da cosmologia afro, é o responsável por restabelecer a ordem na família, evitando que a criança perca a sua inocência e carência.

Desta forma, podemos dizer que, a religiosidade afro-brasileira se coloca como um contra-poder em relação a personagem mítica que remete a tradição cultural portuguesa, “botando a Bruxa para correr” quando ela invade o espaço da casa e passa a interferir na dinâmica de vida da família. Por conseguinte, esta narrativa aponta para uma inversão das relações hierárquicas entre as cosmologias portuguesas e negras, em relação à ordem sociológica que está posta na Colônia Z-3.

Para reforçar este argumento, coletei uma narrativa que trata sobre uma figura mítica conhecida como Negrinho do Pastoreio, entre outros nomes, que, segundo Rogério Rosa (2013), percorre uma diversidade de nacionalidades – brasileira, uruguaia, argentina – e culturas – indígena, negra e portuguesa – além de se manifestar em uma variedade de gêneros literários – como a poesia, o romance, a historiografia, o mítico e o lendário -, entretanto, com variações que não afetam a estrutura do mito como um todo, mantendo uma estrutura fixa que se repete através destas culturas.

Assim, na Ilha da Feitoria, por exemplo, os personagens míticos que remetem à presença dos africanos nesta comunidade, além se manifestarem através de barulhos de correntes sendo arrastadas também podem ser avistados e acionados pelos moradores da Colônia Z-3 em caso de necessidade. A seguir, trago uma narrativa do pescador da Colônia Z-3,

Deleon, sobre o Negrinho do Pastoreio que, apesar ser avistado, ainda mantém o caráter fugidio dos personagens negros e índios trazidos pelos interlocutores de Ribeiro (2012), que se expressam apenas através de ruídos.

> *Um menino entre 07 e 10 anos foi caçar passarinho e se perdeu no mato, "pro lado das Carvoeira", na Ilha da Feitoria. Então a sua família acendeu uma vela para o Negrinho do Pastoreio, para que o Negrinho ajudasse a família encontrar o menino.*
> *Naquela noite, a criança subiu em cima de uma árvore com medo que as cobras o pegassem e quando o sol já estava quase saindo ele avistou um homem negro, de chapéu e capote. O negro mandou o menino seguí-lo e, então, como a criança estava muito cansada de ter passado a noite inteira no mato, o menino pediu para subir no cavalo do negro. O negro apenas respondeu: "me segue". Então, o menino foi seguindo o negro até que eles chegaram em frente à casa do menino, que, na época, morava na Ilha da Feitoria. O menino entrou correndo dentro de casa e a sua família logo saiu para agradecer o cavaleiro negro, mas ele já havia desaparecido.*
> *Esta família acredita que foi o Negrinho do Pastoreio que buscou o menino no mato. Hoje o menino está com 18 anos e mudou-se da Ilha da Feitoria para a Colônia Z-3. (05 de janeiro de 2016)*

O Negrinho do Pastoreio surge, nesta narrativa, como um homem adulto e negro, de chapéu e capote, montado em um cavalo, que não fala e desaparece assim que cumpre a sua missão para com os pescadores que o solicitaram. Assim, o Negrinho do Pastoreio, além de estar entre-culturas, como bem lembra Rosa (2013), possui a capacidade de atravessar gerações, e, consequentemente, de interferir na realidade vivida dos moradores da Colônia Z-3, que ao sentirem que perderam algo, por exemplo, acionam o Negrinho em busca do objeto ou da pessoa perdida.

Portanto, como ressaltou Angelita Ribeiro (2012), os moradores da Colônia de Pescadores Z-3 se valem da mitologia para criar um espaço simbólico comum, capaz de compartilhar uma diversidade de conhecimentos.

Desta forma, as narrativas míticas dos pescadores e das pescadoras da Colônia Z-3 são capazes de desconstruir, através de mediações, relações hierárquicas cosmológicas e isso se estende inclusive para as relações de gênero desta comunidade, como foi exposto no Capítulo 3.

Assim, os moradores da Colônia de Pescadores Z-3, desde o tempo em que viviam na Ilha da Feitoria até agora, estão acostumados a serem autônomos em relação à solução dos seus problemas. Para tanto, estas pessoas desenvolveram redes de compartilhamento de instrumentos e informações entre humanos, não-humanos e sobre-humanos que facilitam a busca por alimento, entre outras necessidades, como a cura de doenças e também a solução de conflitos entre os próprios moradores da Colônia Z-3.

Assim, é muito comum nas comunidades de pesca tradicional, por exemplo, existirem mulheres curadoras, chamadas de benzedeiras e, até mesmo, homens benzedores, que são sobre-humanos capazes de contatar não-humanos para a cura de doenças.

A minha avó, Maria Tereza Amorim me conta que na sua infância, na comunidade de pescadores do Retiro, em São José do Norte, existiam benzedeiras. Essas pessoas eram consultadas pelas famílias que moravam "pra fora" - como se fala daqueles que vivem distantes do centro urbano - para a cura de doenças como o quebranto, a dor de cabeça, a dor de dente, para estancar o sangue, para verruga, para espinhela caída, para cobreiro[5], entre outras doenças.

Da mesma forma, na festa em homenagem à Iemanjá, na madrugada do dia 1º de fevereiro de 2014, na Praia do Mar Grosso, em São José do Norteas entidades benzedeiras, chamadas de caboclos, ocupavam os corpos dos afro-religiosos nas terreiras armadas na beira da praia. Desta forma, segundo os frequentadores da tenda chamada de Caramuru, uma terreira nortense, os caboclos benzedeiros, são espíritos indígenas que curam as "doenças da alma" que, segundo os afro-religiosos são aquelas doenças "que não podem ser desfeitas pela medicina".

Estas pessoas não chegaram a me dizer o nome dessas doenças e, nem mesmo, o motivo pelo qual elas não podem ser curadas pela medicina

[5] Erupção cutânea à qual é atribuída a causa de ter passado pelo local do ferimento um bicho peçonhento, como uma cobra (CASCUDO, 1959).

tradicional. Entretanto, é possível que algumas dessas enfermidades não possam ser curadas pelos médicos que trabalham nos hospitais públicos e privados – como o quebranto, o mau-olhado, a espinhela caída, entre outras – porque muitas dessas doenças nem sequer são conhecidas por estes especialistas, pois são aquelas listadas pela medicina popular que não possuem um equivalente na medicina tradicional.

O quebrando é uma dessas doenças. Esta moléstia era registrada nos dicionários portugueses como sendo causadora de desfalecimento, de prostração, de “quebramento do corpo”. No Brasil, esta doença está associada a uma influência exterior maléfica do feitiço, sendo inclusive sinônimo de “mau-olhado”. Assim, o quebranto, ou mau-olhado, é gerado por um feitiço por fascinação, à distância, que não depende de um ritual propriamente dito para acontecer. Aliás, não são somente as pessoas que desejam o mal a outras que dão o quebranto, mas também aquelas que desejam o bem, sendo, desta forma, o quebranto altamente propagável (CASCUDO, 1959).

Assim, logo nos primeiros dias em que me mudei para a Colônia de Pescadores Z-3, no início do mês de agosto de 2015, conheci uma das benzedeiras da comunidade, a dona Nilza, - que nos foi indicada pela minha vizinha Raida quando a minha irmã se queixava de dores nas costas - o que evidenciou o fato de esta pessoa ser muito requisitada pelos moradores da Colônia Z-3. A seguir trago um trecho do meu diário de campo, em que descrevo a minha visita a benzedeira dona Nilza.

> *Eu a Juliana, saímos de casa, seguindo os pontos de referência que a Raida nos havia indicado para encontrarmos a casa da Benzedeira. Caminhando pelas ruas de areia da Colônia Z-3, passamos pelo mercadinho do André e uma lojinha de esquina que vendia artigos variados. Quando chegamos nesta lojinha perguntamos a três mulheres que caminhavam pela rua, conversando, se elas conheciam a benzedeira com o nome de Nilza. Elas, prontamente, nos apontaram a casa da mulher que benzia, onde havia uma cerca viva, que demarcava o terreno. Neste pátio havia duas casas, a da frente era da dona Nilza, com um cachorro que anunciou a nossa chegada.*

A dona Nilza saiu pelos fundos da casa e veio até a cerca viva para nos atender, abrindo de pronto o portão para nós, sem que explicássemos muito o porquê da visita. Esta atitude da Benzedeira nos demonstrou que esta mulher estava acostumada a receber pessoas que procuram pelas seus serviços.

O pátio de dona Nilza era de chão batido, sem muitas plantas, a não ser um pé de limão, que ficava nos fundos da casa, além de algumas mudas de boldo e manjericão, plantadas no canto do muro. Ela pediu que esperássemos um pouco porque estava terminando de sovar um pão. Com ela, na cozinha, estava o marido, um senhor de muita idade, e uma vizinha que ria de tudo o que a dona Nilza contava, dizendo para nós que não era para acreditar nela por que contava muitas mentiras.

Então, a Nilza nos explicou que o seu marido não caminhava e reclamou que a vida era muito difícil, por isso ela dava risada da vida. Desta forma, em meio a nossa conversa, ela fazia versos e contava piadas e anedotas com muitos palavrões, sempre rindo e debochando de tudo e, logo em seguida, pedia desculpas pelas suas brincadeiras.

Assim, começou a contar uma de suas anedota, dizendo que, certa vez, veio um circo para a Colônia Z-3 e que neste circo fizeram um concurso de verso. A Nilza estava com uma amiga na plateia e disse para esta mulher que iria fazer um verso cheio de palavrões. Então, a sua amiga ficou muito nervosa e dizia pra ela não falar aquilo, que ela ia morrer de vergonha. Mas não tinha jeito de convencer à dona Nilza de não dizer os tais versos. Assim, na hora do concurso, foram selecionadas 3 pessoas da plateia para dizerem os versos: a dona Nilza, a sua amiga e uma terceira mulher. Primeiro recitou a desconhecida, depois a amiga da dona Nilza e por fim, a Nilza que recitou outro verso no lugar do que tinha falado para a amiga, muito mais bonito e sem palavrões, deixando a sua parceira aliviada e a plateia tão satisfeita que ela foi a vencedora do concurso. [...]

> *A primeira a ser benzida pela dona Nilza foi a minha irmã, Juliana, que falou pra ela que estava com muita dor nas costas. Ela fazia a benzedura com um ramo de folhinhas que arrancou de uma planta que tinha no quintal de casa. A cada intervalo de palavras, que dizia em versos e que não podíamos compreender, ela jogava uma folhinha para trás, por cima do ombro. Cada uma dessas folhinhas representavam uma pergunta, somando três perguntas ao final. Se a folhinha caísse com a parte mais verde da folha para cima, não havia problema algum. Por outro lado, se a folha caísse "virada", como ela dizia, então, dona Nilza apontava o problema. Assim, apontou que minha irmã Juliana estava com olho gordo e disse pra ela não se preocupar com isso, que "não dava nada". Ela sentou a Juliana no chão e puxou seus braços pra cima, virando o seu corpo, fazendo algo parecido com quiropraxia. A Juliana me disse que depois disso a sua dor nas costas passou. (06 de setembro de 2015)*

A dona Nilza recitava os seus benzimentos em verso, mas era tão baixo e tão rápido que não pude compreender o que ela dizia. Entretanto, a autora Yara Maria Penteado (2005), que desenvolveu um estudo sobre curandeiros, benzedores e outros magos do Mato Grosso do Sul, registrou alguns benzimentos para o olho gordo, ou mau-olhado, ao qual estava arremetida minha irmã Juliana, por exemplo, que pode ilustrar a maneira como são feitas as benzeduras. Assim, a benzedeira Iracema, nascida em Coxim (MS), disse que para curar mal olhado fazia a seguinte oração:

> Eu te rezo do mau-olhado,
> Com dois eu te ponho
> Com três eu te tiro, com o poder de Deus
> E da Virgem Maria,
> Vai quebranto, vai mau-olhado.
> Para as ondas do mar sagrado
> Onde não ouve o galo cantar
> Nem cachorro latir
> Nem gato miar
> Nem boi berrar.
>
> Repetir a oração três vezes com três ramos verdes fazendo o sinal-da-cruz. Rezar um pai-nosso e uma ave-maria para o santo de devoção da pessoa. Sempre benzer com um copo

> d'água e quando acabar de benzer, jogar a água do copo atrás da pessoa para o lado que o sol se põe.
> (PENTEADO, 2005, p. 68-69)

No Mato Grosso do Sul, as benzedoras e os benzedores que apresentam práticas como esta, que trago anteriormente - e que são muito similares as que a minha avó Maria Tereza me contou sobre as benzedeiras da colônia de pescadores do Retiro, em São José do Norte, e as que eu presenciei com a minha irmã Juliana na Colônia de Pescadores Z-3 -, têm relações estreitas tanto com tradições de pajés, quanto com cultos africanos antigos, e também rituais portugueses (PENTEADO, 2005). Desta forma, podemos supor que a prática das benzeduras é transmita entre as gerações.

Assim, os benzedores e as benzedeiras, geralmente recebem o "dom" da benzedura por herança familiar. Entretanto, não basta ser descendente daqueles que praticam os benzimentos para adquirir este "dom", como nos explica dona Nilza, no relato a seguir.

> *Então, eu perguntei, primeiramente, quem a tinha ensinado a benzer. A dona Nilza disse que foram a sua avó e a sua mãe, ambas benzedeiras, mas que a mãe morreu quando ela tinha apenas 12 anos e, então, não teve muito para aprender com ela. Entretanto, antes da sua mãe falecer, a Nilza teve uma visão de Nossa Senhora das Graças do Céu. Neste dia, ela estava carregando dois latões de água, um em cada mão [me mostrou o canto do pátio, na frente, perto da cerca viva, onde viu a imagem desta santa]. Ela largou os baldes no chão assustada e chamou a mãe dela pra ver a imagem da santa, que tem uma cobra enrolada nos pés, mas quando a sua mãe chegou no portão, a santa já havia desaparecido. Então, desde aquele dia, "veio todas as benzeduras na minha cabeça", disse a Nilza.*
>
> *Por conseguinte, eu perguntei se havia mais alguém na sua família que benzia. A dona Nilza respondeu que tinha uma irmã, mas que ela não benzia de quebranto e nem de espinhela caída,*

> *só de olho gordo, dizendo: "por que tu pode fazer uma oração pra benzer, mas quem tem o dom mesmo é só quem teve uma visão e a minha irmã não teve". (22 de maio de 2017)*

Desta forma, é comum entre os benzedores e as benzedeiras, narrativas sobre eventos míticos marcados por visões não-humanas que geram o dom da benzedura nos iniciados, fazendo-os aprenderem, de uma só vez,todas as rezas e também adquirirem o dom da cura (PENTEADO, 2005).

Hoje em dia, na Colônia de Pescadores Z-3 a dona Nilza continua sendo muito solicitada pelos moradores desta comunidade para curar, além do quebranto, doenças como o cobreiro e o sapinho[6], estas últimas que arremetem principalmente as crianças, levadas na dona Nilza pelas mães.

Assim, apesar de haver o Posto de Saúde da Colônia de Pescadores Z-3, que atende pelo Sistema Único de Saúde e, além disso, atualmente, ir ao centro de Pelotas – onde estão os hospitais mais equipados da região, que recebe inclusive pessoas de São José do Norte, Rio Grande, entre outras cidades do entorno– ser mais acessível do que antigamente, devido à abertura da Av. Pernambuco e também por, atualmente, haver um serviço de transporte público que, apesar dos horários reduzidos, conduz passageiros da Z-3 para o centro, e vice-versa, a dona Nilza continua sendo solicitada pelos moradores da Colônia.

Neste sentido, por exemplo, em um dos dias que eu estava no posto de saúde para marcar uma consulta para o Deleon, havia uma mãe que levou a filha até o posto por que a menina estava com assaduras. Assim, enquanto esta mãe aguardava ansiosa pelo atendimento da menina, uma das mulheres que estavam sentadas ao meu lado disse a ela que levasse a criança na benzedeira dona Nilza.

Este relato evidência que as práticas de benzedura são comuns na Colônia de Pescadores Z-3 e o fato de os moradores usarem os serviços de saúde pública não exclui a sua visita a uma benzedeira ou benzedeiro da região. Assim, na Colônia Z-3 a medicina popular é acessada de forma a

[6] Erupção cutânea que aparecem na boca dos bebês que mamam no peito.

complementar as práticas da medicina tradicional, demonstrando estar em continuidade com estas últimas.

Além disso, é importante ressaltar que, as benzeduras não são práticas específicas de uma cultura, mas elas conectam um complexo de conhecimentos, advindos dos indígenas, dos africanos, dos portugueses e, até mesmo, da medicina tradicional. Desta forma, estas práticas incluem não só a feitura de benzimentos, mas também de simpatias, orações e tabus (PENTEADO, 2005).

Desta forma, por exemplo, nos rituais que acontecem todos os anos na beira da Praia do Mar Grosso, em São José do Norte, na madrugada do dia 02 de fevereiro, em homenagem a Iemanjá, presenciamos a incorporação de entidades benzedeiras, chamadas de Caboclos. Estas entidades também são observadas em alguns rituais umbandistas na Colônia Z-3. Os caboclos são, segundo o Dicionário de Cultos Afro-brasileiros de Olga G. Cacciatore (1977), espíritos de ancestrais indígenas brasileiros que baixam nos cavalos de santos dos terreiros de Umbanda ou outros de influência ameríndia.

Portanto, os personagens míticos chamados de Negro do Pastoreio, o orixá Xapanã e a Bruxa, além das entidades da Umbanda chamadas de Caboclos, e também as sobre-humanas benzedeiras não só destacam a presença das cosmologias indígena e africana na Colônia de Pescadores Z-3, como também demonstram o devir entre estas cosmologias, que acontece no nas narrativas míticas e no espaço ritual.

Além disso, estes seres interferem diretamente na realidade vivida dos moradores desta comunidade. Assim, o Xapanã não deixa a Bruxa fazer o mal a uma criança, as benzedeiras e os Caboclos são capazes de promover a cura de doenças, o Negro do Pastoreio resgata crianças perdidas na mata nativa e também ajuda os humanos a recuperar objetos perdidos.

A partir destas narrativas notamos também que para acessar estes seres de maneira a fazê-los interferir no cotidiano das pessoas, os moradores da Colônia Z-3 realizam rituais como os de fazer uma benzedura, acender uma vela ao Negro do Pastoreio, além de algumas dessas pessoas pedirem a proteção de orixás e a interferência de seres não-humanos através de cultos afro-brasileiros.

O sul do Rio Grande do Sul tem uma forte tradição afro-religiosa, sendo este o território onde se instalaram as primeiras terreiras de batuque do estado (ORO, 2008). Segundo Ari Pedro Oro (2002), o atual complexo religioso afro-gaúcho é constituído principalmente por três expressões culturais: O Batuque, que é uma religião cujos elementos mitológicos, axiológicos, linguísticos e ritualísticos são de origem africana. Além disso, esta religião se caracteriza por cultuar doze orixás, entre eles a Rainha das Águas, Iemanjá; a Umbanda, expressão mais brasileira devido ao intenso sincretismo religioso, que surgiu no Brasil na década de 30 do século passado e que, no Rio Grande do Sul, cultua basicamente as entidades espirituais chamadas de “caboclos”, “pretos-velhos” e “crianças” (Ibejis); e a Linha Cruzada, de maior expressividade no estado do Rio Grande do Sul, e a mais recente expressão afro-religiosa. Esta última vertente surgiu a partir da década de 60, em um momento em que se agravavam os problemas gerados pela consolidação do capitalismo, como a desemprego a insegurança, as doenças e também as frustrações. Desta forma, a Linha Cruzada se caracteriza por ser uma religião prática de “serviço”, ou seja, que se volta às soluções sobrenaturais para os problemas da vida cotidiana.

Nas comunidades que vivem no entorno da Lagoa dos Patos é comum observarmos afro-religiosos de Linha-Cruzada e da linha de Umbanda utilizando-se inclusive da costa da beira da Lagoa e do mar como um espaço para rituais, onde são enviadas oferendas, orações e pedidos a aquela que representa o mar nessas religiões: a orixá Iemanjá (ADOMILLI, 2007; KOSBY, 2008; RIBEIRO, 2012).

Na Colônia de Pescadores Z-3, identifiquei quatro espaços destinados a rituais afro-religiosos, chamados de terreiras, sendo que dois deles são da linha de Umbanda, um da Linha Cruzada e outro, que devido à carência de dados não é possível a sua identificação.

Os rituais próprios da linha de Umbanda, na Colônia de Pescadores Z-3, acontecem em dois lugares. O primeiro está localizado no final da Rua Inácio de Moreira Maciel, onde existe um prédio de uma cooperativa de pescadores abandonada. Neste local, acontecem rituais com intervalos de 15 em 15 dias, aproximadamente, e a cacique desta terreira se chama Neida Machado. Nesta terreira apenas mulheres participam do ritual de possessão, todas elas da

mesma família. Segundo uma das frequentadoras desta terreira, a Eliane, que é irmã da Neida e mãe do Deleon, elas são uma porção de irmãs que foram doutrinadas pelo seu pai.

A outra terreira de Umbanda que pude mapear na Colônia Z-3 fica nas proximidades da Rua Virgílio Mello Azambuja. No dia 31 de março de 2016, eu pude visitar a casa da cacique desta terreira, de nome Dinha Basgalupe, onde ela realiza os rituais afro-religiosos de Umbanda. Neste dia eu escrevi:

> *A Dinha me mostrou a "casinha dos exus". Este lugar lembrava uma capela, em formato oval e pintada de vermelho, fechada por uma portinhola de madeira, que não podia ser aberta, a não ser nos dias de terreira. A Dinha me contou que fazia as terreiras na garagem da casa, quando tira as imagens dos Exus da casinha e coloca em cima de uma grande mesa de madeira em frente à churrasqueira. No mesmo pátio onde fica a casa da Dinha tem ainda mais uma casa, nos fundos.*
> *Então, a Eliane, mãe do Deleon, disse que era "a coisa mais boa" as terreiras ali, com bastante espaço pra girar [nos momentos de transe algumas entidades espirituais, como as pomba giras, ficam girando no meio do salão, ao ritmo de tambores ou somente de cantorias]. (31 de março de 2016)*

Além desta terreira de umbanda, eu pude participar como espectadora de dois rituais em uma casa afro-religiosa de Linha Cruzada, que está localizada em uma rua que não posso identificar o nome, mas que é paralela à Rua Natalício Bernandes e fica atrás do campo de futebol da Colônia Z-3. Esta terreira tem como cacique a Andréia, que tem filhos de religião tanto homens como mulheres. A cacique Andréia me afirmou doutrinar os seus filhos de santo para que eles possam aprender a receber nos seus corpos os espíritos de pomba giras, pretos e pretas velhas e sereias durante os rituais de transe. Nestes rituais acontecem incorporações tanto de espíritos chamados de Caboclos e Exus – como na terreira de umbanda da cacique Neida–, como do chamado "povo do oriente", que são manifestações de entidades ciganas. Estas últimas, segundo Ari Pedro Oro (2002), estão praticamente extintas no Rio Grande do Sul.

Ademais, eu soube da existência de uma terreira localizada bem perto da entrada da Colônia de Pescadores Z-3, pela Av. Pernambuco, que, segundo os moradores desta comunidade é voltada para rituais de Magia Negra, mas eu não tive oportunidade de participar de nenhum destes ritos e não soube ao certo quem eram os frequentadores desta casa.

Todavia, todos os rituais afro-religiosos que eu frequentei ao longo da minha estada na Colônia de Pescadores Z-3, independente da sua vertente, apresentavam como característica a prática de "trabalhos" ou "serviços" que interferissem, em certa medida, no bem-estar e no cotidiano dos participantes do culto. Em um dos rituais de umbanda que participei na terreira da cacique Neida na Colônia Z-3, por exemplo, uma entidade que estava incorporada na afro-religiosa Eliane, chamada de pomba gira Maria Mulambo, me perguntou se eu precisava de alguma coisa, enfatizando:

> *"O que tu quer tu tens que pedir, pede". Então eu me indagava ao mesmo tempo que perguntava à ela: "Mas o que eu peço, Mulambo? Eu preciso de concentração e também achar o que eu vim procurar aqui na Z-3". Então ela me retornou a pergunta: "E o que tu tá procurando?". Então eu respondi: "Eu estou procurando mitos sobre as águas, histórias de Sereias e de Iemanjá, por exemplo." (04 de fevereiro de 2016)*

Este relato demonstra o quão direto são os pedidos dos afro-religiosos para as entidades da Umbanda, como a própria Maria Mulambo solicitou de minha parte, me deixando surpresa e quase sem palavras. Assim, por exemplo, os afro-religiosos podem solicitar um emprego, ou mesmo uma namorada, como me contou o pescador Deleon quando nós começamos a namorar. Ele me disse que havia pedido, na beira da Lagoa, para que Iemanjá o enviasse um amor.

Desta forma, as narrativas e os rituais míticos na Colônia Z-3 demonstram ser, além de espaços de diálogo entre cosmologias, uma proteção simbólica contra as vicissitudes da atividade pesqueira e uma forma de solucionar conflitos no interior dos núcleos familiares, além de serem uma alternativa para suprir as necessidades individuais. Assim, os moradores da Colônia Z-3, realizam associações exitosas: com entidades não-humanas, ao

invocarem, por exemplo, uma pombagira, o orixá Xapanã e o Negrinho do Pastoreio; ao solicitarem os serviços de uma sobre-humana benzedeira; ou mesmo, das forças da natureza, através das figuras de Nossa Senhora dos Navegantes e de Iemanjá, das quais trataremos no tópico a seguir.

5.2. A santa Nossa Senhora dos Navegantes e a orixá Iemanjá: o devir católico e afro-religioso

Ao longo do período em que estive morando na Colônia de Pescadores Z-3, entre agosto de 2015 e junho de 2016, eu registrava no meu diário de campo desde hábitos dos moradores até conversas que tínhamos sobre os mais variados assuntos, mas sem dúvida o meu olhar era mais atento quando o "prumo da prosa" seguia em direção à Lagoa dos Patos, enquanto um território aquático, habitado por personagens míticos.

Desta forma, uma das maneiras através das quais eu me aproximei das narrativas sobre os mitos da águas, e, inclusive, um dos motivos que me impulsionaram a desenvolver esta dissertação sobre os seres míticos aquáticos, foi a Festa da Santa, ou Festa dos Navegantes. Esta cerimônia acontece todos os anos, no dia 2 de fevereiro, na maioria das cidades litorâneas brasileiras e homenageia oficialmente a santa católica Nossa Senhora dos Navegantes, apesar de também contar com a participação de afro-religiosos que reverenciam a orixá Iemanjá.

Por conseguinte, na medida em que eu adquiria mais narrativas e personagens míticos aquáticos, seja através de meus interlocutores, seja através de uma bibliografia específica da mitologia, mais perguntas me vinham a cabeça como, por exemplo: "a santa Nossa Senhora dos Navegantes e a orixá Iemanjá são personagens míticas equivalentes?"; "o que são Sereias?"; "a orixá Iemanjá é uma Sereia"; "será possível que eu também veja Iemanjá e alguma Sereia, como os meus interlocutores me dizem ver?"; "existem Sereias vivas ou somente em espírito?". Estas perguntas me auxiliaram a mapear estes personagens de maneira a caracterizá-los, para que, enfim, fosse possível desenvolver um sistema mítico aquático.

Neste sentido, eu passei a compor imagens em meus pensamentos das personagens míticas que habitam o mar e a Lagoa dos Patos e, por vezes,

representam o próprio ambiente aquático em sua totalidade, como a orixá Iemanjá e a santa Nossa Senhora dos Navegantes, das quais pretendo tratar ao longo deste tópico.

No caso de Nossa Senhora dos Navegantes, a devoção acontece sempre em territórios luso-açorianos, quando nesses lugares se impõe a necessidade de enfrentar os mares e as suas incertezas, que geram movimentos de desterritorialização perante os perigos que às águas impõem (ORO & ANJOS, 2009). Esta perspectiva resulta do mito de origem desta festividade, que trago a seguir:

> Um grupo de oito pescadores portugueses se perdeu no oceano Atlântico. Em meio a uma tempestade e prestes a naufragar, eles começaram a orar, jurando em nome da mãe de Deus que iriam homenageá-la por toda a vida caso escapassem da morte certa. De súbito, um raio iluminou o céu e todos puderam ver a imagem da Virgem, apontando em direção à terra firme. Salvos, os marinheiros decidiram honrar o compromisso a cada 02 de fevereiro. (Jornal Zero Hora, Porto Alegre, 03 de fevereiro de 1989, p.27 *apud* ORO & ANJOS, 2009, p.20)

Desde o período das Cruzadas e das Grandes Navegações ao se fundar uma cidade aqueles que ali se territorializam tratam de vincular o espaço ao cosmos, através de uma santa ou um santo. Desta maneira, a Virgem Maria, enquanto uma expressão do colonialismo europeu, passa a fazer parte do repertório de características das personagens míticas femininas do catolicismo popular, como Nossa Senhora dos Navegantes e, até mesmo, da orixá Iemanjá, própria da afro-religiosidade brasileira, que surgem no Novo Mundo (ORO & ANJOS, 2009).

Assim, as narrativas que tratam de Iemanjá explicam, em certa medida, o que aproxima estas duas personagens míticas aquáticas, por exemplo, como na narrativa da mãe de santo Cláudia Félix, coletada dias antes da Festa de Iemanjá, em São José do Norte, no dia 13 de janeiro de 2015, que trata sobre o a relação da orixá Iemanjá com águas e também com a figura materna:

> *O filho se apaixona pela mãe, "Mãmãe Iemanjá". Ele chamou-a de dentro das águas pedindo seu auxílio. Iemanjá saiu do mar, território de seu domínio e foi levada pelo filho para o alto de uma torre, sobre um penhasco a beira mar, onde foi trancafiada. Seu filho fez isso porque sabia*

> *que em contato com a água ela se perderia na imensidão oceânica. Iemanjá foi enganada pelo filho, ela não concordava com o incesto e por isso as lágrimas salgadas vertiam do seu rosto, diluindo seu corpo. O corpo de Iemanjá era agora água salgada escorrendo pelas pedras que sustentavam a torre, em direção ao mar. Iemanjá é uma mulher de fartos seios, uma mãe cheia de sensualidade. O seu filho se apaixonou por ela. Ao banhar seu colo com suas lágrimas de sal consegue fugir da torre onde está aprisionada, diluindo-se em água, transformando-se em mar. (São José do Norte, 13 de janeiro de 2015)*

Esta narrativa sobre Iemanjá e seu filho, evidencia a face materna desta orixá, a qual faz convergir para ela orações no estilo católico, sendo, segundo Cascudo (1959) também invocada como Nossa Senhora, Virgem Santa. Além disso, esta e também outras narrativas, que serão apresentadas ao longo deste tópico, aproximam Nossa Senhora dos Navegantes de Iemanjá, no que tange a relação destas personagens míticas com a expressão de imensidão e fluidez dos oceanos.

A aproximação entre estas duas figuras míticas aquáticas é muito frequente em regiões litorâneas, com portos e que possuem atividades voltadas para o oceano e para grandes lagunas, como a cidade de Rio Grande, de São José do Norte, de Pelotas, de Porto Alegre e a Colônia de Pescadores Z-3, nas quais observarmos expressões de sincretismo religioso entre a santa católica Nossa Senhora dos Navegantes e a orixá das religiões afro, Iemanjá.

Entretanto, o sincretismo religioso, não é uma maneira de diluir diferenças, mas sim de conectar o diferente ao diferente, fazendo-os subsistirem. Assim, este conceito se define como um fenômeno de deslizamento de meios uns sobre os outros, sendo cada um deles definido por um regime específico de enunciação. No caso da orixá Iemanjá e da santa Nossa Senhora dos Navegantes, por exemplo, os conceitos compartilhados para delineá-las, não se sobrepõe de maneira a encontrar hipóteses comuns, homogeneizando pontos de vista distintos, mas procuram preservar a diversidade através de mediações nas intensidades do ato (ORO & ANJOS, 2009).

Esta percepção dos autores Oro & Anjos (2009), explicitada no livro “Festa de Nossa Senhora dos Navegantes em Porto Alegre: Sincretismo entre Maria e Iemanjá”, pode ser observada através de algumas imagens que surgem ao longo da etnografia da Festa da Santa, na Colônia de Pescadores Z-3, como também é chamada a festa que homenageia, oficialmente, Nossa Senhora dos Navegantes, como veremos ao longo deste tópico.

Primeiramente, convido o leitor a ler no meu diário de campo os registros do dia 30 de janeiro de 2016 sobre os preparativos que antecedem à Festa dos Navegantes, quando moradores da Colônia de Pescadores Z-3 estão se organizando para receber fiéis, turistas e expectadores que virão visitar a comunidade. Neste momento, já podem ser observados alguns elementos que evidenciam o sincretismo religioso entre a santa Nossa Senhora dos Navegantes e a orixá Iemanjá, como será observado no relato no diário de campo e na Figura a seguir, que o complementa.

> *A Colônia Z-3 estava toda enfeitada com bandeirinhas azuis e brancas que tramavam as ruas, penduradas nos postes, na igreja e na escola da comunidade. Ademais, na igreja, os moradores da Z-3 reformaram a escadaria, colocando azulejos nos degraus, e também construíram uma área coberta, ao lado da paróquia, com balcões de concreto que ficaram prontos nas vésperas da Festa da Santa. Estes balcões serviriam para instalar as barracas de comidas típicas dos nativos, como a tainha assada com farofa e vinagrete, os bolinhos de peixe, casquinha de siri, filé de linguado, peixe ensopado com pirão e bobó de camarão. As casas também estavam enfeitadas com bandeirinhas azuis e brancas [...] Em uma casa foi colocada uma faixa que homenageava a santa Nossa Senhora dos Navegantes e também a orixá Iemanjá que dizia: “Viva as nossas Rainhas”. Na mesma faixa havia uma ilustração de Iemanjá, com um longo manto azul que se dobrava no seu corpo, e outra ilustração de Nossa Senhora dos Navegantes, sobre um barco. (30 de janeiro de 2016).*

Figura 09. Procissão Luminosa na Colônia de Pescadores Z-3.

Entretanto, antes de falarmos sobre as procissões terrestre e fluvial, é importante ressaltar que as festividades em homenagem a Nossa Senhora dos Navegantes, organizadas pelos representantes da Igreja Católica em Pelotas, segue um calendário no qual a imagem desta santa percorre as igrejas das comunidades próximas a orla da Lagoa dos Patos, em Pelotas, até chegar ao Santuário dos Navegantes – que é a denominação da igreja católica localizada na Colônia de Pescadores Z-3 – nas vésperas do dia 01 de fevereiro.

Concluído este trajeto, a santa percorre a Colônia em uma procissão terrestre, chamada de Procissão Luminosa, que acontece, todos os anos, na tarde do dia 01 de fevereiro. A seguir, trago um trecho do meu diário de campo com a descrição do início desta cerimônia.

> *Nesta celebração, a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes é colocada sobre a réplica de uma embarcação pesqueira em miniatura, decorada com flores, com pequeninas âncoras na proa da embarcação, e uma pequena bandeira do Brasil, além de uma saia de pano azul, nas bordas deste barco, que, da maneira como é costurada, imita as ondas do mar. Outra característica marcante são luzes pisca-pisca que passam por dentro de uma mangueira azul*

> *iluminando o barquinho que carrega a santa e que sugere o nome da procissão, Procissão Luminosa. Esta imagem, então, sai da igreja da Colônia Z-3 sobre duas estacas de madeiras, onde os ombros de cerca de dezesseis pescadores, oito de cada lado, apóiam a pesada Santa dos Navegantes, carregando-a em procissão. Estes pescadores vão se revezando para carregarem a santa ao longo de todo o circuito da caminhada, que percorre toda a vila da Colônia Z-3.*
>
> *Neste dia, os primeiros homens a carregarem a imagem, descendo as escadarias da igreja, eram os mais velhos, com idade entre 40 e 55 anos, como o pescador Pelé, mas, ao longo da procissão, se podia observar desde meninos de 16 anos até senhores de até 60 anos, sendo que os com idade entre 20 e 35 anos eram os que carregavam por mais tempo a imagem da santa. (01 de fevereiro de 2016)*

A seguir apresento uma fotografia da Procissão Luminosa do dia 01 de fevereiro de 2016, descendo as escadarias do Santuário dos Navegantes.

Figura 10. Procissão Luminosa na Colônia de Pescadores Z-3.

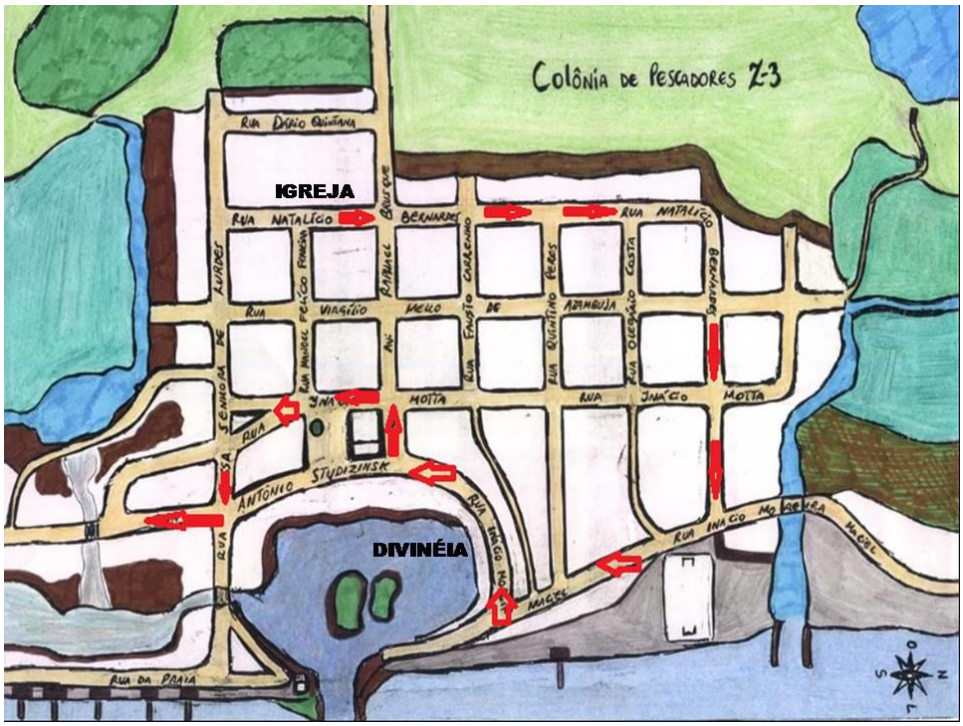
Além desta imagem, trago, logo abaixo, uma foto da Procissão Luminosa na Colônia de Pescadores Z-3, datada do ano de 1962, em que pode ser visto, ao fundo, um barco em miniatura, enfeitado por bandeirinhas, sobre as cabeças dos fiéis que trazem a imagem esculpida de Nossa Senhora dos Navegantes. Note, nesta figura, as casas de madeira, sendo uma, inclusive com o telhado de palha, sem muros ou portões, com apenas uma construção de material, que parece ser a sede do Santuário dos Navegantes. Atualmente, na Colônia Z-3 a maioria das casas são de material e tem, ao menos, um muro baixo.

Figura 11. Registro fotográfico da Procissão Luminosa na Colônia de Pescadores Z-3 datada de 1962.

Outra característica interessante desta última imagem é a divisão que parece haver entre os homens e as mulheres da comunidade durante a procissão terrestre. A imagem que data de 1962 mostra que as mulheres seguem a frente da procissão, parecendo, inclusive que elas são maioria nesta vila de pescadores e pescadoras. Entretanto, se olharmos mais ao fundo da imagem, é perceptível uma aglomeração de homens à direita e nas bordas da procissão, estando alguns encostados nas casas ou nas cercas.

Então, posto o encontro entre o “antigamente” e o “atualmente” da Colônia Z-3, que evidência alguns aspectos materiais de transformação desta

comunidade, sigamos em direção ao trajeto realizado pela Procissão Luminosa na Colônia de Pescadores Z-3, do dia 01 de fevereiro de 2016, ilustrado no mapa a seguir.



Mapa 02. Mapa da Colônia de Pescadores Z-3.

A partir deste mapa o leitor pode adentrar no meu diário de campo do dia 01 de Fevereiro de 2016 e nas fotos do meu acervo pessoal sobre a Procissão Luminosa, na Colônia de Pescadores Z-3. Nesta descrição existem aspectos que evidenciam o compartilhamento de instrumentos e de conhecimentos entre os fiéis que participam da Festa da Santa, como veremos a seguir.

> *A procissão terrestre seguia pelas ruas de chão batido entoando cânticos puxados pelo padre do Santuário dos Navegantes, que levava um microfone ligado a um carro de som. Ao longo desta caminhada havia alguns pontos de parada para a realização de uma benção. A Procissão Luminosa parava na frente das casas de algumas pessoas consideradas importantes pela comunidade, como a casa da benzedeira Dona Nilza e nas residências de algumas famílias fundadoras da Colônia Z-3, além das*

> *casas que montaram altares para serem abençoados.*
> *Os moradores da Colônia Z-3, no dia da Procissão Luminosa, colocaram as imagens de santos como Nossa Senhora dos Navegantes, Nossa Senhora Aparecida, São José [que segundo a minha mãe Claudia Amorim é padroeiro dos pescadores] e, por vezes, de anjos, sobre pequenas mesas cobertas com toalhinhas brancas, enfeitadas com flores e luzes pisca-pisca, que variavam entre as cores azuis e brancas e que transformavam essas mesinhas em altares a céu aberto, armados em frente às casas dos moradores da Z-3. Além disso, nesses pequenos altares ainda haviam garrafas de água para serem abençoadas pela procissão. (01 de fevereiro de 2016)*

Em seguida, trago um registro fotográfico de um dos altares montado em frente à casa de um dos moradores da Colônia Z-3, no dia da Procissão Luminosa em homenagem à Nossa Senhora dos Navegantes.

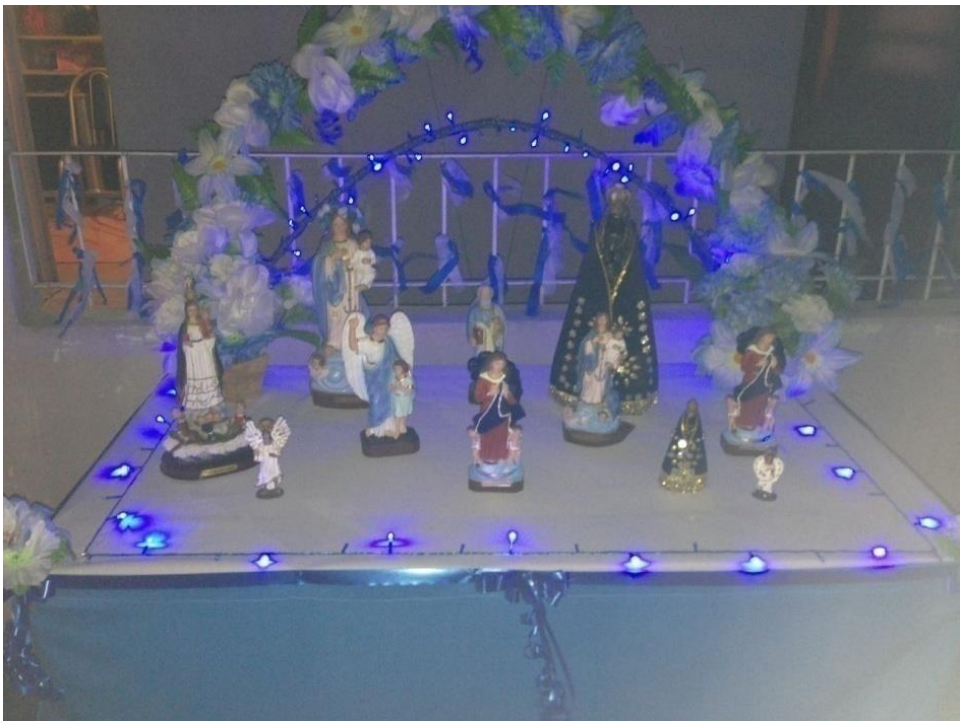


Figura 12. Procissão Luminosa na Colônia de Pescadores Z-3.

Seguimos, então, com a descrição etnográfica da Procissão Luminosa em homenagem a Nossa Senhora dos Navegantes na Colônia de Pescadores Z-3.

O padre, no microfone, começa, então, a ofertar uma benção às famílias que vivem em cada casa que a procissão parava. A benção era vigorosa, pois todos participavam desta oferta, seja com as mãos abertas, levantadas para o alto para frente, ou através das orações em voz alta de um pai-nosso e de uma ave-maria e dos cânticos entoados pelo padre da paróquia.

Desta forma, com essas eventuais paradas, o trajeto da procissão foi o seguinte: os fiéis desceram as escadarias do Santuário dos Navegantes seguindo pela rua do Mercado do Zoca (Rua Natalício Bernardes), em direção a casa da benzedeira dona Nilza, até chegar na esquina da rua Natalício Bernardes com Inácio Moureira Maciel, em frente a casa de moradores muito antigos da Colônia Z-3, onde vive uma senhora que, segundo o Deleon, tem a idade que de 100 anos.

Desde então, a procissão voltou-se para a entrada da vila, pela Rua Inácio Moureira Maciel, passando em frente a um campo de futebol (ilustrado no Mapa 02) - onde acontecem jogos femininos e masculinos toda a semana - até chegar a Divinéia.

Alguns dos moradores da Colônia Z-3 esperavam a passagem da Santa dos Navegantes, que vinha em procissão, nas calçadas e nos pátios das casas, sentadas nas cadeiras de praia, na beira das cercas ou nas janelas. Assim, conforme a procissão avançava, aumentava o número de seguidores, pois as pessoas aguardavam a procissão passar em frente as suas casas para segui-la. Como fez a Joice, irmã da Deti. Ademais, antes mesmo de chegar ao cais da Divinéia, existe uma figueira, na rua Inácio Moreira Maciel, cercada por galpões de pesca, onde 3 guriazinhas loirinhas com vestidinhos brancos costurados a mão e de pés descalços brincavam sobre as raízes da figueira. Elas me lembraram os personagens míticos chamados de Anjinhos, na dissertação de Ribeiro (2012). Por conseguinte, as crianças, que brincavam nas ruas, também participavam da procissão, por vezes, de bicicleta, sendo que as menores iam ao colo ou nas costas dos pais. A Tamires, com cerca

de 10 anos, por exemplo, andava quase batendo com a roda da bicicleta no carro de som. Esta menina queria alcançar a Juliana, minha irmã, que seguia a procissão um pouco mais na frente. Neste momento, ao lado do Deleon, surgiu um rapaz que carregava uma criança nas costas. O Deleon brincou com eles, ele conhecia o pai e a o menino e disse algo do tipo: "Bá, mas esse teu pai é forte hein rapaz." E perguntou para a criança se ela iria acompanhar a procissão fluvial em homenagem à Nossa Senhora dos Navegantes, no dia seguinte. Então, o menino desconfiado respondeu: "Ah, claro, né!". O pai deste menino é pescador e, por isso, deve acompanha todos os anos a procissão fluvial.

A procissão seguiu, então, da Divinéia até a Rua Inácio Motta, em direção a entrada da Colônia Z-3, quando passou em frente às peixarias e também do restaurante da Alessandra (que estava cheio de turistas), indo até o bar da dona Ilza, ao lado do bar do Pepedo, que são as primeiras construções que vemos ao chegar nesta comunidade.

Neste momento, a noite já caia na Colônia Z-3 e, quando chegamos em frente a esses bares, onde tem uma pequena área de lazer na beira na praia, com banquinhos de madeira de baixo de algumas árvores e também onde se avista o primeiro trapiche da Colônia Z-3, havia um altar muito iluminado, sobre uma mesa, que parecia uma classe escolar, forrada com um pano xadrez, com bandeirinhas brancas penduradas, que faziam uma espécie de saia neste altar. Para proteger o altar contra o vento, havia uma lona laranja posicionada de maneira a atacar o vento sudeste. No chão, embaixo da mesa, havia um tapete de conchas brancas, como as que têm em alta concentração em alguns trechos da orla da Colônia Z-3. Sobre este altar havia uma imagem de Nossa Senhora dos Navegantes sobre uma replica em miniatura de um barco de pesca pintado de azul, com luzes pisca-pisca brancas, uma imagem de São José e uma garrafa com água. (01 de fevereiro de 2016)

A seguir trago a imagem deste altar feito pelo moradores da Colônia de Pescadores Z-3 nas comemorações em homenagem à Nossa Senhora dos Navegantes, no dia 01 de fevereiro de 2016.

Figura 13. Procissão Luminosa na Colônia de Pescadores Z-3.

Na Procissão Luminosa, os pescadores e as pescadoras que vivem na Colônia Z-3, fortalecem as suas alianças caminhando juntos em procissão pela Santa dos Navegantes, pois esta é uma maneira dessas pessoas ofertarem bênçãos uns aos outros; agradecerem as graças alcançadas no ano anterior; pedirem por uma boa pescaria neste próximo ano que se anuncia; orarem pela proteção dos pescadores no mar; além de ser uma forma de pedir pela saúde das pessoas da comunidade. Assim, por exemplo, os pescadores disputam um espaço para carregarem a pesada imagem da santa Nossa Senhora dos Navegantes na procissão, demonstrando ser esta uma das maneiras destes homens e das suas famílias serem lembrados pela padroeira da Colônia Z-3.

Além disso, estas manifestações de cumplicidade entre os fiéis durante a Procissão Luminosa, somada a uma diversidade de formas, das quais os moradores da Colônia Z-3 se valem, para a valorização da cultura local – como a oferta de pratos típicos pelos restaurantes locais, o passeio pela vila com paradas em lugares significativos para os moradores da comunidade, além das

reformas para a festa, que evidenciam o capricho e o cuidado dessas pessoas com a vila -, fortalecem as relações entre os pescadores e as pescadoras, não somente da Colônia Z-3, mas também entre aqueles que vivem em outras comunidades pesqueiras e vieram visitar a Colônia nestes primeiros dias de fevereiro. Desta forma, a Procissão Luminosa, em homenagem a Nossa Senhora dos Navegantes, é uma maneira carismática de receber os visitantes, compartilhar com as familiares e também com os vizinhos, o que faz com que os laços entre essas pessoas se estreitem.

Somado a isso, também acontece, a partir da Procissão Luminosa, uma aproximação entre os mais jovens e os mais velhos moradores da Colônia de Pescadores Z-3 quando são lembrados, através das bênçãos, os lugares importantes para a comunidade, como a casa das famílias que foram as fundadoras da Colônia Z-3, o cais da Divinéia e a entrada da vila, além da casa da benzedeira dona Nilza. Para esta última, por exemplo, fiz a seguinte descrição:

> *A procissão parou em frente à casa da dona Nilza, benzedeira da Colônia de Pescadores Z-3, em agradecimento, por ajudar tantas pessoas da comunidade, como foi dito pelo padre.*
> *A Dona Nilza recebia a benção, com um sorriso no rosto, por detrás da cerca viva que esconde parcialmente a sua casa. Esta planta trepadeira faz uma espécie de proteção contra os olhares daqueles que passam pela sua rua. (01 de fevereiro de 2016)*

Este momento me fez lembrar as histórias que a minha avó, Maria Tereza me contou sobre quando ela morava na comunidade de pescadores do Retiro, em São José do Norte. A minha avó disse que, quando ainda era uma menina, “antigamente...”, as famílias que moravam “pra fora” não tinham acesso aos serviços de saúde pública. O que havia nessas comunidades eram as benzedeiras que eram aquelas pessoas que tinham o “dom da cura”. A minha avó Maria Tereza me contou, por exemplo, que as benzedeiras do Retiro curavam a dor de cabeça das “moças”, colocando um copo de água sobre a cabeça da mulher que tinha enxaqueca, enquanto fazia as rezas. A água, por conseguinte, "fervia", "borbulhava". Era a dor de cabeça "indo embora".

Hoje em dia, na Colônia Z-3, a dona Nilza continua sendo muito solicitada, apesar de haver um posto de saúde na comunidade, evidenciando um estreitamento entre as práticas do passado e do presente dos pescadores e das pescadoras, demonstrando, em certa medida, uma aproximação entre as mais novas gerações e os mais velhos desta comunidade.

Assim, além desta benzedeira, também para santa Nossa Senhora dos Navegantes, durante a Procissão Luminosa, é pedido que olhe pela saúde dos moradores desta Colônia, como está descrito no trecho, a seguir, do meu diário de campo.

> *A procissão seguiu em direção à outra residência da Colônia de Pescadores Z-3, a casa de um senhor que recebeu a benção muito emocionado, derramando lágrimas dos olhos, enquanto o padre pedia pela saúde de uma pessoa que estava doente naquela casa.*
> *Outras duas casas que foram homenageadas pela procissão eram o lar de senhoras de mais de 100 anos. A procissão pedia pela saúde delas, enquanto as senhoras observavam aquele movimento da janela de sua casa, segurando a cortina branca que teimava em tapar os seus olhos.*
> *A procissão também parou para abençoar os altares que as famílias montaram em frente as suas casas com as imagens dos santos que elas tinham em suas residências. Uma das casas tinha uma garrafa de 3 litros de água para pudesse ser compartilhada por toda a família com o intuito de prevenir doenças, curar os doentes e, também, para trazer paz de espírito. (01 de fevereiro de 2016)*

Assim, a Procissão Luminosa, através das bênçãos que oferta aos doentes; a residência da benzedeira Dona Nilza; aos anciãos da Colônia Z-3; e também as garrafas de água colocadas pelos moradores desta comunidade sobre os altares, na frente das suas residências; apresenta o poder de cura e de preservação da saúde atribuído pelos pescadores e pelas pescadoras à santa católica Nossa Senhora dos Navegantes. Este é um dos motivos pelo qual Nossa Senhora dos Navegantes é frequentemente mencionada como

Maria, mãe de Jesus, como aparece, inclusive na narrativa que conta o mito de origem da Festa dos Navegantes, trazida anteriormente.

Da mesma forma como nesta narrativa, na procissão católica na Colônia de Pescadores Z-3, apesar dos pescadores e das pescadoras participarem com o intuito de agradecer a Nossa Senhora dos Navegantes - sendo inclusive a imagem carregada pelos pescadores a de uma santa sobre a réplica de uma embarcação pesqueira que carrega um medalhão em forma de âncora -, os cantos puxados pelo padre da paróquia enaltecem à Maria, mãe de Jesus. Assim, por exemplo, as pessoas cantam em homenagem à Nossa Senhora dos Navegantes a oração intitulada “Maria de Nazaré”, que diz:

> Maria de Nazaré, Maria me cativou. Fez mais forte a minha fé e por filho me adotou. Ás vezes eu paro e fico a pensar e sem perceber me vejo a rezar.
> E meu coração se põe a cantar. Pra virgem de Nazaré
> Menina que Deus amou e escolheu para Mãe de Jesus, o Filho de Deus,
> Maria que o povo inteiro elegeu, Senhora e Mãe do Céu.
>
> **Ave Maria, Ave Maria, Ave Maria, Mãe de Jesus (Refrão)**
>
> Maria que eu quero bem, Maria do puro amor,
> Igual a você ninguém, mãe pura do meu Senhor.
> Em cada mulher que a terra criou, um traço de Deus Maria deixou,
> Um sonho de mãe Maria plantou pro mundo encontrar a paz.
> Maria que fez o Cristo falar, Maria que fez Jesus caminhar.
> Maria que só viveu pra seu Deus, Maria do povo meu.
>
> (Folha de cânticos distribuída pelo Santuário dos Navegantes no início da Procissão Luminosa, na Colônia de Pescadores Z-3, no dia 01 de fevereiro de 2016)

As santas católicas como Nossa Senhora dos Navegantes, Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora de Guadalupe, entre outras, são representações marianas, ou seja, que carregam as características de Maria, mãe de Jesus, sendo quatro os dogmas marianos: a maternidade; a virgindade eterna; o fato de ela ser livre de pecado, ou seja, imaculada; e o fato de ela ter sido recebida de corpo e alma na glória celeste (Oro & Anjos, 2009), sendo que estas características estão todas numeradas na oração “Maria de Nazaré”, trazida anteriormente.

Segundo Cascudo (1972), as pesquisas sobre cultura marítima geralmente privilegiam o homem do mar, o marujo, o pescador,

compartimentalizando o oceano. Este posicionamento de Câmara Cascudo (1972), somado a estas observações de Oro & Anjos (2009) sobre as denominações marianas, me fez pensar se a Igreja Católica, não evita exaltar o nome de Nossa Senhora dos Navegantes e de outras santas católicas, tratando-as como Maria, com o intuito de ofuscar o poder destas personagens míticas perante a entidade suprema do catolicismo, o Deus todo Poderoso.

Assim, por exemplo, as orações puxadas pelo padre do Santuário dos Navegantes, na Colônia Z-3, ainda traziam a imagem de Maria como sendo uma criação divina, a ponto de, inclusive, tirar o foco das homenagens para Nossa Senhora dos Navegantes atribuindo-as a Deus, como neste trecho da oração “Perfeito é quem te criou”.

> Surgiu um grande sinal no céu: uma mulher revestida de sol,
> A lua debaixo de seus pés e na cabeça uma coroa...
> Não há como se comparar. Perfeito é quem te criou
> Se o Criador te coroou,
>
> **Te coroamos, ó mãe. Te coroamos ó mãe**
> **Te coroamos, é mãe. Nossa Rainha. (Refrão. 2x)**
>
> (Folha de cânticos distribuída pelo Santuário dos Navegantes no início da Procissão Luminosa, na Colônia de Pescadores Z-3, no dia 01 de fevereiro de 2016)

Penso que, não seria interessante para a Igreja Católica, por exemplo, que fosse reconhecido o poder de uma santa como Nossa Senhora dos Navegantes perante o Deus do catolicismo, em vista de ser esta santa a responsável por guardar aqueles que vivem no mar, sendo que os oceanos cobrem cerca de 71% da superfície da terra. Desta forma, assim como conta o mito de origem da Festa dos Navegantes, citado anteriormente, esta Rainha das Águas possui um imenso poder, sendo capaz, inclusive, de salvar oito pescadores que estavam condenados a morte em meio a um oceano infinito, um mar tempestuoso, onde não se enxerga um palmo a frente do nariz e, mesmo assim, estes pecadores conseguiram avistar a terra, salvando-se.

Este poder atribuído a Nossa Senhora dos Navegantes é reconhecido pelos moradores da Colônia Z-3 de maneira que esta Procissão Luminosa não encerra as homenagens a esta santa do catolicismo popular. Por conseguinte, no dia 02 de fevereiro, a imagem da Santa dos Navegantes, que percorreu algumas comunidades da orla de Pelotas, segue em procissão fluvial, da

Colônia Z-3 até a praia do Barro Duro, quando os fiéis católicos e os afro-religiosos realizam o encontro entre Nossa Senhora dos Navegantes e Iemanjá, do qual trataremos mais adiante, em que fica bem clara a presença sincrética dessas duas personagens míticas aquáticas neste ritual.

Ademais, primeiramente, é importante que saibamos que este encontro entre as cosmologias católica e a afro-religiosa acontece ao longo de toda a Festa da Santa, pois os afro-religiosos e católicos participam tanto da Procissão Luminosa, como da procissão fluvial, onde são perceptíveis ainda alguns hábitos dos pescadores e das pescadoras relacionados a elaboração de redes de cooperação.

Assim, na Festa da Santa, desde as orações à Nossa Senhora dos Navegantes, são desencadeadas redes de compartilhamento de instrumentos entre os moradores da Colônia Z-3, inclusive entre católicos e afro-religiosos, por exemplo, como quando, se busca por uma embarcação para participar da procissão fluvial.

> *Para participar da procissão fluvial em um dos botes ou caíques que saia da Z-3, por exemplo, eu e o Deleon (que é de uma família afro-religiosa da Colônia Z-3) fomos à casa do pescador Osmar. Ele era marido da Joice, irmã da Deti, (A Joice se auto-intitula católica, participando inclusive das missas rezadas no Santuário dos Navegantes, aos domingos). Por outro lado, o Deleon trabalhava como proeiro na batera do Osmar.*
> *Na embarcação do seu Osmar, uma batera, iriam conosco os familiares e alguns conhecidos que trabalhavam com o mestre de barco Osmar. (31 de janeiro de 2016)*

Da mesma forma, algumas situações, que acontecem ao longo da procissão fluvial, evidenciam o estabelecimento de redes de compartilhamento de instrumentos e conhecimentos entre moradores da Z-3, como a que narro a seguir.

> *A Deti também iria conosco na batera do seu Osmar, mas acabou chegando atrasada, pois o Osmar gostava de sair um pouco antes dos outros barcos, para evitar acidentes na saída. Então, no meio da procissão, vimos a Deti em outro barco e demos risada mexendo com ela, dizendo: "agora*

> *tu vai ter que ir aí", como se ela pudesse trocar de embarcação. Entretanto, a partir disso, o Deleon lembrou que, nos outros anos em que ele acompanhou a procissão, ele ficava indo de um bote para o outro e que os seus amigos passavam e chamavam as pessoas pra trocar de bote. O Deleon contou: "A pessoa pede pro dono da embarcação: 'Encosta ali no bote tal' ou se os dois botes estão ancorados e estão todos na água acontecem trocas de embarcações. (02 de fevereiro de 2016)*

Portanto, a partir destes exemplos – comoa busca por uma embarcação para acompanhar a procissão nas águas em homenagem à Nossa Senhora dos Navegantes e à Iemanjá; a troca de pessoas que acontece entre as embarcações; e o fato de podermos nos comunicar com as pessoas dentro dos barcos e entre os barcos – demonstra que a procissão fluvial, apesar de ser marcada por um espaço fluido e instável, que são as águas, neste caso, as Lagoa dos Patos, não impede o mantenimento das redes de compartilhamento de instrumentos, conhecimentos e cosmologias, que vem se firmando desde a Procissão Luminosa.

Neste sentido, a procissão terrestre se constitui como um espaço intermediário entre a terra e o mar, necessário para que, no dia seguinte, possam acontecer, através de expressões de "respeito ao culto dos outros", como chama Kosby (2008), o compartilhamento de um espaço por diferentes cosmologias, como a católica a afro-religiosa. Desta forma, na Procissão Luminosa podem ser observados algumas expressões que remetem ao sincretismo religioso entre a santa Nossa Senhora dos Navegantes e a orixá Iemanjá, como: a faixa pendurada casa de uma família da Z-3 com a expressão "Viva as Nossas Rainhas", reafirmando que a festa é em homenagem as duas personagens míticas; os fiéis afro-religiosos que participam da Procissão Luminosa, que, oficialmente, homenageia à Nossa Senhora dos Navegantes, inclusive carregando a imagem da santa que sai da igreja católica da comunidade, como fez o pescador Deleon; e também, através dos preparativos para a oferta de presentes oferecidos tipicamente a Iemanjá ao longo da Procissão Luminosa, como descrevo a seguir:

> *Na Divinéia, como é chamado um atracadouro das embarcações de pesca dos moradores da Z-3, observei que havia uma mesinha de madeira, coberta por uma pequena toalha branca com barquinhos azuis em miniatura, usados, geralmente, para oferendas à Iemanjá. Estes barquinhos eram cobertos de presentes, como leques, perfumes, espelhos, brincos e colares, para vender aos festeiros, evidenciando que as homenagens não se restringiam a santa católica, mas também eram ofertadas a orixá Iemanjá. (01 de fevereiro de 2016)*

Assim, a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes, ao deslocar-se sobre terra e, posteriormente sobre as águas, na procissão fluvial da Festa da Santa, executa um movimento ao longo do espaço e do tempo, entre o dia 01 de fevereiro e 02 de fevereiro, que a aproxima cada vez mais esta santa católica à orixá Iemanjá. Da mesma forma, os afro-religiosos produzem cerimônias que são oficialmente em homenagem à Iemanjá, na madrugada do dia 02 de fevereiro, nas vésperas da Festa da Santa, mas que conta com a presença de católicos, por exemplo, na Praia do Mar Grosso, em São José do Norte, e na praia do Barro Duro, em Pelotas.

Entretanto, é importante que o leitor observe que as expressões de sincretismo religioso que conectam Nossa Senhora dos Navegantes à Iemanjá, não diluem estas personagens míticas em apenas uma. Por conseguinte, é inevitável um encontro entre a orixá e a santa católica, que é produzido pelos fiéis católicos e afro-religiosos nas águas da Lagoa dos Patos, no Barro Duro, como descrevo a seguir.

> *A última parada realizada ao longo da procissão fluvial é na praia do Barro Duro, onde acontece o encontro entre a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes, levada pelos pescadores e pelas pescadoras da Colônia Z-3 em procissão fluvial, e da orixá Iemanjá, carregada nas costas dos fiéis afro-religiosos para dentro d'água, em uma profundidade que chega a atingir o peito dos mais altos que levam a santa nas costas e tem o intuito de chegar o mais próximo possível das embarcações que vem da Colônia Z-3 em procissão.*

> *Além disso, uma das embarcações que veio da Colônia de Pescadores Z-3 até a praia do Barro Duro, acompanhando a santa Nossa Senhora dos Navegantes carregava afro-religiosos que entoavam cantos típicos dos rituais de terreira, embalados por tamboreiros que "surravam" os atabaques na embarcação, uma das maneiras dos afro-religiosos se referirem ao ato de tocar os atabaques. Um dos rapazes que acompanhava a procissão fluvial comigo, dentro da embarcação do pescador Osmar, me disse que os fiéis fazem uma festa de terreira em homenagem a Iemanjá dentro deste barco.*
>
> *Na chegada da procissão fluvial que vinha da Colônia de Pescadores Z-3 na Praia do Barro Duro, os festeiros que estavam dentro da Lagoa dos Patos jogavam água pra cima, saudando a santa católica e a orixá Iemanjá, com uma espécie de chuva prateada. As águas estavam cobertas de flores, ofertadas pelos católicos e afro-religiosos à Nossa Senhora dos Navegantes e à Iemanjá. Desta forma, não era mais possível distinguir a quem os fiéis dedicavam suas preces. (02 de fevereiro de 2016)*

O fato das homenagens católicas e afro-religiosas acontecerem simultaneamente não dilui as duas divindades cultuadas em apenas uma personagem mítica, sendo notável, durante toda a cerimônia, que esta festa homenageia tanto a santa católica, como a orixá. Assim, na Festa da Santa, na Colônia de Pescadores Z-3 podemos identificar uma série de simbologias que caracterizam a presença simultânea da orixá Iemanjá e da santa católica Nossa Senhora dos Navegantes, entre elas estão: a faixa com ilustrações de ambas as figuras religiosas femininas, reverenciando-as como "Rainhas dos Mar"; a oferta de artigos religiosos para lançar às águas em homenagem a Iemanjá na festa para Nossa Senhora dos Navegantes; o encontro da santa católica, vinda da Colônia de Pescadores Z-3, com a orixá Iemanjá na praia do Barro Duro; a embarcação com os fiéis afro-religiosos, vindos da Colônia de Pescadores Z-3, entoando cânticos em homenagem a Iemanjá; a participação de afro-religiosos nas cerimônia oficialmente católicas em homenagem à Nossa Senhora dos Navegantes.

A conceituação de sincretismo de Oro e Anjos (2009), realizada a partir da etnografia da Festa dos Navegantes em Porto Alegre, pode ser percebida também na análise realizada por Kosby (2008) da Festa dos Navegantes no Barro Duro, quando esta autora afirma que o que caracteriza o cruzamento desta homenagem à Iemanjá e à Nossa Senhora dos Navegantes, no caso das epistemes religiosas, são os próprios fiéis que, mesmo não adotando em seu discurso louvor ao “santo dos outros”, trazem com recorrência o respeito à diversidade.

Desta forma, as homenagens que acontecem no dia 02 de fevereiro na Colônia de Pescadores Z-3 preservam tanto a imagem da orixá Iemanjá, quanto da santa católica Nossa Senhora dos Navegantes, de maneira que suas características não se fundem em apenas uma personagem, mas se complementam para dar sentido ao mar.A partir disso, a presença simultânea destas figuras míticas aquáticas na Festa da Santa na Colônia de Pescadores Z-3 fez com que, ao observar a procissão terrestre e a fluvial, somadas as narrativas sobre estas deusas aquáticas, eu me sentisse instigada a formar imagens na minha memória que fossem capazes de diferenciar Nossa Senhora dos Navegantes de Iemanjá, ao invés de somente aproximá-las, com o intuito caracterizar as águas da maneira mais ampla possível.

Assim, nas narrativas que tratam sobre Iemanjá está explicita uma característica que não é atribuída à santa católica Nossa Senhora dos Navegantes, por exemplo, que é a sensualidade, expressada através das linhas do corpo de Iemanjá, e que se relaciona simultaneamente com capacidade de fluidez e de resistência das águas. Na narrativa trazida por Kosby (2008), por exemplo, Iemanjá não aceita que caçoem de seus grandes seios, sendo este um dos motivos pelo qual esta orixá fez abrir a barra da Lagoa dos Patos, salgando a água doce com as águas oceânicas do Atlântico, como trago a seguir a partir das minhas palavras.

> Ao beber o vinho de palma, Oxalá descumpriu a promessa de não caçoar dos enormes seios de Iemanjá. As lágrimas dessa santa escorreram pelo seu busto, transformando-se em dois rios que viriam a ser o mar, a sua morada. O oceano invadiu a Lagoa dos Patos naquela noite e a água doce salgou para dar lugar ao mar.

Além desta narrativa, no livro “Festa nas Águas”, de Roberto Amado (2011), ao descrever a cerimônias que acontecem na Bahia em homenagem a Iemanjá, o autor também traz um mito sobre Iemanjá, em que acontece um evento de indiscrição por parte do orixá Okerê em relação a esta orixá, como esta posto a seguir.

> A orixá Iemanjá é filha de Olokum, deus do mar, e se casou com Olofin-Odudua, um orixá com o qual teve dez filhos. De tanto amamentar, os seios de Iemanjá ficaram enormes e ela se cansou da vida que levava ao lado de Olofin-Odudua e resolveu fugir em direção ao entardecer da terra. Lá, por ser muito bonita, conquistou outro orixá, chamado de Okerê. Entretanto, em uma noite, Okerê chegou bêbado e tropeçou em sua esposa, Iemanjá. A orixá feminina ficou furiosa, e, então, ele caçoou dos seus enormes seios, dizendo que eram compridos e balançantes. Por conta disso, Iemanjá fugiu novamente, mas Okerê não aceitou a sua fuga e colocou os seus guerreiros para persegui-la. Iemanjá, vendo-se cercada, lembrou que seu pai Olokum, havia lhe dado uma garrafa e recomendado a Iemanjá, que só abrisse-a em caso de necessidade. Então, Iemanjá resolveu abri-la e dela nasceu um rio de águas tumultuadas que levaram Iemanjá de volta para a casa do seu pai, o oceano, nunca mais retornando a terra.

Da mesma forma, o artista argentino Carybé registrou esta constante nas narrativas sobre Iemanjá, na qual esta orixá, em continuidade com as águas, transforma-se em um rio, abrindo uma barra em direção ao mar, geralmente, com o intuito de fugir de algum personagem que tenha praticado alguma injustiça, ou indiscrição, em relação à Iemanjá. No caso da imagem que segue, aparece o orixá Xangô, com um machado, nas bordas deste rio, ao fundo e à direita da imagem.

Figura 14. O mito de Iemanjá ilustrado por Carybé, no livro “Lendas Africanas dos Orixás” (1997), de Pierre Fatumbi Verger e Carybé.

A partir destas narrativas míticas podemos perceber que a orixá Iemanjá carrega consigo expressões de sensualidade e beleza, que não são atribuídas às santas católicas Nossa Senhora dos Navegantes e à Virgem Maria. Por conseguinte, a orixá Iemanjá, a partir das curvas do seu corpo, que remetem a sensualidade, adquire o poder de diluir-se em água, apresentando-se através de duas formas físicas extremas, uma humana e outra não-humana, e uma forma física intermediária entre o humano e não-humano: a primeira é a de um corpo feminino sensual; a segunda é a de um rio ou um oceano, sendo

adquirida a partir da produção de um evento de indiscrição; e a terceira, intermediária, é a reprodução da aparência e dos hábitos de uma sereia, que transita entre a terra e o mar.

Por conseguinte, esta dimensão intermediária entre um corpo humano feminino e um corpo não-humano faz com que Iemanjá seja mencionada pelos afro-religiosos como “Sereia do Mar”, como na cantiga de capoeira, por exemplo, “*Minha Rainha, Sereia do Mar. Não deixa o meu barco virar*”. A elaboração desta personagem mítica nas narrativas sobre Iemanjá permite que esta orixá, ao ser ofendida, fuja daquele que prática o ato de indiscrição que a viola.Esta face de Iemanjá, capaz de ser ocultada ou disfarçada, que é a aparência de uma Sereia, reflete, portanto, uma dimensão de resistência em relação às injustiças.

A representação deste ser mítico, que transita entre a terra e o mar, se relaciona com a capacidade de mediação das águas no que concerne a produção de um território, enquanto uma expressão que atribui sentido a um espaço a partir de uma cosmologia e de um contexto de uma época. Assim, as sereias produzem uma dimensão que caracteriza os oceanos como um mediador entre continentes, que da fluidez ao território e a identidade. Portanto, o mar, ao ser traduzido pela figura mítica uma Sereia, remete a um território diaspórico, produzido pela dispersão forçada e relutante do povo negro, vindo do continente africano para ser escravizado nas Américas.

O autor Paul Gilroy (2007), no livro “Entre Campos: nações, cultura e o fascínio da raça”, introduz o conceito de diáspora a partir de alguns escritores africanos que tiveram o oceano como lar temporário, no período da escravidão, antes de chegarem às Américas. Entre eles estão Olaudah Equiano, um marinheiro nigeriano, trazido para as Américas ainda na infância na metade do século XVIII, que escreveu a sua autobiografia, e Phillis Wheatley, uma poeta oriunda da Senegâmbia, que atravessou o Atlântico em um navio negreiro por volta do ano de 1761, quando chegou a Boston. Estes dois escritores deixaram uma série de publicações em que estão expressos os efeitos da realocação, do deslocamento e da transição forçada de hábitos e códigos culturais, como a língua e a religião, evidenciando a produção, a partir dos africanos diaspóricos, do que Gilroy (2007) chama de uma ecologia do pertencimento.

Assim, estes africanos, ao chegar no Novo Mundo, foram colocados sob o desafio diaspórico de estar a todo o momento negociando através da identidade africana e aquela imposta pelo colonialismo, desenvolvendo o que Gilroy chama de “ecologia do pertencimento”. Por conseguinte este autor conclui:

> Podemos começar a perceber a força sublime do oceano e o impacto associado daqueles que fizeram seus lares temporários sobre ele tal como um contra-poder que restringiu, regulou, inibiu e, por vezes desafiou o exercício da soberania territorial. (GILROY, 2007, p. 150)

Em relação a isso, Oro & Anjos (2009) defendem, por exemplo, que no período das Cruzadas e das Grandes Navegações, quando os portos europeus, como os de Portugal, se abriram aos grandes perigos do Oceano Atlântico, houve uma intensa desterritorialização do sagrado que deixou marcas em todo o sul do Atlântico, incluindo, por exemplo, lugares como cidade de Porto Alegre e de São José do Norte, onde acontecem todos os anos a procissão terrestre e fluvial em homenagem a Nossa Senhora dos Navegantes. Desta forma, o Atlântico sul foi exposto a dimensões políticas e cósmicas pelo colonialismo português.

Por outro lado, o deslocamento entre a Virgem Maria, como uma protetora dos perigos das Cruzadas e das Grandes Navegações, para a santa padroeira da pesca e dos pescadores e das pescadoras, Nossa Senhora dos Navegantes, “desvincula a santa de uma raça e possibilita os devires minoritários que a conectam à Iemanjá” (ORO & ANJOS, 2009, p. 21). Assim, por exemplo, as perdas e as dores relacionadas à atividade pesqueira se constituem enquanto um presente da escravidão passada (ORO & ANJOS, 2009).

A orixá Iemanjá, ao representar o próprio oceano, sendo capaz de transformar-se em um grande rio ou em um mar, se mostra forte e resistente perante a soberania de um território e de uma raça. Desta forma, esta orixá é, por vezes, capaz de compartilhar universos simbólicos através do sincretismo com Nossa Senhora dos Navegantes e com a Virgem Maria, como uma forma de desenvolver uma ecologia do pertencimento, fazendo subsistirem ambas as identidades, aquela que é imposta pelo soberano, e a que vem de África.

Portanto, o ambiente aquático se constitui enquanto um espaço que não

pode ser dominado, pois ele está planificado sobre a dimensão do infinito e do fluido, produzido a partir de múltiplas intensidades, tanto no que concerne a produção de identidades, como na realização das próprias pescarias. Em relação a estas últimas, podemos dizer que os pescadores da Colônia Z-3, reconhecendo as adversidades impostas pelo território das águas, se vêem desterritorializados, pois não são capazes de controlar as atividades pesqueiras como controlam o gado no campo, tendo em vista as vicissitudes das pescarias. Assim, surge uma necessidade dessas pessoas se reterritorializarem.

Para se reterritorializarem, estes pescadores e estas pescadoras se valem, mutuamente, das imagens de Iemanjá e de Nossa Senhora dos Navegantes para realizarem mediações entre aquilo que lhes é incontrolável e adverso, que são as águas e a episteme humana, esta última com suas múltiplas cosmologias. Assim, os pescadores e as pescadoras fortalecem as suas redes de compartilhamento de informações e instrumentos através da Festa da Santa, com o intuito de proteger uns aos outros nas situações de risco enfrentadas nas incursões pesqueiras.

Portanto, neste Capítulo, percebemos, a partir da etnografia do ritual que homenageia Nossa Senhora dos Navegantes e Iemanjá, que as representações marítimas cultuadas pelos moradores da Colônia Z-3 atuam como um contra-poder em relação ao ambiente aquático, enquanto um espaço de desterritorialização dos pescadores. Além disso, estas figuras míticas, por intermédio dos pescadores e dos seus rituais, promovem o diálogo entre as cosmologias presentes na Colônia Z-3, produzindo o respeito mútuo entre os fiéis do catolicismo popular e das religiões afro-brasileiras. Por conseguinte, tendo em vista a diversidade cosmológica que compõe as comunidades pesqueiras do entorno da Lagoa dos Patos, a Festa da Santa faz com que esta população preserve os seus hábitos e a sua história, ao transmiti-los às mais novas gerações.

Desta forma, a cultura pesqueira se mantém viva, pois está alicerçada em movimentos contínuos de desterritorialização e reterritorialização que acontecem entre cosmologias e entre os humanos e as forças da natureza, simbolizadas pela água e pelas deusas aquáticas, atualizando-se constantemente.

No Capítulo seguinte, adentraremos no universo mítico aquático através dos personagens míticos de Iemanjá, das Sereias e dos Tritões, a partir da mitologia afro-ameríndia, a fim de investigar outras formas de expressão dos devires entre humanos e os ambientes aquáticos na Colônia Z-3.

CAPÍTULO 6
"*SE ELA TÁ VENDO EU TAMBÉM POSSO VER*": A ETNOGRAFIA À BEIRA D'ÁGUA

Neste momento desta dissertação, em que chegamos ao Capítulo 6, procuro me aprofundar nos personagens míticos chamados pelos moradores da Colônia de Pescadores Z-3 de Sereias, Tritões, Caboclo Rompe-mato e Pomba gira Maria Mulambo, que nos levam em direção a orixá Iemanjá. Esta divindade da religião iorubana e afro-brasileira, que simboliza o mar, nos permite desenvolver sobre as categorias empíricas utilizadas pelos moradores da Colônia Z-3 para caracterizar os ambientes aquáticos.

Assim, o primeiro subitem deste Capítulo, intitulado "As Sereias, o Tritão e o Ogum Sete Ondas: um coletivo indígena subaquático", apresenta a partir de meus interlocutores e da etnografia de um ritual afro-religioso em que surgem Sereias, as imagens que construo dos seres míticos aquáticos presentes na Colônia Z-3.

No subitem 6.2 deste Capítulo, apresento o Caboclo Rompe-Mato e a Pomba gira Maria Mulambo, trazendo o contexto etnográfico do culto afro-religioso, na beira da Lagoa, na Colônia Z-3, onde surgiram as Sereias. Este personagem nos conduzirá até à orixá Iemanjá, a partir deste ritual.

Por conseguinte, o subtópico 6.3, intitulado "Iemanjá, Rainha do Mar" tem o objetivo de delinear algumas características atribuídas pelos humanos aos ambientes aquáticos através da orixá Iemanjá. Assim, apresento as minhas percepções sobre as expressões da relação entre os humanos, não-humanos aquáticos e o território das águas na Colônia de Pescadores Z-3.

6.1 As Sereias, o Tritão e o Ogum Sete Ondas: um coletivo indígena subaquático

Os personagens míticos aquáticos na Colônia de Pescadores Z-3 foram acessados nesta pesquisa, prioritariamente, através das narrativas e dos rituais dos afro-religiosos desta comunidade, pois muitos destes rituais são celebrados na beira d'água e também algumas das divindades e espíritos cultuados pelas religiões afro-brasileiras são de natureza aquática.

Além disso, aqueles que se sentiam mais à vontade para me contar sobre as histórias míticas relacionadas às águas na Colônia Z-3 eram os afro-religiosos, a partir da minha aproximação em relação a esta cosmologia no que diz respeito aos rituais de terreira que acontecem nesta comunidade.

Desta forma, eu passei a frequentar duas terreiras da Colônia Z-3: a terreira de Umbanda da cacique Neida (irmã da Eliane, mãe do Deleon) e os rituais afro-religiosos que aconteciam na terreira de Linha Cruzada da cacique Andréia, da qual me aproximei a partir das minhas vizinhas Tamires, de 09 anos, e a Joana, de 14 anos. Nestes rituais eram cultuadas, entre outras entidades, as Caboclas chamadas de Sereias e a orixá Iemanjá.

Os espíritos de Sereias e de Iemanjá percorrem as histórias de vida dessas pessoas, nos ilustrando as características destas personagens, como é o caso da narrativa sobre a aparição de uma Sereia na Colônia Z-3 da afro-religiosa Maria Ondina.

> *A Maria Ondina me disse que, certa vez, viu uma Sereia - junto com as suas companheiras de terreira, sua filha Patrícia e sua sobrinha Cléia - , quando estava fazendo um despacho na beira da praia. Assim que elas deixaram o trabalho na água, a Sereia apareceu e veio acompanhando as três mulheres até um trapiche, que já não existe mais, na altura de onde está hoje o galpão de processamento de pescado chamado de Solisa. A Sereia vinha mergulhando e surgindo de dentro da água, com um rosto muito branco e os cabelos negros, lisos e compridos. Os seus cabelos chegavam a alcançar a sua cauda de peixe, com muitas escamas. A Sereia era da altura de uma pessoa humana, até mesmo Maria Ondina se levantou de sua cadeira para mostrar a altura a que chegavam os cabelos da Sereia. Então, eu perguntei: "Mas quando a Sereia apareceu, vocês perguntaram umas as outras se todas a viam?" A Maria Ondina me disse que todas elas se olharam,confirmando com a cabeça o que estavam vendo. (22 de abril de 2016)*

De acordo com a descrição da Maria Ondina, a Sereia de pele branca que recebeu o despacho na beira da praia na Colônia Z-3 tinha os cabelos negros, lisos e compridos e mergulhava pela Lagoa dos Patos. O hábito das

Sereias, de mergulhar pelas águas, é confirmado pela narrativa de outra moradora da Colônia Z-3, a Keyla. Esta afro-religiosa, que incorpora a Sereia Janaina nos rituais da terreira de Linha-cruzada comandados pela mãe de santo Andréia, me falou sobre a experiência de estar incorporada por um Sereia.

A incorporação, segundo o Dicionário de Cultos Afro Brasileiros, de Cacciatore (1977), é um estado de transito mediúnico adquirido através do toque de atabaques, agogô, adjá, cânticos e, às vezes, por ingestão de ervas, em que a pessoa recebe no corpo um orixá ou uma entidade, podendo ter a perda total ou parcial da consciência. Assim, os gestos, as danças, os gritos, entre outras expressões do iniciado são do orixá ou entidade incorporada.

A Sereia que incorporou no corpo da Keyla, por ter o hábito de mergulhar, por pouco não carregou, para o fundo das águas, esta afro-religiosa, como está exposto na narrativa a seguir.

> *A Keyla contou que quando a sereia chegava à terreira, ocupando o seu corpo, ela ficava rolando no chão, por que as sereias não tem pernas, elas têm uma cauda. Certa vez, quando a Keyla foi levar uma bandeja de presentes para a sereia Janaina na beira da Lagoa, ela quase morreu afogada, "não fosse a Andréia" disse ela, se referindo à mãe de santo da terreira de linha-cruzada que frequenta. A Sereia Janaina "baixou nela" - como se diz quando acontece a possessão do corpo pelo espírito da entidade - e as sereias nadam, "coisa mais linda" disse a Keyla. (18 de novembro de 2015)*

A Sereia Janaina, por pensar que poderia nadar livremente ao possuir o corpo da Keyla, quase levou esta afro-religiosa para o fundo da Lagoa, nos remetendo as histórias em que os marujos são levados para as profundezas das águas, atraídos pelo canto e pela beleza das sereias.

Durante um ritual de incorporação, na beira da Lagoa dos Patos, da terreira de umbanda comandada pela Neida, eu tive a sensação de estar hipnotizada pelas Sereias, experimentando um intenso encantamento gerado pela beleza e pelo canto destas personagens míticas aquáticas, como descrevo a seguir.

No ritual de encerramento da terreira de umbanda da mãe de santo Neida, que acontecia dentro da cooperativa de pescadores, chegou o momento da incorporação das entidades da praia. Então, a terreira foi transferida para a beira d'água.

Era uma noite ventosa, apesar de ser verão e as mulheres que participavam da terreira, incorporando, estavam preocupadas com o frio, porque as sereias vivem nas águas.

Assim, as pessoas que participavam do ritual levaram algumas imagens de dentro da cooperativa para a praia, na beira da Lagoa dos Patos, sendo elas: a da sereia Janaína, a de Iemanjá, a de Jesus Cristo, a do Divino Espírito Santo e a do Caboclo Rompe-Mato. As imagens foram colocadas pela cacique da terreira de frente pra água com quatro velas brancas acesas.

Então, as mulheres começaram a entoar os cânticos para chamar os espíritos que possuiriam os corpos das afro-religiosas. Desta forma, uma a uma as mulheres caíam rolando na areia, para dentro d'água, impulsionadas pelo declive da praia, pois o espírito que as possuía não tinha pernas. Eram as Sereias "chegando" nos corpos das mulheres da corrente, na terreira a céu aberto. Na água, as Sereias cantavam como nas histórias em que os marujos são seduzidos por elas.

As Sereias, em mergulhos, iam para longe da praia, então alguns homens, que acompanhavam o ritual, entraram na água para evitar que os cavalos de santo se afogassem, pois estes seres aquáticos podem respirar em baixo d'água, mas não o corpo que as carrega.

As Sereias acabaram voltando para a beira da praia, e ficaram de frente para os fiéis que assistiam a cerimônia em terra. Esses espíritos aquáticos cantavam com um olhar doce, molhavam seus rostos e braços com delicadeza, bem devagar, em meio a mergulhos que faziam seus pés cruzados surgirem sobre as águas escuras da Lagoa.

Eu me sentia hipnotizada por elas, esqueci por um momento a minha preocupação em guardar detalhes da cerimônia, fiquei na beira d'água

> *com os olhos estalados, encantada com aquela aparição. As pequenas ondas da Lagoa dos Patos faziam um movimento constante, batendo nas Sereias que seguiam o movimento das águas pra frente e pra trás, as ondas, então, rebentavam na beira da praia e mais uma serie de pequenas ondulações se aproximava, de forma que parecia cronometrada.*
> *Todo este cenário me deixava sem referencial, eu sentia ver tudo ao mesmo tempo e por isso não podia ver nada, eu não possuía mais um foco de concentração, parecia que ia pegar no sono, mas eu não sentia sonolência. Era como um sonho. Tive que balançar a cabeça de um lado para outro para retornar ao meu estado de consciência que parecia ser o normal. Desde então, voltei a mim, a preocupação do meu trabalho e tentei tirar fotografias com os meus olhos das cenas que presenciava.*
> *O Deleon me disse que eu poderia "tomar um conforto" com as Sereias e assim fizeram todos aqueles que assistiam à terreira. Então, eu entrei na água e me aproximei de cada uma delas, que passaram as mãos no meu rosto e cabelos sem parar de cantar. Uma das Sereias passou as mãos nos meus braços como que tirando um peso do meu corpo. Então, percebi que o passe acabava quando elas abriam os braços em direção a nós, por que elas não falavam e nem saiam do lugar, apenas cantarolavam sem parar.*
> *Eu sentia uma leveza no corpo, uma paz no peito. Pertencendo a aquela Lagoa imensa, as Sereias escolhiam aquele pedacinho dela para aparecer e, como que por um milagre, eu estava lá. Que felicidade poder observar um ritual que me trouxe tanta paz de espírito. Apesar de a noite estar ventosa e de eu estar com os pés molhados, depois dos passes eu não senti mais frio. (04 de fevereiro de 2016)*

A dimensão de perigo das Sereias está presente quando acontece o domínio do pensamento através do hipnotismo pelo canto ou quando uma Sereia toma o corpo de um afro-religioso, como nos relatou a Keyla. Entretanto, os passes ofertados pelas Sereias neste ritual transferiram paz de espírito aos

fiéis e a mim, "*curando as doenças da alma*" e trazendo uma sensação de leveza através dos seus cantos. Desta forma, estas personagens míticas aquáticas são capazes de trazer equilíbrio aos nossos pensamentos, produzindo saúde mental.

Assim, em oposição a estas imagens de perigo, está a sensação de tranquilidade que nos toma quando observamos a beleza e a imensidão de uma laguna ou de um mar aberto, harmonizando o nosso corpo e a nossa mente, em uma espécie de encantamento. Estas imagens somadas ao ritual na beira d'água, no qual surgem os espíritos das Sereias, me levaram ao seguinte questionamento: "Existem Sereias vivas na Lagoa dos Patos?". Esta pergunta foi direcionada a dois dos meus interlocutores na Colônia Z-3, o Deleon e a Patricia.

A seguir trago o trecho do meu diário de campo em que o Deleon confirma a existência de Sereias vivas na Lagoa dos Patos.

> *Depois do ritual umbandista na beira d'água, eu contei para Deleon que havia visto um documentário sobre sereias, o qual defendia a existência destas personagens vivas, na Austrália. Então, o Deleon argumentou: "Com certeza existem, ainda mais lá, para aqueles lados da Austrália, onde há muitas pedras pra elas descansarem sobre o sol. Inclusive aqui na Lagoa existem Sereias vivas, porque se haviam os espíritos de Sereias no ritual, na praia, nas incorporações, elas têm que existirem vivas." Então eu perguntei para o Deleon: "Mas se existem as Sereias vivas porque nunca ninguém pegou uma na Lagoa, com redes tão grandes?". Então, ele me respondeu que, com certeza, nunca haviam pegado nenhuma Sereia, argumentando: "Imagina... se eu fosse uma sereia e uma rede me pegasse, eu ia rasgar a rede com as mãos e me livrar dela facilmente". (04 de maio de 2016)*

Assim, para o Deleon, se existem espíritos de Sereias é por que, em algum momento, esses espíritos tiveram vida. Desta forma, as Sereias existem enquanto seres vivos na Lagoa dos Patos e, por algum motivo, morreram tornando-se espíritos, que são os espíritos presentes nos rituais de Linha-

Cruzada e de Umbanda que acontecem na Colônia de Pescadores Z-3, ao tomarem o corpo dos afro-religiosos.

Esta perspectiva é confirmada por outra moradora da Colônia Z-3, a Patricia, para a qual eu direcionei a seguinte pergunta: *"Existem Sereias vivas?"*. Esta afro-religiosa me respondeu: *"Deve existir, por que se existe o espírito da Sereia..." (22 de maio de 2017)*.

Desta forma, as Sereias vivas e também os espíritos das Sereias que já morreram descansam sobre as pedras e na beira da praia, habitando a costa da Lagoa dos Patos e também as profundezas das águas,cantando e trazendo uma sensação de paz a aqueles que podem escutá-las.

Além disso, a capacidade de trânsito destas personagens, que vivem em terra e no mar, evidenciada através das narrativas da Maria Ondina, da Keyla, pelas descrições que fiz sobre o ritual em que as Sereias possuem os corpos dos afro-religiosos, e pela narrativa do Deleon, nos faz pensar sobre a forma como estas personagens se deslocam por esta paisagem aquática.

Segundo a descrição de hábitos da Sereia Iara, feita por Cláudia Félix dias antes da Festa de Iemanjá e de Nossa Senhora dos Navegantes, na Praia do Mar Grosso, em São José do Norte, em 2015, as Sereias são responsáveis por estabelecer uma comunicação entre o ser estritamente aquático, a orixá Iemanjá, e seus filhos terrestres, sendo meio humanas e meio peixe. Esta narrativa esta registrada a seguir.

> *A Sereia, também chamada de Cabocla Iara leva os pedidos daqueles que vivem em terra para Iemanjá. Iara tem seu corpo dividido em dois: a parte inferior do corpo não possui pernas, é tomada por escamas, lembrando a nadadeira caudal de um peixe; a outra parte do corpo tem as curvas de uma bela mulher, profundamente sedutora. (13 de janeiro de 2015)*

Nesta descrição, a Claudia nos traz mais um aspecto a ser considerado sobre a Sereia Iara, além de ser meio humana e meio peixe esta Sereia é uma Cabocla. Segundo Cacciatore (1977), "Caboclo(a)" é um nome utilizado para espírito de indígena brasileiro, que incorpora nos cavalos de santo em rituais candomblé, umbanda ou outros de influência ameríndia.

Por conseguinte, temos uma narrativa da afro-religiosa da Colônia Z-3 Patrícia, que descreve a genealogia de algumas Sereias, enquanto descendente de indígenas, como está exposto a seguir.

> *As Sereias são Caboclas e três delas, por exemplo, são filhas do Caboclo Tupi. A Jandira, a Jupira e a Iara Flecheira. Flecheira por que ela é do mato, as outras são da praia. (22 de maio de 2017)*

Além disso, o pescador Deleon me falou sobre um personagem mítico masculino, que seria o responsável por fecundar a Sereia, o Tritão, como está exposto a seguir.

> *Porque não teria como um homem, um pescador, fecundar uma Sereia, pois ela não tem um 'buraco', e sim uma cauda. Então, deve haver um Tritão. Talvez, os ovos são largados pela sereia na água e o Tritão fecunda esses ovos, como na reprodução do bagre (Genidens barbus). (04 de maio de 2016)*

O personagem mítico chamado de Tritão surge como um desdobramento a partir da existência da Sereia, enquanto um mantenedor da população de Sereias e Tritões vivos na Lagoa dos Patos. Assim, a Sereia, até então, é Cabocla e sendo Jandira, Jupira ou Iara é filha do Caboclo Tupi, como nos contou Patrícia. Ademais, as Sereias parecem ter um marido, responsável por fecundá-las, o Tritão.

O fato das Sereias serem casadas é trazido pela afro-religiosa Patricia, como descrevo no meu diário de campo.

> *Eu perguntei para a Patrícia se as sereias eram casadas. A Patrícia me respondeu que marido delas poderia ser o Ogum Sete Ondas, por que ele mergulha. O Ogum Sete Ondas, segundo esta afro-religiosa, é como o São Jorge, só que ao invés de ser montado num cavalo ele tem um rabo de sereia. (22 de maio de 2017)*

Assim, o relato da Patricia nos traz outro personagem mítico aquático, o Ogum Sete Ondas, enquanto um possível esposo das Sereias. A aparência do Ogum Sete Ondas é similar a do São Jorge, pois ele é um guerreiro, só que ao invés de estar montado em um cavalo, ele tem um rabo de Sereia, o

possibilitando mergulhar nas águas. Desta forma, as evidências nos indicam que Ogum Sete Ondas é um Caboclo pertencente à falange do Orixá Ogum, o mesmo que São Jorge.

O santo do catolicismo popular São Jorge, no Rio Grande do Sul, é sincretizado com o Orixá Ogum (CACCIATORE, 1977; ORO, 2002). Este orixá é filho de Iemanjá e é representado nos rituais afro-religiosos por Caboclos como Ogum Iara, Ogum Rompe-mato e Ogum Beira Mar, pertencentes a sua falange (CACCIATORE, 1977).

Na Umbanda, os orixás possuem uma falange, que, segundo a afro-religiosa da Colônia Z-3 Eliane, é “o exército de cada orixá”. As falanges tanto do orixá Ogum quanto da orixá Iemanjá são compostas por espíritos indígenas chamados de Caboclos. Assim, as Sereias, por exemplo, compõe a falange de seres espirituais que vibram na Linha de Iemanjá (CACCIATTORE, 1977) e os Oguns são Caboclos da falange do orixá Ogum.

A partir deste mosaico de narrativas míticas aquáticas temos que as Sereias são Caboclas, de etnia indígena. Essas Caboclas possuem o hábito de mergulhar e cantar na costa da Lagoa dos Patos, produzindo paz de espíritos nos que podem vê-las e escutá-las. Além disso, as Sereias são responsáveis por manter um canal de comunicação entre os humanos e a orixá Imenjá, levando os pedidos dos que vivem a beira d’água para o mar.

Além das Sereias, temos o Tritão e o Ogum Sete Ondas. Estes personagens são equivalentes masculinos das Sereias, sendo que o Ogum Sete Ondas é um São Jorge, guerreiro, montado em um rabo de peixe, ao invés de um cavalo. Estes espíritos também são capazes de mergulharem, transitando entre a costa e a Lagoa dos Patos.

Além disso, um último personagem surge, a partir da etnografia no ritual umbandista na Colônia Z-3, o Caboclo Rompe-Mato, sendo responsável por levar alguns dos fiéis para dentro d’água, onde estas pessoas têm uma visão da orixá Iemanjá, como veremos no tópico a seguir.

6.2 A Pombagira Maria Mulambo e o Caboclo Rompe-Mato

Este tópico apresenta o contexto etnográfico do ritual de umbanda no qual apareceram as Sereias e a orixá Iemanjá na Colônia Z-3. O Caboclo Rompe-Mato em conjunto com a Pombagira Maria Mulambo, me conduzem até a personagem chave desta dissertação, a orixá Iemanjá, como veremos ao longo deste item.

A Pombagira Maria Mulambo, através do corpo da Eliane, me indagou sobre o porquê de eu estar participando daquele ritual umbandista, em que apareceram as Sereias.

> *A Maria Mulambo me perguntou se eu precisava de alguma coisa, dizendo: "O que tu quer tu tens que pedir, então pede." A partir disso, eu respondi: "Eu estou procurando mitos sobre as águas, histórias de Sereias e de Iemanjá, por exemplo." (04 de fevereiro de 2016)*

Segundo Cacciatore (1997), as Pombagiras são espíritos de Exus femininos, cultuados na Umbanda popular e na Quimbanda com uma diversidade de nomes, entre elas está Maria Mulambo. As Pombagiras, quando "baixam" nas terreiras, ou seja, quando possuem o corpo do seu cavalo de santo, são sempre faceiras e provocantes, trabalhando na linha da Iemanjá.

A interlocutora Eliane, que é cavalo de santo da Maria Mulambo, caracterizou esta entidade, em específico, como portadora de grande riqueza, que anda sempre com um saco nas costas, onde carrega as suas fortunas. Entretanto, esta Pombagira veste-se como uma mendiga e mora na rua. Ademais, segundo a Keyla, alguns pontos de terreira que chamam o espírito da Pombagira Maria Mulambo fazem menção ao personagem mítico chamado de Saci-Pererê, por que esta Pombagira tem uma perna quebrada, sendo manca.

Por conseguinte, a partir do meu pedido para encontrar os mitos e os personagens míticos aquáticos da Colônia Z-3, aPombagira Maria Mulambo me falou sobre a presença das Sereias no ritual umbandista em que estávamos, além de me indicar a Maria Ondina como uma interlocutora para esta pesquisa, como está exposto a seguir.

> *A Maria Mulambo me disse: "Hoje as sereias vão estar na praia e a Iemanjá vai aparecer também.*

> *Então, tu te concentras bem, se tu puder ficar um pouco sozinha fica, te concentra, não deixa ninguém te atrapalhar, fica quietinha que hoje a mãe Iemanjá vai aparecer. Mas tu também tens que conversar com ela (me apontando uma integrante da corrente, a Maria Ondina). Esta mulher incorpora uma sereia e tem muitas histórias pra contar." Então, a Maria Mulambo foi até a dona Maria Ondina e disse pra ela: "Essa menina tem umas perguntas pra te fazer, tu responde pra ela." (04 de fevereiro de 2016)*

Desta forma, esta Pombagira é o primeiro espírito a me conduzir até a beira d'água, onde eu presenciei a incorporação dos espíritos das Sereias no corpo das afro-religiosas da terreira da Neida. Por conseguinte, o Caboclo Rompe-Mato me empurra para dentro da Lagoa, em direção a Orixá Iemanjá, que também foi vista por alguns fiéis nesta mesma noite, como descrevo a seguir.

> *Alguém me atinge nas minhas pernas, esbarrando pelas minhas costas. Era a mãe do Deleon, que havia servido de cavalo de santo para a Maria Mulambo e agora incorporava o Caboclo Rompe-Mato. Este Caboclo passou por mim de raspão, quase me derrubando dentro da Lagoa, rolando pra dentro d'água em direção ao fundo, como as Sereias. Neste momento todas as Sereias, que davam os passes na beira da praia, se afastaram da costa, indo em direção ao horizonte da Lagoa.*
>
> *Depois de alguns instantes dentro d'água, as Sereias começaram a voltar para a beira da praia e a ir embora do corpo dos cavalos de santo. Da mesma forma, o Deleon e os outros rapazes saíram da Lagoa. Então, o Deleon veio até mim e me perguntou: "Tu viu? Tu viu que ela apareceu? A entidade da mãe [Caboclo Rompe-Mato] me disse que a Iemanjá estava aqui, que era pra eu olhar. Então, eu pensei: 'se ela ta vendo eu também posso ver'." (04 de fevereiro de 2016)*

O Caboclo Rompe-Mato, por vezes chamado de Ogum, surge neste

ritual também através do corpo da Eliane, que sendo devota de São Jorge tem uma imagem deste santo guerreiro de frente para a porta de entrada da sua casa. Segundo a Eliane, o Caboclo Rompe-Mato é um espírito ameríndio que rompe a mata para adentrar no ambiente aquático.

A forma como o Caboclo Rompe-Mato cai na água, rolando de acordo com o declive da praia, faz pensar que este ser mítico possui um rabo de peixe como o das Sereias. Além disso, o Rompe-Mato é chamado de Ogum, sincretizado com São Jorge, de acordo com Oro (2002), o que nos faz lembrar a descrição do Ogum Sete Ondas feita pela Patricia, que dizia: "*é como o São Jorge, só que ao invés de ser montado num cavalo ele tem um rabo de sereia" (22 de maio de 2017).*

Além disso, o Caboclo Rompe-Mato possui a capacidade da fala, pois falou com o Deleon, que o seguiu pela Lagoa, dizendo ao pescador que Iemanjá estava na água, indicando a direção em que ele devia olhar para ver esta orixá.

Segundo a dissertação de mestrado intitulada "Espíritos da Mata: sentido e alcance psicológico do uso ritual de Caboclos na Umbanda", de Raquel Redondo Rotta (2010), que realizou um estudo etnográfico com seis terreiras de umbanda localizadas em Ribeirão Preto, no Bonfim Paulista e em Jardinópolis, o Caboclo Rompe-Mato tem como personalidade, segundo o espírito do próprio Caboclo "*essa, o movimentar (...) essa lua próxima, essa nova conquista*" (p. 116). Desta forma, a autora interpreta esta característica como uma "*tensão pra frente, e o movimento pela busca dos objetivos*" (p. 166).

Assim, neste mesmo dia, em que eu havia pedido pra Pombagira Maria Mulambo, que incorpora na Eliane, para encontrar mitos sobre as águas, o Caboclo Rompe-Mato, que também usa a Eliane como cavalo de santo, me empurra para frente, para dentro d'água, em direção ao local onde o Deleon e seu amigo Jardel afirmaram terem visto a orixá Iemanjá, junto com este Caboclo. Da mesma forma, ele direciona o olhar do Deleon e o Jardel para o fundo da Lagoa, para a orixá Iemanjá.

Desta forma, a partir deste tópico temos que a Pombagira Maria Mulambo e o Rompe-Mato são colaboradores de Iemanjá, que auxiliam na

comunicação entre os fiéis afro-religiosos e esta orixá das águas. Além disso, o Caboclo Rompe-Mato, assim como as Sereias, é um espírito ameríndio, que abre os caminhos, se deslocando da costa para o fundo das águas, tencionando para frente, em direção a orixá Iemanjá.

Estes relatos nos indicam que as entidades que se manifestam em um mesmo cavalo de santo se comunicam em certa medida. Neste caso, a comunicação parece ter se dado entre a Pombagira Maria Mulambo e o espírito ameríndio do Caboclo Rompe-Mato, a ponto de este espírito indígena me empurrar em direção às águas depois de eu ter pedido para Maria Mulambo para encontrar narrativas e personagens míticos aquáticos. Este impulso para frente, que me é dado pelo Caboclo, acontece justamente no momento em que se dá a chegada de Iemanjá, vista apenas pelo Deleon e pelo Jardel neste ritual.

Entretanto, apesar de o Caboclo ter me empurrado para dentro d'água, eu não pude ver Iemanjá, como esses dois rapazes disseram ver, pois não o segui, conforme ele ia em direção ao horizonte da Lagoa, como está exposto neste trecho do meu diário de campo.

> *O Caboclo Rompe-Mato passou por mim de raspão, quase me derrubando para dentro da Lagoa, rolando pra dentro da água, em direção ao fundo, no corpo da mãe do Deleon, a Eliane. Então, eu me preocupei com a mulher que recebia o Caboclo, porque os rapazes que estavam cuidando as Sereias - que neste momento deixaram os fiéis na beira da praia e se foram ao fundo da Lagoa - não viram esta mulher caindo na água. Então, eu pensei em segui-la, cuidá-la, mas eu fiquei com vergonha de entrar na água, pensei que poderia estar sendo indiscreta. Além disso, pensei que poderia perder algo que acontecia na beira da praia em detrimento de uma só pessoa. Mesmo assim, eu cheguei até a beira d'água, olhando o Caboclo de longe, curiosa e quase entrando atrás dele.*
>
> *Até que o Deleon deixou a Sereia que ele estava cuidando e foi atrás do Caboclo Rompe-Mato, assim também fez outro rapaz, chamado Jardel. Quando, vi os rapazes com ela me deu vontade de ir lá novamente, perguntar a eles o que tinha*

> *acontecido. Eu estava inquieta, sentia que deveria ir até lá, mas eu não ia por medo de estar sendo intrometida, por medo de me molhar e de perder o que acontecia na beira d'água. Nesse momento todas as Sereias tomaram o rumo em direção ao fundo da Lagoa. (04 de fevereiro de 2016)*

Assim, mesmo eu sendo empurrada para dentro d'água, permaneci na beira da praia junto com os outros fiéis afro-religiosos, não tendo a visão desta Orixá, o que nos faz refletir sobre a minha condição de pesquisadora que se colocava sobre a etnografia. Estes personagens míticos, que nos conduzem até Iemanjá, produzem uma mitologia afro-ameríndia que não alcança a ciência moderna.

Portanto, a partir destes personagens temos a Pombagira Maria Mulambo, seguida do canto das Sereias na beira da Lagoa e do impulso para frente, para dentro d´água, do Caboclo Rompe-Mato, nos conduzindo, nesta dissertação, até as narrativas dos pescadores e das pescadoras da Colônia Z-3 sobre a orixá Iemanjá.

Estes personagens míticos apresentam um trajeto que inicia com uma representação da modernidade e do meio urbano, através do espírito de Maria Mulambo. Esta personagem vive na rua, como uma mendiga, mas carrega um saco onde esconde as suas riquezas. As Pombagiras são muito temidas, apesar de faceiras e provocantes, sendo chamadas pelos afro-religiosos para a feitura de trabalhos bem objetivos, próprios da modernidade, como o de arrumar um emprego ou um(a) namorado(a), ou mesmo, como eu, para adquirir dados para uma pesquisa etnográfica.

Por conseguinte, quem nos conduz até Iemanjá são as Sereias e o Caboclo Rompe Mato, que são espíritos dos ancestrais nativos da América do Sul. Estes seres adentram o ambiente aquático e percorrem as águas em direção a Mãe Iemanjá, a deusa Iorubana e das religiões afro-brasileiras que representa o mar. Desta forma, a partir de meus dados, os espíritos ameríndios nos conduzem à memória dos nossos ancestrais trazidos de África, que se utilizavam da natureza para curar o banzo, doença que matava os negros devido à saudade da terra natal. Assim, estes personagens míticos, ao percorrem a costa da Lagoa dos Patos, na Colônia Z-3, produzindo o devir

entre humanos, não-humanos e os ambientes aquáticos desenvolvem um sistema mitológico afro-ameríndio, a partir de personagens costeiros e aquáticos.

Por conseguinte, temos a formas de aparição da orixá Iemanjá. Assim, de acordo com as narrativas dos meus interlocutores da Colônia Z-3, veremos, no próximo subtópico, as minhas impressões sobre as categorias empíricas utilizadas pelos pescadores e pelas pescadoras desta comunidade para caracterizar o ambiente aquático.

6.3. *Iemanjá, Sereia do Mar*

Este tópico tratará das narrativas míticas sobre a orixá Iemanjá, trazidas pelos moradores da Colônia Z-3, com o objetivo de ilustrar o devir entre esta divindade afro, os humanos e os não humanos que habitam esta comunidade. A partir disso, serão analisadas as categorias empíricas atribuídas, através desta orixá, pelos pescadores e pelas pescadoras da Colônia Z-3, aos ambientes aquáticos. Então, avancemos em direção a estas narrativas.

No dia do ritual umbandista em que as Sereias apareceram na beira da Lagoa, antes da aparição de Iemanjá, a afro-religiosa Maria Ondina me falou que já havia visto esta orixá na Lagoa dos Patos, caracterizando-a.

> *A Maria Ondina viu a orixá Iemanjá quando estava fazendo um despacho, para o pai do Deleon na beira praia, perto da ponte, na entrada da Colônia Z-3. A orixá Iemanjá apareceu como uma luz azul bem forte e grande, que só ela e outra mulher, que faziam o despacho na beira d'água, puderam ver. (04 de fevereiro de 2016)*

A orixá Iemanjá surgiu para a Maria Ondina para receber um despacho, uma oferenda feita em troca de pedidos, nos remetendo a outra narrativa, trazida no tópico 6.1, em que ela e as suas irmãs viram uma Sereia ao fazerem uma oferenda na Lagoa. Entretanto, diferente das Sereias, a orixá Iemanjá não mergulha, mas se confunde com a própria água, pois possui uma forte claridade, uma luz azul, que ilumina aqueles que podem vê-la da praia.

Por conseguinte, no dia 04 de fevereiro, depois da aparição da Maria Mulambo, das Sereias e do Caboclo Rompe-Mato, o pescador Deleon e seu amigo Jardel, também viram a imagem de Iemanjá, fazendo uma descrição semelhante a que nos foi trazida por Maria Ondina. A seguir, trago o trecho do meu diário de campo em que Iemanjá surge na Lagoa, juntamente com a descrição desta orixá pelos rapazes.

> *Depois de alguns instantes dentro d'água, as Sereias começaram a voltar para a beira da praia e a ir embora do corpo dos cavalos de santo. Da mesma forma, o Deleon e os outros rapazes saíram da Lagoa. Então, o Deleon veio até mim e me perguntou: "Tu viu? Tu viu que ela apareceu? A entidade da mãe me disse que Iemanjá estava aqui, que era pra eu olhar. Então, eu pensei: 'se ela tá vendo eu também posso ver.' O Jardel [que estava junto com o Deleon dentro da Lagoa dos Patos] não botou muita fé no que ela disse, não olhou muito, só de canto de olho. Veio vindo uma luz azul, uma luz veio crescendo e vindo pra perto de nós, era muito grande, até que desapareceu."*
> *O Deleon e o Jardel afirmaram terem visto a orixá Iemanjá, na forma de uma luz muito forte e azul, que crescia em direção a praia, indo de encontro com as Sereias que, neste momento, avançavam para o fundo da Lagoa. (04 de fevereiro de 2016)*

As Sereias, que cantavam, dando passes nos fiéis e balançando as suas caldas na água, assim como o Caboclo Rompe-Mato, parecem sentir a presença de Iemanjá nas águas, pois no momento da aparição elas partem em direção ao fundo da Lagoa, para encontrá-la. Desta forma, estes espíritos levam para as águas aquilo que pesava na alma e no corpo dos fiéis que acompanhavam a cerimônia.

Assim, nas narrativas do Deleon e do Jardel, e a da Maria Ondina, onde é relatado que os afro-religiosos fazem homenagens e despachos na beira da praia, a orixá Iemanjá surge para eles como uma luz azul muito forte, ou com um manto azul com as mãos muito iluminadas que vai crescendo das profundezas da Lagoa em direção à costa, até que desaparece. Assim, a orixá Iemanjá surge para os afro-religiosos diante de oferendas e pedidos, trazendo

paz de espíritos a aqueles que freqüentam espaços rituais afro na Colônia Z-3.

Da mesma forma, a beira d'água, seja de uma praia oceânica perigosa, como a praia do Mar Grosso, em São José do Norte, seja uma praia aparentemente calma, como as da Lagoa dos Patos, tem a capacidade de nos produzir uma sensação de paz e tranquilidade.

De uma maneira universal, os humanos procuram os ambientes costeiros para relaxar, tirar férias, praticar atividades físicas e para o lazer (ORO & ANJOS, 2009). Os autores Oro e Anjos (2009, p.107), por exemplo, trazem uma fala do Pai Dinajara, religioso afro-brasileiro de Porto Alegre, na qual ele diz : "*Quem é que não gosta de tomar um banho de mar, quem não gosta de observar, admirar o mar! Que paisagem mais bonita que é o mar! Todo mundo observa.*"

Na narrativa trazida por Claudia Félix, que está descrita no tópico 6.1 do Capítulo 5, a Sereia do Mar, Iemanjá, representa as águas como um todo. Nesta narrativa, a orixá, estando na forma humana, chora e, assim, se dissolve em água, escorrendo pelas pedras até o mar. Desta forma, Iemanjá aproxima as águas desconhecidas e infinitas da episteme humana.

Esta aproximação também acontece quando nos deparamos com as narrativas sobre as Sereias Janaina, Iara, Jandira e Jupira, sendo estas personagens metade humanas e metade peixe, pois estes seres são capazes de transferir a leveza do mar para os nossos pensamentos ao se materializarem no corpo de um cavalo de santo, na beira d'água ou dentro de uma terreira.

Os ambientes aquáticos também são marcados pela sua agência na produção de uma sensação de bem estar nos humanos, devido às linhas que marcam um horizonte infinito de beleza e fartura. Entretanto, esta sensação de paz e tranquilidade também nos é gerada quando desta água, ou em uma terreira, surge uma Sereia que passa as suas mãos sobre o nosso corpo, quando as gotas d'água pingam das mãos dela sobre nós, além da sensação de conforto gerada ao sabermos que a imensa luz azul, que surge na Lagoa dos Patos, indica a presença da Mãe Iemanjá.

Assim, parece serem infinitas as maneiras de experienciar o ambiente aquático, sendo que estas formas não se excluem, mas, ao contrário, se complementam. Esta concepção pode notada ao observarmos que as

narrativas que trazem as personagens chamadas de Sereias, por exemplo, apresentam também este ser mítico feminino que é a orixá Iemanjá, chamada de Sereia do Mar.

As narrativas míticas sobre as aparições, os hábitos e a história da orixá Iemanjá geralmente vem acompanhadas de narrativas sobre as personagens míticas chamadas de Sereias. Este foi o caso da história sobre a Sereia Iara da mãe de santo Claudia Felix, exposta no item 6.1, e da narrativa sobre a aparição das Sereias e de Iemanjá no ritual umbandista, além das que nos contou Maria Ondina sobre a aparição de Sereias e de Iemanjá na beira da Lagoa, durante a feitura de despachos. Assim, as figuras míticas aquáticas de Iemanjá e das Sereias demonstram estar em continuidade, tanto na sua aparência como nos seus hábitos.

Além disso, na narrativa da nortense Cláudia Félix, a orixá Iemanjá se dissolve na água salgada de seu choro, transformando-se em mar, para fugir do seu filho. Nas narrativas de Kosby (2008) e Amado (2011), assim como na ilustração do artista Carybé (1977), também trazidas no Capítulo 5, Iemanjá se transforma em um rio que segue para o mar, depois de ser ofendida. Portanto, Iemanjá também se apresenta através de uma figura não humana que, diante de uma situação de injustiça e abuso, toma a forma da água como uma estratégia de fuga, como um contra-poder à opressão, lembrando a imagem de uma Sereia.

Desta forma, as narrativas míticas sobre a orixá Iemanjá fazem alusão a um estado intermediário, entre a terra e as águas, oculto por esta personagem, e que somente se apresenta diante de um evento de indiscrição, injustiça e opressão.

Ademais, é importante ressaltar que a orixá Iemanjá e as Sereias, suas colaboradoras, são capazes de produzir saúde mental nos humanos, que acontece quando: as Sereias dão passes nos afro-religiosos na beira d'água, carregando o peso das suas almas, pedidos e oferendas para o fundo das águas; quando os humanos se deparam com Iemanjá, representada por "luz azul muito forte"; e quando utilizamos os ambientes aquáticos como uma rota de fuga aos problemas da vida cotidiana.

Por outro lado, a beleza das Sereias, representada tanto pela sua imagem quanto pela capacidade hipnótica do seu canto, e também da orixá

Iemanjá, representam uma das características atribuídas pelos humanos aos ambientes aquáticos, que é o seu aspecto sedutor. Esta característica nos remete aos perigos que as águas oferecem a aqueles que se arriscam a ter uma vida nas suas margens ou dentro delas.

Desta maneira, estes espaços são marcados por eventuais afogamentos e também pelo desaparecimento de pescadores. Este foi o caso, por exemplo, do pescador Dionathan, que morreu no dia 02 de fevereiro de 2017, durante o ritual que homenageava Nossa Senhora dos Navegantes e Iemanjá. O relato desta tragédia está exposto a seguir.

> *A afro-religiosa Eliane contou que as embarcações da Colônia Z-3 saíram em procissão fluvial em direção praia do Barro Duro, onde a santa Nossa Senhora dos Navegantes se encontra com a Orixá Iemanjá. Entretanto, antes mesmo de chegar até esta outra praia, o tempo começou a fechar. As nuvens negras e o vento forte anunciavam um temporal. Desta maneira, as embarcações menores retornaram para a Colônia Z-3, antes do encontro entre as duas divindades acontecer no Barro Duro.*
> *A embarcação do Dionathan era pequena, mas, mesmo assim, ele e mais dois amigos resolveram seguir a viagem até o Barro Duro.*
> *Entretanto, antes de chegar no Barro Duro o vento ficou cada vez mais forte, e a embarcação começou a balançar, derrubando o Dionathan dentro d'água. Apesar de ali ser um local raso, o Dionathan não conseguiu retornar a embarcação, por que usava um macacão de borracha com bota, utilizado nas atividades pesqueiras, que, provavelmente, foi invadido pela água, fazendo pesar o corpo do rapaz. Segundo esta interlocutora, o Dionathan teve uma morte "sinistra", pois o seu corpo só foi encontrado no outro dia, em um local distante de onde havia acontecido a queda do pescador na Lagoa. (31 de Julho de 2017)*

Desta forma, apesar das águas serem consideradas fonte de vida e alimento, além de produzirem saúde mental, sendo representadas através da figura de Iemanjá enquanto uma mãe protetora, ao mesmo tempo, o ambiente

aquático representa um espaço incontrolável e perigoso. As grandes Lagoas e os Mares carregam alguns dos homens e das mulheres que se arriscam ao se banharem nas suas costas; levamos corpos de afro-religiosos para o fundo, durante a incorporação de Sereias, como foi o caso da Keyla; além de serem palco de muitas mortes, geradas por naufrágios.

O conjunto destas narrativas evidencia que as categorias empíricas utilizadas para representar o ambiente aquático trazem, simultaneamente, a dimensão vital, poderosa e resistente do Mar, através da figura de Iemanjá. Estas representações não romantizam o ambiente aquático por ele ser gerador de vida e de alimento, mas sim, demonstram a experiência de alguém que convive com o mar no seu cotidiano e, também, acumula conhecimento sobre as águas ao longo de muitas gerações.

Portanto, a dimensão da experiência delineia as características do ambiente aquático, fazendo com que os pescadores e as pescadoras saibam como se valer da força do oceano enquanto um contra-poder que resiste às adversidades da atividade pesqueira. Ao mesmo tempo, é sabido que não se pode desafiar as águas, indo ao encontro delas durante uma tempestade ou um mar revolto. Estas representações fazem com que as populações de pesca tradicional, como a Colônia Z-3, continuem vivendo neste ambiente por gerações, na medida em que reconhecem o poder e a força das Lagoas e dos Mares, e que das águas não se pode tirar proveito ou fazer zombarias.

Por fim, nos encaminhamos para as Considerações Finais desta dissertação, próximo tópico deste trabalho. Então, veremos uma compilação dos dados etnográficos e etnológicos registrados, de maneira a confluir as características sociológicas e cosmológicas da Colônia Z-3 enquanto parte constituidora da coletividade pesqueira da Lagoa dos Patos, tendo em vista as categorias empíricas utilizadas por estas pessoas para atribuir sentido aos ambientes aquáticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os meus primeiros passos na Colônia de Pescadores Z-3 estão marcados pelo característico cheiro de peixe, que vinha das salgas e das peixarias, do cais da Divinéia e dos trapiches, que servem de atracadouros para as embarcações de pesca, e das cozinhas dos moradores desta comunidade.

Ademais, paira sobre a vila da Colônia Z-3 uma atmosfera boêmia, por conta dos bares de esquina e das reuniões de pescadores costurando redes, conversando e fumando cigarros de palha nas docas e na praça central. A partir destas imagens, a Colônia Z-3 passa a ser reconhecida, pelos seus visitantes, como uma comunidade pesqueira, igual a tantas outras das margens da Lagoa dos Patos.

Além disso, nas minhas primeiras visitas à Colônia, o universo masculino, feminino e infantil parece muito bem delimitado, sejam pelos espaços onde predominantemente transitam homens, mulheres e crianças, sejam pelas diferenças nas formas de nos relacionarmos, eu e estas pessoas.

Primeiramente, são as crianças da Colônia Z-3 que me apresentam a vila, as famílias e os espaços rituais afro-religiosos desta comunidade, pois são elas que dominam os espaços públicos e as ruas da Z-3, tendo como papel social anunciar a chegada de visitantes.

As mulheres, por sua vez, se mostram curiosas e receptivas a minha presença, abrindo as suas panelas fartas para que eu experimentasse as suas comidas típicas. Por outro lado, os homens, por vezes, me lançavam olhares maliciosos, me gerando desconforto e um clima de tensão, atenuado por situações em que demonstravam ser solícitos.

Entretanto, depois de estabelecer a minha residência na Colônia Z-3, e por manter um relacionamento com o pescador Deleon, o meu contato com os homens passa a ser mais amistoso. Ao mesmo tempo, passo a ter uma relação mais intima com as mulheres, que me falam sobre os seus relacionamentos com os companheiros, fazendo emergir uma aliança entre eu e universo feminino.

Desta forma, no conviver com os moradores da Z-3, estas pessoas demonstram ter o poder de deixar-nos à vontade, ao contarem suas anedotas e, ao mesmo tempo, apresentarem os limites existentes entre os universos simbólicos masculino e feminino, através de noções de respeito e companheirismo, impostas tanto na ordem social como na ordem cosmológica.

A partir disso, os moradores da Colônia Z-3, tanto os homens quanto as mulheres e as crianças, passam a me contar as suas histórias de vida, as suas relações de parentesco e os seus hábitos e costumes. Nestas narrativas e também a partir das minhas associações entre o cotidiano desta vila e o de São José do Norte, percebo que a Colônia Z-3 faz parte da coletividade pesqueira da Lagoa dos Patos.

Nestes relatos o território que compreende as colônias de pescadores e pescadoras das margens da Lagoa está conectado através: das festas e dos rituais religiosos católicos e afro-brasileiros; do estabelecimento de relações de parentesco; de festas familiares; de sepultamentos distintos dos locais de origem dos pescadores e das pescadoras, como foi o caso da “tia Baratinha”; das safras de camarão, que dependem do estabelecimento de redes entre os pescadores para que a pescaria seja rentável, simbolizado através da figura dos atravessadores de pesca; e da própria água, que transporta alimentos, instrumentos e pessoas entre as margens.

Além disso, a dinâmica migratória destas populações, desde a consolidação destas comunidades até os atuais deslocamentos, apresenta uma sociedade que tem seus ritmos de vida marcados pelos ciclos do ambiente aquático. Assim, as atividades remuneradas dos pescadores e das pescadoras variam, entre outros motivos, de acordo com as safras de peixe e camarão da Lagoa dos Patos.

A partir disso, percebemos que o contato destas populações com a sociedade urbano-industrial fica evidente pelos reflexos negativos da atividade pesqueira industrial no ecossistema e nas comunidades ribeirinhas da Lagoa dos Patos, e ao percebermos uma quantidade significativa de jovens pescadores trabalhando em embarcações industriais ou enfrentando jornadas diárias de deslocamento das suas comunidades até os centros urbanos. Assim, na zona urbana, estas pessoas trabalham em atividades desvinculadas a

atividade pesqueira, geralmente, nos períodos entressafras, cada vez mais longos.

Entretanto, se por um lado, estes atuais deslocamentos e esta dinâmica sazonal de trabalhos apresentam um risco ao mantenimento do ethos pesqueiro, por outro, trata de ampliar o território ocupado e passível de intervenção pelos pescadores e pelas pescadoras da Lagoa dos Patos. Um exemplo disso é a produção desta dissertação de mestrado, construída por uma descendente de pescadores de São José do Norte. Para além disto, os moradores das comunidades tradicionais das margens da Lagoa dos Patos, estão acostumados, desde quando começaram a se instalar na região, a conviver com uma diversidade de cosmologias.

Assim, a cultura pesqueira pode ser representada por um constante movimento de fluxo e refluxo, marcado pelos encontros entre diferentes cosmologias e universos simbólicos em um mesmo território, e, também, pelas jornadas diárias de deslocamento entre mar e terra, Colônia e centro. Assim, o jogo de alteridades que está posto na cultura das populações pesqueiras e no caráter pluriativo dos pescadores e das pescadoras permite que eles mantenham viva a sua cosmologia, reconhecendo uma diversidade de formas de compreender o mundo e, consequentemente, a sua incapacidade de defini-lo em sua completude.

Portanto, a partir da multiplicidade de cosmologias – de matrizes negra, indígena e portuguesa –, evidenciadas ao longo trabalho etnográfico e etnológico na Colônia de Pescadores Z-3, pude perceber a cultura da pesca tradicional como uma expressão da natureza. Esta cultura demonstra estar em constante movimento de retorno ao seu fluxo e potência – que pode ser representada através do movimento das águas que inundam a Colônia e depois retornam a Lagoa nas enchentes –, atualizando-se continuamente e periodicamente, de forma cíclica, na vida dessas pessoas.

Por conta disso, apesar das crises no setor pesqueiro e do esquecimento por parte do Estado das populações tradicionais, as comunidades pesqueiras da Lagoa dos Patos demonstram sentir orgulho e dignidade em ser pescador(a) através: da maneira como falam da suas histórias de vida, relembrando as dificuldades vividas na infância em comparação com as sua condição de vida atual; ao exaltarem as formas “como

se faziam as coisas antigamente"; e quando falam sobre como aprenderam a pescar ou a realizar outras atividades que se relacionam direta ou indiretamente com a atividade pesqueira, como a feitura de embarcações de pequeno porte e também a maneira como se limpa e prepara os peixes e crustáceos para alimentação.

Além disso, as populações de pesca tradicional da Lagoa dos Patos se valem dos rituais religiosos dos quais estão empoderadas - como os rituais de benzedura, as Festa em homenagem à Nossa Senhora dos Navegantes e à orixá Iemanjá, além dos cultos afro-religiosos que homenageiam Sereias e espíritos da praia – para suprir as suas necessidades no âmbito familiar, como os conflitos entre homens e mulheres, e no contexto social em que estão inseridas.

As histórias de vida, os hábitos e os costumes, os saberes empíricos, os materiais, os deslocamentos, as atividades remuneradas e os rituais utilizados, atualmente, para que essas populações tenham uma vida digna, são expressões das representações da cultura da pesca tradicional como um todo. Desta forma, estes fenômenos sociais são, dentro das suas particularidades, expressões de fatos sociais totais, como chama Mauss (2003).

Estes fenômenos sociais materializam culturas que atravessam gerações – como a afro, a indígena e a portuguesa -, através de movimentos de atualização de conceitos, impulsionados pelo encontro entre epistemologias e pela capacidade criativa das pessoas, diante do contexto social de cada época. Assim, estas populações se mostram abertas ao diferente, ao estranho, ao visitante, ao turista, ao estrangeiro, a partir do momento em que vêem a necessidade de compartilhar experiências para se viver bem. Estas percepções ficam evidentes, por exemplo, na etnografia dos rituais em homenagem à Nossa Senhora dos Navegantes e à Iemanjá na Colônia Z-3.

Os pescadores e as pescadoras tradicionais das margens da Lagoa dos Patos, por lidar com o ambiente aquático por gerações e no seu cotidiano, consideram o Mar e a Lagoa dos Patos como infinito, desconhecido, sedutor, apaziguador do espírito, perigoso e até mesmo mortal. Desta forma, estas pessoas entendem a natureza aquática como algo capaz de surpreendê-los a qualquer momento, fazendo-se necessário estabelecer vínculos neste território.

Os rituais em homenagem à Nossa Senhora dos Navegantes e à Iemanjá, por sua vez, são uma maneira de fortalecer as relações entre os pescadores da Colônia Z-3, com pescadores de outras comunidades, e entre cosmologias, como a católica e a afro-religiosa. Neste ritual, o estreitamento de relações entre os pescadores e as pescadoras, se mostra essencial para as populações de vivem na beira d'água, devido ao fato dessas pessoas considerarem, através da experiência, o mar e as grandes lagunas, representado por Iemanjá e por Nossa Senhora dos Navegantes, como ambientes adversos, fluidos e imensos, nos quais é necessário estabelecer vínculos para se sentir reterritorializado.

Este movimento de desterritorialização e reterritorialização dos pescadores no ambiente aquático é tão intenso que as águas, antes desconhecidas e perigosas, passam a ser utilizadas como um contra-poder que se coloca diante das adversidades e incertezas do setor pesqueiro e da vida das pessoas. Assim, à Nossa Senhora dos Navegantes e à Iemanjá, que representam, entre outras coisas, a Lagoa dos Patos e o mar, são direcionados pedidos como: boas safras de peixe e camarão,o envio amores, a limpeza dos pensamentos e a produção de paz de espírito nos seus fiéis.

Por conseguinte, observamos nas festas religiosas que celebram entidades marítimas, tradições negras, indígenas e portuguesas se encontrando em um mesmo espaço ritual, evidenciando o respeito à diversidade. Esta cumplicidade presente nos rituais na beira d'água apresenta um esforço dessas pessoas de confluir perspectivas para ampliar as suas percepções sobre os ambientes aquáticos.

O compartilhar de conceitos utilizados para delinear os fenômenos da natureza, como o oceano e a Lagoa dos Patos, através da orixá Iemanjá e da santa Nossa Senhora dos Navegantes, além das Sereias, do Tritão, do Caboclo Rompe-Mato e do Ogum Sete Ondas, não se dá de forma a encontrar hipóteses comuns, de maneira a homogeneizar pontos de vista distintos, mas procura preservar a diversidade através de mediações dos pontos de vista.

Neste sentido, se o trabalho de Ribeiro (2012) abordou a mitologia da Colônia Z-3 principalmente através dos personagens ligados à terra – Bruxa/Lobisomem, Anjinho e assombrações –, faltava a nós os personagens míticos que representassem o cosmos aquático, presente nas comunidades

onde a maresia paira sobre as casas e as pessoas – Nossa Senhora dos Navegantes, Sereia, Tritão, Caboclo Rompe-Mato, Ogum Sete Ondas e Iemanjá.

Os dados iniciais sobre a possibilidade de haver uma mitologia aquática na Colônia de Pescadores Z-3 surgiram na Ilha da Feitoria, a partir da dissertação de Ribeiro (2012). Os personagens míticos, da Ilha abandonada, se apresentavam através de “ruídos” que atravessavam a mitologia açoriana. Estes ruídos eram de “espíritos dos negros escravos”, que arrastavam correntes no arredores do Casarão da Sotéia, e os “espíritos de índios”, que passavam correndo em bando pela Ilha. Neste sentido, o ruído caracterizaria a presença dos negros e dos indígenas na mitologia desta comunidade na perspectiva da terra, enquanto algo que se escuta, mas que não se pode ver, elaborando aquilo que se tem como desconhecido, sem forma definida e que assusta aos humanos.

Este ruído, na minha etnografia, apresentou-se através do canto das Sereias. Estas personagens, presentes nas narrativas e nos rituais míticos afro, na beira d’água, nos conduzem até a mãe de todos os orixás, a Rainha do Mar, Iemanjá. Desta forma, a mitologia aquática encontra eco, principalmente, na mitologia afro-ameríndia, nos rituais afro-religiosos, apresentando personagens negros e indígenas que passam de ruídos a personagens visíveis, que podem ser sentidos pelo toque, capazes de realizar trocas simbólicas entre humanos e sobre-humanos nesta comunidade.

Partindo das narrativas e dos rituais míticos, a partir da perspectiva da etnologia afro-ameríndia da Colônia Z-3, nesta dissertação demonstramos a existência de uma sociedade mítica aquática, composta por personagens afro-ameríndios que vivem na beira e no fundo das águas. Entre eles estão o espírito da Pombagira Maria Mulambo e os espíritos indígenas das Sereias, do Tritão, do Caboclo Rompe-mato e do Ogum Sete Ondas, que são comandados pela orixá iorubana Iemanjá.

O coletivo de pescadores e pescadoras da Colônia Z-3 tem uma cultura ligada ao continente e ao mar, materializados a partir de aspectos de ordem econômica e sociológica levados em consideração na implementação de políticas públicas. Já se tratando da cosmologia, essa explicitada no ritual umbandista que assisti à beira das águas da Lagoa dos Patos, os espíritos

indígenas ligados à terra, à beira d'água – o Caboclo Rompe-mato, as Sereias, o Tritão e o Ogum Sete Ondas - que compõem a falange de Iemanjá – a Rainha do Mar – servindo como elo de mediação entre essa orixá e os seus filhos terrestres, os humanos que a cultuam. Esse dado é revelador da posição hierárquica acima da Rainha do Mar e mediadora do Caboclo Rompe-mato, das Sereias, do Tritão e do Ogum Sete Ondas, que se apresentam, a partir da água, entre os personagens mitológicos ligados a matriz afro-ameríndia.

Além disso, as Sereias possuem o hábito de cantar, trazendo paz de espírito aos humanos, e descansar sobre a costa da Lagoa ou sobre as pedras para apanhar o sol. Ademais, as Sereias e os Tritões rasgam as grandes redes dos pescadores para escapar destas armadilhas, que apanham os peixes da Lagoa.

A Rainha do Mar, por sua vez, protege os marujos como uma mãe guarda um filho, aparecendo para os fiéis afro-religiosos na forma de uma grande luz azul no meio da Lagoa dos Patos, produzindo saúde mental nos humanos. Além disso, diante das vicissitudes da atividade pesqueira, esta orixá atua junto aos pescadores e as pescadoras como um contra-poder perante as injustiças. Por conta disso, são oferecidos à Iemanjá, pelas populações tradicionais, despachos na beira da praia em troca da realização de desejos e pedidos dos afro-religiosos.Entretanto, esta mãe pode castigar e até matar os pescadores que tentam enganá-la ou desrespeitá-la, gerando naufrágios e até mortes.

Assim, as características desta sociedade aquática confirmam a existência de um estado de intimidade entre humanos, não-humanos e sobre-humanos na Colônia de Pescadores Z-3. Esta intimidade reflete uma intenção comunicativa entre a santa Nossa Senhora dos Navegantes, a orixá Iemanjá, as Sereias, o Tritão, o Caboclo Rompe-Mato e os pescadores e as pescadoras. Esta associação está refletida na ordem social tanto da sociedade mítica, quanto da comunidade pesqueira da Z-3, poisgera interferência na dinâmica de vida um do "outro", na medida em que estes humanos, não humanos e sobre humanos compartilham o mesmo território,a Lagoa dos Patos e suas margens.

Portanto, a mitologia nos possibilita identificar a concepção de território onde humanos, não humanos e sobrehumanos estão em conexão, além disso, um saber epistemológico que revela as relações assimétricas,

simétricas e de mediação estabelecidas pelos personagens Nossa Senhora dos Navegantes, Sereias, Tritão, Caboclo Rompe-mato, Ogum Sete Ondas e Iemanjá. Pode-se dizer que, a partir dessa perspectiva sensível, esses seres se colocam enquanto um “entre” nas definições de espaço (terra e mar), culturas (açoriana, negra e indígena) e áreas da ciência (Oceanografia, Etnologia Ameríndia, Etnologia Afroamericana, Economia, Sociologia, etc.), ao mesmo tempo que negam qualquer visão homogeneizante referendada seja por estudos acadêmicos ou por política pública proposta pela Igreja Católica e/ou estabelecida pelo Estado.

Desta forma, as narrativas e os rituais míticos nos permitem colocarmos no lugar do outro, como fez o pescador Deleon ao identificar a maneira como uma Sereia e um Tritão se libertariam de uma rede de pesca, caso caíssem na armadilha. Da mesma forma acontece nos rituais afro-religiosos, através do ato de incorporação, quando, por exemplo, uma Sereia toma o corpo de uma humana, como foi narrado pela Keyla e observado no ritual na beira d’água, fazendo com que seja necessário lidar com a alteridade de outro espírito no próprio corpo.

Por conseguinte, o espaço ritual, ao permitir a diversidade a partir do respeito mútuo, produz desdobramentos na ordem mitológica, enquanto impulsos de ressignificação. Assim, a partir do ritual em que surgiram a Pombagira Maria Mulambo, o Caboclo Rompe-Mato, as Sereias, e a orixá Iemanjá, do qual participavam os pescadores e as pescadoras da Colônia Z-3 e eu, enquanto etnógrafa, passei a fazer perguntas aos nativos relacionadas aos meus pensamentos em relação a estes personagens.

No trecho do meu diário de campo em que descrevo a maneira como o Deleon elabora o Tritão, está representado este momento em que passo a interrogar o Deleon não só a partir das narrativas que os nativos da Z-3 me apresentavam, mas também a partir das minhas próprias narrativas. Este é o momento em que pergunto para ele se existem Sereias vivas na Lagoa dos Patos, a mesma pergunta que faço para a afro-religiosa Patricia, que confirma, assim como o Deleon, a existência das Sereias vivas e também em espírito, além de mencionar o Ogum Sete Ondas como um possível Tritão, marido da Sereia e que está montado em um rabo de peixe.

Neste momento da pesquisa, no qual eu me sentia a vontade para trazer também os meus dados sobre estes personagens para serem reelaborados pelos moradores da Colônia de Pescadores Z-3, aconteceu quando eu já estava nos últimos momentos do meu trabalho de campo, depois de morar nove meses na Colônia Z-3. Desta forma, o personagem mítico do Tritão surge quando acontece uma inversão de papéis entre pesquisadora e pesquisado, quando eu passo a levar narrativas míticas, a partir da minha perspectiva, para os moradores da Colônia de Pescadores Z-3.

Portanto, a partir do encontro de perspectivas, a minha, enquanto etnógrafa, e a dos nativos desta comunidade, surge uma necessidade, de ambas as partes, de atualização da caracterização do ambiente aquático e dos seus personagens míticos. Desta forma, por exemplo, o Deleon elabora o Tritão.

Como consequência desta desterritorialização de epistemologias, surge um movimento de reterritorialização e, assim, o “mar”, como é chamada a Lagoa dos Patos, passa a ser apresentado não só através de seres míticos femininos, mas tambémpelos personagens míticos masculinos chamados de Tritões, Caboclo Rompe-Mato e Ogum Sete Ondas, sendo estes últimos elos entre os humanos e as águas.

Estas narrativas evidenciam que a mitologia possui uma capacidade projetar territórios epistemológicos, não colocando-os uns sobre os outros, mas sim planificando-os em um “entre”, permitindo a comunicação através de cosmologias. Estas narrativas evidenciam que a mitologia possui uma capacidade de projetar territórios epistemológicos, permitindo a comunicação de personagens de diversas cosmologias, através da sua posição de um “entre”. Assim, podemos perceber que as narrativas míticas sobre o Tritão e o Ogum Sete Ondas simbolizam a comunicação entre os pescadores e as pescadoras da Colônia Z-3 e eu, enquanto nativa, etnógrafa, ligada à Etnooceanografia e à Antropologia. Entretanto, este diálogo parece ainda não ser desenvolvido de forma plena, pois no ritual no qual Sereias apareceram nem todos puderam perceber que sobre as águas estava Iemanjá, inclusive eu.

Desta forma, ao mesmo tempo em que a mitologia se apresenta como um canal de acesso às cosmologias das populações tradicionais, ela não se

mostra disponível de forma completa, a todo o instante, para qualquer pessoa. Estas tradições guardam segredos, e hierarquias, compartilhados apenas entre os membros destas sociedades, como forma de proteção contra injustiças e também como um caminho a ser trilhado em direção à liberdade, representada pela paz de espírito produzida nos humanos nestes rituais. Esta parece ser a maneira como a orixá Iemanjá conecta, através da fluidez da água e dos espíritos indígenas de sua falange, as populações ribeirinhas afro-brasileiras à, também mãe, África.

Portanto, a mitologia se apresenta em um estado de trânsito, gerado a partir da desterritorialização e da reterritorialização de epistemologias, podendo ser caracterizada a partir da maneira como se hierarquizam conhecimentos em cada cultura e entre culturas. Além disso, este estado de trânsito é gerado pelos dos movimentos de devir entre o que se pensa sobre o mundo e o que é o próprio mundo. Desta forma, a mitologia conta com a dimensão de intemporalidade e da experiência para se reformular continuamente, garantindo a sua sobrevivência através das gerações.

Este movimento contínuo de atualização acontece através da criatividade e da história de vida de cada indivíduo que, assim, passa a construir a sua própria identidade. Desta forma, a identidade para as populações de pescadores tradicionais da Lagoa dos Patos, que possuem uma tradição mítica, se constitui no devir entre-culturas, entre-gerações, entre-línguas, entre-etnias, entre-lugares e entre o que pensamos sobre o mundo e como o que é o mundo.

Além disso, este movimento de desterritorialização e reterritorializaçãode epistemes acontece de forma ativa, ou seja, os indivíduos são capazes de selecionar aquilo que lhes convém como próprios para si de acordo com as suas necessidade e com a sua (cria)atividade. Portanto, a identidade firma raízes nos contornos da natureza somados aos conhecimentos que os indivíduos produzem sobre ela ao longo das gerações, criando o que chamo neste trabalho de território, que engloba as dimensões humana, não humana e sobrehumana.

Esta dissertação de mestrado dedicada à mitologia da Colônia de Pescadores Z-3, através do trabalho de campo etnográfico, permitiu ilustrar a importância de valorizar a identidade local das populações tradicionais, através

da elaboração de um sistema mítico aquático composto por personagens chamados de Nossa Senhora dos Navegantes, Iemanjá, Sereia, Tritão, Caboclo Rompe-Mato, Ogum Sete Ondas, Pombagira Maria Mulambo entre outros.

A partir disso, esta dissertação defende que a preservação destes personagens míticos, através da cultura das populações pesqueiras tradicionais, implica na preservação da diversidade da própria Lagoa dos Patos, tendo em vista que estes personagens habitam este ambiente aquático e atuam de forma recíproca com as populações ribeirinhas. Portanto, este texto reforça a necessidade de serem produzidos mais estudos sobre as culturas tradicionais, com o intuito de incentivar as novas gerações a se empoderarem de suas tradições míticas e dos rituais religiosos, articulando cosmologias para solucionar os problemas do cotidiano e para se conectarem com seus ancestrais, protegendo-se de injustiças e adquirindo paz humana e paz de espírito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADOMILLI, GianpaoloKnoller. **Terra e Mar, do Viver e do Trabalhar na Pesca Marítima. Tempo, Espaço e Ambiente Junto a Pescadores de São José do Norte** – RS. 2007. 343 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

ADOMILLI, GianpaoloKnoller. Territorialidade e Conflito na pesca Embarcada: um estudo de caso sobre os pescadores de São José Norte e suas analogias sobre animais marinhos. In:_____ ADOMILLI, GianpaoloKnoller; D'ÁMBROSIO, Letícia; CARREÑO, Gastón; MILLER, Francisca de Souza. **Povos e Coletivos Pesqueiros**: estudos etnográficos e perspectivas socioantropológicas sobre o viver e o trabalhar. Rio Grande: Editora FURG, 2012.

ALMENDARES, Rosana; ALMENDARES, Renato. A Ilha da Feitoria e o Povo que se Apaixonou. FUNARTE. 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=OD4QlfA--zA. Acesso em: 30 de maio de 2017.

AMADO, Roberto. **Festa nas Águas: Fé e Tradição nos Rios e Mares do Brasil**. São Paulo: Editora horizonte, 2011. 132 p.

ASMUS, M. L. A Planície Costeira e a Lagoa dos Patos. In:_____SEELLIGER, U.; ODEBRECHT, C.; CASTELLO, J.P. **Os Ecossistemas Costeiro e Marinho do Extremo Sul do Brasil**. Rio Grande: Ecoscientia. 1998. p. 07 – 12.

BONILHA, L. E.; ASMUS, M. L. Modelo Ecológico do Fitoplâncton e Zooplâncton no Estuário da Lagoa dos Patos, RS. São Paulo: **Publicação Acadêmica Ciências Est**. 87(1):347-362.

CACCIATORE, Olga Gudolle. Dicionário de Cultos Afro-brasileiros: com origem das palavras. Rio de Janeiro: Forense-Universitária. 1977

CASCUDO, Luís Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1959.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 3º ed. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1972.

DAMATTA, Roberto. Trabalho de Campo. In: CADAVAL, Roberta. **Relativizando: Uma Introduçao à Antropologia Social**. Rocco: 2010, p.143 – 173.

DELEUZE, Gilles; FÉLIX, Guattari. Introdução: Rizoma. In:_____**Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995, p.10-3.

DEVOS, Rafael Victorino. **Uma "Ilha Assombrada" na Cidade: estudo etnográfico sobre o cotidiano e memória coletiva a partir das narrativas de antigos moradores da Ilha Grande dos Marinheiros, Porto Alegre**. 2002.

286 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul)Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

DIEGUES, Antonio Carlos. Conceitos e Definições. In:_____ **Os Saberes Tradicionais e a Biodiversidade no Brasil.** São Paulo: NUPAUB-USP, 2000. p. 3 -71.

DIEGUES, Antonio Carlos. **Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar.** São Paulo: Ed Ática, 1983. 287p

FIGUEIRA, Michel Constantino. **Colônia de Pescadores Z-3, Pelotas – RS**: Da Crise na Pesca à Expansão do Turismo com Base no Patrimônio Cultural. 2009. 157 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em memória Social e Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2009.

FORTES, João Borges. Os Casais Açorianos: A Presença Lusa na Formação Sul-Rio-Grandense. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1999. p. 165.

GALLOIS, Dominique Tilkin. Mairi Revisitada: A Reintegração de Macapá na Tradição Oral dos Waiãpi. **NHII/USP/FAPESP,** São Paulo, p.09-91, 1993.

GARCIA, C. A. E. O Ambiente e a Biota do Estuário da Lagoa dos Patos. **In:**_____SEELLIGER, U.; ODEBRECHT, C.; CASTELLO, J.P. **Os Ecossistemas Costeiro e Marinho do Extremo Sul do Brasil**. Rio Grande: Ecoscientia. 1998. p. 18 - 21

GILROY, Paul. Identidade, pertencimento e a crítica da similitude pura. **In:**_____ **Entre Campos**: nações, cultura e o fascínio da raça. São Paulo: Annablume, 2007. p.123-162

GONÇALVES, Marco Antônio. Etnobiografia: biografia e etnografia ou como se encontram pessoas e personagens. **In:**_____GONÇALVES, Marco Antônio; MARQUES, Roberto; CARDOSO, Vânia Z. (Org.). **Etnobiografia**: subjetivação e etnografia. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012, p. 19-42.

GOUVEIA, Maria Margarida Maia. **Vitorino Nemésio. Estudo e Antologia**. Lisboa: ICALP/MEC, 1986.

KOSBY, Marília Floôr. Cruzamentos, territórios e patrimônio religioso: sobre a doçura como referência cultural nas comemorações de Iemanjá e Nossa Senhora dos Navegantes nas praias do Laranjal, Pelotas/RS, em 2007. **Cadernos de Campo***,* São Paulo, Vol. 17, P. 28-36, 2008.

LARANJAL, JORNAL do. Na Z-3 todos se conhecem, difícil chegar desapercebido. Pelotas, 24 maio. 2016. Disponível em: https://www.facebook.com/jornaldolaranjal/photos/a.282871175210908.1073741828.282862131878479/616653371832685/?type=3&comment_id=616660391831983&notif_t=comment_mention&notif_id=1464097047521921. Acesso em: 24 de abril de 2017.

LEENHARDT, Maurice. O Mito. In:_____**Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro: ISER, 1987. p. 88-98.

LEVI-STRAUSS, Claude. Ciência do Concreto. **In:**_____ **O Pensamento Selvagem**. São Paulo: Papirus Editora, 8º ed., 2008. P. 15-49.

LEVI-STRAUSS, Claude. **Mito e Significado**. Lisboa: Edições 70, 1978. 80p

LOZONCZY, Annie-Marie. "Prefácio" e "Conclusiones". **In:**_____**La Trama Interétnica: ritual, sociedad y figuras de intercambio entre los grupos negros y EmberádelChocó.** Bogotá: Icanh, 2006.

MALINOWSKI, Bronislaw. Introdução: Tema, Método e Objetivo desta Pesquisa. In:_____ **Argonautas do Pacífico Ocidental.** São Paulo: Abril Cultural, 1976. p. 21-38.

MAUSS, Marcel. Introdução a Obra de Marcel Mauss. In:_____ Sociologia e Antropologia. São Paulo: CosaicNaify, 2003, p. 183-314.

MENEZES, Avelino de Freitas de. Os Ilhéus na Colonização do Brasil: O caso das gentes do Pico na década de 1720. **Revista Arquipélago**. História. 2º série, III (1999).

MOURA, Gustavo Goulart Moreira. **Guerras nos mares do sul: a produção de uma monocultura marítima e os processos de resistência.** 2014. 412 f. Tese (Programa de Pós- Graduação em Ciência Ambiental) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

NETTO, Accioly. Pastinha, O Mestre da Capoeira. Revista O Cruzeiro, nº 30, p. 94 – 97. 1963.

NIERDELE, Paulo André; ANJOS, Flávio Sacco dos; GRISA, Cátia; CALDAS, Nádia Velleda; SCHNEIDER, Evandro Pedro. **Pluriatividade e Pesca Artesanal: O Caso da Colônia Z-3 em Pelotas, RS.** In: XLII Congresso da Sober: Instituições, Eficiências, Gestão e Contratos no Sistema Agroindustrial, Ribeirão Preto: Sociedade de Economia e Sociologia Rural, 2005.

ORO, Ari Pedro. As Religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul. **Debates do NER**, Porto Alegre, vol. 9, nº 13, 2008. P.9-23.

ORO, Ari Pedro. Religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul: Passado e Presente. **Estudos Afro-Asiáticos**, Ano 24, nº 2, 2002. P. 345-385.

ORO, Ari Pedro; ANJOS, José Carlos Gomes dos.**A Festa de Nossa Senhora dos Navegantes em Porto Alegre:** Sincretismo entre Maria e Iemanjá. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009. 140 p.

PENTEADO, Yara Maria. A Poesia da Oração: Curandeiros, Benzedores e outros Magos. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico do Mato Grosso do Sul, 2005. 143p.

RIBEIRO, Angelita Soares. **Bruxas, Lobisomens, Anjos e Assombrações na Costa Sul da Lagoa dos Patos - Colônia Z-3, Pelotas**: Etnografia, Mitologia, Gêneros e Políticas Públicas. 2012. 120 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ciências Socias) - Universidade Federal do Pelotas, Pelotas, 2012.

RIBEIRO, Luís da Silva. **Subsídios para um Ensaio sobre a Açorianidade**. Angra: Instituto Açoriano de Cultura, 1964.

ROSA, Letícia Vieira Braga; SHEMES, Claudia. A Colonização Açoriana e a Fundação de San Carlos. **EstudiosHistoricos**: Uruguay, nº11, 1688 -5317. Dez. 2013.

ROSA, Rogério Reus Gonçalves da Rosa. A Relação Afro-ameríndia entre o Negrinho do Pastoreio e o Saci-Pererê na Mitologia. **Antares**: Letras e Humanidade v. 5, n. 10, p. 176-203. 2013.

ROTTA, Raquel Redondo. Espíritos da Mata: Sentido e Alcance Psicológico do Uso Ritual de Caboclos na Umbanda. 2010. 130 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Psicologia) – Universidade de São Paulo. 2010.

SACCO DOS ANJOS, F.; NIERDELE, P.A.; SHUBERT, M.N.; SCHNEIDER, E.P.; GRISA, C. CALDAS, N.V. **Pesca Artesanal e Pluriatividade: O Caso da Colônia Z-3 em Pelotas, RS**. In: II Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional. Santa Cruz do Sul, 2006.

SOUZA, ARNO ANDRÉ DIAS DE. **Cotidiano, imaginação e memória: bruxaria no Brasil meridional na primeira metade do século XX.** Trabalho de conclusão decurso (Dissertação). Programa de Pós- Graduação em História. PontifíciaUniversidade Católica do Rio Grande do Sul. 2005.